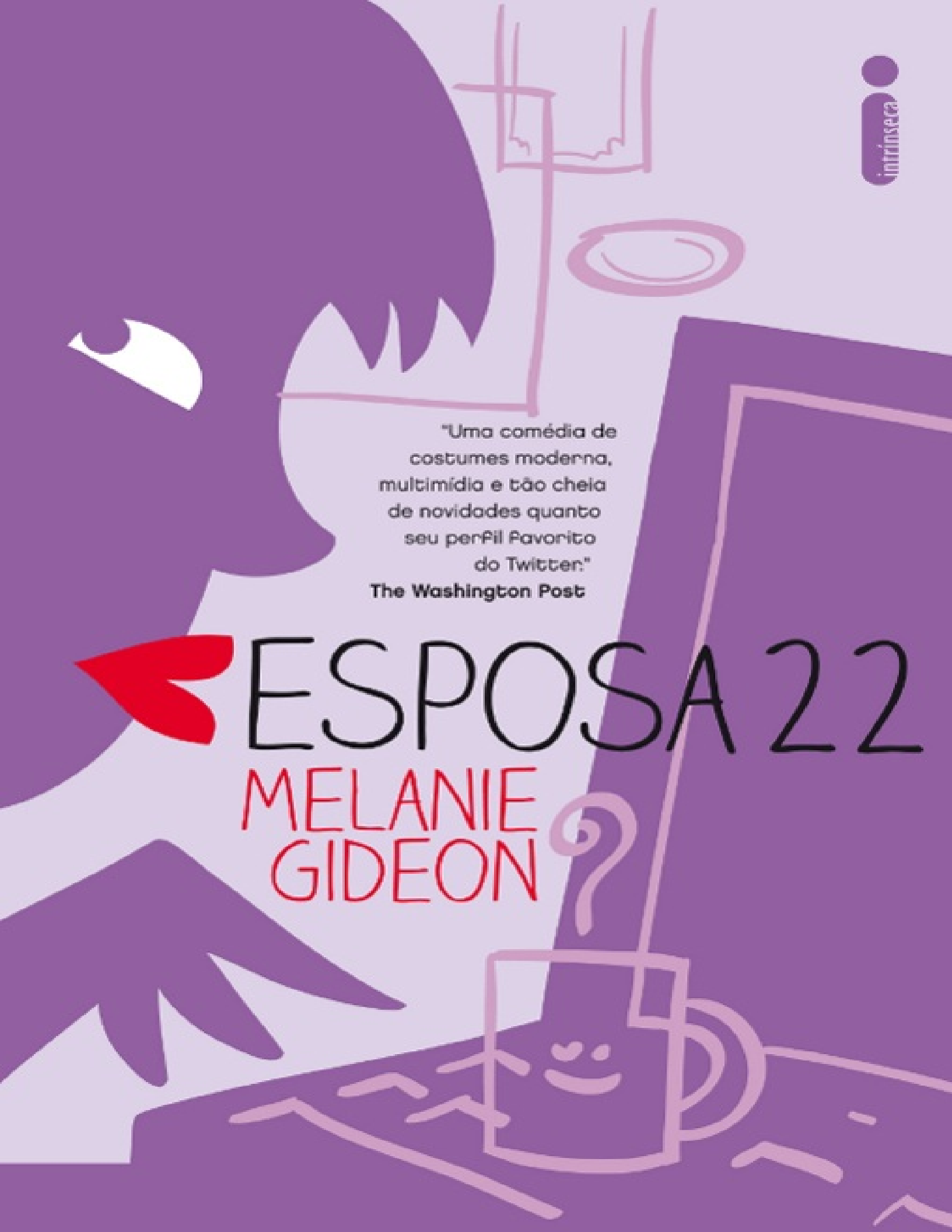

intrínseca
"Uma comédia de costumes moderna, multimídia e tão cheia de novidades quanto seu perfil favorito do Twitter."
The Washington Post
ESPOSA 22
MELANIE GIDEON

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

Melanie Gideon

Esposa 22

Tradução de Adalgisa Campos da Silva



Copyright © 2012 Melanie Gideon
Fotografias nas aberturas dos capítulos 43, 45, 53 e 64 de Kerri Arsenault. © 2012 Kerri Arsenault. Usadas mediante permissão.

Trecho do capítulo 55 retirado de *Lolita*, de Vladmir Nabokov, traduzido por Jorio Dauster, editora O Globo, 2003.

Trecho do capítulo 101 retirado de *Orgulho e preconceito*, traduzido por Alexandre Barbosa de Souza, editora Penguin-Companhia, 2011.

TÍTULO ORIGINAL
Wife 22

PROJETO GRÁFICO
Simon M. Sullivan

ADAPTAÇÃO DE PROJETO GRÁFICO
Editoriarte

PREPARAÇÃO
Sheila Louzada

REVISÃO
Isabella Leal
Camila Dias da Cruz

REVISÃO DE EPUB
Juliana Latini

GERAÇÃO DE EPUB
Lúcia dos Reis

E-ISBN
978-85-8057-242-1

Edição digital: 2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400


You
Tube

» » »


intrínseca

»

Para BHR — Marido I

"Conecte-se."
— E. M. FORSTER

Parte 1

1

29 de abril
17h05

PESQUISA NO GOOGLE: "pálpebra caída"
Aproximadamente 54.300 resultados (0,14 segundo)

Pálpebra Caída: Enciclopédia Médica MedlinePlus
Pálpebra caída é o excesso de flacidez da pálpebra superior (...) As pálpebras caídas podem deixar a pessoa com aspecto sonolento ou cansado.

Pálpebras Caídas... Formas simples de disfarçar
Erga o queixo ao falar. Tente não franzir o cenho, pois isso só aumentará os seus problemas...

Pálpebras caídas... (...) Droopy (...)
Personagem de quadrinhos americano (...) de pálpebras caídas. Sobrenome McPoodle. Bordão... "Sabe de uma coisa? Isso me deixa louco."

2

Olho no espelho do banheiro e me pergunto por que ninguém me disse que minha pálpebra esquerda formou uma espécie de bolsa. Durante muito tempo aparentei menos idade do que tinha. E agora, de repente, todos os anos se somaram e pareço ter a minha idade — quarenta e quatro, talvez mais. Levanto o excesso de pele com o dedo e dou uma esticada. Existe algum creme que eu possa comprar? Ou uma flexão de pálpebra?

— Qual é o problema com o seu olho?

Peter mete a cabeça no banheiro, e, apesar da irritação por estar sendo espionada, fico feliz de ver o rostinho sardento do meu filho. Aos doze anos, suas necessidades ainda são pequenas e fáceis de satisfazer: waffles Eggo e cuecas Fruit of the Loom — aquelas com elástico de algodão.

— Por que você não me avisou? — pergunto.

Eu dependo de Peter. Somos próximos, principalmente em questões de aparência. Temos um acordo. A responsabilidade dele é o meu cabelo. Ele me avisa quando estou com as raízes aparecendo, para eu poder marcar uma hora com Lisa, minha cabeleireira. E, em troca, a minha responsabilidade é o cheiro dele. Garantir que ele não exale nenhum odor. Por alguma razão, os garotos de doze anos não conseguem sentir o fedor do próprio sovaco. De manhã ele passa correndo por mim, com o braço levantado, mostrando uma axila para eu poder sentir o cheiro. "Chuveiro", digo quase sempre. Muito de vez em quando minto e digo "Tranquilo". Garoto deve ter cheiro de garoto.

— Avisou o quê?

— Sobre a minha pálpebra esquerda.

— O quê? Que ela cai em cima do seu olho?

Solto um gemido.

— Só um pouquinho.

Torno a olhar no espelho.

— Por que você não me disse?

— Bom, e por que você não me contou que Peter era gíria para pênis?

— Mas não é.

— Parece que é sim. Um peter e duas bolas?

— Juro que eu nunca ouvi essa expressão antes.

— Bom, agora você entende por que estou mudando o meu nome para Pedro.

— Desistiu de Frost?

— Isso foi em fevereiro. Quando a gente estava estudando sobre Robert Frost.

— Então agora você mudou de ideia e quer ser Pedro? — pergunto.

Todo o ensino médio, me disseram, gira em torno de experimentar a própria identidade. Como pais, nosso dever é deixar nossos filhos ensaiarem personas diferentes, mas está ficando difícil acompanhar. Frost em um dia, Pedro no outro. Ainda bem que Peter não é EMO, ou será ENO? Não tenho ideia do que EMO/ENO significa — até onde sei, trata-se de uma subseita gótica, uma garotada da pesada que pinta o cabelo de preto e usa lápis de olho, e não, isso não é Peter. Peter é um romântico.

— Tudo bem — digo. — Mas já pensou em Peder? É a versão norueguesa de Peter. Seus amigos poderiam dizer "Quando vamos nos ver, Peder?" Nada rima com Pedro. Tem durex aqui em casa?

Quero puxar a minha pálpebra para cima — ver como ficaria se eu a corrigisse.

— Fadedro — diz Peter. — E eu gosto da sua pálpebra flácida. Deixa você com cara de cachorro.

Meu queixo cai. *Sabe de uma coisa? Isso me deixa louca.*

— Não, parecida com o Jampo — diz ele.

Peter está se referindo ao nosso vira-lata de dois anos, mestiço de spaniel tibetano com sabe-se-lá-o-que-mais: um cachorro de cinco quilos muito nervoso, tipo Mussolini, e que come o próprio cocô. Nojento, sim, mas bem prático, pensando bem. Não precisamos andar carregando sacolas plásticas.

— Larga, Jampo, seu merdinha! — grita Zoe lá de baixo.

Dá para ouvir o cachorro correndo feito um doido no assoalho de madeira, muito provavelmente carregando um rolo de papel higiênico, que, depois de cocô, é sua guloseima favorita. *Jampo* quer dizer *suave* em tibetano, o que, obviamente, acabou sendo o extremo oposto da personalidade dele, mas eu não me importo. Prefiro um cachorro animado. O último ano e meio foi como ter um bebê em casa de novo, e adorei cada minuto desse período. Jampo é o meu bebê, o terceiro filho que nunca terei.

— Ele precisa sair. Querido, você o leva para passear? Preciso me preparar para hoje à noite.

Peter faz cara feia.
— Por favor…
— Tudo bem.
— Obrigada. Ei, espere aí. Antes que você vá, tem durex aqui em casa?
— Acho que não. Mas eu vi uma fita adesiva na gaveta das coisas inúteis.
Considero a minha pálpebra.
— Mais um favor?
— Qual? — Peter suspira.
— Você traz a fita adesiva depois de passear com o cachorro?
Ele confirma com um aceno de cabeça.
— Você é o meu filho preferido — digo.
— Seu único filho.
— E o melhor em matemática — complemento, dando-lhe um beijo no rosto.

* * *

Hoje à noite vou acompanhar William no lançamento da vodca FiG, um trabalho ao qual ele e sua equipe na KKM Advertising vêm se dedicando há semanas. Estou ansiosa. Vai ter música ao vivo. Uma banda nova bem bacana, três mulheres com violinos elétricos dos Adirondacks, ou dos Ozarks — não lembro qual.

"Traje formal", disse William, então saco o meu velho tailleur vermelho da Ann Taylor. Nos anos 1990, quando eu também trabalhava com publicidade, essa era a minha escolha quando queria arrasar. Visto-o e me olho no espelho de corpo inteiro. O tailleur parece um pouco fora de moda, mas se eu usar o pesado cordão de prata que Nedra me deu de aniversário no ano passado talvez dê para disfarçar. Conheci Nedra Rao há quinze anos, num grupo de atividades infantis "Mamãe e Eu" Ela é minha melhor amiga e, por acaso, também é uma das melhores advogadas especializadas em divórcios da Califórnia, portanto posso sempre contar com alguns conselhos dela, muito sensatos e muito sofisticados, que custariam quatrocentos e vinte e cinco dólares a hora, mas que ela me oferece de graça porque me ama. Tento ver o tailleur com os olhos de Nedra. Sei exatamente o que ela diria: "Você não pode estar falando sério, querida", com aquele seu sotaque inglês carregado. Que pena. Não tem mais nada no meu armário que se classifique como "traje formal". Calço meus sapatos de salto e desço.

Sentada no sofá, com seus longos cabelos castanhos presos num coque

desmazelado, está minha filha de quinze anos, Zoe. Ela é vegetariana dia sim dia não (hoje não), defensora ferrenha da reciclagem de lixo e adepta da fabricação artesanal de hidratante para lábios (hortelã com gengibre). Como a maioria das garotas da sua idade, ela também é uma ex-profissional: ex-bailarina, ex-guitarrista e ex-namorada do filho de Nedra, Jude. Jude tem alguma fama por aqui. Conseguiu chegar à fase de Hollywood do *American Idol,* mas foi eliminado por "soar como um eucalipto californiano em chamas, pipocando e chiando e explodindo, mas que no fim das contas era uma espécie não nativa".

Eu estava torcendo por Jude, todos estávamos, até ele passar pelas duas primeiras eliminatórias. Mas aí, bem diante de Hollywood, a fama instantânea lhe subiu a cabeça, e ele traiu Zoe e depois deu o fora nela, partindo o coração da minha menina. Moral da história? Nunca deixe a sua filha adolescente namorar o filho da sua melhor amiga. Levei meses — quer dizer, Zoe levou meses — para se recuperar. Eu disse coisas horríveis para Nedra; coisas que eu provavelmente não deveria ter dito, algo no gênero de *Eu esperaria mais do filho de uma feminista e de um garoto com duas mães*. Nedra e eu ficamos um tempo sem nos falarmos. Agora estamos bem, mas, sempre que vou à casa dela, Jude, convenientemente, não está por lá.

A mão direita de Zoe se move freneticamente pelo teclado do celular.

— Você vai *assim*? — pergunta ela.

— Qual o problema? É vintage.

Zoe ri com desdém.

— Zoe, meu amor, quer fazer o favor de tirar os olhos dessa coisa? Preciso da sua opinião sincera. — Abro os braços. — Está tão ruim assim?

Zoe inclina a cabeça.

— Depende. Vai estar escuro lá?

Eu suspiro. Há apenas um ano, Zoe e eu éramos muito próximas. Agora ela me trata da mesma forma de que trata o irmão — como um membro da família a ser tolerado. Ajo como se eu não notasse, mas invariavelmente exagero, tentando ser simpática por nós duas, e aí acabo parecendo uma mistura de Mary Poppins com Truly Scrumptious, de *O calhambeque mágico.*

— Tem uma pizza no congelador, e, por favor, Peter tem que estar na cama às dez. Devemos chegar pouco depois disso — digo.

Zoe continua digitando.

— O papai está esperando você no carro.

Corro pela cozinha procurando a bolsa.

— Divirta-se. E não veja *American Idol* sem mim!

— Já vi no Google o que acontece. Quer saber quem foi eliminado?

— Não! — grito, correndo porta afora.

* * *

— Alice Buckle. Há quanto tempo! E como você está incrível! Por que o William não a arrasta mais vezes para esses eventos? Acho que ele está lhe fazendo um favor, não? Mais uma noite, mais um lançamento de vodca. Uma grande chatice, não é mesmo?

Frank Potter, diretor de criação da KKM Advertising, olha discretamente por cima da minha cabeça.

— Você está maravilhosa — diz, os olhos movendo-se rápidos de um lado para outro. Ele acena para alguém lá nos fundos. — Belo tailleur.

Tomo um bom gole de vinho.

— Obrigada.

Vendo quase todas as outras mulheres da sala com blusas transparentes, sandálias de tiras e calças jeans skinny, percebo que "traje formal" na verdade quer dizer "traje sensual". Pelo menos para essa gente. Todas estão lindas. *Muito* por dentro da tendência do momento. Passo o braço em volta da cintura e seguro a taça de vinho próximo ao queixo, numa tentativa débil de camuflar meu blazer.

— Obrigada, Frank — agradeço, sentindo uma gota de suor escorrer do pescoço para as costas.

Minha reação natural ao me sentir deslocada é suar. A outra é ser repetitiva.

— Obrigada — agradeço de novo. Ai meu Deus, Alice. Três obrigadas?

Ele me dá tapinhas no braço.

— Então, como vão as coisas em casa? Vamos, me conte. Está tudo bem? E as crianças?

— Está todo mundo ótimo.

— Mesmo? — pergunta ele, com uma expressão preocupada.

— Bem, sim, está todo mundo bem.

— Maravilha — diz Frank. — Que bom ouvir isso. E o que você anda fazendo? Ainda dá aulas? Qual era mesmo a matéria?

— Teatro.

— Teatro. Isso mesmo. Deve ser muito… gratificante. Mas também muito estressante, imagino. — Ele abaixa o tom de voz. — Você é uma santa, Alice Buckle.

Eu nunca teria paciência.

— Garanto que teria se visse do que essa garotada é capaz. Eles são muito aplicados. Sabe, outro dia mesmo um dos meus alunos…

Frank Potter torna a olhar por cima de mim, ergue as sobrancelhas e acena com a cabeça.

— Alice, me desculpe, mas acho que estão me chamando.

— Ah, claro. Sinto muito. Eu não tinha intenção de segurá-lo aqui. Tenho certeza de que você tem outros…

Ele vem na minha direção e eu me aproximo pensando que ele vai me dar um beijo no rosto, mas em vez disso ele recua, pega a minha mão com firmeza e a aperta.

— Até logo, Alice.

Olho em volta da sala, todo mundo bebendo descontraidamente suas FiGtinis de lichia. Dou uma risadinha como se estivesse me lembrando de alguma coisa engraçada, tentando também parecer descontraída. Onde está o meu marido?

— Frank Potter é um babaca — murmura uma voz no meu ouvido.

Graças a Deus, um rosto amigo. É Kelly Cho, que integra a equipe de criação de William há um bom tempo — bom tempo ao menos na área de publicidade, em que a rotatividade é altíssima. Ela também está de tailleur, que nem é muito diferente do meu (lapelas melhores), mas que nela parece ousado. Escolheu botas até o joelho para compor o visual.

— Uau, Kelly, você está incrível — digo.

Kelly faz um gesto de modéstia, rebatendo o meu elogio.

— Então, por que a gente não se vê mais vezes?

— Ah, você sabe. Cruzar a ponte é muita mão de obra. Trânsito. E eu ainda não fico muito à vontade em deixar as crianças sozinhas de noite. Peter acabou de fazer doze anos e Zoe é uma típica adolescente, muito distraída.

— Como vai o trabalho?

— Ótimo. Tirando o fato de eu estar cheia de detalhes para resolver: figurinos, pais questionando tudo, aranhas e porcos que ainda não decoraram as falas. O terceiro ano está montando *A menina e o porquinho.*

Kelly sorri.

— Eu adoro esse livro! O seu trabalho parece tão idílico.

— Parece?

— Ah, sim. Eu adoraria poder fugir dessa competição frenética. Toda noite tem

alguma coisa acontecendo. Sei que parece glamoroso: jantares com clientes, camarotes para ver os Giants jogarem, entradas grátis para shows… mas é exaustivo depois de um tempo. Bem, você sabe como é. É uma viúva da publicidade de longa data.

Viúva da publicidade? Eu não sabia que tinha nome para isso. Para *mim*. Mas Kelly tem razão. Considerando todas as viagens e os compromissos sociais de William com os clientes, sou praticamente uma mãe solteira. Com sorte, conseguimos jantar todos juntos poucas vezes por semana.

Olho para a frente e encontro o olhar de William ao longe. Ele vem em nossa direção. É um homem alto, bem-apessoado, o cabelo escuro ganhando fios brancos só nas têmporas, daquele jeito desafiador que alguns homens têm ao ficarem grisalhos (como que dizendo não estou nem aí para os meus quarenta e sete anos — continuo muito sexy, e o cabelo grisalho só me deixa ainda mais sexy). Sinto uma onda de orgulho enquanto ele atravessa a sala com aquele terno cinza-grafite e aquela camisa de algodão xadrez.

— Onde você comprou essas botas? — pergunto a Kelly.

William se junta a nós.

— Na Bloomingdale's. Então, William, a sua mulher não conhece o termo *viúva da publicidade*. Como é que pode? Quando você a transformou numa delas? — diz Kelly, piscando para mim.

William franze o cenho.

— Eu procurei você por todo canto. Onde andou, Alice?

— Ela estava bem aqui, aguentando o Frank Potter, na verdade — diz Kelly.

— Você estava falando com Frank Potter? — pergunta William, alarmado. — Ele puxou assunto ou foi você?

— Ele — respondo.

— Ele falou de mim? Da campanha?

— Não mencionamos você — digo. — Não foi uma conversa longa, para falar a verdade.

Observo William cerrando a mandíbula. Por que ele está tão estressado? Os clientes estão sorridentes e bêbados. A imprensa compareceu em peso. O lançamento é um sucesso até onde posso ver.

— Podemos ir para casa, Alice? — pergunta William.

— Agora? Mas a banda nem começou. Eu estava louca para ouvir um pouco de música ao vivo.

— Alice, estou cansado. Vamos embora, por favor.

— William!

Um trio de rapazes atraentes nos rodeia — também são da equipe do meu marido.

Depois que William me apresenta a Joaquin, Harry e Urminder, este último comenta:

— Mas então: hoje eu estava fazendo uma pesquisa narcisística na internet.

— Assim como ontem — diz Joaquin.

— E anteontem — rebate Kelly.

— Posso continuar? — pergunta Urminder.

— Deixe que eu adivinhe — diz Harry. — 1.234.589 resultados.

— Babaca — diz Urminder.

— Belo modo de roubar a cena dele, Har — diz Kelly.

— Agora 5.881 parece patético — resmunga Urminder.

— 10.263 definitivamente não parece patético — diz Harry.

— Ou 20.534 — acrescenta Kelly.

— Vocês estão mentindo — interrompe Joaquin.

— Não fique com inveja, Sr. 1.031 — diz Kelly. — É feio.

— 50.287 — informa William, calando a boca de todo mundo.

— *Caramba* — exclama Urminder.

— Isso é porque você ganhou aquele Clio — diz Harry. — Faz quanto tempo isso, chefe? Mil novecentos e oitenta…?

— Continue, Harry, que eu tiro você dos semicondutores e o ponho em higiene feminina — ameaça William.

Não consigo disfarçar minha expressão de espanto. Eles estão competindo para ver quantos resultados seus nomes geram no Google. E estão todos na casa do milhar?

— Vejam só o que vocês fizeram. Alice está apavorada — diz Kelly. — E não a censuro. Somos um bando de narcisistas mesquinhos.

— Não, não, não. Eu não estava julgando. Acho engraçado. Pesquisa narcisística. Todo mundo faz isso, não? Só que ninguém tem coragem de admitir.

— E quanto a você, Alice? Tem procurado seu nome no Google ultimamente? — pergunta Urminder.

William balança a cabeça.

— Alice não precisa disso. Ela não tem vida pública.

— É mesmo? E que tipo de vida eu tenho? — pergunto.

— Uma vida boa. Uma vida significativa. Só menor. — William belisca a pele entre os olhos. — Desculpe, pessoal, foi divertido, mas precisamos ir. Temos uma ponte para atravessar.

— Vocês precisam mesmo ir? — pergunta Kelly. — Eu quase nunca vejo Alice.

— Ele tem razão — digo. — Prometi às crianças que estaríamos de volta às dez. Dia de semana, sabe como é, amanhã tem escola.

Kelly e os três rapazes se encaminham para o bar.

— Uma vida menor? — digo.

— Eu não quis dizer nada com isso. Não seja tão sensível. — William examina a sala com o olhar. — Além do mais, eu tenho razão. Quando foi a última vez que você buscou o próprio nome no Google?

— Semana passada. Cento e vinte e oito resultados — minto.

— *Sério?*

— Por que está tão surpreso?

— Alice, por favor, não tenho tempo para isso. Ajude-me a encontrar Frank. Preciso falar com ele.

Suspiro.

— Ele está ali, perto das janelas. Venha.

William me detém pondo a mão no meu ombro.

— Espere. Já volto.

* * *

Não tem trânsito na ponte, e eu queria que tivesse. A volta para casa normalmente é um momento que eu adoro: a expectativa de vestir o meu pijama, me enroscar no sofá com o controle remoto, as crianças dormindo lá em cima (ou fingindo dormir mas na verdade disparando mensagens de texto ou navegando na internet em suas respectivas camas) —, mas esta noite minha vontade é ficar no carro e simplesmente ir para algum lugar, qualquer lugar. Passei toda a noite me sentindo deslocada e não consigo me livrar da sensação de que William tem vergonha de mim.

— Por que está tão calada? Bebeu demais? — pergunta ele.

— Cansada — resmungo.

— Frank Potter é uma figura.

— Eu gosto dele.

— Você *gosta* do Frank Potter? Ele é um canastrão.

— Sim, mas é honesto. Não tenta esconder nada. E sempre foi simpático comigo.

William tamborila no volante ao ritmo do rádio. Fecho os olhos.

— Alice?

— O quê?

— Você tem andado esquisita ultimamente.

— Esquisita como?

— Não sei. Está passando por alguma crise da meia-idade?

— Não sei. *Você* está passando por alguma crise da meia-idade?

William nega com um aceno de cabeça e aumenta o volume da música. Encosto a cabeça na janela e observo os milhares de pontos de luz piscando nas colinas da East Bay. Oakland parece muito alegre, quase com um ar de festas de fim de ano — o que me faz pensar na minha mãe.

Minha mãe morreu dois dias antes do Natal. Eu tinha quinze anos. Ela saiu para buscar um galão de eggnog e foi atingida por um carro que avançou o sinal. Gosto de pensar que ela nem percebeu o que estava acontecendo. Houve um barulho de aço se chocando com aço, depois um som suave, como o de um rio correndo, e então uma luz sedosa inundou o carro. Esse foi o fim que imaginei para ela.

Já recitei a história da morte dela tantas vezes que os detalhes perderam o significado. Às vezes, quando me perguntam sobre minha mãe, sinto uma nostalgia estranha, não de todo desagradável. Consigo invocar vividamente as ruas de Brockton, Massachusetts, que naquele dia de dezembro deviam estar enfeitadas com guirlandas e luzes. Havia, provavelmente, filas e mais filas de gente na loja de bebidas, seus carrinhos lotados de caixas de cerveja e garrafas de vinho e o ar recendendo a agulhas de pinheiro das árvores de Natal. Mas essa nostalgia pelo que havia imediatamente *antes* é logo vencida pelo opaco *depois. E*ntão minha cabeça é tomada pela trilha sonora de abertura de quinta categoria de *Magnum, P.I.* Era o que meu pai estava vendo na TV quando o telefone tocou e uma mulher do outro lado da linha nos informou delicadamente que acontecera um acidente.

Por que estou pensando nisso hoje à noite? Será, como William perguntou, uma dessas crises da meia-idade? O tempo certamente está passando. Neste mês de setembro, quando eu fizer quarenta e cinco anos, terei exatamente a idade da minha mãe quando ela morreu. Este é o meu ano crítico.

Até agora consegui me consolar com o fato de que, apesar de morta, minha mãe esteve sempre à minha frente. Eu ainda iria atravessar todos os limiares que ela havia atravessado, portanto ela continuava viva de alguma forma. Mas e quando eu a

ultrapassar? Quando os limiares dela não existirem mais?

Olho de esguelha para William. Será que minha mãe o aprovaria? Será que aprovaria meus filhos, minha carreira — meu casamento?

— Quer parar no 7-Eleven? — pergunta William.

Passar no 7-Eleven para comprar uma barra de Kit-Kat depois de uma noitada é uma tradição nossa.

— Não. Comi muito.

— Obrigado por ter ido ao lançamento.

Será que esse é o jeito dele de pedir desculpas por ter sido tão ausente hoje à noite?

— Aham.

— Você se divertiu?

— Claro.

William faz uma pausa.

— Você não sabe mesmo mentir, Alice Buckle.

3

30 de abril
1h15

PESQUISA NO GOOGLE: "Alice Buckle"
Aproximadamente 26 resultados (0,01 segundo)

Alice no País das Maravilhas
Chá Maluco, Tweedle Dee, Tweedle Dum, Coelho Branco, Humpty Dumpty...

Alice BUCKLE
Arquivo do *Boston Globe* (...) peça da Srta. Buckle, *A atendente de bar da grande ilha Cranberry,* Blue Hill Playhouse "fraca, tediosa, absurda" (...).

Alice BUCKLE
Alice e William Buckle, pais de Zoe e Peter, curtindo o pôr do sol a bordo do (...)

PESQUISA NO GOOGLE: "Crise da meia-cidade"
Sua pesquisa não encontrou nenhum documento correspondente

PESQUISA NO GOOGLE: "Crise da meia-IDADE"
Aproximadamente 3.490.000 resultados (0,15 segundo)

Crise da Meia-Idade — Wikipédia, a Enciclopédia Livre
Crise da meia-idade é um termo cunhado em 1965...

Crise da meia-idade: depressão ou transição normal?
As transições da meia-idade podem marcar um período de imenso crescimento. Mas o que fazer quando a meia-idade se transforma em depressão?

PESQUISA NO GOOGLE: "Zoloft"
Aproximadamente 31.600.000 resultados (0,12 segundo)

Zoloft (Cloridrato de Sertralina), informações sobre o medicamento: usos, efeitos

colaterais
Saiba sobre o medicamento controlado Zoloft (Cloridrato de Sertralina), indicações, dosagem, efeitos colaterais, interações medicamentosas, advertências e informações ao paciente...

Sertralina... Zoloft
Vou contar a vocês sobre a minha experiência com o Zoloft. Tive alta da enfermaria psiquiátrica ontem à tarde...

PESQUISA NO GOOGLE: "Chaves na geladeira Alzheimer"
Aproximadamente 1.410.000 resultados (0,25 segundo)

Sintomas de Alzheimer
A Associação do Alzheimer atualizou sua lista de... colocar as chaves de casa na caixa dos ovos, na porta da geladeira.

PESQUISA NO GOOGLE: "Emagreça rápido"
Aproximadamente 30.600.000 resultados (0,19 segundo)

DIETA para Imbecis
Perdi 12 quilos! O fato de eu me sentir o tempo todo desfalecendo é um preço baixo a se pagar...

PESQUISA NO GOOGLE: "Casamento feliz?"
Aproximadamente 4.120.000 resultados (0,15 segundo)

Em Busca dos Segredos de um Casamento Feliz — CNN
Ninguém pode saber de fato o que acontece em um casamento senão as duas pessoas envolvidas, mas os pesquisadores estão conseguindo indícios cada vez melhores...

Esposa Magra — o Segredo para um Casamento Feliz! *India Times*
Pesquisadores revelaram o segredo para o casamento feliz — as mulheres pesarem menos que seus maridos.

INGREDIENTES PARA UM CASAMENTO FELIZ
1 xícara de gentileza, 2 xícaras de gratidão, 1 colher de chá de elogios diários, 1 segredo muito bem guardado.

4

Caixa de SPAM (3)

De: Medline
Assunto: Barato, Vicodin barato, Percocet, Ritalina, Zoloft discreto
Data: 1º de maio 9h18
Para: Alice Buckle <alicebuckle@rocketmail.com>
DELETAR

De: Loja Hoodia
Assunto: Novas pílulas emagrecedoras à base de tênias, asiáticas magrinhas
Data: 1º de maio 9h24
Para: Alice Buckle <alicebuckle@rocketmail.com>
DELETAR

De: Centro Netherfield para o Estudo do Casamento
Assunto: Você foi selecionada para participar de uma pesquisa sobre o casamento
Data: 1º de maio 9h29
Para: Alice Buckle <alicebuckle@rocketmail.com>
MOVER PARA A CAIXA DE ENTRADA

5

Então me ocorre que sou o Frank Potter do meu mundinho. Não o Frank Potter em ascensão social, mas o Frank Potter no comando — sou a diretora de teatro da Escola de Ensino Fundamental Kentwood. A ansiosa Alice Buckle que foi ao lançamento de vodca de William não é a Alice Buckle sentada num banco do pátio enquanto uma criança do quarto ano está atrás dela e tenta em vão lhe fazer um penteado.

— Desculpe-me, Sra. Buckle, mas não consigo fazer nada com isso — diz Harriet. — Se a senhora penteasse o cabelo de vez em quando.

— Se você penteasse o cabelo, ele estaria todo emaranhado. Um ninho de rato.

Harriet junta os meus cabelos castanhos e grossos e depois os solta.

— Sinto dizer, mas já está parecendo um ninho de rato. Aliás, parece mais um dente-de-leão.

A franqueza de Harriet Morse é um traço típico de uma menina do quarto ano. Tomara que ela não o perca ao chegar ao ensino médio. É o que acontece com a maioria das garotas. Pessoalmente, nada me agrada mais do que uma menina que diz o que pensa.

— A senhora podia alisar — sugere ela. — A minha mãe alisa. Ela pode até pegar chuva que ele não encolhe.

— E é por isso que ela é tão glamorosa — digo ao ver a Sra. Morse vindo depressa em nossa direção.

— Alice, desculpe-me pelo atraso — diz ela, abaixando-se para me abraçar.

Harriet é a quarta dos filhos da Sra. Morse a ter completado o ciclo das minhas aulas de teatro. O mais velho agora está na Oakland School for Performing Arts. Gosto de pensar que eu talvez tenha algo a ver com isso.

— São só três e vinte. Tudo bem — tranquilizo-a.

Ainda há pelo menos umas vinte crianças espalhadas no pátio esperando que alguém apareça para buscá-las.

— O trânsito está horrível — diz a Sra. Morse. — Harriet, o que você está fazendo com o cabelo da Sra. Buckle?

— Ela é uma cabeleireira muito boa, na verdade. Acho que o problema é o meu cabelo.

— Desculpe — pronuncia a Sra. Morse em silêncio, só para mim, enquanto procura na bolsa um elástico de cabelo. Estende-o para Harriet. — Meu bem, não acha que a Sra. Buckle ficaria ótima de rabo de cavalo?

Harriet dá a volta no banco e me examina de frente, solenemente. Levanta o meu cabelo das têmporas, colocando-o para trás.

— A senhora deveria usar brinco — sentencia ela. — Ainda mais se prender o cabelo para cima. — Ela pega o elástico da mãe e reassume sua posição atrás do banco.

— Então, o que posso fazer para ajudar neste semestre? — pergunta a Sra. Morse. — Quer que eu organize a festa? Eu poderia ajudar a garotada a decorar as falas.

A Kentwood está cheia de pais como a Sra. Morse: pais que se oferecem antes mesmo que alguém lhes peça algo e que acreditam firmemente na importância da aula de teatro. Aliás, é a Associação de Pais da Kentwood que paga o meu salário de meio expediente. O sistema de ensino público de Oakland há anos está à beira da falência. Os programas de arte e música foram os primeiros a serem cortados. Sem a AP eu não teria um emprego.

Há sempre alguma turma que tem um grupo de pais complicados e infelizes, que vivem reclamando — desta vez é o terceiro ano —, mas em geral considero os pais coprofessores. Eu não poderia fazer o meu trabalho sem eles.

— Está lindo — diz a Sra. Morse depois que Harriet já está há alguns minutos puxando e esticando meu cabelo. — Gostei do pufezinho que você fez no alto da cabeça da Sra. Buckle.

Harriet morde o lábio. O pufezinho não foi intencional.

— Estou me sentindo muito *Bonequinha de Luxo* — digo, quando Carisa Norman atravessa o pátio voando e se atira no meu colo.

— Andei procurando você por todo canto — diz ela, afagando a minha mão.

— Que coincidência. Andei procurando você por todo canto — digo, enquanto ela se aninha nos meus braços.

— Ligue para mim — diz a Sra. Morse, segurando um telefone invisível junto do ouvido, ao se retirar com Harriet.

Levo Carisa para a sala dos professores e lhe compro uma barra de cereais da máquina, depois voltamos a nos sentar no banco e conversamos sobre coisas importantes como Barbies e o fato de ela ter vergonha de sua bicicleta com

rodinhas.

Às quatro horas, quando a mãe de Carisa para no meio-fio e buzina, observo-a com o coração apertado atravessar o pátio correndo. Ela parece muito vulnerável. Tem oito anos e é baixinha para sua idade; de costas, poderia passar por seis. A Sra. Norman acena do carro. Eu aceno de volta. Esse é o nosso ritual pelo menos alguns dias por semana. Nós duas fingindo não haver nada de anormal no seu atraso de quarenta e cinco minutos para buscar a filha.

6

Adoro o período entre quatro e meia e seis e meia da tarde. Os dias estão mais longos devido à proximidade do verão, e nessa época do ano normalmente eu fico com a casa só para mim. Zoe tem treino de vôlei, Peter tem ensaio da banda ou futebol, e William raramente aparece antes das sete. Logo que chego, dou uma geral na casa rapidamente, arrumando as coisas, dobrando roupas, pegando a correspondência — e aí preparo o jantar. É quinta-feira, portanto é noite de refeições de prato único: coisas como lasanha e bolo de carne. Não sou uma cozinheira sofisticada. Esse é o departamento de William. Ele prepara jantares para ocasiões especiais, aqueles que recebem montes de ohs e ahs. Sou mais uma chef do dia a dia; minhas refeições não são nem chamativas nem muito memoráveis. Por exemplo, ninguém jamais me disse: "Ah, Alice, lembra aquela noite em que você fez macarrão gratinado?" Mas sou confiável. Tenho uns oito pratos bem rápidos no meu repertório que estou sempre revezando. Hoje é caçarola de atum. Ponho a panela no forno e me sento à mesa da cozinha com meu laptop para checar meus e-mails.

De: Netherfield Center <netherfield@netherfieldcenter.org>
Assunto: Pesquisa de Casamento
Data: 4 de maio 17h22
Para: alicebuckle <alicebuckle@rocketmail.com>

Cara Alice Buckle,

Agradecemos seu interesse em nosso estudo e o preenchimento do questionário preliminar. Parabéns! Temos o prazer de lhe informar que você foi selecionada para participar do Estudo do Casamento no Século XXI do Netherfield Center. Você atendeu aos três critérios iniciais para ser incluída neste estudo: casamento de mais de dez anos, filhos em idade escolar e monogamia.

Como explicamos no questionário preliminar, este será um estudo anônimo. Para proteger o seu anonimato, esta será a última mensagem que enviaremos para alicebuckle@rocketmail.com. Tomamos a liberdade de criar uma conta no Netherfield Center para seu uso. Seu endereço eletrônico para os propósitos deste estudo é esposa22@netherfieldcenter.org e a senha é 12345678. Por favor, entre em nosso site e mude a senha assim que possível.

Daqui em diante, toda mensagem será enviada para o endereço Esposa22. Pedimos desculpas se o pseudônimo lhe parecer clínico, mas fizemos isso pensando no seu interesse. Só apagando o seu nome verdadeiro de nossos registros podemos lhe oferecer confidencialidade total.

Um pesquisador foi designado para o seu caso, e em breve ele entrará em contato. Saiba que todos os nossos pesquisadores são altamente credenciados.

Serão pagos 1.000 dólares ao fim da pesquisa.

Agradecemos mais uma vez a sua participação. Você agora já pode se orgulhar do fato de estar, juntamente com um grupo de homens e mulheres cuidadosamente selecionados do país inteiro, participando de uma pesquisa histórica que pode muito bem mudar a forma como o mundo vê a instituição do casamento.

Cordialmente,

Netherfield Center

Rapidamente entro na nova conta Esposa22.

De: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>
Assunto: Pesquisa sobre o casamento
Data: 4 de maio 17h25
Para: Esposa 22 < esposa22@netherfieldcenter.org>

Cara Esposa 22,

Permita-me que eu me apresente — sou o Pesquisador 101 e serei o seu guia no Estudo sobre o Casamento do Século XXI. Primeiro, minhas credenciais. Sou Ph.D. em serviço social e tenho mestrado em psicologia. Há quase duas décadas pesquiso a área de estudos sobre o casamento.

Tenho certeza de que você está se perguntando como isso funciona. Basicamente, estou aqui para qualquer coisa de que você precisar. Será um prazer responder a quaisquer perguntas e tratar de quaisquer assuntos que surgirem no decorrer do estudo.

Segue anexado o primeiro questionário. As perguntas serão enviadas numa ordem aleatória; isto é feito intencionalmente. Algumas das perguntas podem parecer atípicas, e outras não são sobre o casamento *per se*, e sim mais genéricas (sobre suas origens, educação, experiências de vida etc.). Por favor, tente responder a todas as perguntas. Sugiro que preencha o questionário rapidamente, sem refletir muito. Descobrimos que esse tipo de resposta rápida resulta em respostas mais honestas. Estou ansioso para trabalhar com você.

Cordialmente,

Pesquisador 101

Antes de responder à pesquisa preliminar, procurei no Google o site do Netherfield Center e vi que era uma instituição afiliada ao Centro Médico da Universidade da Califórnia, São Francisco. Como a UCSF tem uma reputação estelar, preenchi o questionário e o enviei por e-mail sem pensar muito. Que mal podia fazer responder a algumas perguntas? Mas agora que me aceitaram formalmente E me designaram um pesquisador, estou de fato repensando se devo participar de um estudo *anônimo*. Um estudo sobre o qual provavelmente não devo comentar com ninguém (nem com meu marido).

Meu coração dispara no peito. Guardar um segredo faz com que eu me sinta

uma adolescente. Uma jovem ainda com tudo pela frente — seios, cidades estranhas, o desenrolar de mil verões, invernos e primaveras ainda por viver.

Abro o anexo antes que eu perca a coragem.

1. Quarenta e três, não, quarenta e quatro.

2. Tédio.

3. Uma vez por semana.

4. De satisfatório a melhor que a maioria.

5. Ostras.

6. Há três anos.

7. Às vezes digo a ele que está roncando quando não está para ele ir dormir no quarto de hóspedes e eu ter a cama inteira só para mim.

8. Zolpidem (muito raramente), óleos de fígado de peixe, multivitamínicos, complexo B, cálcio, vitamina D, ginkgo biloba (para a acuidade mental; bem, na verdade para a memória, porque as pessoas ficam dizendo "É a terceira vez que você me pergunta isso!").

9. Uma vida de surpresas. Uma vida sem surpresas. A atendente do 7-Eleven lambendo o dedo para separar o maço de sacolas plásticas e depois tocando as minhas batatas chips ao vinagre e sal com o dedo ainda molhado e depois enfiando as minhas batatas na sacola plástica lambida anteriormente, babando duplamente a minha compra.

10. Espero que sim.

11. Acho que sim.

12. Às vezes, mas não porque eu tenha pensado nisso a sério. Sou o tipo de pessoa que gosta de imaginar o pior, de forma que o pior nunca pode me pegar de surpresa.

13. Os trilhos.

14. Ele faz um vinagrete incrível. Ele se lembra de trocar as baterias do alarme de incêndio de seis em seis meses. Como ele sabe fazer alguns servicinhos de encanador, ao contrário da maioria dos meus amigos, nunca preciso chamar uma pessoa para consertar uma torneira. Ele também fica muito bem com aquelas calças da Carhartt. Sei que estou evitando responder à pergunta — não sei bem por quê. Deixe eu voltar a essa depois.

15. Fechado. Indiferente. Distante.

16. *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa.*

17. Estamos juntos há dezenove anos e trezentos e alguns dias, ou seja, muito, muito bem.

Isso é fácil. *Muito* fácil. Quem diria que a confissão poderia trazer tamanha descarga de dopamina?

De repente a porta da frente é escancarada e Peter grita:

— O banheiro é meu.

Ele cisma em não ir no banheiro da escola e se segura o dia inteiro. Fecho meu laptop. Esta *também* é a minha hora preferida do dia — quando a casa vazia fica cheia de novo e em uma hora toda a minha arrumação é arruinada. Por alguma razão, isso me dá prazer. A inevitabilidade gratificante disso tudo.

Zoe entra na cozinha e fecha a cara.

— Caçarola de atum?

— Vai estar pronta em quinze minutos.

— Já comi.

— No vôlei?

— A mãe da Karen parou no caminho e comprou burritos para a gente.

— Então Peter também já comeu?

Zoe confirma com um gesto de cabeça e abre a geladeira.

Eu suspiro.

— O que você está procurando? Pensei que tivesse acabado de comer.

— Sei lá. Nada — diz ela, fechando a porta.

— Caramba! O que você fez com o seu cabelo? — pergunta Peter, entrando na cozinha.

— Ai, meu Deus, eu esqueci. Uma das minhas alunas estava brincando de cabeleireira. Achei que o penteado ficou meio à la Audrey Hepburn. Não?

— Não — diz Zoe.

— Não — ecoa Peter.

Tiro o elástico do cabelo e tento ajeitá-lo.

— Talvez se você o penteasse de vez em quando… — diz Zoe.

— Por que está todo mundo com essa mania de pente? Para sua informação, existem certos tipos de cabelo que nunca devem ser penteados. Devem simplesmente secar ao natural.

— Sei — diz Zoe, pegando a mochila. — Tenho uma tonelada de dever de casa. Vejo vocês em 2021.

— Meia hora de Modern Warfare antes de fazer o dever? — pede Peter.

— Dez minutos — digo.

— Vinte.

— Quinze.

Peter me abraça. Ele tem doze anos, mas ainda ganho uns abraços de vez em quando. Alguns minutos depois, surge o barulho de armas e bombas vindo da sala de estar.

Meu telefone vibra. É uma mensagem de William.

Desculpe. Jantar com cliente.

Chego lá pelas 10.

Abro o laptop, releio rapidamente minhas respostas e clico em Enviar.

7

De: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>
Assunto: 13
Data: 5 de maio 8h05
Para: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>

Cara Esposa 22,

Agradeço por sua primeira leva de respostas e por tê-las enviado tão prontamente. Tenho uma pergunta. Em relação à questão 13, você teve intenção de escrever "filhos" e não "trilhos"?

Saudações,
Pesquisador 101

De: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>
Assunto: Re: 13
Data: 5 de maio 10h15
Para: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>

Caro Pesquisador 101,

Desculpe-me. Acho que a culpa é dos meus trilhos, quer dizer, meus filhos. Ou mais provavelmente do corretor automático.

Tudo de bom,
Esposa 22

P.S.: Nossos números significam alguma coisa ou são simplesmente atribuídos ao acaso? Não posso acreditar que eu seja só a 22ª esposa a participar da pesquisa.

De: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>
Assunto: Re: 13
Data: 6 de maio 11h23
Para: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>

Cara Esposa 22,

Nossos números são atribuídos de modo aleatório, você está certa quanto a isso. A cada rodada do estudo atribuem-se números de 1 a 500, e, depois, na rodada seguinte, recomeçamos do 1.

Saudações,
Pesquisador 101

De: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>
Assunto: 2 pensando melhor
Data: 6 de maio 16h32
Para: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>

Caro Pesquisador 101,

"Tédio" não é o motivo para eu estar participando do estudo. Estou participando porque este ano faço quarenta e cinco anos, que é a mesma idade que minha mãe tinha quando morreu. Se ela fosse viva, eu estaria falando com ela e não respondendo a esta pesquisa. Estaríamos tendo a conversa que imagino que as mães tenham com suas filhas quando elas estão com uns quarenta e tantos anos. Conversaríamos sobre nossos impulsos sexuais (ou sobre a falta deles), sobre os insistentes quatro quilos que ganhamos e perdemos repetidamente, e sobre como é difícil encontrar um encanador de confiança. Trocaríamos dicas sobre como assar um frango perfeito, como desligar o gás em casos de emergência, como tirar manchas dos azulejos e pisos. Ela me faria perguntas do tipo: Está feliz, querida? Ele a trata bem? Consegue se imaginar envelhecer com ele?

Minha mãe nunca será avó. Nunca terá um pelo branco na sobrancelha. Nunca comerá minha caçarola de atum.

Por isso estou participando desta pesquisa.

Queira rever minha questão 2.

Tudo de bom,

Esposa 22

De: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>
Assunto: Re: 2 pensando melhor
Data: 6 de maio 20h31
Para: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>

Cara Esposa 22,

Agradeço por sua sinceridade. Só para o seu conhecimento, é comum os participantes revisarem suas respostas ou enviarem adendos. Sinto muito pela sua perda.

Cordialmente,

Pesquisador 101

8

18. Correr, mergulhar, armar uma barraca, assar pão, acender fogueiras, ler Stephen King, levantar para mudar de canal, passar horas ao telefone conversando com amigos, beijar homens desconhecidos, fazer sexo com homens desconhecidos, flertar, usar biquíni, acordar de manhã quase sempre feliz a troco de nada (provavelmente devido à barriga lisinha, independentemente do que comi na noite anterior), beber tequila, cantarolar "Silly Love Songs", do Paul McCartney, deitar na relva e sonhar com o futuro, com uma vida perfeita e com o casamento para tornar perfeito o verdadeiro amor.

19. Fazer almoços, sugerir aos parentes que eles são capazes de fazer escolhas melhores; alertar os filhos para odores corporais, para o perigo de estranhos e para migalhas que ficaram no cantinho da boca. Preparar o filho pré-adolescente para a ação dos hormônios. Preparar o marido para o início da perimenopausa e o que isso significa para ele (TPM trinta dias por mês em vez dos meros dois com que ele se habituou). Comprar plantas. Matar plantas. SMS, MSN, chat, upload. Identificar a fila que está andando mais rápido no mercado, ignorar mensagens, deletar, perder chaves, entender errado o que todo mundo diz ("ali se paga" vira "Alice paga", "Machado" vira "mais chato"), preocupação — surdez precoce, demência precoce, Alzheimer precoce ou infelicidade com o sexo e a vida e o casamento e será que devo fazer algo a respeito?

20. Caixa do Burger King, assistente no asilo Royal Manor, garçonete do Friday's, garçonete do J.C. Hilary's, estagiária na casa de espetáculos Charles Playhouse, redatora para Peavey Patterson, autora teatral, esposa, mãe e atualmente professora de teatro na Escola Fundamental Kentwood do jardim de infância ao quinto ano.

9

— Alice! — William grita da cozinha. — Alice! — Ouço seus passos no corredor.

Fecho depressa a janela do questionário do Netherfield Center e abro um site de fofocas.

— Aí está você — diz ele.

Ele está vestido para ir trabalhar: calça cáqui e camisa social violeta. Fui eu que comprei essa camisa, sabendo como ele ficaria bem com essa cor, combinando com seus olhos e cabelo escuros. Quando cheguei com ela em casa, ele protestou, claro.

— Homens não usam lilás — disse ele.

— Sim, mas homens usam *roxo* — retruquei.

Às vezes a gente só precisa chamar as coisas por outro nome para conseguir que os homens concordem com a gente.

— Bonita camisa — digo.

Ele olha depressa para o meu laptop.

— Gwen Stefani e a irmandade das calças horrorosas?

— O que você quer? — pergunto.

— Ah, *essa* calça aí realmente é horrorosa. Ela está parecendo o Oliver Twist. Sim, eu quero alguma coisa, mas esqueci o quê.

Essa é uma resposta típica — estou acostumada. Tanto William quanto eu volta e meia entramos perdidos num cômodo e perguntamos ao outro se ele sabe o que estamos procurando ali.

— O que há com você? — pergunta ele.

Bato o olho na conta do seguro da moto.

— Bem, eu queria que você tomasse uma decisão em relação à moto. Ela está parada na garagem há séculos. Você nunca usa.

A moto ocupa um espaço precioso na nossa pequena garagem. Mais de uma vez esbarrei nela enquanto estacionava o carro.

— Qualquer dia volto a andar nela.

— Você fala isso há anos. E todo ano a gente continua pagando o imposto e o

seguro.

— Sim, mas agora estou falando sério. Em breve — diz ele.

— Em breve o quê?

— Em breve vou voltar a dirigir a moto — completa ele. — Mais do que nunca.

— Aham — digo, distraída, voltando para o computador.

— Espere aí. É só disso que você quer falar? Da moto?

— William, foi você que veio me procurar, lembra?

E não, a moto não é o único assunto que eu quero discutir. Quero ter uma conversa com o meu marido que englobe tópicos mais profundos que apólices de seguro e impostos e a que horas você vai chegar em casa e você chamou aquele cara das calhas, mas parece que estamos empacados ali, boiando na superfície da nossa vida como crianças numa piscina apoiando-se naquela boia comprida.

— E tem muitas coisas sobre as quais podemos conversar — digo.

— Por exemplo?

Agora é a minha chance de contar a ele sobre o estudo a respeito do casamento — ah, você não ia acreditar na coisa ridícula em que eu me inscrevi, eles fazem as perguntas mais loucas mas é para o bem da ciência porque você sabe que existe uma ciência do casamento, você pode não acreditar mas é verdade —, mas não o faço. Em vez disso, digo:

— Por exemplo, sobre como estou tentando, totalmente em vão, fique você sabendo, convencer os pais do terceiro ano que os gansos são os papéis mais importantes na peça da escola, embora não tenham falas. Ou poderíamos falar sobre o fato de nosso filho, Peter, quero dizer, Pedro, ser gay. Ou eu poderia perguntar sobre a KKM. Ainda trabalhando com semicondutores?

— Band-aids.

— Coitadinho. Anda grudado nos band-aids?

— A gente não sabe se Peter é gay — diz William, suspirando. Já tivemos essa conversa muitas vezes.

— Talvez ele seja.

— Ele tem *doze* anos.

— Doze anos não é muito cedo hoje em dia. Tenho a sensação que ele é. Um sentimento. Mãe sabe esse tipo de coisa. Li um artigo sobre aqueles adolescentes saindo do armário no ensino médio. Está acontecendo cada vez mais cedo. Eu adicionei aos meus favoritos. Vou encaminhar para o seu e-mail.

— Não, obrigado.

— William, a gente deveria se educar para isso, se preparar.

— Para quê?

— Para a possibilidade de nosso filho ser gay.

— Eu não entendo, Alice. Por que você está tão preocupada com a sexualidade do Peter? Está dizendo que *quer* que ele seja gay?

— Quero que ele saiba que nós o apoiamos seja qual for sua orientação sexual. Seja ele quem for.

— Certo. Bem, eu tenho uma teoria. Você acha que, se Peter for gay, você nunca vai perdê-lo. Não haverá competição. Você sempre será a mulher mais importante da vida dele.

— Isso é um absurdo.

William balança a cabeça.

— A vida vai ser mais difícil para ele.

— Você está falando como um homofóbico.

— Não sou homofóbico, sou realista.

— Veja Nedra e Kate. Elas são um dos casais mais felizes que conhecemos. Ninguém as discrimina, e você ama Nedra e Kate.

— Amor não tem nada a ver com não querer que seus filhos sejam discriminados sem necessidade. E Nedra e Kate não seriam felizes se não morassem na Bay Area de São Francisco. São Francisco não é o mundo real.

— E ser gay não é uma escolha. Ei, ele poder ser bissexual. Nunca pensei nisso. E se ele for bissexual?

— Grande ideia. Vamos tentar essa — diz William, saindo do escritório.

Entro no Facebook quando ele sai e vejo o feed de notícias, rolando a barra de atualizações.

Shonda Perkins
Curtiu PX-90.
há 2 minutos

Tita De La Reyes
IKEEEEAAAAA!!!! Merda — passaram com o carrinho de compras em cima do meu pé.
há 5 minutos

Tita De La Reyes
IKEEEEAAAAA!!!! O paraíso — almôndegas suecas com amoras alpinas por $3,99.
há 11 minutos

William Buckle

Queda, caindo...
há 1 hora

Espera aí. *Como assim* William postou no Facebook sem citar Winston Churchill ou Dalai Lama? Pobre William; ele é uma dessas pessoas que têm dificuldade em pensar em algo original para postar. O Facebook lhe dá medo, como fobia de falar em público. Entretanto essa publicação tem algo de inegavelmente ominoso. Foi sobre *isso* que ele veio falar comigo? Tenho que lhe perguntar o que ele quis dizer, mas primeiro vou publicar algo bem sucinto.

Alice Buckle *está se educando.*
EXCLUIR

Alice Buckle *está grudada em band-aids.*
EXCLUIR

Alice Buckle *alega que a culpa é dos seus trilhos.*
PUBLICAR

De repente a janela do bate-papo do Facebook pula na tela.

Phil Archer *O que os pobres trilhos fizeram?*

É meu pai.

Alice, querida. Vc está aí?

Oi Pai. Estou com pressa. Tenho que falar com W antes que ele saia para o trabalho. Podemos conversar amanhã?

Tenho um encontro hoje à noite.

Um encontro?? Com quem?

Conto se houver um segundo encontro.

Ah. Tudo bem. Bom, divirta-se!

Não está preocupada comigo? A chance de pegar DSTs aumenta 80% em pessoas acima dos 70.

Pai, prefiro não discutir sua vida sexual.

QUEM MAIS DISCUTE A VIDA SEXUAL?

Caps lock = gritar.

SEI MTO BEM DISSO. Obrigado pelo cheque. Chegou cedo este mês. Q bom. Impostos

sobre propriedade atrasados. Fique aqui. Fale comigo.

Mês que vem mando mais $. Esse mês tô apertada. Zoe perdeu o aparelho. De novo. Vc trocou as lâmpadas para as mais econômicas, como eu disse?

Vou trocar hoje. Prometo. Quais são as novidades?

Talvez Peter seja gay.

Não é novidade.

Zoe tem vergonha de mim.

Tbm não é novidade.

Infinitas coisas pra fazer. Não consigo dar conta.

Pai?

Pai?

Um dia você vai olhar para trás e perceber que essa é a melhor fase da vida. Sempre em frente. Sempre algo para fazer. Alguém esperando você entrar pela porta.

Ah, pai. Tem razão. Desculpa.

:)

Ligo amanhã. Se cuida.

Te amo

Eu tbm

O cheiro de torrada entra no cômodo. Desligo o computador e vou à cozinha à procura de William, mas todo mundo já foi embora. O único sinal da minha família é uma pilha de pratos na pia. *Queda, caindo* terá que esperar.

10

Meu celular toca. Não preciso atender para saber que é Nedra. Temos uma coisa telepática bem esquisita com o telefone: é só pensar em Nedra que Nedra me liga.

— Acabei de cortar o cabelo — informa ela. — E a Kate me disse que eu pareço a Florence Henderson. E quando perguntei a ela quem diabo era Florence Henderson, ela disse que eu estava igual à Shirley Jones. Uma Shirley Jones paquistanesa!

— Ela disse isso? — pergunto, tentando não rir.

— Disse — bufa Nedra.

— Que horror. Você é indiana, não paquistanesa.

Adoro Kate. Há treze anos, quando a conheci, em cinco minutos vi que ela era perfeita para Nedra. Odeio aquela expressão *você me completa*, mas no caso de Kate era verdade. Ela era a metade que faltava em Nedra: uma agente social sem papas na língua, natural do Brooklyn; a pessoa com quem Nedra podia contar para ver as coisas de forma realista. Todo mundo precisa de alguém assim na vida. Eu, infelizmente, tenho muitas pessoas assim na minha vida.

— Querida — digo —, você repicou?

— Não, não está repicado, está em camadas. Meu pescoço agora parece bem comprido. — Nedra faz uma pausa. — Ai, cacete. Está repicado e eu pareço um peru. E ainda estou com uma corcundinha tipo Julia Child na nuca. E agora? Uma barbela? Como foi que isso aconteceu? Não sei por que deixei aquela vagabunda da Lisa me convencer a fazer isso.

Lisa, nossa cabeleireira, não é uma vagabunda, embora também já tenha me guiado várias vezes na direção errada. Tive uma fase infeliz de hena bordô. E franja — mulher de cabelo grosso nunca deve usar franja. Agora mantenho o corte na altura do ombro, com algumas mechas emoldurando o rosto. Com sorte, as pessoas dizem que pareço a irmã mais velha da Anne Hathaway. Sem sorte, a mãe da Anne Hathaway. *Repita o que você fez da última vez* é a instrução que dou a Lisa. Acho que essa filosofia funciona bem em muitas circunstâncias: sexo, pedir um café com leite de soja tamanho Venti na Starbucks e ajudar Peter/Pedro com os exercícios de

álgebra. No entanto, isso não é maneira de se viver.

— Eu fiz uma coisa. Estou fazendo uma coisa. Uma coisa que eu não deveria estar fazendo — confesso.

— Você deixou algum rastro? — pergunta Nedra.

— Não. Sim. Talvez. E-mail conta?

— Claro que e-mail conta.

— Estou participando de uma pesquisa. Uma pesquisa anônima. Sobre o casamento no século XXI — sussurro ao telefone.

— Anonimato não existe. Não no século XXI, e muito menos on-line. Por que cargas-d'água você está fazendo isso?

— Não sei. Achei que seria divertido?

— É sério, Alice.

— Certo. Tudo bem. Acho que estou com a sensação de que é hora de fazer um balanço.

— Balanço de quê?

— Hum… da minha vida. Eu e William.

— O quê? Vocês estão passando por uma dessas crises da meia-idade?

— Por que todo mundo me pergunta isso?

— Responda.

Suspiro.

— Talvez.

— Isso só vai causar sofrimento, Alice.

— Bem, você nunca se pergunta se está tudo bem? Quer dizer, não só aparentemente, mas realmente lá no fundo?

— Não.

— Mesmo?

— Mesmo, Alice. Eu *sei* que está tudo bem. Você não se sente assim em relação ao William?

— É que a gente anda muito afastado. A sensação que eu tenho é de que cada um de nós dois é um item na lista do outro e que estamos simplesmente querendo riscar esse item o mais rápido possível. É horrível dizer isso?

— É verdade?

— Às vezes.

— Espere aí, Alice. Tem mais alguma coisa que você não está me contando. O que causou tudo isso?

Penso em explicar a Nedra sobre o meu ano crítico, mas, sinceramente, apesar da nossa intimidade, ela não perdeu a mãe ou o pai e, portanto, não entenderia. Ela e eu não falamos muito sobre a minha mãe. Guardo isso para as Abelhas Abelhudas, um grupo de apoio para pessoas que sofreram a perda de um ente querido, do qual faço parte há quinze anos. Apesar de não ter visto as pessoas do grupo recentemente, sou amiga no Facebook de todas elas: Shonda, Tita e Pat. Sim, sei que é um nome engraçado. Começamos sendo as Abelhas Rainhas, aí viramos as Abelhas Solitárias, e aí, de alguma maneira, nos transformamos nas Abelhas Abelhudas.

— É só que às vezes eu me pergunto se a gente vai conseguir conviver por mais quarenta anos. Quarenta anos é muito tempo. Não acha que vale a pena examinar nossa situação agora que já temos quase vinte anos? — pergunto.

— Olivia Newton-John! — grita Kate ao fundo. — Era com ela que eu queria dizer que você estava parecendo. No álbum *Let's Get Physical*!

— Pela minha experiência, é a vida não examinada que vale a pena viver — diz Nedra. — Se a pessoa quiser viver feliz para sempre, isto é, com um parceiro. Querida, tenho que desligar para tentar fazer alguma coisa em relação a esse repicado medonho. Kate está trazendo grampinhos.

Ouço Kate cantando "I Honestly Love You", da Olivia Newton-John, desafinadíssima.

— Você me faz um favor? — pergunta Nedra. — Quando me vir, não diga que estou igual à Rachel de *Friends*. E prometo que vamos conversar sobre o casamento no século XIX.

— Século XXI.

— Isso, tanto faz. Beijos.

11

21. Não até eu ver o filme sobre o telescópio Hubble em Imax 3-D.

22. Pescoço.

23. Antebraços.

24. Comprido. É assim que eu o descreveria. Suas pernas mal cabiam embaixo da mesa. Isso foi antes de inventarem que se podia ir trabalhar com trajes casuais, quando todo mundo ainda se vestia primorosamente todo dia. Eu usava saia lápis e sapato de salto. Ele usava terno de risca de giz e gravata amarela. Ele tinha pele clara, mas seu cabelo liso era escuro, quase preto, e ficava caindo nos olhos. Ele parecia um Sam Shepard jovem: todo encolhido e pensativo.

Eu estava nervosíssima e tentando não demonstrar. Por que Henry (Henry é meu primo, o responsável por ter conseguido a entrevista para mim; ele jogava futebol com William) não tinha me avisado que ele era tão bonito? Eu queria que ele me notasse, quero dizer *realmente* me notasse, e, sim, eu sabia que ele era perigoso, ou seja: inacessível, ou seja: fechado, ou seja: COMPROMETIDO — na mesa havia um retrato dele com uma loura deslumbrante.

Eu estava explicando a ele por que uma pessoa formada em teatro e com especialização em dramaturgia haveria de querer um emprego como redatora, o que implicava deturpar muito a verdade (porque não precisa trabalhar à noite e os autores teatrais não ganham dinheiro e eu tenho que fazer alguma coisa para me sustentar enquanto estou em busca da minha ARTE, o que pode muito bem ser escrever artigos inúteis sobre detergente para lavar louça), quando ele me interrompeu:

— Henry disse que você passou para a Brown, mas foi para a Universidade de Massachusetts?

Maldito Henry. Tentei explicar. Joguei para cima dele o meu velho *sou um legado da U Mass,* o que era mentira; a verdade era que a U Mass me dava bolsa integral, e a Brown me dava bolsa parcial, e não havia chance alguma de meu pai arcar nem com a metade da mensalidade da Brown. Mas ele me interrompeu, fazendo um gesto para que eu parasse, e eu fiquei envergonhada. Como se o tivesse desapontado.

Ele devolveu-me o currículo, que eu rasguei ao sair, certa de que tinha me dado mal na entrevista. No dia seguinte havia um recado dele na minha secretária eletrônica. "Você começa segunda-feira, Brown."

12

De: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>
Assunto: Respostas
Data: 10 de maio 5h50
Para: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>

Pesquisador 101,

Espero estar fazendo isso direito. Receio que algumas das minhas respostas sejam mais longas do que você gostaria, e talvez você prefira uma entrevistada que simplesmente se atenha ao assunto e diga sim, não, às vezes e talvez. Mas o negócio é o seguinte: ninguém jamais me fez perguntas desse tipo antes. Perguntas assim, sabe?

Todo dia as pessoas me perguntam coisas normais para uma mulher da minha idade. Como hoje, quando tentei marcar uma consulta no dermatologista. A primeira pergunta que a secretária fez foi se eu tinha algum sinal suspeito. Aí ela me disse que o próximo horário disponível era dali a seis meses e perguntou qual era a data do meu aniversário. Quando eu respondi, ela quis saber se eu gostaria de conversar com o médico sobre injetáveis quando meus sinais fossem examinados. E se fosse o caso, o médico poderia me examinar na semana seguinte, quinta-feira estaria bom? Esse é o tipo de pergunta que me fazem, o tipo de pergunta que eu realmente preferiria que não me fizessem.

Acho que estou tentando dizer que estou gostando de participar do estudo.

Tudo de bom,

Esposa 22

De: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>
Assunto: Re: Respostas
Data: 10 de maio 9h46
Para: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>

Esposa 22,

Presumo que se refira à pergunta 24 em sua preocupação quanto a dar uma resposta muito longa, certo? Foi como ler uma pequena cena, na verdade, com todo o diálogo. Foi intencional?

Cordialmente,

Pesquisador 101

De: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>
Assunto: Re: Respostas
Data: 10 de maio 10h45
Para: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>

Pesquisador 101,

Não tenho muita certeza se foi intencional, é mais a força do hábito. Eu era autora de peças de teatro. Acho que naturalmente penso no formato de cenas. Espero que não tenha problema.

Esposa 22

De: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>
Assunto: Re: Respostas
Data: 10 de maio 11h01
Para: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>

Esposa 22,

Não existe uma maneira certa ou errada de responder, desde que você esteja sendo verdadeira nas respostas. Para ser sincero, achei a sua narração bem cativante.

Tudo de bom,

Pesquisador 101

13

Julie Staggs
Marcy... grande dorminhoca!
há 32 minutos

Pat Guardia
Passando a tarde com meu pai. Red Sox jogando. Ahhhh.
há 46 minutos

William Buckle
Caí.
há 1 hora

Caí? Agora fiquei oficialmente preocupada. Estou prestes a enviar uma mensagem de texto para ele quando escuto o inconfundível barulho da moto sendo ligada na garagem. Saio do Facebook rapidamente. As crianças ainda estão na escola, William vai jantar com um cliente, então chego à conclusão óbvia:

— Estamos sendo roubados — sussurro para Nedra no telefone. — Estão roubando a moto!

Nedra suspira.

— Tem certeza?

— Tenho certeza.

— Absoluta?

Esta não é a primeira vez que Nedra recebe uma ligação dessas de mim.

Uma vez, alguns anos atrás, eu estava lavando roupa no porão, quando o vento abriu a porta e ela bateu na parede. Em minha defesa, o barulho foi igual ao de um tiro. Eu tinha certeza de que estava prestes a ser roubada enquanto matutava se algumas roupas brancas realmente precisavam de amaciante. Em nossa região, roubos não são tão raros. É uma realidade com que os moradores de Oakland convivem, assim como terremotos e tomates gourmet de dez dólares o quilo.

Em pânico, gritei estupidamente:

— Vou ligar para o meu advogado!

Ninguém respondeu, então acrescentei:

— E eu tenho nunchakus!

Eu tinha comprado um desses para Peter, que pouco antes se matriculara num curso de tae kwon do. Eu não imaginava que dali a duas semanas ele abandonaria o esporte, porque não tinha se dado conta de que envolvia contato físico. Para que ele achava que serviam os nunchakus? Ah — ele queria dizer tai chi, não tae kwon do. Não era culpa dele tantas artes marciais começarem com *tai* ou algo parecido.

Ainda nada de resposta.

— Nunchakus são dois bastões ligados por uma corrente que as pessoas usam para machucar os outros. Girando os bastões. Muito rápido — gritei.

Nem um ruído lá em cima. Nem um passo, nem mesmo um rangido do assoalho de madeira. Será que eu tinha imaginado o estrondo da porta? Liguei para Nedra pelo celular e a fiz ficar na linha comigo pela meia hora seguinte, até o vento fechar a porta e eu perceber como tinha sido idiota.

— Juro. Não é alarme falso dessa vez — digo.

Nedra é como um médico da ala de emergência. Quanto mais apavorante a situação, mais calma e equilibrada ela fica.

— Você está num lugar protegido?

— Dentro de casa. As portas estão trancadas.

— Cadê o ladrão?

— Lá fora, na garagem.

— Então por que você está falando comigo? Ligue para a polícia!

— Estamos em Oakland. A polícia vai levar quarenta e cinco minutos para chegar aqui.

Nedra faz uma pausa.

— Não se você disser que alguém levou um tiro.

— Você não pode estar falando sério.

— Confie em mim, eles chegam aí em cinco minutos.

— Como sabe disso?

— Há um motivo para me pagarem quatrocentos e vinte e cinco dólares por hora.

Não ligo para a polícia — não sei mentir, ainda mais quando se trata de alguém que amo se esvaindo em sangue —; em vez disso, vou engatinhando até a janela da frente e espio pela fresta das cortinas, celular em punho. Meu plano é tirar uma foto do delinquente e enviá-la por e-mail à polícia de Oakland. Mas acaba que o delinquente é o meu marido, que sai a toda de moto antes que eu consiga ficar de

pé.

Ele só volta depois das dez da noite, quando entra trôpego pela porta da frente. É óbvio que andou bebendo.

— Fui rebaixado — diz ele, desabando no sofá. — Agora tenho outra função. Quer saber qual?

Penso em suas publicações recentes no Facebook, *Queda, caindo, caí*: ele pressentiu que isso iria acontecer e não me contou.

— Ideador. — William me olha com ar inexpressivo.

— *Ideador?* O quê? Isso é uma palavra? Talvez eles tenham mudado os nomes das funções de todo mundo. Talvez ideador signifique diretor de criação.

Ele pega o controle remoto e liga a TV.

— Não. Significa babaca que fornece ideias para o diretor de criação.

— William, desligue a TV. Tem certeza? E por que você não está revoltado? Talvez você tenha se enganado.

William aperta o botão para tirar o volume da TV.

— O novo diretor de criação era meu ideador até ontem. Sim, tenho certeza. E de que adianta ficar revoltado?

— Adianta para você poder fazer alguma coisa a respeito!

— Não há nada a fazer. Está decidido. Está feito. Tem uísque escocês em casa? Do bom? Puro malte?

William parece completamente desconectado, a expressão vazia.

— Não posso acreditar! Como eles puderam fazer isso com você depois desses anos todos?

— A campanha do band-aid. Conflito de interesses. Prefiro deixar a ferida respirar, usar Nebacetin e formar casquinha, não selar dodóis.

— Você disse isso a eles?

Ele revira os olhos.

— Sim, Alice, foi exatamente o que eu disse a eles. Houve um corte no salário. — William dá um sorriso triste. — Um corte bastante substancial.

Estou apavorada, mas tento evitar que a expressão no meu rosto mude. Preciso animá-lo.

— Isso está acontecendo com todo mundo, querido — tranquilizo.

— A gente tem vinho do Porto?

— Com todo mundo da nossa idade.

— Isso é extremamente consolador, Alice. Vodca Grey Goose?

— Quantos anos tem esse DC novo?

— Não sei. Vinte e nove? Trinta?

Seguro um suspiro.

— Ele falou com você?

— *Ela.* É a Kelly Cho. Disse que estava ansiosa para trabalhar comigo.

— A *Kelly?*

— Não fique tão chocada. Ela é muito boa. Brilhante, na verdade. Temos maconha? Baseado? As crianças ainda não fumam? Nossa, eles são atrasados.

— Puxa, William, sinto muito — digo. — Isso é uma injustiça inacreditável. — Viro-me para lhe dar um abraço.

Ele levanta a mão.

— Não — diz. — Deixe eu ficar sozinho. Não quero contato agora.

Afasto-me dele no sofá, tentando não ficar ofendida. Isso é típico de William. Quando está triste, fica ainda mais distante. Torna-se a proverbial ilha. Sou o extremo oposto. Quando estou sofrendo, quero todo mundo que eu amo na ilha comigo, sentado em volta da fogueira, tomando um porre de água de coco, bolando um plano.

— Caramba, Alice, não me olhe assim. Você não pode exigir que eu cuide de você logo agora. Preciso ter os meus sentimentos.

— Ninguém está lhe pedindo para não ter os seus sentimentos. — Levanto-me. — Ouvi você na garagem, sabe. Dando a partida na moto. Achei que estávamos sendo assaltados.

Ouço o tom de acusação em minha voz e sinto ódio de mim mesma. Isso acontece toda hora. O distanciamento de William cria em mim um desespero por proximidade, o que me faz dizer coisas desesperadas, que por sua vez o torna ainda mais distante.

— Vou me deitar — informo, tentando não parecer magoada.

Uma expressão de alívio se estampa no rosto de William.

— Já vou subir.

Então ele fecha os olhos, bloqueando minha presença em seu mundo.

14

Não me orgulho do que faço a seguir, mas o considero um ato de uma mulher com um leve TOC que fez projeções de orçamento de longo prazo e descobre que em um ano (com o salário recém-reduzido de William e o pouco que o próprio trabalho dá) estaremos tirando dinheiro da poupança e dos fundos para pagar a universidade das crianças. Em dois anos, nossa aposentadoria e qualquer chance de nossos filhos cursarem o ensino superior seriam nulas. Teríamos que voltar para Brockton e morar com meu pai.

Não vejo alternativa senão ligar para Kelly Cho e implorar para que William tenha seu cargo de volta.

— Alô, Kelly, aqui é Alice Buckle. Como vai? — digo melodiosamente no telefone, usando minha voz mais calma, satisfeita e controlada de professora de teatro.

— Alice — diz Kelly, sem jeito, separando meu nome em três sílabas: A. Li. Ce. Ela está chocada com a minha ligação. — Vou bem, e você?

— Vou bem. E você? — respondo cantando, minha voz calma de professora de teatro se perdendo. Ai meu Deus.

— O que posso fazer por você? Está procurando William? Acho que ele saiu para almoçar — informa ela.

— Na verdade, estou querendo falar com você. Estava esperando que a gente pudesse conversar francamente sobre o que aconteceu. O rebaixamento de William.

— Ah… tudo bem. Mas ele não a colocou a par do que aconteceu?

— Sim, sim, mas, bem… será que não há alguma maneira de revertermos isso? Não tirar a sua promoção, não é disso que estou falando. Claro que não. Não seria justo. Mas talvez haja uma maneira de tornarmos essa mudança mais horizontal para William.

— Quanto a isso, eu não sei.

— Talvez você pudesse espalhar por aí umas coisas boas sobre ele. Dar uma sondada nas pessoas…

— Sondar quem?

— Olha, William está na KKM há mais de dez anos.

— Sei disso. É muito difícil. Para mim também, mas não acho que…

— Nossa, Kelly, são só band-aids.

— *Band-aids?*

— A campanha?

Kelly fica calada um instante.

— Alice, não era band-aid. Era *Cialis.*

— *Cialis*. Aquele remédio para disfunção erétil?

Kelly tosse baixinho.

— Esse mesmo.

— Bem, e o que aconteceu?

— Você vai ter que perguntar a ele.

— Estou perguntando a você. Por favor, Kelly.

— Eu realmente não devo.

— Por favor.

— Não me sinto confortável…

— Kelly. Não me obrigue a pedir de novo.

Ela suspira profundamente.

— Ele perdeu essa.

— Perdeu?

— Durante o grupo focal. Alice, eu ando me perguntando se tem alguma coisa acontecendo com ele em casa, porque, sinceramente, William não é mais o mesmo ultimamente. Bem, você mesma viu. Como ele estava estranho no lançamento da FiG. Nesses últimos dois ou três meses, ele anda ausente. Nervoso. De pavio curto. Distraído. Como se o trabalho fosse o último lugar da terra em que ele queria estar. Todo mundo já notou, não fui a única. Já falaram com ele. Já avisaram. E aí teve esse problema com o grupo focal. Foi filmado, Alice. A equipe inteira viu. Frank Potter viu.

— Mas ele é da área criativa, não da estratégica. Aliás, por que ele estava coordenando um grupo focal?

— Porque ele insistiu. Queria estar por dentro da pesquisa.

— Não entendo.

— Talvez seja melhor você não entender.

— Quero ver o vídeo — digo.

— Não é uma boa ideia.

— Kelly, estou implorando.

— Ai, céus. Espere um segundo. Preciso pensar.

Kelly fica muda.

Conto até vinte e digo:

— Ainda pensando?

— Tudo bem, Alice — concorda Kelly. — Mas você tem que jurar que não vai contar a ninguém que eu mandei. Olha, sinto muito mesmo. Eu respeito William. Ele foi um mentor para mim. Eu não estava batalhando pelo cargo dele, me sinto péssima por isso. Você acredita em mim? Por favor, acredite.

— Acredito, Kelly, mas agora que você é diretora de criação talvez devesse parar de implorar às pessoas para acreditarem em você.

— Tem razão. Preciso melhorar nisso. Vou mandar o vídeo.

— Obrigada.

— E… Alice?

— Hã?

— Por favor, não me odeie.

— Kelly.

— O quê?

— Você está fazendo isso de novo.

— Ah, sim! Desculpe. Eu não estava preparada para essa promoção. Sempre sonhei com isso, mas não pensei que fosse acontecer de forma tão abrupta. Assim, cá entre nós, eu me sinto uma impostora. Não sei o que dizer. Vou ter que desligar agora. Eu realmente não sou má pessoa. Gosto muito de você, Alice. Por favor, não me odeie. Ai, droga, tchau.

15

De: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>
Assunto: Novas perguntas?
Data: 15 de maio 6h30
Para: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>

Pesquisador 101,

A nova lista de perguntas vai chegar logo? Não quero apressá-lo nem nada, e você deve ter um cronograma para enviar os questionários, mas é que ando muito ansiosa ultimamente e responder às questões me acalma. É quase uma meditação. Como uma confissão. Algum outro entrevistado já relatou esse sentimento?

Tudo de bom,
Esposa 22

De: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>
Assunto: Re: Novas perguntas?
Data: 15 de maio 7h31
Para: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>

Esposa 22,

Isso é muito interessante. Não ouvi relatos desse tipo de reação antes, mas já soube de sentimentos semelhantes na mesma linha. Uma vez, um entrevistado descreveu o ato de responder às perguntas como "um descarrego". Creio que o anonimato tem muito a ver com isso. As próximas perguntas devem chegar no fim da semana.

Tudo de bom,
Pesquisador 101

De: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>
Assunto: Re: Novas perguntas?
Data: 15 de maio 7h35
Para: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>

Acho que você tem razão. Quem diria que o anonimato poderia ser tão libertador?

16

Caixa postal: Você tem uma nova mensagem de voz

Alice! Alice, querida. Aqui é Bunny Kilborn, do Blue Hill. Quanto tempo. Espero que você esteja recebendo meus cartões de Natal. Penso sempre em você. Como vai a vida com William? E as crianças? Zoe já entrou na faculdade? Deve estar quase lá. Talvez você a mande de volta para o Leste. Olhe, vou direto ao ponto. Quero pedir um favor. Lembra-se da nossa caçula, Caroline? Bem, ela está se mudando para São Francisco e eu queria saber se você estaria disposta a dar uma ajudinha. Levá-la para conhecer a região, sabe? Ela está procurando trabalho em TI. Quem sabe você até tem alguns contatos no mundo tecnológico? Ela vai precisar encontrar um lugar para morar, uma moça nas mesmas condições para dividir apartamento, e, claro, um trabalho, mas seria muito bom saber que ela não está completamente sozinha aí. Além do mais, sei que vocês duas vão se dar bem. Mas, então, como vai você, afinal? Continua lecionando teatro? Será que ouso perguntar se ainda escreve peças? Sei que *A atendente de bar da grande ilha Cranberry* exauriu você, mas… Eu estou no telefone. Jack, estou NO TELEFONE! Desculpe, Alice, tenho que correr, me avise se…

Caixa postal cheia

* * *

Aí está uma voz do meu passado. *Bunny Kilborn:* a renomada fundadora e diretora artística do teatro Blue Hill, no Maine; vencedora de três Obies, dois Guggenheims e um Bessie. Já dirigiu de tudo, desde *Um bonde chamado desejo,* de Tennessee Williams, a *The Homecoming,* de Harold Pinter, e, no final dos anos 1990, *A atendente de bar da grande ilha Cranberry*, de Alice Buckle. Não, não estou dizendo que eu me inclua na mesma categoria que Williams e Pinter. Entrei num concurso para novos autores teatrais e acabei ganhando o primeiro lugar, e foi assim que se deu a montagem da minha peça no Blue Hill. Tudo aquilo que eu vinha trabalhando para conseguir conduziu para aquele momento e aquele prêmio. Pareceu… bem, pareceu coisa do destino.

Sempre fui rato de teatro. Comecei interpretando no nono ano do colégio, e depois, no ensino médio, tentei escrever minha primeira peça. Ficou uma porcaria, claro (com uma influência pesada de David Mamet, que até hoje é o meu autor teatral preferido, embora eu não suporte a posição política dele), mas depois escrevi outra peça e depois mais outra, e em cada uma delas eu encontrava um pouco mais a minha voz.

Na faculdade, três das minhas peças foram produzidas. Virei uma das estrelas do departamento de teatro. Quando me formei, fui trabalhar com publicidade, o que deixava minhas noites livres para escrever. Aos vinte e nove anos, finalmente consegui a minha grande oportunidade — e fracassei. É um eufemismo Bunny dizer que a peça me exauriu. As críticas foram tão ruins que eu nunca mais escrevi outra.

Houve uma única crítica boa do *Portland Press Herald*. Ainda sei as passagens de cor: "generosa emocionalmente", "uma história sobre chegar à maioridade que faz pensar, cujo efeito é como uma injeção na veia da música *Junglelandde*, de Bruce Springsteen". Mas também decorei passagens de todas as outras críticas que foram consistentemente negativas: "miseravelmente ruim", "cheia de clichês e forçada", "amadorística", e "Ato 3? Acabe logo com o nosso sofrimento!" A peça saiu de cartaz em duas semanas.

Bunny se esforçou para manter contato comigo esses anos todos, mas eu não correspondi muito. Fiquei muito constrangida. Eu envergonhei Bunny e sua companhia, além de ter desperdiçado a minha única grande chance.

A ligação de Bunny tem que ser mais que um acaso feliz. Quero estar ligada a ela, tê-la de novo em minha vida de alguma maneira.

Pego o telefone e, nervosa, disco o número dela. Toca duas vezes.

— Alô?

— Bunny… Bunny, é você?

Há uma pausa, e depois…

— Ah, Alice, *meu amor*. Eu estava torcendo para você ligar.

17

Levei alguns dias para tomar coragem e ver o vídeo da KKM. Então me ocorre, sentada em frente ao laptop, o dedo prestes a clicar na setinha do play, que eu estou ultrapassando um limite. Meu coração está tão acelerado quanto no momento em que liguei para Kelly, que, se pensarmos bem, foi quando ultrapassei o limite — quando comecei a agir como a mãe de William, em vez de como esposa. Se o meu coração conhecesse o código Morse e conseguisse enviar uma mensagem com essas batidas aqui dentro, estaria dizendo: *Alice, sua abelhuda intrometida, apague esse arquivo já!* Mas, como eu não sei o código Morse, limito-me a afastar esses pensamentos e clico em play.

A câmera se aproxima de uma mesa em que há dois homens e duas mulheres sentados.

— Um segundo — pede Kelly Cho. A mesa fica indistinta e depois torna a entrar em foco. — Pronto.

— Cialis — diz William. — Elliot Ritter, cinquenta e seis; Avi Schine, vinte e quatro; Melinda Carver, vinte e três; Sonja Popovich, quarenta e sete. Agradeço a presença de vocês. Então vocês assistiram ao comercial, certo? O que acharam?

— Não entendi. Por que eles estão sentados em banheiras diferentes se o cara está com uma ereção de quatro horas? — pergunta Avi.

— Ele não está com uma ereção de quatro horas. Se fosse o caso, ele estaria numa ambulância, a caminho do hospital. As precauções são claras no comercial — diz William.

Melinda e Avi trocam um olhar malicioso. Embaixo da mesa, a mão dela procura a coxa dele e a aperta.

— Vocês são um casal? — pergunta William. — Eles são um casal? — sussurra ele para alguém.

— Eles não informaram isso — responde Kelly.

William deve estar com um fone de ouvido e Kelly deve estar na sala do outro lado do espelho, observando e ouvindo tudo.

— Sim, bem, como as banheiras chegaram à montanha? — pergunta Avi. — E

quem as levou lá para cima? É o que eu quero saber.

— Isso se chama suspensão voluntária da descrença — diz Elliot. — Eu gostei das banheiras. Minha mulher também gostou.

— Pode me dizer por quê, Elliot? — pergunta William.

— Alguns dos outros anúncios são muito grosseiros — responde Elliot.

— É melhor que aquele do homem chutando a bola de futebol ou o do trem. Por favor, é ofensivo. Uma vagina não é um pneu. Nem um túnel. Bem, talvez um túnel — diz Melinda.

— Então sua mulher prefere os comerciais do Cialis, Elliot? — pergunta William.

— Ela preferiria que eu não tivesse disfunção erétil — diz Elliot —, mas, já que deixo a desejar nesse departamento, sim, ela acha os comerciais da banheira mais palatáveis que os outros.

— Sonja, não ouvimos você ainda. O que acha do comercial? — pergunta William.

Sonja dá de ombros.

— OK, está bem. Volto a você depois — continua William. — Então, Avi. Você tem vinte e quatro anos e é usuário. Por quê?

— Posso sugerir que não se refira a ele como "usuário"? — diz Kelly.

Avi olha para Melinda e ela sorri timidamente.

— Por que não? — diz ele.

— Você tem problemas de DE?

— Você quer dizer aqui embaixo? — Avi aponta para a própria virilha.

— Sim. — William suspira.

— Cara, eu pareço alguém que tem problemas? O Cialis só melhora as coisas.

— Cara, se importa de explicar melhor? — pergunta William.

Avi dá de ombros, claramente não querendo expor os detalhes.

— Certo. Então, quantas vezes por semana você faz sexo?

— Quantas vezes por *dia* — corrige Melinda. — Duas. Às vezes três, se for fim de semana. Mas definitivamente duas.

William não consegue esconder o ceticismo de sua voz:

— Claro — diz ele. — Três vezes por dia?

Elliot parece espantado. Sonja parece morta. Eu me sinto ligeiramente enjoada.

— Deixe-o falar, não duvide dele — sugere Kelly. — Precisamos de detalhes.

Isso não me parece loucura. Quando tínhamos uns vinte e tantos anos, William

e eu às vezes fazíamos sexo três vezes por dia. No Dia da Independência. E no Yom Kippur.

— É, cara, três vezes por dia — diz Avi, parecendo irritado. — Por que iríamos mentir? Você está nos pagando para falar a verdade.

— Ótimo. Então quantas vezes por semana você toma Cialis?

— Uma vez. Em geral nas tardes de sexta-feira.

— Por que Cialis e não Viagra?

— Quatro horas. Trinta e seis horas. Faça os cálculos.

— Como conseguiu a receita? — pergunta William.

— Eu disse ao meu médico que estava tendo problemas. *Lá embaixo.*

— E ele acreditou em você?

Avi chega a cadeira mais para trás.

— Cara, qual o seu problema?

William para e recorre a uma pergunta clichê:

— Se Melinda fosse um carro, que tipo de carro ela seria?

Algo está errado com William. Até a voz parece alterada.

Avi fica calado, limita-se a encarar desafiadoramente a câmera.

— Recue — ordena Kelly. — Você o está perdendo.

— Vamos lá. Deixe-me adivinhar — diz William. — Um Prius. Mas um Prius inteiramente equipado: vinte e um quilômetros por litro. Sistema de chave inteligente. Bluetooth e assentos totalmente reclináveis.

— William — alerta Kelly.

— Então você pode trepar com Melinda três vezes por dia.

O choque deixa todo mundo calado. Kelly irrompe sala adentro:

— Tudo bem. Vamos fazer um intervalo! — grita ela. — Refrigerantes e biscoitos de cortesia no corredor.

A câmera é desligada de repente e então, um segundo depois, dá uma panorâmica na mesa agora vazia.

— Não posso acreditar que você tenha dito trepar — diz Kelly.

— *Ele* é um escroto — rebate William.

— Não importa. Ele é o cliente.

— É, e estamos pagando a ele para ser o cliente. Além do mais, homens na faixa dos vinte anos não são nosso público-alvo.

— Errado. Os homens entre vinte e trinta e cinco anos representam trinta e seis por cento dos novos usuários. Talvez eu devesse servir de mediadora na discussão.

— Não. Deixa comigo. Traga-os de volta.

Os homens e mulheres voltam em fila para a sala, com latinhas de Coca e Coca Diet.

— Elliot, quantas vezes por mês você faz sexo? — pergunta William.

— Com ou sem Cialis?

— Tanto faz.

— Sem, nenhuma. Com, uma vez por semana.

— Então seria justo dizer que o Cialis melhorou a sua vida sexual?

— Sim.

— E você o teria experimentado se não tivesse DE?

Elliot faz cara de espanto.

— Por que eu faria isso?

— Bem, como o Avi aqui. Você o usaria por diversão?

— Croqué é diversão. Minigolfe é diversão. Fazer amor não é diversão. O amor não é um copo de refresco vazio que se enche de novo magicamente. A gente mesmo tem que tratar de encher. Esse é o segredo do casamento.

— É, cara, entra de carro no drive-thru da sua mulher. Levanta o seu copo de refresco — diz Avi.

Elliot lança um olhar furioso para Avi.

— Chama-se *fazer* amor por um motivo.

Avi revira os olhos.

— Que fofo — diz Melinda. — Por que a gente não faz amor?

— Volte para Sonja — diz Kelly.

Sonja Popovich parece abatida, como se tivesse se esquecido de tomar seus remédios. Quarenta e sete. É três anos mais velha que eu. Definitivamente, parece mais. Não, parece menos. Não, *eu* pareço menos. Eu brinco disso o tempo todo. Sinceramente, não consigo mais adivinhar a idade de ninguém.

— Posso fumar aqui? — pergunta Sonja.

— Não acho que seja uma boa ideia. Algum alarme provavelmente iria disparar — explica William.

Sonja sorri.

— Eu não sou realmente uma fumante. Só um cigarrinho de vez em quando.

— Eu também — diz William.

Desde quando William fuma de vez em quando?

— Então você está aqui por causa da DE do seu marido?

— Não, estou aqui por causa da *minha* DE.

— Faça um aceno com a cabeça — diz Kelly.

— Odeio aqueles comerciais do Cialis. E do Viagra. E do Levitra.

— Por quê?

— Quando seu marido chega em casa e diz "Ei, querida, boas notícias, agora podemos fazer sexo por trinta e seis horas seguidas", pode acreditar que não é motivo de comemoração.

— Bem, o Cialis não se propõe a permitir uma relação de trinta e seis horas. A proposta é melhorar o fluxo sanguíneo para… — diz William.

— Trinta e seis segundos, aí vocês me conquistariam.

— Sério? — diz Avi.

— Sério — diz Sonja.

Suas feições se contraem. Uma lágrima grossa lhe escorre pelo rosto.

— Que triste — diz William.

— Não diga isso — sibila Kelly.

— Trinta e seis segundos. Lamento, mas isso é muito triste — diz William. — Para o seu marido, quero dizer. Parece que é bom para você.

— Ai, caramba — exclama Kelly.

Sonja agora está chorando.

— Será que alguém pode arranjar uns lenços de papel para ela? Sem pressa — pede William. — Eu não estava tentando fazer você se sentir mal. Sua resposta apenas me surpreendeu.

— Também me surpreende. Acha que não estou surpresa? Não sei o que aconteceu — diz ela, enxugando os olhos. — Eu adorava sexo. Sabe, gostava muito mesmo. Mas agora a coisa toda parece, bem, simplesmente parece tudo muito ridículo. Sempre que fazemos sexo, eu me sinto um extraterrestre nos assistindo ao fazer sexo e pensando "Ah, então é assim que procriam as formas de vida inferiores, que só usam dez por cento da massa cerebral. Que estranho! Que desagradável! Que grosseiro! Olhem as caras feias que eles fazem. E os barulhos: as palmadas, os movimentos, a sucção".

— Não podemos usar isso. Conclua — ordena Kelly. — Mude de assunto. Pergunte a ela o que acha das banheiras.

— Quantas vezes vocês fazem sexo? — pergunta William.

Sonja ergue para ele o rosto manchado de lágrimas e não diz nada.

— Quantas vezes você *gostaria* de fazer sexo?

— Nunca.

— Isso não é uma sessão de terapia — diz Kelly. — É um grupo focal para o *cliente.* Essa mulher não é o nosso público-alvo. Deixe-a para lá.

— Você gostaria que fosse diferente?

Sonja afirma com um gesto de cabeça.

— Se você se sentisse diferente, quantas vezes gostaria de fazer sexo? Quantas vezes por ano?

— Vinte e quatro? — chuta ela.

— Vinte e quatro. Duas vezes por mês?

— Sim, duas vezes por mês parece bom. Normal. Acha que sim? Acha que isso é normal?

— Normal? Bem, é o dobro da *minha* média — diz William.

— Chega. Acabou — diz Kelly.

Sufoco um grito. O meu marido acabou de anunciar para o grupo focal inteiro e para toda a sua equipe de trabalho a frequência com que fazemos sexo?

— Minha mulher e eu fingimos que fazemos sexo toda semana, como a maioria dos outros casais que conhecemos, que na verdade só faz sexo uma vez por mês — continua William.

— Estou desligando a câmera — avisa Kelly.

— Eu não diria que nosso casamento é assexuado — prossegue William. — Assexuado seria sexo de seis em seis meses, ou uma vez por ano. Apenas costumávamos fazer com mais frequência.

— Lamento — diz Elliot.

— Diga que não estaremos assim daqui a vinte anos! — suplica Melinda.

— Nunca — diz Avi. — Isso nunca vai acontecer com a gente, amor.

— *Qualquer hora* é a hora certa. É o *qualquer hora* que realmente me incomoda. Isso não é liberdade. Não para uma mulher, pelo menos. É uma ameaça — diz Sonja. — É o código laranja da ereção.

— Posso lhe fazer mais uma pergunta? — diz William.

— Vá em frente — concorda Sonja.

— Acha que a maioria das mulheres da sua idade se sente assim?

Sonja funga.

— Acho.

* * *

Aperto o pause no vídeo e apoio a cabeça na mesa desejando poder voltar os dez últimos minutos da minha vida. Ai, por que, por que, por que fui assistir a isso? Agora me sinto envergonhada por fazer as coisas pelas costas de William, zangada com a maneira estabanada e antiprofissional com que ele se comportou (a regra cardeal de conduzir grupos focais é nunca, *nunca* compartilhar informações pessoais), humilhada por ele ter nos exposto como um casal assexuado (não é verdade, fazemos sexo uma vez por semana; tudo bem, uma vez a cada duas ou três semanas; tudo bem, *talvez* às vezes chegue a uma vez por mês), preocupada que *ele esteja* usando algum tipo de medicação nova sobre a qual não me contou, com medo de que essa medicação seja Cialis e que logo ele venha me dizer que graças à medicina moderna agora temos uma janela de trinta e seis horas na qual se espera que eu faça sexo pelo menos três vezes por dia, mas sobretudo triste, porque vi um pouco de mim em cada uma das mulheres. Melinda, que deseja respirar o ar que o namorado respira. E Sonja, que raramente sente ser a hora certa. As duas eram — *são* — eu.

Alice Buckle, me diga: que carro você seria se fosse um carro agora?

Essa é fácil. Um Ford Escape. Um híbrido. Modelo básico. Bem usado. Com o para-choque dianteiro arranhado. As portas rangendo ao abrir e fechar. Um misterioso cheiro de maçã podre subindo do chão. Mas confiável. Um carro com tração nas quatro rodas que é bom na neve mas cujo potencial está totalmente desperdiçado porque seu dono mora numa cidade onde a temperatura raramente cai abaixo dos quatro graus.

E aí, bem aí, é que mora o perigo.

18

25. O nome da namorada de William era Helen Davis e ela era a vice-presidente de branding. O boato que corria na firma era que eles ficariam noivos a qualquer momento. Eles chegavam juntos de manhã, tomando seus cafés. Iam almoçar na Kendall Square. Ela o buscava no fim do dia e eles corriam para tomar coquetéis na Newbury Street. Ela estava sempre fabulosamente bem-vestida. Eu comprava minhas roupas em lojas de departamento baratas.

Fui designada para uma campanha de papel higiênico. Não era tão ruim quanto parecia. Eu tinha que ir para casa com amostras de rolos e pensar em maneiras criativas de dizer *deixa sua bunda limpinha com uma folha só.*

Tirei William da cabeça. Até que um dia ele me mandou um e-mail.

— Isso na sua mesa são tênis de corrida?

Respondi:

— Desculpe! Sei que é um hábito ruim. Deixar calçados sobre superfícies em que a gente trabalha. Não vai acontecer de novo.

E ele me mandou outro e-mail.

— Acabei de passar pela sua mesa. Cadê eles agora?

— Eles quem?

E aí, uma enxurrada de e-mails.

— Seus tênis de corrida, Brown.

— Estão nos meus pés.

— Porque você está indo para casa?

— Porque estou indo correr.

— Quando?

— Na hora do almoço?

— Onde?

— Hã... lá fora.

— Sim, Brown. Imaginei que fosse lá fora. Lá fora onde?

— Começo no Charles Hotel. Percorro um percurso de oito quilômetros.

— Encontro você lá em quinze minutos.

19

De: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>
Assunto: Tempo
Data: 18 de maio 12h50
Para: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>

Pesquisador 101,

Pode ser que eu demore mais que de hábito a lhe enviar as respostas, pois as coisas estão meio loucas aqui. Talvez eu deva informá-lo de que meu marido foi rebaixado. Tenho certeza de que vamos superar isso, mas a situação tem sido estressante para todos nós. Devo dizer que este é um momento estranho para eu contar como começamos a namorar. É difícil conciliar os jovens e vibrantes William e Alice com as pessoas de meia-idade que somos hoje. Isso me deixa meio triste.

Tudo de bom,
Esposa 22

De: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>
Assunto: Re: Tempo
Data: 18 de maio 12h52
Para: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>

Esposa 22,

Sinto muito sobre o emprego do seu marido. Use o tempo de que precisar. Revisitar o passado muitas vezes é difícil e mexe com todo tipo de emoções. Mas, a longo prazo, acredito que você achará esclarecedor.

Cordialmente,
Pesquisador 101

De: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>
Assunto: Re: Jogos
Data: 18 de maio 13h05
Para: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>

Pesquisador 101,

Às vezes, quando ligo meu computador, tenho a sensação de que estou num cassino diante de um caça-níqueis. Tenho o mesmo arrepio cheio de expectativa — acredito que tudo é possível e tudo pode acontecer. Basta puxar a manivela, i.e., apertar Enviar.

As recompensas são imediatas. Ouço a máquina se agitando. Ouço todos os encantadores tilintares e zumbidos e campainhas soando. E quando os símbolos

aparecem: "Kate O'Halloran curtiu seu comentário". "Kelly Cho quer ser sua amiga", "Você foi marcada numa foto", eu ganho o dia.

O que estou tentando dizer é: obrigada pela resposta tão rápida.

Tudo de bom,

Esposa 22

De: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>
Assunto: Inacessibilidade
Data: 18 de maio 13h22
Para: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>

Esposa 22,

Entendo perfeitamente o que você quer dizer, e muitas vezes sinto o mesmo, embora deva admitir que isso me preocupa. Tenho a sensação de que chegamos a um ponto em que nossas experiências, nossas lembranças — nossa vida inteira, na verdade — não são reais a menos que as publiquemos na internet. Será que vamos sentir falta da época em que éramos inacessíveis?

Tudo de bom,

Pesquisador 101

De: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>
Assunto: Re: Inacessibilidade
Data: 18 de maio 13h25
Para: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>

Pesquisador 101,

Não desejo os velhos tempos de inacessibilidade. Quando estou conectada, posso ir a qualquer lugar, fazer e aprender qualquer coisa. Hoje, por exemplo, visitei uma minúscula livraria em Portugal. Aprendi onde os adeptos da seita Shaker fazem seus cestos e descobri que minha melhor amiga do ensino médio adora sorbet de laranja sanguínea. Ok, também fiquei sabendo que certa celebridade acha que é uma fada, uma fada de verdade, do povo das fadas —, mas a questão é a acessibilidade. O acesso à informação. Eu nem preciso olhar pela janela para ver como está o clima. Posso ter a previsão do tempo todas as manhãs, enviada diretamente para o meu laptop. Existe coisa melhor?

Cordialmente,

Esposa 22

De: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>
Assunto: Clima
Data: 18 de maio 13h26
Para: Esposa 22 <Esposa22@netherfieldcenter.org>

Esposa 22,

Existe: ser pego de surpresa pela chuva.

Tudo de bom,

Pesquisador 101

20

Previsão Para o Fim de Semana
Casa dos Buckle
Irving Drive, nº 529

ALERTA: Tempestade conjugal classe 3 desenvolvendo-se rapidamente
Manhã de sábado

Sensação térmica: Frio. Extremamente frio. Dando gelo no marido enquanto tento fingir que não há nada de errado.

Máxima: Conseguir passar o dia sem gritar.

Mínima: Cabeça nas mãos. Pequenos gemidos. Constantes acessos de vergonha e mortificação imaginando funcionários da KKM enviando por e-mail o vídeo do Cialis para centenas de amigos e o dito vídeo então se tornando viral.

Visibilidade: Limitada. Recuso-me a olhar acima do queixo do meu marido, para não estabelecer contato visual.

Compartilhe essa previsão: enviar para nedrar@gmail.com

Mensagem instantânea de nedrar@gmail.com:
Nedra: Coitado do William!
Alice: Coitado do William? Coitada de mim!
Nedra: Isso é que dá fazer as coisas pelas costas dele.
Alice: Você chegou a assistir ao vídeo?
Nedra: Quer um conselho?
Alice: Depende. Quanto vai me custar?
Nedra: Esqueça que algum dia assistiu àquilo.

Tarde de sábado

Índice de calor: Muito alto. Fervendo.
Máxima: Sentada no sofá assistindo à série *Masterpiece Theater.*
Mínima: Tentando contar mentalmente o número de vezes que fizemos sexo nos últimos vinte anos enquanto finjo assistir a *Masterpiece Theater*. Não sei fazer conta de cabeça. Uso os dedos para somar. Estimo oitocentos e cinquenta vezes. O que há de errado com isso?
Visibilidade: Fraca a nula. Nevoeiro denso durante tentativa de adivinhar o número de vezes que faremos sexo nos próximos vinte anos.
Compartilhe essa previsão: enviar para nedrar@gmail.com

Mensagem instantânea de nedrar@gmail.com
Nedra: Não desista do sexo.
Alice: Por quê?
Nedra: Isso não tem a ver com sexo.
Alice: Tem a ver com o quê?
Nedra: Intimidade. Há uma diferença.
Alice: O que me sugere?
Nedra: Tente conversar com ele.
Alice: Que espécie de advogada especializada em divórcios é você?

Tarde de domingo

Ventos: Acalmando.
Máxima: Horóscopo prevê romance inesperado a caminho.
Mínima: Assistir ao vídeo do Cialis pela oitava vez. Em minha defesa, devo dizer que assistir ao vídeo repetidas vezes é a melhor maneira de eu me tornar insensível à tremenda humilhação pública infligida por meu marido. Acho que mereço uma medalha. Digo aos meus filhos que mereço uma medalha. Pelo quê?, perguntam eles.
Condições de seca: Melhorando. Sentei ao lado dele no sofá.
Compartilhe essa previsão: enviar a nedrar@gmail.com

Mensagem instantânea de nedrar@gmail.com
Nedra: Você apagou o maldito vídeo?

Alice: Sim.
Nedra: Muito bem. Agora bola para a frente.
Alice: O horóscopo diz que vem um romance por aí.
Nedra: Claro que vem, querida.
Alice: Só preciso ter paciência.
Nedra: Você é boa nisso. Sabe que é, não sabe?
Alice: Ter paciência não é fácil para uma virginiana.
Nedra: Nem para uma advogada de divórcios. Té mais.

21

26. Não tirar o pó usado da cafeteira. Fazer xixi no chão do banheiro. Não fechar a porta do banheiro para fazer xixi. Ler por cima do meu ombro. Deixar a calça pelo avesso no cesto de roupa suja.

27. Três. Tudo bem, cinco.

28. Uma vez por ano.

29. De todas as maneiras. De maneira nenhuma. Não sei responder a essa pergunta.

30. Um álbum de selos.

31. Ele estava esperando no pátio do Charles Hotel. De walkman. Acenou com a cabeça para mim, começamos a correr e ele não disse uma palavra o percurso inteiro. Eu, em compensação, não calei a boca — ao menos na minha cabeça. *Asics, hmmm; deve ter pés largos. Por que o cara não está falando? Será que me odeia? Será que estamos fazendo alguma coisa errada? Será que devo fingir que não estamos correndo juntos? Por que ele não corre com a Helen? Helena de Troia? O que será que ele está ouvindo? Será que isso é um encontro? Nossa, ele é um gato. Que espécie de jogo é esse que ele está fazendo? Ele cheira a sabão Coast. Será que as minhas coxas estão balançando? É, ele acabou de roçar o cotovelo no meu peito sem querer. Será que ele sabe que era o meu peito? Foi de propósito? Por que ele não diz nada? Bem, que se dane, também não vou falar nada.*

Corremos oito quilômetros em quarenta e um minutos. Quando voltamos para a Peavey Patterson, ele tornou a acenar com a cabeça para mim, depois virou à esquerda, rumo ao banheiro dos executivos. Eu virei à direita, para o banheiro dos funcionários. Quando voltei para minha mesa, o cabelo preso de qualquer maneira num rabo de cavalo desmilinguido, havia um e-mail à minha espera. **Você corre rápido.**

32. Que, se não tomássemos cuidado, podíamos nos esquecer um do outro.

22

De: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>
Assunto: Olá
Data: 20 de maio 11h50
Para: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>

Pesquisador 101,

Desculpe por ter demorado tanto a responder. A situação não anda das melhores entre mim e meu marido, o que dificulta responder às perguntas. Ainda mais aquelas sobre como nos apaixonamos.

Tudo de bom,
Esposa 22

De: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>
Assunto: Re: Olá
Data: 20 de maio 11h53
Para: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>

Esposa 22,

Isso é inteiramente compreensível dadas as circunstâncias, embora eu deva lhe dizer que você é ótima em responder às perguntas. Parece que você se lembra de todos os detalhes, o que, pensando bem, pode ter alguma relação com o problema pelo qual você vem passando. Suas recordações do passado são muito vívidas. Quando li a sua resposta para a questão de número 31, quase senti que estava lá. Estou curioso. Você consegue viver o presente com o mesmo tipo de atenção aos detalhes?

Espero que a situação do seu marido no emprego tenha melhorado.

Cordialmente,
Pesquisador 101

De: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>
Assunto: Re: Olá
Data: 20 de maio 11h55
Para: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>

Pesquisador 101,

Não sei se melhorou, mas pelo menos agora passo menos tempo no mercado tentando escolher entre os sucos das marcas Minute Maid ou Tropicana. Agora me limito a pegar o Sunny Delight, que é mais barato. E não, não consigo viver o presente com o mesmo tipo de atenção aos detalhes. Mas quando o presente vira passado parece que eu não tenho problema em me ocupar dele obsessivamente. :)

Esposa 22

De: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>
Assunto: Re: Olá
Data: 20 de maio 11h57
Para: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>

Esposa 22,
Que tal Tang?
Pesquisador 101

De: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>
Assunto: Re: Olá
Data: 20 de maio 12h01
Para: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>

Pesquisador 101,
Sabe, não consigo evitar brincar de "e se". E se eu costumasse andar de bicicleta em vez de correr? E se William tivesse se casado com a Helena de Troia e não comigo?
Cordialmente,
Esposa 22

De: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>
Assunto: Re: Olá
Data: 21 de maio 13h42
Para: Esposa 22 <Esposa22@netherfieldcenter.org>

Esposa 22,
Por experiência própria: "e se" é um jogo perigoso.
Tudo de bom,
Pesquisador 101

23

Estou sentada num banco, telefone em punho, enquanto umas cem crianças correm ao meu redor. Estou tomando conta do recreio. Algumas das professoras odeiam tomar conta do recreio, dizem que é exaustivo e tedioso ao extremo, mas eu não me importo. Sou excelente em examinar rapidamente esse mar de crianças, interpretar a linguagem corporal delas, prestar atenção no tom agudo de suas vozes e alcançá-las segundos antes que comecem as ilegalidades dos puxões de cabelo, da troca de figurinhas do Pokémon ou do uso de brilho labial da Hello Kitty. Esse tipo de intuição pode ser tanto um dom quanto uma maldição, mas prefiro vê-lo como a primeira opção. Supervisionar o recreio é como dirigir. Na superfície estou hiperalerta, o que deixa o restante de mim livre para processar o que está acontecendo na minha vida.

Segui o conselho de Nedra e não contei a William que falei com Kelly Cho sem ele saber. Com isso, já são dois segredos que estou escondendo dele — o estudo sobre o casamento e o fato de eu ter assistido ao vídeo do grupo focal do Cialis. Fiquei, sim, meio histérica enquanto discutia com ele o orçamento doméstico e disse coisas como *você tem que se esforçar mais.* Ele alega estar sondando vagas em outras agências de publicidade locais, mas receio que seja em vão. As coisas vão mal em todo canto. Lojas estão fechando e orçamentos para publicidade estão encolhendo ou desaparecendo totalmente. Ele tem que se virar na KKM. Quanto ao grupo focal do Cialis, decidi que nunca mais vou a outro lançamento de produto da KKM.

E quanto ao *meu* trabalho? Tenho sorte de estar empregada. Quando terminar o ano letivo, vou falar com a Associação de Pais sobre a possibilidade de me colocarem em tempo integral. Se isso não acontecer, terei que procurar um trabalho que pague mais. Preciso gerar mais renda.

O sinal toca e as crianças começam a voltar correndo para dentro do prédio. Abro rapidamente o meu aplicativo Facebook.

Shonda Perkins > Alice Buckle
Definição de amigo: alguém com quem você fez uma refeição verdadeira no último ano.
há 43 minutos

Colégio John F. Kennedy
Sugere que você limite o tempo do seu filho diante da tela a uma hora por dia, incluindo torpedos, Twitter e Facebook. Excluindo pesquisas on-line para trabalhos escolares.
há 55 minutos

Vigilantes do Peso
Volte! Sentimos sua falta!
há 3 horas

William Buckle *adicionou Tone Loc e Mahler a suas preferências musicais*
há 4 horas

William Buckle *adicionou O franco-atirador, Dr. Fantástico ou Como aprendi a parar de me preocupar e amar a bomba e Campo dos sonhos a filmes favoritos*
há 4 horas

Tone Loc? Tone Loc de "Funky Cold Medina"? E o filme favorito de William é C*ampo dos sonhos*? Decididamente não estamos num campo de sonhos. Um campo de espinhos, talvez. William foi rebaixado por contar à empresa dele inteira quantas vezes por mês a gente faz sexo, e eu estou agindo escondido do meu marido, contando a um estranho que ele uma vez encostou o cotovelo no meu peito. Como a minha xará Alice, fui escorregando pela toca do coelho abaixo, cair, caindo, caí.

24

33. Desde que o assunto interesse a ele.

34. Eu estava transando com um cara chamado Eddie. Conheci-o na academia onde eu fazia natação. Eddie era instrutor de musculação. Era gentil e descomplicado. Tinha bochechas vermelhas e dentes perfeitos. Não era o meu tipo, mas tinha um corpo — ai, nossa. Minha relação com ele era puramente física e o sexo era incrível, mas eu sabia que nunca iria mais longe que isso. Claro que ainda não tinha contado isso a ele.

— Ei, Al, Allie!

Era sexta-feira à tarde e eu estava no balcão da Au Bon Pain pedindo um sanduíche de frango com salada e uma Coca Diet. Estava na fila havia quinze minutos. Tinha umas vinte pessoas atrás de mim.

— Licença, licença. Estou com ela.

Eddie foi chegando para a frente da fila.

— Oi, boneca.

Eu nunca tinha saído com um homem que me chamasse de boneca e devo confessar que gostava — até aquele momento. No quarto, aquilo fazia com que eu me sentisse pequenininha e com um jeito de Bonnie e Clyde, mas ali na Au Bon Pain soou ordinário.

Ele me deu um beijo no rosto.

— Cara, isso aqui está lotado.

Ele estava com uma bandana azul amarrada na cabeça, à la Rambo. Eu tinha visto essa bandana na sala de musculação, que era, na minha opinião, o lugar de uma bandana surrada como aquela. A gente ainda não tinha saído em público. Normalmente, eu ia ao apartamento dele, ou ele ia ao meu; como eu disse, nossa relação era mesmo apenas sexual. Mas então lá estávamos nós na Au Bon Pain e ele parecia o Sylvester Stallone e eu estava mortificada.

— Não está com calor? — falei, olhando acintosamente para a testa dele tentando telegrafar em silêncio *Você está em Cambridge, não no North End, tire essa coisa ridícula.*

— É, *está* mesmo meio quente aqui — disse ele, tirando a jaqueta jeans e revelando uma camiseta regata. Ele inclinou-se para a frente, flexionando os deltoides, e botou uma nota de vinte no balcão. — Me vê mais um sanduíche de frango desses — disse e virou-se para mim. — Pensei em fazer uma surpresa para você.

— Bem, você conseguiu! Quer dizer, me surpreendeu. Hum, acho que aqui é proibido entrar de camiseta regata.

— Pensei em você me levar para conhecer o seu escritório depois do almoço, me apresentar ao pessoal. Para eu conhecer como é.

Eu sabia o que Eddie tinha em mente. Eu adentrando o hall abraçada com ele, de modo que as pessoas na Peavey Patterson o vissem e ficassem embasbacadas, perguntando quem é aquele cara deslumbrante com aquele corpo incrível (que foi exatamente a minha reação quando o vi na academia) e logo o chamando para

estrelar alguma grande campanha publicitária. Ele não estava completamente equivocado quanto ao seu potencial — era carismático e provavelmente poderia vender qualquer coisa, desde papel-toalha a lenços umedecidos ou ração de cachorro. Mas não de camiseta regata e bandana.

— Uau, que ótima ideia. Só que, poxa, por que você não me avisou? Hoje não é um bom dia. Estamos com um cliente importante na cidade. Aliás, eu nem deveria sair para almoçar. Deveria ter pedido alguma coisa no escritório. Todo mundo está comendo por lá mesmo.

— Alice! Alice, desculpe o nosso atraso — gritou uma mulher.

Agora Helen foi passando a frente da fila arrastando um William de expressão constrangida. Ele e eu estávamos correndo apenas meia hora antes. Tenho quase certeza de que Helen não sabia que a gente andava se exercitando junto. Nem que eu usava o protetor solar dele. Nem que depois de tomar uma ducha eu continuava com o cheiro do produto.

— Aqui não pode guardar lugar! — gritou alguém.

— Aquelas pessoas furaram a fila — gritou outra pessoa.

— A gente está com ela — disse Helen. — Desculpe — sussurrou ela para mim. — A fila estava imensa. Você não se importa, não é? Ooi! — Ela abriu um sorriso de orelha a orelha ao ver Eddie. Seus olhos se demoraram na bandana. — Quem é o seu amigo, Alice?

— Esse é o Eddie — falei, com um súbito sentimento protetor ao perceber que tentava me pegar desprevenida. — Eddie, esses são Helen e William.

— Namorado — disse Eddie para corrigir Helen, se chegando para apertar a mão dela. — Sou o namorado dela.

— É mesmo? — perguntou Helen.

— É mesmo? — ecoou William.

— Mesmo — falei, ficando irritada.

Será que ele simplesmente tinha presumido que eu fosse solteira? Por que eu não deveria ter namorado e por que ele não deveria parecer o Sr. Olimpo?

— Ei, boneca? — disse Eddie. E me deu um beijo no pescoço.

William ergueu as sobrancelhas. Seu queixo caiu um tantinho. Será que ele estava com *ciúme?*

— Seu protetor solar tem cheiro de coco. Gostoso — disse Eddie.

Helen virou-se para William:

— Pensei que viesse de *você.*

25

De: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>
Assunto: Casamentóscopo?
Data: 25 de maio 7h21
Para: Pesquisador101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>

Pesquisador 101,

Estou curiosa. Como você faz para interpretar as minhas respostas? Existe algum tipo de programa de computador que você alimenta com dados e que a partir disso compila um perfil? Um tipo? Mais ou menos como um horóscopo? Um casamentóscopo?

E por que você simplesmente não me manda todas as perguntas de uma vez? Não seria mais fácil?

Esposa 22

De: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>
Assunto: Re: Casamentóscopo?
Data: 25 de maio 7h45
Para: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>

Esposa 22,

É muito mais complicado que um horóscopo, na verdade. Sabe aqueles serviços de streaming de músicas? Em que você insere uma música de que você gosta e aí ele cria uma emissora de rádio só para você, baseada nos atributos da música? Bem, a forma como interpretamos, codificamos e atribuímos valor às suas respostas é muito semelhante. Nós desmontamos as suas respostas, coletando os pontos de carga emocional. Para algumas das suas respostas mais longas, talvez haja uns cinquenta pontos a considerar e rastrear. Para as mais curtas, talvez cinco.

Gosto de considerar que desenvolvemos um algoritmo do coração.

Quanto à sua segunda indagação, descobrimos que existe uma confiança entre entrevistado e pesquisador que vai aumentando com o passar do tempo. Por isso dividimos as perguntas em partes. Existe alguma coisa no aumento da expectativa que é benéfica para ambos os lados.

Esperar é uma arte em extinção. O mundo agora anda numa velocidade de fração de segundos, e eu, por acaso, acho isso uma pena, pois parece que perdemos os prazeres mais profundos de partir e voltar.

Com carinho,

Pesquisador 101

De: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>

Assunto: Re: Casamentóscopo
Data: 25 de maio 9h22
Para: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>

Caro Pesquisador 101,

Os prazeres mais profundos de partir e voltar. Ora, você parece um poeta, Pesquisador 101. Eu me sinto assim às vezes. Como uma astronauta procurando um jeito de voltar ao mundo material só para descobrir que o mundo material deixou de existir enquanto eu flutuava no espaço. Desconfio que isso tenha algo a ver com o envelhecimento. Tenho menos acesso à gravidade e passo a maior parte dos meus dias flutuando, solta.

Antigamente, toda noite ficávamos meu marido e eu na cama, antes de dormir, informando um ao outro ao vivo o que iríamos postar no Facebook.

Alice teve um dia péssimo. William acha que amanhã vai melhorar.

Devo dizer que sinto saudade disso.

Esposa 22

26

O sétimo ano vai acampar no Yosemite. O que quer dizer que eu também vou acampar — viva! Pelo menos eu bem pareço que estou indo acampar, dados todos os preparativos que tenho que fazer para ajudar Peter.

— Vocês têm utensílios de cozinha? — pergunto a ele.

— Não, mas temos pratos descartáveis.

— Quantas refeições? — Começo a contar nos dedos. — Jantar, café da manhã, almoço, jantar, café da manhã. Os pratos são biodegradáveis, certo?

A escola de Peter leva a ecologia muito, muito a sério. Plástico é proibido. Guardanapos de pano são incentivados. Na semana do espírito escolar a Associação de Pais vende marmitas bentô juntamente com canecas e moletons.

Peter dá de ombros.

— Provavelmente vou arranjar alguma droga.

Faço mentalmente um cálculo rápido. Percorrer dezenove quilômetros de carro até a loja REI de artigos esportivos e de camping para comprar um kit de utensílios de cozinha no Spare the Air Day, o dia em que eu deveria usar transporte solidário ou, no mínimo, pegar o ônibus. Chegar à REI e descobrir que os únicos kits em estoque são feitos no Japão. Ir embora derrotada porque vou arranjar encrenca (com Zoe) se comprar um kit de utensílios que precisou viajar quase cinco mil quilômetros para chegar a Oakland. Vão ser pratos de papel.

— Se alguém perguntar, diga que o custo carbono de arranjar um novo kit de utensílios pesa muito mais que usar cinco pratos descartáveis da sua mãe, comprados em 1998, na época em que os gases estufa provinham do excesso de repolho no almoço dos jardineiros.

— Gorro preto ou verde? — pergunta Peter. Ele pega o verde. — Verde. E você se lembrou de comprar os lencinhos umedecidos? Quero ter um plano B para o caso de os chuveiros serem nojentos. Espero que me deixem dividir uma barraca com a Briana. Dissemos ao Sr. Solberg que éramos, tipo, completamente platônicos, somos melhores amigos desde o quarto ano, e por que não barracas mistas? Ele disse que o assunto está sendo considerado.

— *Sendo considerado* significa "não, mas vou esperar até o último minuto para lhe comunicar minha decisão" — falo.

Peter geme.

— E se me colocarem com o Eric Haber?

Peter não para de falar no Eric Haber. Como ele é idiota. Como faz barulho quando mastiga, como é ruim de conversa.

— Então ofereça a ele o gorro preto — digo.

Desconfio que Peter seja apaixonado por Eric mas tenha medo de admitir. Ando lendo obras com temática LGBT, segundo as quais a minha função é ter a cabeça aberta e esperar até meu filho estar pronto para se declarar. Forçá-lo a fazer essa revelação antes de estar pronto só vai assustá-lo. Se ao menos eu pudesse sair do armário por ele… Já visualizei essa cena muitas vezes na minha cabeça. *Peter, tenho uma coisa para lhe contar que talvez vá surpreendê-lo. Você é gay. Talvez bissexual, mas estou quase certa de que é gay.* E aí choraríamos aliviados e assistiríamos a uma maratona de *Bonanza,* coisa que já fazemos, mas que seria diferente agora que teríamos dividido o peso do segredo dele. Em vez disso, tento transmitir sutilmente a minha aprovação por sua iminente opção de vida.

— Eric parece um garoto legal. Que tal você convidá-lo para vir brincar com você aqui em casa?

— Quer parar de dizer coisas do tipo "garoto legal" e "brincar aqui em casa"?

— Ora, e como vou chamar isso? Quando seus amigos vêm aqui em casa?

— Vir aqui em casa.

— Era assim que a gente falava nos anos 1970! Tudo bem, faz mais de trinta anos, e as coisas eram diferentes na época, mas o que não tem diferença é a difícil vida de um adolescente no colégio. Corpos em mutação. Identidades em mutação. Um dia você acha que é uma pessoa. No dia seguinte, é outra. Mas não se preocupe, é tudo normal. Tudo faz parte da…

Os olhos de Peter vagueiam até pousar na minha cabeça.

— Que luzes laranja são essas?

Pego uma mecha de cabelo.

— É o que acontece quando a cor desbota. Está laranja mesmo?

— Mais para um tom ferrugem.

* * *

Na manhã seguinte, deixo Peter e Zoe na escola e, quando estou indo para o trabalho, vejo o travesseiro de Peter no banco traseiro. Vou chegar incrivelmente atrasada, mas vai ser muito desconfortável para Peter dormir no chão sem o travesseiro. Volto correndo à escola dele e chego bem a tempo. O ônibus que vai levar os alunos do sétimo ano para o Yosemite ainda está no estacionamento, motor ligado.

Subo no ônibus, o travesseiro embaixo do braço. Leva um tempo até alguém reparar em mim ali parada, enquanto examino freneticamente a turma, empolgada com a oportunidade de espionar meu filho em seu hábitat natural.

Vejo-o no meio do ônibus, sentado ao lado de Briana, o braço passado em volta da menina, e ela com a cabeça encostada no ombro dele. É uma cena surpreendente por algumas razões. Primeiro, é a primeira vez que vejo meu filho em algum tipo de posição que demonstre intimidade, e ele parece perturbadoramente natural e perturbadoramente maduro. E segundo, porque eu sei que ele está fingindo. Está tentando se passar por hétero, o que me parte o coração.

— Pedro, sua mãe está aqui.

As palavras mais humilhantes já sussurradas num ônibus. Poderia haver algo pior que isso?

— Pedro esqueceu o ursinho de pelúcia dele — canta alguém nos fundos do ônibus.

É, poderia haver sim.

— Eu entrego ao Peter — oferece a Srta. Ward, professora de inglês dele, sentada a algumas fileiras de onde estou.

Agarro com força o travesseiro, mortificada.

— Não tem problema. Pode me dar — diz ela.

Entrego-lhe o travesseiro, mas continuo paralisada. Não consigo parar de olhar para Briana. Sei que eu não deveria me sentir ameaçada, mas me sinto. Ano passado, ela foi de garota desengonçada com aparelho nos dentes para bela jovem em calça jeans skinny e camisetinha. Será que William tinha razão? Tenho tanto medo de perder Peter que vejo uma menina de doze anos como concorrente?

— É melhor a senhora ir agora, Sra. Buckle — diz a Srta. Ward.

Sim, é melhor, antes que *Pedro, sua mãe está aqui* vire *Pedro, sua mãe está chorando porque não aguenta passar vinte e quatro horas longe de você.* Peter está afundado no banco, de braços cruzados, olhando pela janela. Entro no carro e bato a cabeça de leve no volante enquanto o ônibus sai, depois ponho o meu CD da Susan Boyle (a faixa "Wild Horses", que faz com que eu me sinta valente e corajosa)

e ligo para Nedra.

— Peter tem uma namorada de fachada — exclamo.

— Uma namorada de fachada? Que bom para ele! É praticamente um rito de passagem. Quer dizer, se ele for gay.

Nedra, assim como William, ainda está em cima do muro a respeito da sexualidade de Peter.

— Então isso é normal? — pergunto.

— Com certeza não é *a*normal. Ele é jovem e está confuso.

— E humilhado. Acabo de fazê-lo passar a maior vergonha diante do sétimo ano inteiro. Eu ia pedir a ele para me ajudar a pintar o meu cabelo e agora ele está com ódio de mim e vou ter que pintar sozinha.

— Por que você não vai na Lisa?

— Estou tentando economizar.

— Alice, pare de fazer drama. As coisas vão mudar. A fachada tem nome?

— Briana.

— Cruzes, odeio esse nome. É tão…

— Americano, sim, eu sei. Mas ela é uma menina gentil. E muito bonita — acrescento, sentindo-me culpada. — Eles são amigos há anos.

— Ela sabe que é uma fachada?

Penso nos dois aninhados. Os olhos dela quase se fechando.

— Tenho minhas dúvidas.

— A não ser que ela seja lésbica, e ele também seja uma fachada. Talvez os dois tenham um tipo de acordo. Como Tom e Katie.

— Sim, como ToKat! — digo.

Odeio a ideia de que Briana esteja sendo enganada. É quase tão triste quanto Peter se fingir de hétero.

— Ninguém os chama de ToKat.

— KatTo? — Um instante de silêncio. — Nedra?

— Vou lhe dar outra assinatura da *People,* e, dessa vez, é melhor você começar a ler.

27

— Você é um amor por me deixar ficar na sua casa até eu me ajeitar — exclama Caroline Kilborn.

Estou parada na porta, sem conseguir disfarçar o choque. Eu esperava uma versão mais jovem de Bunny: lourinha bem-vestida e bem-penteada. Em vez disso, uma ruiva sardenta sem qualquer maquiagem ri para mim, o cabelo preso sem a menor paciência num rabo de cavalo. Ela está usando uma daquelas saias pretas justas e uma camiseta solta que mostra seus braços tonificados.

— Você não se lembra de mim, lembra? — diz ela. — Você disse que eu parecia uma boneca de pano.

— Disse?

— Disse, quando eu tinha dez anos.

Balanço a cabeça.

— Eu disse isso? Meu Deus, é muita falta de sensibilidade. Desculpe.

Ela dá de ombros.

— Não me incomodou. Era a sua estreia no Blue Hill. Aposto que você tinha outras coisas na cabeça.

— É verdade — digo, fazendo uma careta e tentando afastar a lembrança indesejada daquela noite.

Caroline sorri e balança nos calcanhares.

— Foi uma apresentação fantástica. Meus amigos e eu adoramos.

Os amigos dela, seus colegas de turma do terceiro ano fundamental.

— Você corre?

Ela aponta para meus tênis encardidos, jogados num vaso de planta que só contém terra, porque eu nunca me lembro de regar nada.

— Hum, sim — respondo, mas na verdade quero dizer que vinte anos atrás eu corria a sério mas que agora faço só uma corridinha moderada, tudo bem, eu caminho, tudo bem, eu ando até o meu computador e incluo isso nos meus dez mil passos diários.

— Eu também — diz ela.

Quinze minutos mais tarde, Caroline Kilborn e eu estamos saindo para correr.

Cinco minutos depois, Caroline Kilborn me pergunta se eu tenho asma.

Cinco segundos depois disso, digo a ela que esse chiado que estou fazendo se deve a alergias e ao fato de as acácias terem acabado de florir e que talvez ela deva seguir adiante sem mim pois não quero atrapalhar seus exercícios em seu primeiro dia na Califórnia.

Quando Caroline some de vista, torço o pé ao pisar numa pinha e caio num monte de folhas, rezando, *Por favor, não deixe que eu seja atropelada.*

Eu não precisava me preocupar. Não sou atropelada. O que acontece é muito pior — um carro para e um senhor amável pergunta se preciso de uma carona até em casa. Quer dizer, não tenho muita certeza do que ele pergunta, porque estou com os fones no ouvido e fazendo sinais desesperados para que ele siga em frente, daquele jeito que a gente faz quando está caída, dizendo coisas do tipo *Eu estou bem, estou bem,* quando é óbvio que isso não é verdade. Aceito a carona.

Quando chego em casa, ponho gelo no tornozelo e subo, mas antes passo no quarto de Zoe. Vejo sua última aquisição no brechó, uma crinolina dos anos 1950, jogada nas costas de uma cadeira, e me lembro das calças boca de sino listradas que eu usava no ensino médio e me pergunto por que não tinha coragem de me vestir como ela se veste, com peças únicas, que nenhuma outra garota do colégio tem, porque, para a minha filha, seguir as tendências é um pecado tão grave quanto usar as sacolas plásticas descartáveis do supermercado. Abro a porta do armário e, enquanto olho os tubinhos tamanho trinta e seis de Zoe, me pergunto o que está acontecendo na vida dela, por que ela não me conta nada, como pode ser tão segura aos quinze anos, isso não é normal, isso intimida — será que esse é o *meu* cardigã amarelo?

Tenho que ficar na ponta dos pés para alcançá-lo, e, quando finalmente o pego, cai uma caixa de cupcakes Hostess, outra dos Ding Dong e uma terceira caixa de Yodels, bem como três cardigãs cheios de bolinhas cheirando a cebola. Nunca se deve comprar suéteres vintage: o cheiro de cê-cê não sai nunca da lã — eu poderia ter avisado isso a Zoe se ela tivesse perguntado.

— Epa. — Caroline está parada na porta.

— A porta da Zoe estava aberta — explico.

— Claro — diz Caroline.

— Eu estava procurando o meu suéter — digo, tentando processar o fato de Zoe ter várias caixas de doces escondidas no armário.

— Deixe que eu a ajudo a botar isso no lugar.

Caroline se ajoelha ao lado das caixas, o cenho franzido.

— Zoe é perfeccionista? Muitas meninas da idade dela são. Será que ela guardou isso em ordem alfabética? Cupcakes, Ding Dongs, obviamente Yodels vão por último. Por via das dúvidas, não faz mal pôr em ordem alfabética.

— Ela tem um transtorno alimentar — exclamo. — Como não percebi isso?

— Ei — diz Caroline, calmamente empilhando as caixas. — Espere aí. Eu não tiraria essa conclusão de forma precipitada.

— Minha filha tem cem cupcakes no armário.

— Hum… isso foi um pouco de exagero.

— Quantos por caixa?

— Dez. Mas todas as caixas estão abertas. Vai ver que ela vende isso na escola — sugere Caroline. — Ou talvez ela simplesmente seja viciada em doces.

Imagino Zoe metendo Ding Dongs na boca à noite depois que vamos todos nos deitar. Pelo menos é melhor que meter o ding dong do Jude na boca à noite depois que vamos todos nos deitar. Sim, um horror, mas é o que eu penso.

— Você não entende. Zoe nunca comeria porcaria.

— Pelo menos não em público. Talvez você deva reparar se ela mostra outros sintomas de transtorno alimentar antes de dizer alguma coisa — sugere Caroline.

Houve uma época, não faz muito tempo, em que Zoe e eu passávamos todas as tardes de sexta-feira juntas. Eu a pegava na escola e a levava a algum lugar especial: a loja de artigos para bijuterias, a Colonial Donuts, a Macy's, para experimentar brilhos labiais. Meu coração se enchia de felicidade na hora em que ela entrava no carro. O que ainda acontece, só que agora tenho que disfarçar. Aprendi a fingir que não vejo quando ela fica com o olhar vazio de desinteresse ou revira os olhos. Quando a porta do seu quarto está fechada, eu bato antes de entrar, e tento não escutar dissimuladamente quando ela está conversando on-line. Ou seja: à parte essa transgressão do armário, em geral sou muito boa em deixá-la viver a própria vida — mas sinto muita falta dela. É claro que já ouvi as histórias de pais em guerra com filhos mais velhos. Só achei, como todos os pais petulantemente acham, que seríamos a exceção. Eu nunca a perderia.

— Acho que você tem razão — digo. — Vou dar uma pesquisada.

Faço uma careta. Meu tornozelo está latejando. Adquiriu uma coloração preta e azul.

— O que você fez com o seu tornozelo? — pergunta Caroline.

— Caí. Depois que você foi embora. Tropecei numa pinha.

— Ah, não! Botou gelo? — pergunta ela.

Confirmo com um aceno de cabeça.

— Quanto tempo?

— Não o suficiente, pelo visto.

Caroline se põe de pé num pulo e guarda as caixas no armário de Zoe. Com destreza, dobra os suéteres.

— Gap: o verão todo na escola — explica ela e os empilha na frente das caixas.

Entrego a ela o meu suéter amarelo. Caroline o pega sem dizer nada, acrescenta-o à pilha e fecha a porta do armário. Ela estende a mão.

— Pronto. Vamos pegar mais gelo.

28

35. Então tínhamos um segredo. Segundas, quartas e sextas, encontrávamo-nos em frente ao Charles Hotel na hora do almoço para correr. No escritório, era como se não nos exercitássemos juntos dia sim, dia não. Fingíamos não conhecer a forma das coxas um do outro, ou as cicatrizes nos joelhos e tornozelos ou a marca dos tênis um do outro, ou quem era pronador e quem era supinador, ou que tínhamos os dois marcas iguais de bronzeado, o que logo foi solucionado quando maio deu lugar a junho e ambos descascamos e nossos ombros ficaram cor de noz. Eu fingia que ele não tinha namorada. Fingia não conhecer o odor mineral do suor dele, fingia que não sabia exatamente como ele suava — sempre do mesmo jeito: uma linha lhe descendo pelas costas e na vertical pelo meio da clavícula. Eu fingia que não comprava shorts de corrida novos, e que os vestia em casa e ensaiava uma corrida na frente do espelho para garantir que não aparecesse nada indecoroso, e não mencionava que esfregava as pernas com óleo de bebê para deixá-las brilhando. Fingia não me preocupar obsessivamente com o cheiro que um parceiro de corrida deveria ter, assim como fingia não ter dúvidas quanto a usar ou não perfume, afinal optando por talco de bebê, o que com sorte passaria a mensagem: *Naturalmente tem um cheiro fresco e limpo de mulher, não de uma criança*. Ele fingia não notar quando minha respiração se transformava em gemidinhos quase inaudíveis quando acelerávamos para os quinhentos metros finais, o Charles Hotel à vista, e eu fingia não fantasiar que um dia ele pegaria a minha mão, subiria comigo para um quarto e me levaria para a cama.

36. Ter um segredo é o afrodisíaco mais poderoso do mundo e, por força de necessidade, exatamente o que falta no casamento.

29

De: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>
Assunto: Esperança
Data: 30 de maio 16h45
Para: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>

Cara Esposa 22,

Tomei a liberdade de codificar o seu último e-mail — os pontos de carga emocional: desejo, tristeza, nostalgia e esperança. A última emoção pode não ser óbvia para você, mas para mim não há dúvida. É esperança.

Eu provavelmente não deveria lhe dizer isto, no entanto o que acho mais simpático em você é sua imprevisibilidade. Justo quando penso que consegui entendê-la, você diz algo que me desorienta totalmente. Às vezes a correspondência entre entrevistado e pesquisador revela muito mais do que as respostas.

Você é uma romântica, Esposa 22. Eu não imaginava.

Pesquisador 101

De: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>
Assunto: Re: Esperança
Data: 30 de maio 21h28
Para: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>

Pesquisador 101,

Só um romântico pode reconhecer outro. Você existe de verdade?

Esposa 22

De: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>
Assunto: Re: Esperança
Data: 30 de maio 21h45
Para: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>

Esposa 22,

Eu lhe garanto que existo. Vou considerar sua pergunta um elogio e ir um pouco além, respondendo à sua próxima pergunta para você não precisar fazê-la — não, não sou um cidadão da terceira idade. Acredite ou não, existem homens da sua geração que são românticos. É comum nos disfarçarmos de rabugentos. Estou ansioso para receber suas próximas respostas.

Pesquisador 101

De: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>
Assunto: Re: Esperança
Data: 30 de maio 22h01
Para: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>

Tomei a liberdade de codificar o seu último e-mail. Os pontos de emoção tal como os vejo estão muito incensados, frutos de decepção, e a última emoção, que pode não lhe parecer óbvia, também é esperança. Pelo que você espera, Pesquisador 101?

Cordialmente,
Esposa 22

De: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>
Assunto: Re: Esperança
Data: 30 de maio 22h38
Para: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>

Esposa 22,

O que todo mundo espera, imagino — ser visto como realmente somos.

Pesquisador 101

30

alicebuckle@rocketmail.com
Barra de Favoritos (242)

nymag.com/news/features/A Ciência do Gaydar

A Ciência do Gaydar

Se a orientação sexual é biológica, será que as características que fazem a pessoa *parecer* gay são inatas também? Confira o novo estudo sobre indicadores biológicos, tudo desde o tom de voz até rodamoinhos de cabelos.

EXEMPLO 1: Rodamoinhos de cabelos (homens)

Os homens gays são mais propensos do que os héteros a ter uma espiral no sentido anti-horário.

alicebuckle@rocketmail.com
Barra de Favoritos (243)

somethingfishy.org/eatingdisorders/symptoms

1. Esconder comida em lugares estranhos (armários, estantes, malas, embaixo da cama) para evitar comer (anorexia) ou para comer posteriormente (bulimia).

2. Obsessão com exercício contínuo.

3. Idas frequentes ao banheiro logo após as refeições (às vezes deixando a água correr na pia por muito tempo para disfarçar o ruído do vômito).

4. Rituais de alimentação inusitados tais como rodar o alimento no prato para dar a impressão de ter sido comido; cortar o alimento em pedacinhos minúsculos; não deixar o garfo encostar nos lábios...

5. Queda de cabelo. Aspecto pálido ou "cinzento" da pele.

6. Queixas frequentes de frio.

7. Calosidades ou escoriações nos nós dos dedos; olhos injetados ou com sangramento; leves escoriações embaixo dos olhos e nas faces.

31

— Vegetariana ou carnívora hoje? — pergunto a Zoe, chegando à mesa — com uma travessa de frango assado com batatas.

— Carnívora.

— Ótimo. Peito ou coxa?

Zoe ergue as sobrancelhas, enojada.

— Eu disse carnívora, não canibal. *Peito ou coxa.* É exatamente por isso que as pessoas viram vegetarianas. Deveriam inventar palavras diferentes, para não ficar parecendo tão humano.

Suspiro.

— Carne branca ou escura?

— Isso foi racista — diz Peter.

— Nenhuma das duas — diz Zoe. — Mudei de ideia.

Ponho a travessa de frango na mesa.

— Tudo bem, Senhores Politicamente Corretos. Como devo chamar essas partes?

— Que tal seca ou um pouquinho menos seca? — sugere Peter, cutucando a comida.

— Para mim parece delicioso — diz Caroline.

Zoe dá de ombros e empurra seu prato.

— Está com frio? Querida, você parece com frio — digo.

— Não estou com frio.

— Então *o que* você pretende comer, Zoe? — pergunto. — Já que recusou o peito de frango?

— Salada — diz Zoe. — E batatas assadas.

— Batat*a* assada — diz Peter, enquanto Zoe põe uma minúscula batata vermelha no prato. — Acho que os setecentos e cinquenta abdominais diários estão acabando com o seu apetite, hein?

— Setecentos e cinquenta abdominais por dia? — exclamo.

Minha menina tem um transtorno alimentar E um transtorno compulsivo por

atividade física!

Quisera eu ter o transtorno compulsivo por atividade física.

— Não me espanta que tenham dado a você o nome de pênis — diz Zoe a Peter.

— Caroline, é incrível como você se parece com o seu pai — exclama William, tentando mudar de assunto.

William está com seu uniforme de fim de semana: calça jeans e uma camiseta desbotada da Universidade de Massachusetts. Embora tenha estudado em Yale, nem morto faria propaganda disso. Essa é uma das coisas que sempre adorei nele. Isso e o fato de usar uma camiseta da *minha* alma mater.

— Ela parece a Maureen O'Hara — diz Peter.

— Como se você soubesse quem é Maureen O'Hara — rebate Zoe.

— Como se *você* soubesse. E o meu nome é Pedro. Por que você não me chama de Pedro? Ela fez *Rio Grande* com o John Wayne — diz Peter. — Eu *sei* quem é Maureen O'Hara.

Zoe arrasta a cadeira para trás e se levanta.

— Aonde você vai? — pergunto.

— Ao banheiro.

— O quê? Não dá para esperar até a gente acabar de comer?

— Não, não dá — responde Zoe. — Você está me deixando constrangida.

— Tudo bem, vá.

Dou uma olhada no relógio: sete e trinta e um. É melhor ela não passar mais de cinco minutos lá dentro.

Levanto-me e fico atrás de Peter.

— Ei, rapazinho, quando foi a última vez que fizeram revista atrás de piolhos na sua escola?

Tento dizer isso com a maior naturalidade possível, como se a possibilidade de uma infestação de piolhos tivesse acabado de me ocorrer.

— Sei lá. Acho que fazem isso todo mês.

— É pouco.

Afasto seu cabelo das têmporas.

— Por favor, me diga que você não está examinando a cabeça do menino em busca de piolhos bem na hora do jantar — resmunga William.

— Eu não estou catando piolho. — O que é verdade. Só estou fingindo catar piolho.

— Isso é gostoso — diz Peter, encostando a cabeça em mim. — Adoro quando coçam a minha cabeça.

Agora: o tal redemoinho gay *revelador* é no sentido horário ou anti-horário? A campainha toca. Droga. Não me lembro.

Tiro as mãos da cabeça de Peter.

— Alguém está ouvindo barulho de água correndo?

Peter começa a se coçar.

— Eu realmente acho que você deveria procurar mais.

A campainha torna a tocar. Sim, definitivamente é barulho de água correndo no banheiro. Há um bom tempo. Será que ela está vomitando lá?

— Eu atendo.

Passo pelo banheiro o mais devagar possível, tentando ouvir os sinais *reveladores* de vômito — nada. Chego ao hall e abro a porta.

— Oi — diz Jude, nervosamente. — Zoe está aí?

O que ele está fazendo aqui? Pensei que eu tivesse superado isso, mas agora, vendo-o ali parado à minha porta, percebo que não. Continuo furiosa com ele. Será que é por causa *dele* que a minha filha tem um transtorno alimentar? Será que ele a levou a isso? Olho para ele, esse rapaz que traiu a minha filha, tão bonito, um metro e oitenta e cinco, barriga lisinha, recendendo a sabonete Irish Spring. Eu me lembro de ler para ele *Heather has two mommies* na cozinha de Nedra, quando ele estava no segundo ano. Eu tinha medo de que ele me perguntasse sobre o pai, sobre quem eu nada sabia exceto o número de doador de esperma — cento e vinte e oito. Nedra e Kate só se conheceram quando Jude tinha três anos.

Quando terminamos de ler o livro, ele disse:

— Tenho muita sorte, quer saber por quê?

— Claro — respondi.

— Por que se as minhas mães se separassem e depois se apaixonassem por outras pessoas, eu teria quatro mães!

— Zoe não está — digo.

— Está sim — diz Zoe, vindo até a porta.

— Estamos jantando — digo.

— Já acabei — diz Zoe.

— Querida, seus olhos estão vermelhos.

— Então vou pingar Visine. — Ela se vira para Jude. — O quê?

Algo particular e mudo acontece entre eles.

— Amanhã tem aula. Você ainda nem começou o seu dever de casa — digo.

Quando Zoe estava no quinto ano e finalmente tivemos a conversa sobre puberdade e menstruação, ela reagiu bem, não ficou nada apavorada nem com nojo. Alguns dias depois, ao chegar da escola, ela disse que tinha um plano. Quando ficasse menstruada, simplesmente levaria os pontões na mochila.

Tive que me segurar para não cair na gargalhada (ou dizer que ela tinha entendido errado, aquilo se chamava tompões, quer dizer tampões), porque sabia que rir diante de sua independência acabaria com ela. Em vez disso, fiz aquela cara de paisagem que toda mãe aprende a fazer. A cara de paisagem que toda mãe depois passa para a filha, que por sua vez depois dá meia-volta e brande essa cara como uma arma contra ela.

Zoe me lança um olhar fulminante.

— Meia hora — digo a eles.

Meu laptop apita quando passo pelo meu escritório, então dou uma checada rápida no Facebook.

Julie Staggs
Marcy está achando difícil ficar na sua cama de menina grande!
há 52 minutos

Shonda Perkins
Por favor, por favor, por favor. Não faça isso comigo. Você sabe quem você é.
há 2 horas

Julie dá aula na Kentwood, e Shonda é uma das Abelhas Abelhudas. Escuto um barulho de vidro se espatifando na cozinha.

— Alice! — grita William.

— Estou aqui — berro.

Sento-me e escrevo duas mensagens rápidas.

Alice Buckle > Julie Staggs
Não desista. Que tal tentar adormecer com ela nas primeiras noites?
Ela vai acabar se acostumando!
há 1 minuto

Alice Buckle > Shonda Perkins
Egg Shop. Almoço amanhã. Por minha conta. Quero ouvir TUDO!
há 1 minuto

Então volto correndo para a mesa de jantar, onde, pela meia hora seguinte, me

ponho a dizer as mesmas banalidades (*Não desista, quero ouvir tudo!*). Será que todo mundo está vivendo uma vida dupla assim?

32

De: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>
Assunto: Mexendo em muita coisa
Data: 1º de junho 5h52
Para: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>

Caro Pesquisador 101,

Acho que essas perguntas sobre o meu namoro com William mexem com muita coisa. Por um lado, é como assistir a um filme. Quem são esses atores fazendo o papel de Alice e William? Para você ter ideia de como me parecem estranhas essas versões mais jovens de nós. Por outro lado, consigo recordar o passado e criar cenas muito detalhadas. Consigo lembrar exatamente o que eu sentia quando fantasiava dormir com ele. Que delícia a expectativa.

Quanto ao assunto de não esconder, devo lhe dizer que é intenso ter alguém me fazendo perguntas tão íntimas — ser ouvida com tanta atenção —, ter minha opinião e meus sentimentos valorizados e levados em conta. Estou constantemente surpresa com a minha disposição de lhe revelar informações tão pessoais.

Esposa 22

De: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>
Assunto: Re: Mexendo em muita coisa
Data: 1º de junho 6h01
Para: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>

Cara Esposa 22,

Já ouvi coisas semelhantes de outros participantes, mas devo reiterar que é exatamente porque somos estranhos que você consegue confiar em mim com tanta facilidade.

Tudo de bom,

Pesquisador 101

33

Estou atrasada, como sempre. Abro a porta da Egg Shop e dou de cara com o reconfortante cheirinho de panqueca, bacon e café. Procuro Shonda. Ela está sentada ao fundo, mas não sozinha. Todas as Abelhas Abelhudas estão ali na mesa. São elas: Shonda, uma cinquentona divorciada, sem filhos, que gerencia o balcão da Lancôme na Macy's; Tita, que já deve estar na faixa dos setenta, casada, avó de oito, enfermeira aposentada de oncologia; e Pat, a mais jovem de nós, dois filhos, dona de casa, e, a julgar pelo tamanho da barriga, o terceiro deve chegar a qualquer momento. Elas me acenam alegremente e fico com lágrimas nos olhos. Embora eu não as veja faz tempo, as Abelhas Abelhudas são a minha turma, minhas colegas órfãs de mãe.

— Não fique com raiva! — grita Shonda enquanto vou me espremendo por entre as mesas.

Abaixo-me para abraçá-la.

— Você me deixou preocupada.

— Estávamos com saudade. Era a única maneira de chamar a sua atenção — diz Shonda.

— Desculpem-me — digo. — Eu também estava com saudade de vocês, mas está tudo bem, de verdade.

Elas todas me olham com rostos franzidos, cheios de compaixão.

— Parem com isso. Não me olhem assim. Droga.

— A gente queria ter certeza de que você estava bem — diz Pat.

— Caramba, Pat, olha só! Você está linda! — exclamo.

— Vai, toca, pode tocar; todo mundo faz isso.

Ponho as mãos na barriga dela.

— Localização é tudo — sussurro. — Oi, bebê. Você não sabe como escolheu bem.

Shonda me puxa para sentar ao lado dela.

— Então quando você faz quarenta e cinco? — pergunta ela.

Todas as Abelhas Abelhudas, salvo eu, já passaram da idade que suas mães

tinham quando faleceram. Sou a última. Obviamente elas não têm intenção de deixar passar o meu ano crítico sem marcá-lo de alguma maneira.

— Quatro de setembro. — Olho a mesa. — Por que tanto suco de tomate? — Cada uma tem um copo.

— Prove um pouquinho — diz Tita, deslizando o copo pela mesa. — E eu trouxe lumpia para você. Não me deixe esquecer de lhe dar.

Lumpia é a versão filipina de rolinhos primavera. Eu adoro. Sempre que encontro Tita, ela me traz meia dúzia.

Dou um gole e tusso. Está cheio de vodca.

— Não é nem meio-dia!

— Meio-dia e trinta e cinco, na verdade — diz Shonda, mostrando rapidamente uma garrafa de bolso. Ela chama a garçonete e levanta o copo. — Ela vai querer um desses.

— Não vai não. Ela tem que voltar para o trabalho daqui a uma hora — protesto.

— Mais um motivo — diz Shonda.

— A minha é virgem — diz Pat.

— Então — diz Tita.

— Então — repito eu.

— Então estamos todas aqui porque queríamos preparar você para o que pode vir pela frente — diz Tita.

— Eu sei o que vem pela frente e é tarde demais para mim. Não vou usar biquíni este verão. Nem no próximo. Nem daqui a dois verões — digo.

— Alice, é sério — repreende-me Shonda.

— Eu fiquei meio surtada no ano em que completei a idade que a minha mãe tinha quando morreu — diz Pat. — Fiquei muito deprimida. Passei semanas sem conseguir sair da cama. Minha cunhada teve que ir lá para casa ajudar a cuidar das crianças.

— Não estou deprimida — informo.

— Bom, que ótimo — diz Pat.

— Eu saí da Lancôme — diz Shonda. — E agora sou representante de vendas dos produtos do Dr. Hauschka. Dá para imaginar isso? Eu vendendo produtos holísticos para a pele? O principal alvo que me designaram foi o mercado Whole Foods. Já tentaram conseguir uma vaga para estacionar lá depois das nove da manhã? Impossível.

— Eu não vou largar o meu emprego — digo. — E mesmo que eu quisesse, não posso, porque William acabou de ser rebaixado.

As Abelhas Abelhudas trocam olhares preocupados de eu-não-falei?

— Está tudo bem. Ele está tentando se encontrar. Crise da meia-idade — explico.

— Alice — diz Tita —, a questão é que você pode começar a agir de forma estranha. Fazer coisas que normalmente não faria. Isso lhe soa familiar? Algo desse tipo está acontecendo com você?

— Não — respondo. — Está tudo normal. Tudo ótimo. A não ser pelo fato de que Zoe tem transtorno alimentar. E que Peter é gay embora ainda não saiba. E que eu estou participando de um estudo secreto sobre satisfação conjugal.

O que as Abelhas Abelhudas sabem, o que é tácito entre nós, o que não precisa ser explicado nem dito, é que ninguém jamais vai nos amar como nossas mães nos amaram. Sim, somos e seremos amadas, por nossos pais, amigos, irmãos, tios e avós e cônjuges — e nossos filhos, se optamos por tê-los —, mas nunca experimentaremos aquele tipo de amor materno incondicional, do tipo "nada que você fizer vai me afastar de você".

Sempre tentamos fornecer esse amor umas às outras. E quando não conseguíamos, oferecíamos o ombro para apoio, as mãos para segurar e ouvidos para escutar desabafos. E quando não conseguíamos, havia lumpia e amostras de rímel à prova d'água, links para artigos e, sim, suco de tomate batizado com vodca.

Mas, principalmente, existia o alívio decorrente do fato de ninguém precisar fingir que tinha se recuperado. O mundo queria que seguíssemos em frente. O mundo *precisava* que seguíssemos em frente. No entanto as Abelhas Abelhudas entendiam que a trilha sonora da nossa perda estava sempre tocando ao fundo. Às vezes sem som, e às vezes a todo volume, de forma ensurdecedora.

— Comece do começo, querida, e nos conte tudo — diz Tita.

34

37. E então, certo dia, quando estávamos em frente ao Charles Hotel, ele desconectou os meus fones de ouvido do meu walkman e botou-os no walkman dele, e, pela primeira vez, pareceu que estávamos tendo uma conversa de verdade. Foi mais ou menos assim:

Música 1: De La Soul, "Ha-Ha Hey": Sou um cara branco que gosta de hip-hop diluído. Às vezes, se eu tiver bebido o suficiente, eu danço.

Música 2: Til Tuesday, "Voices Carry": Seria melhor se a gente não falasse com ninguém sobre essas nossas corridas no horário de almoço.

Música 3: Nena, "99 Luftballoons": Fui punk durante três semanas aos treze anos. Está impressionada?

Música 4: The Police, "Don't Stand So Close To Me": Fique perto de mim.

Música 5: Fine Young Cannibals, "Good Things": Você.

Música 6: Men Without Hats, "The Safety Dance": Acabou.

Música 7: The Knack, "My Sharona": You make my motor run, my motor run... Você faz o meu motor funcionar. Meu motor funcionar.

Música 8: Journey, "Faithfully": Fielmente, um advérbio que já não me descreve.

35

De: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>
Assunto: Amigos
Data: 4 de junho 4h31
Para: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>

Acho que está na hora de ficarmos amigos. O que acha de usar o Facebook? Estou sempre on-line no Facebook, adoro o imediatismo que ele proporciona. Não seria bom conversar? Se cada um de nós criar um perfil novo e adicionar como amigo somente um ao outro, podemos conservar o anonimato. O único problema é que temos que usar um nome de verdade, então criei um perfil com o nome de Lúcia Pevensie. Conhece a Lúcia Pevensie de *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa?* A menina que caiu guarda-roupa abaixo e se viu em Nárnia? Como meus filhos sempre me acusam de estar perdida em outro mundo quando navego na internet, faz certo — e estranho — sentido. O que acha?

Tudo de bom,
Esposa 22

De: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>
Assunto: Re: Amigos
Data: 4 de junho 6h22
Para: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>

Cara Esposa 22,

Não tenho por hábito me comunicar com entrevistados via Facebook devido aos problemas óbvios de privacidade, mas parece que você encontrou uma forma de contornar isso. Devo dizer, para que fique registrado, que não gosto do Facebook e não tenho o hábito de "bater papo". Acho que a comunicação em arrancos curtos desgasta e distrai. Assim como deve achar a adolescente que hoje, segundo a NPR, caiu num bueiro sem tampa enquanto digitava uma mensagem de texto. O Facebook é outro tipo de buraco — uma toca de coelho, na minha opinião, mas vou verificar se é possível usá-lo e então volto a falar com você.

Cordialmente,
Pesquisador 101

De: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>
Assunto: Re: Amigos
Data: 4 de junho 6h26
Para: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>

O que há de errado com tocas de coelhos? Alguns de nós temos grande queda por elas. Chagall acreditava que um quadro era como uma janela através da qual uma pessoa podia voar para outro mundo. Isso é mais do seu gosto?

Esposa 22

De: Pesquisador 101 <pesquisador101@netherfieldcenter.org>
Assunto: Amigos
Data: 4 de junho 6h27
Para: Esposa 22 <esposa22@netherfieldcenter.org>

Ora, é, sim. Como você soube?

Pesquisador 101

36

— Então, o que você quer fazer? — pergunto.

— Não sei. O que você quer fazer? — diz William. — Está pronta para o jantar? O que devemos levar?

— Cordeiro. Nedra me mandou a receita por e-mail. Já está marinando desde ontem à noite. Tenho que ir na Home Depot. Quero comprar erva-cidreira e verbena e aquela outra erva de limão, como se chama? Aquela da Tailândia.

— Capim-limão. Por que tanta erva com cheiro de limão? — pergunta ele.

— Limão é um diurético natural.

— Eu não sabia.

— Não?

Nossa conversa é cheia de cuidados e polidez, como estranhos conversando numa festa. *Como você conhece o aniversariante? E você, como* você *conhece o aniversariante? Adoro cães da raça corgi. Eu também adoro corgis!* Sei que parte dessa distância se deve ao fato de ele manter a debacle do Cialis em segredo. E ao meu segredo quanto ao fato de eu saber o segredo dele. Obviamente tem também a questão de eu estar enviando e-mails para estranhos, contando detalhes íntimos do nosso casamento (assim como aparentemente William vem da mesma forma contando a estranhos detalhes íntimos do nosso casamento). Mas não posso pôr a culpa de tudo no estudo ou no rebaixamento de William. A distância entre nós vem aumentando há anos. Nosso principal meio de comunicação nos dias úteis são as mensagens de texto, e quase sempre temos a mesma conversa:

Q hrs vc chega?

Sete.

Frango ou peixe?

Frango.

É sábado. Caroline está aqui, mas as crianças vão passar o dia fora — um acontecimento raro na nossa casa. Estou tentando não me apavorar, mas estou apavorada. Na ausência deles, o dia parece desestruturado. Normalmente levo Peter às aulas de piano e ao futebol e William leva Zoe aos jogos de vôlei ou à Goodwill

(onde ela compra quase todas as suas roupas). Tento não pensar no fato de que agimos muito como colegas de quarto, e, em geral, ser colega de quarto é bom, meio solitário mas confortável. No entanto, passar um dia só nós dois significa deixar os nossos papéis de pais e voltar aos de marido e mulher, o que faz com que eu me sinta pressionada. Mais ou menos como o Cialis sem o Cialis.

Eu lembro que quando as crianças eram pequenas, uma conhecida me confidenciou como ela e o marido estavam desolados com a partida do filho para estudar em outra cidade. Sem refletir, eu disse a ela: "Ora, a questão não é essa. Ele se lançou no mundo. Vocês não deveriam estar felizes?!" Cheguei em casa e contei isso a William e nós dois ficamos desconcertados. Envolvidos como estávamos no dia a dia difícil dos pais jovens com filhos pequenos, ambos daríamos qualquer coisa para ter uma tarde só nossa. Estávamos ansiosos para que nossos filhos se tornassem independentes. Imagine a pessoa ser tão dependente dos filhos a ponto de se sentir perdida quando eles saem de casa, dissemos um ao outro. Dez anos depois, estou começando a entender.

— Os Barbedian vêm hoje à noite? — pergunta William.

— Acho que não. Eles não disseram que tinham ingressos para o jogo dos Giants?

— Que pena, eu gosto do Bobby — diz William.

— Quer dizer que não gosta da Linda?

William dá de ombros.

— Ela é *sua* amiga.

— Sua também — retruco, irritada por ele estar tentando jogar Linda para cima de mim.

Nedra e eu conhecemos Linda na época em que nossos filhos estavam na mesma pré-escola. Há anos nossas três famílias se reúnem para um jantar ou almoço informal por mês, em que cada um leva um prato. As crianças todas costumavam estar presentes, mas, conforme ficaram mais velhas, foram deixando de ir, e agora, em geral, só os adultos (e às vezes Peter) aparecem. Sem as crianças como proteção, a dinâmica do evento mudou, e com isso quero dizer que está ficando cada vez mais óbvio que não temos mais muito em comum com Linda. Embora todo mundo adore o Bobby.

William suspira.

— Olha, não se sinta na obrigação de ficar comigo enquanto faço as minhas coisas — digo. — A última coisa que você deve querer é ficar numa estufa de plantas comigo.

— Eu não me importo — diz William, parecendo irritado.

— É mesmo? Bom, tudo bem então. Será que devemos chamar Caroline para ir com a gente?

— Por que deveríamos chamar Caroline?

— Bem, eu só pensei… Bom, quem sabe, se você se entediasse, vocês dois podiam dar uma corrida em volta da Home Depot ou coisa assim.

Depois da minha corrida fracassada com Caroline, William começou a ir com ela. Foi um começo difícil. Ele estava fora de forma, e aquelas primeiras tentativas foram exaustivas. Mas agora eles estão fazendo oito quilômetros algumas vezes por semana e depois tomam os smoothies de espirulina que Caroline tentou me empurrar com promessas de menos resfriados e melhor funcionamento do intestino.

— Muito engraçado. Qual é o problema de irmos só nós dois? — pergunta William.

O problema de irmos "só nós dois" é que atualmente, quando estamos juntos, é como se fosse "só um de nós dois". Sou eu que puxo todas as conversas, que o ponho a par do que está acontecendo com as crianças e a casa e as finanças e que lhe pergunto sobre o que está acontecendo na vida dele. Ele raramente corresponde e nunca oferece voluntariamente qualquer informação pessoal.

— Nenhum problema; claro que não. É ótimo irmos só nós. Podemos fazer o que quisermos. Que divertido! — digo, adotando minha voz exageradamente otimista à la Mary Poppins/Truly Scrumptious.

Desejo uma vida mais rica com ele. Sei que isso é possível. Tem pessoas por aí, como Nedra e Kate, que estão vivendo vidas mais ricas. Casais cozinham moussaka juntos enquanto toca Oscar Peterson na rádio Pandora. Fazem compras em mercados de hortifrutigranjeiros. Claro que comprando muito devagar (a lentidão parece ser um elemento-chave para se viver uma vida mais rica), parando em todas as barracas, provando frutas, cheirando ervas, sabendo diferenciar a erva-cidreira do capim-limão, sentando num banco e comendo bolinhos veganos. Não estou dizendo rico financeiramente. Estou dizendo rico em termos de habilidade de sentir as coisas tal como elas acontecem, não viver pensando no que vai acontecer a seguir.

— Ei, Alice. — Caroline entra na cozinha brandindo um livro.

Até agora, Caroline não teve sorte em arranjar emprego. Foi a um monte de entrevistas (não faltam empresas novas de tecnologia na Grande São Francisco), no entanto recebeu poucas respostas. Sei que ela está ansiosa, mas eu lhe disse para não se preocupar, que ela poderia ficar conosco até ter um trabalho e poder arcar com o aluguel de um apartamento. Ter Caroline em nossa casa não é um peso. Além de

ótima companhia, ela é a hóspede mais prestativa que já tive. Realmente vou sentir saudade dela quando for embora.

— Olhe o que eu achei. *Creative Playmaking*. Criação teatral inovadora — diz ela numa voz cantada.

Ela me entrega o livro e eu deixo escapar um suspiro. Não vejo essa obra há anos.

— Esse livro era a minha bíblia — digo.

— Ainda é a da minha mãe. Bem, então vocês têm um fim de semana sozinhos. O que planejaram de divertido? Querem que eu *desapareça como num passe de mágica*? — ela movimenta as sobrancelhas olhando para nós.

Caroline usa muitos termos antiquados como *desaparecer como num passe de mágica* — acho uma graça. Desconfio que isso decorra do fato de ela ser filha de uma autora teatral e ter assistido a muitas interpretações de *Nossa cidade*. Suspiro e abro o livro aleatoriamente na página 25.

1. Tenha uma ideia antes de começar a escrever.

2. Tudo é material em potencial: o churrasco no quintal, uma ida ao mercado, um jantar. Os melhores personagens costumam ser criados a partir das pessoas com quem você convive.

Fecho o livro e aperto-o junto ao peito. Só de segurá-lo me encho de esperança.

— *Creative Playmaking*? *Isso* era sua bíblia? — pergunta William.

Não me surpreende que William não se lembre do livro e de quão importante era para mim (embora eu tenha passado uns cinco anos com um exemplar dele na minha mesa de cabeceira).

Envio mentalmente um torpedo para William. *Desculpe-me por ser idiota, seu idiota.*

Então digo a Caroline:

— Vamos sair para resolver umas coisinhas. Quer vir com a gente?

37

Jantar Marroquino NA Casa da Nedra

19h30: Cozinha da Nedra

Eu: Oi, Rachel! Cadê o Ross? Aqui está o cordeiro.
Nedra (*puxando o papel alumínio e franzindo o cenho):* Você seguiu a receita ao pé da letra?
Eu: Sim, mas com uma única variação maravilhosa!
Nedra: Variações maravilhosas nunca dão certo. Linda e Bobby conseguiram vir afinal.
Eu: Pensei que eles fossem ao jogo.
Nedra (*cheirando o carneiro e fazendo uma cara):* Eles não conseguiram resistir aos seus pratos tão bons quanto os de restaurantes. Cadê as crianças?
Eu: Peter veio. Zoe está em casa fazendo abdominais. Cadê o Jude?
Jude *(entrando na cozinha):* Jude queria estar em qualquer lugar menos aqui.
Nedra: Querido, você vai jantar com a gente? Alice, não seria legal se o Jude jantasse com a gente?
Eu: Seria. Sim, Nedra. Seria muito, muito legal.
Nedra: Está vendo, meu bem? Está vendo como você é querido? Por favor, diga que sim.
Jude (olhando para o chão)
Eu (olhando para o chão)
Nedra *(suspirando)***:** Vocês dois são umas crianças grandes. Querem fazer o favor de fazer as pazes?
Jude: Vou ao Fritz's jogar Pokémon.
Eu: Sério?

Jude: Não, claro que não. Vou para o meu quarto.
Nedra: Tchau, querido. Um dia desses vocês dois vão se gostar de novo. É meu último desejo em vida.
Eu: Precisa ser tão melodramática, Nedra?
Jude: Precisa. E você, precisa?
Nedra: O melodrama é o idioma de vocês dois.

19h40: Na sala

Nedra: Homens, aproximem-se. A hora das fantasias vai começar. Kate e eu trouxemos um fez da nossa última viagem ao Marrocos para cada um de vocês.
Peter (*sem conseguir disfarçar a expressão aflita):* Eu preferiria não vestir um fez, pois já estou de chapéu trilby.
Nedra: Sim, e é por isso que compramos um fez para você, para tirar essa droga desse trilby da sua cabeça.
Kate: Eu acho o trilby dele bonitinho.
William: Estou com Peter. Sendo mulher, você talvez não esteja familiarizada com os códigos de chapéus masculinos no século XXI.
Bobby: Isso mesmo, não é igual à década de 1950, quando se tirava o chapéu para jantar. No século XXI, a pessoa passa o jantar todo com o chapéu na cabeça.
Eu: Ou, se for o Pedro, o mês de junho todo.
William: E se você começa a noite com um chapéu, não troca por outro. Chapéu não é igual a cardigã.
Nedra: Coloque o fez, Pedro, ou vai ver só.
Eu: E a gente?
Nedra: Kate, Alice e Linda, não poupei vocês. Aqui estão os seus djellabas!
Eu: Maravilhoso! Uma roupa comprida e largona com mangas enormes que eu com certeza vou mergulhar sem querer no meu molho de menta.
Peter: Troco com você pelo meu fez.
Nedra *(suspirando):* Vocês precisam mesmo ser tão mal-agradecidos?

20h30: À mesa de jantar

Kate: Como foi em Salzburgo, Alice?
William: Você esteve em Salzburgo?
Nedra: Sim, comendo *palatschinken*. Aparentemente sem você.
Eu: Eu estive em Salzburgo no Facebook. Fiz o questionário "Férias dos seus Sonhos". Sempre quis ir a Salzburgo.
Bobby: Linda e eu estamos no Facebook. É uma maneira incrível de manter contato sem realmente manter contato. De que outra maneira eu saberia que vocês vão ao parque Joshua Tree esse fim de semana?
Linda: É um fim de semana feminino, Bobby. Não fique emburrado. Senhoras, vocês são bem-vindas.
Nedra: Vai ter tambores e queima de coisas?
Linda: Sim!
Nedra: Então não.
Linda: Ei, já contamos que estamos reformando a casa? Vamos redecorar o quarto principal. É a coisa mais maravilhosa. Vamos dividi-lo em dois quartos principais!
Eu: Por que vocês iriam querer dois quartos principais?
Linda: É a nova tendência. Chama-se suíte flex.
Kate: Então vocês vão dormir em quartos separados.
Peter: Vocês me dão licença? *Subtexto: Posso sair de fininho e ir para o seu escritório jogar* World of Warcraft *no seu computador, Nedra?*
Nedra: O quê? Você não quer conversar sobre os arranjos íntimos dos quartos dos seus pais e dos amigos dos seus pais? Com certeza, Pedro, pode ir!
Linda: Não é o máximo? Vai ser como se a gente estivesse namorando de novo! Na sua suíte ou na minha?
Nedra: E a espontaneidade? E aquela coisa de acordar no meio da noite e fazer um sexo selvagem meio dormindo?
Eu: É, eu também fiquei me perguntando isso, Linda! E o sexo meio dormindo?
William: Isso não se chama estupro?
Linda: Não tenho nenhum desejo de fazer sexo às duas da manhã. E todo mundo sabe que vai ficando muito mais difícil dividir uma cama conforme a gente vai envelhecendo. Bobby levanta três vezes por noite para fazer xixi.
Bobby: Linda acorda toda vez que eu mexo o dedo médio do pé.
Linda: Vamos dividir o banheiro, claro.
Eu: *Isso* é que seria legal ter dois.
Linda: As duas suítes vão reacender o mistério e a paixão no nosso casamento. Vocês

vão ver. Nossa, eu sinto tanta saudade do Daniel! É a coisa mais ridícula. Eu antes mal podia esperar para ele sair de casa e agora mal posso esperar para ele voltar.
William: Será que eu mencionei que umas semanas atrás o cachorro urinou no meu travesseiro?
Kate: Eu conheço um médium de cachorro. Você pode ligar para ele.
Nedra: Eu já tive um cliente que fez xixi na gaveta de lingerie da mulher.
Bobby: A mulher tinha uma *gaveta* de lingerie? Eles tinham quanto tempo de casados?
Eu: Jampo sabe que você não gosta dele. Ele sente isso. Ele só diz a verdade.
William: Ele é mau. Come a própria merda.
Eu: É exatamente esse o meu argumento. Existe algo mais verdadeiro que isso? Comer o próprio cocô?
Nedra: Por que esse cordeiro está com gosto de creme para o rosto?
William: É a lavanda.
Nedra (*pousando o garfo*): Alice, é essa a sua ideia de variação? A receita dizia alecrim.
Eu: Em minha defesa, devo dizer que um pé de alecrim é quase exatamente igual a um pé de lavanda.
Nedra: Sim, a não ser pelas florezinhas roxas com cheiro de lavanda.

21h01: Pela porta do banheiro

Peter: Posso falar com você em particular?
Eu: Estou no banheiro. Não dá para esperar?
Peter (*com voz de quem está chorando*): Tenho que confessar uma coisa. Eu fiz uma coisa muito feia.
Eu: Por favor, não confesse. Você não precisa me contar tudo. É bom guardar certas coisas para si. Você sabe disso, não sabe? Todo mundo tem direito a uma vida particular.
Peter: Eu preciso confessar. Está sendo um peso muito grande para mim.
Eu: Como eu vou reagir?
Peter: Você vai ficar muito decepcionada e talvez tenha um pouquinho de nojo.
Eu: Como devo castigar você?

Peter: Não preciso de castigo. Já basta o que eu vi.
Eu (*abrindo a porta):* Minha nossa, o que você fez?
Peter (*chorando):* Digitei "pornô" no Google.

21h10: Na sala

Linda: Não entendo por que "colega de quarto" é tão feio de se dizer. Toda pessoa casada há mais de dez anos é colega de quarto do seu cônjuge grande parte do tempo, e quem não declara isso está mentindo.
Nedra: Kate e eu não somos colegas de quarto.
Eu: Sim, e vocês também não são casadas.
Linda: Lésbicas não contam.
Nedra: Lésbicas premium. É diferente.
Eu: O que é uma lésbica premium?
Kate: Uma lésbica que nunca se relacionou com um homem.
William: Eu sou um heterossexual premium.
Nedra: Alice, você já teve a sensação de que você e William são colegas de quarto?
Eu: O quê? Não! Nunca!
William: Às vezes.
Eu: Quando?

22h10: No escritório de Nedra

William: Não acredito que estamos fazendo isso. Por que estamos fazendo isso?
Eu: Porque Peter ficou muito traumatizado. Tenho que saber o que foi que ele viu.
William (*suspirando*): Qual é a senha da Nedra?
Eu: *Nedra*. Tem que digitar PORNÔ em maiúsculas?
William: Acho que não faz diferença.
Eu (*sufocando um grito*): Isso é uma abobrinha?
William: Isso é um pingente de gelo?
Eu: Ah, coitadinho do meu neném!
William: Apague o histórico.

Eu: O quê?

William: Apague o histórico, Alice. Depressa, antes que a pasta de spam da Nedra seja inundada de anúncios de aumento de pênis.

Eu: Eu sempre me esqueço de fazer isso. Pare de olhar por cima do meu ombro. Pode ir. Vou só checar o meu Facebook.

William: Você está sendo muito grosseira. Está cheio de gente lá na sala.

Eu (*despachando-o com um gesto*): Só um segundo.

(*cinco minutos depois*) Uma solicitação de amizade? John Yossarian quer ser meu amigo no Facebook? John Yossarian? Esse nome me soa familiar.

PESQUISA NO GOOGLE: "John Yossarian"
Aproximadamente 626.000 resultados (0,13 segundo)

Ardil 22, 1961, de Joseph Heller, Os 100 Melhores Romances de Todos os Tempos, revista TIME
O capitão John Yossarian é um piloto de bombardeiro que está apenas tentando sair vivo da Segunda Guerra Mundial.

John Yossarian... Perfil Gravatar
Sou John Yossarian. Fui remando para a Suécia para fugir da loucura da guerra.

Capitão John Yossarian: Ardil 22
John Yossarian passa o tempo todo na enfermaria se fingindo de doente para não ter que voar... preservação da vida.

Eu (*abrindo um sorriso)*: Touché, Pesquisador 101.
(*clicando aceitar solicitação de amizade*)
(*postando no mural dele*) Então… *Yossarian vive.*

38

38. — Isso *não* é uma Preguiçosa.

— Alice, o que você acha?

— Depende. Estamos falando da cadeira ou da pessoa? — pergunto.

William ganhara um Clio pelo seu anúncio da La-Z-Boy* e a Peavey Patterson estava dando uma festa em sua homenagem no Michela. Tínhamos tomado o restaurante inteiro. Eu estava encurralada numa mesa cheia de redatores publicitários.

A cadeira obviamente era medonha, mas fez a empresa ganhar uma montanha de dinheiro, e agora eu estava nessa festa de bacanas, então quem era eu para reclamar? A pessoa era o oposto do preguiçoso: na verdade era a essência da iniciativa e do potencial, ali com seu terno azul-marinho da Hugo Boss.

Eu o observei sub-repticiamente. Observei Helen me observando observá-lo sub-repticiamente, mas não liguei; todo mundo estava olhando. As pessoas abordavam William nervosamente, como se ele fosse um deus. E ele *era* um deus: o deus das poltronas reclináveis feias, o jovem rebelde de propriedade da Peavey Patterson. As pessoas o rodeavam, encostando no braço dele e apertando sua mão. Era empolgante estar tão perto do sucesso, porque sempre havia a possibilidade de que um pouquinho passasse para a gente. William agia educadamente. Ouvia e balançava a cabeça, mas pouco falava. Seus olhos se desviaram para mim, e, se eu não o conhecesse, pensaria que ele estava zangado — tal a raiva que transparecia em seu rosto. No entanto, ao longo da noite, seu olhar, ousada e compulsivamente, me procurou. Era como se eu fosse uma taça de vinho e ele tomasse um gole cada vez que me olhava do outro lado da sala.

Olhei para o meu prato. Meu *Linguine con Cozze al Sugo Rosso* estava delicioso, mas praticamente intocado, porque todos aqueles olhares clandestinos dele estavam me deixando atordoada.

— Discurso! Discurso!

Helen se inclinou e sussurrou algo no ouvido de William, e, pouco depois, ele se deixou conduzir até o centro do salão por Mort Rich, o diretor de arte. Ele tirou um papel do bolso do paletó, alisou-o e começou a ler:

— Dicas para fazer um discurso.

"Não esteja no banheiro quando chegar a hora do seu discurso.

"Agradeça à sua equipe, que o ajudou a ganhar este prêmio.

"Faça uma pausa.

"Nunca diga que você não merecia ganhar. Isso ofenderá a sua equipe, que realizou todo o trabalho para você poder ir à frente e receber o crédito pela conquista desse prêmio.

"Não agradeça às pessoas que não tiveram nada a ver com a conquista desse prêmio.

"Ou seja: cônjuges, amigas, amigos, chefes, garçons e bartenders.

"Pensando melhor: agradeça, sim, ao bartender, que teve um grande papel na conquista desse prêmio.

"Faça uma pausa.

"Se tiver tempo, nomeie cada pessoa e lhe dê os parabéns."

William olhou para o relógio.

— Nada de pausa.

"Sorria, adote um ar humilde e elegante.

"Encerre o seu discurso com um comentário inspirador."

William dobrou o papel e o guardou no bolso.

— Comentário inspirador.

O restaurante irrompeu em risadas e aplausos. Quando William sentou-se novamente à mesa, Helen tomou seu rosto entre as mãos, olhou fundo em seus olhos e o beijou na boca. Houve alguns gritos e aplausos. O beijo durou uns bons dez segundos. Ela olhou para mim, com uma expressão amedrontada mas triunfante, e eu virei o rosto, magoada, de repente com os olhos cheios d'água.

— Nossa. Eles já estão noivos? — perguntou a mulher ao meu lado.

— Não estou vendo nenhuma aliança — disse outra colega de trabalho.

Será que eu tinha imaginado tudo aquilo? Aquele flerte? Parecia que sim, porque pelo restante da noite William agiu como se eu nem estivesse ali. Eu era uma idiota. Invisível. Burra. Eu estava com uma meia-calça cor de pele, que, agora eu via, não era nada da cor da minha pele, mas praticamente laranja.

Por volta de meia-noite, passei por ele no corredor ao ir para o banheiro. Era um corredor estreito, portanto nossas mãos se roçaram enquanto nos espremíamos para passar. Eu estava determinada a não lhe dizer uma palavra. Nossas corridas tinham acabado. Eu iria pedir para ser transferida para outro setor. Mas quando os nós dos nossos dedos se encostaram, uma corrente de eletricidade inegável passou entre nós. Ele também sentiu, porque parou. Estávamos virados para lados opostos. Ele estava de frente para o restaurante, e eu, para o banheiro.

— Alice — sussurrou ele.

De repente me ocorreu que eu nunca o tinha ouvido dizer o meu nome. Até aquele momento, ele só me chamara de Brown.

— Alice — repetiu ele com uma voz grave, solene.

Ele disse Alice não como se fosse me fazer uma pergunta ou me dizer alguma coisa. Ele disse o meu nome como se afirmasse um fato. Como se depois de uma longa viagem (uma viagem que ele não quisera nem esperara fazer) tivesse finalmente chegado ao meu nome, a *mim.*

Fiquei olhando para a porta dos banheiros. Li *Mulheres, Donne.* Li *Homens, Uomini.*

Ele tocou meus dedos, e não foi sem querer desta vez. Foi o mais breve dos toques, um toque particular cuja intenção era que só eu e mais ninguém visse. Pus a outra mão na parede para me equilibrar, as pernas bambas graças a uma combinação de excesso de vinho, alívio e desejo.

— Sim — falei, e entrei trôpega no banheiro.

39. Engula.

40. Não me lembro.

41. Somos um casal que aparentemente as pessoas invejam.

42. Pergunte de novo outra hora.

* Fabricante de poltronas reclináveis, ou cadeiras preguiçosas. A similaridade sonora com Lazy Boy [garoto preguiçoso] permite o trocadilho usado pela autora. (*N. da T.*)

39

Lúcia Pevensie
Estudou na instituição de ensino Faculdade de Oxford **Nasceu em** 24 de abril de 1934 **Trabalha na empresa** Aslam **Família** Edmundo, Pedro e Susana **Trabalho** Tentando não virar pedra. **Sobre você** Os anos passam como minutos.

Sim, receio que o boato seja verdade, Esposa 22. Os boatos da minha morte foram muito exagerados.

O boato é verdade aqui também, Pesquisador 101. Existe sim outro mundo dentro do guarda-roupa. Indícios de faunos e feiticeiras brancas não são exagerados.

Gostei de ler o seu perfil.

Não gostei de ler o seu, Pesquisador 101. *Trabalha na empresa: Netherfield Center***. Só isso? Quanto à sua foto, desprezo aquela silhueta pequena. Você poderia pelo menos ter usado desenhos. Uma balsa amarela, talvez?**

Vamos ver.

Agora que somos amigos, acho que devemos atualizar nossas configurações de privacidade para ninguém poder nos procurar.

Já fiz isso. Novas perguntas em breve — via e-mail. Eu me recuso a passar o questionário via "bate-papo".

Obrigada por descer à toca do coelho para me encontrar.

O meu trabalho é esse. Pensou que eu não faria isso?

Eu não tinha certeza. Sei que o Facebook é uma espécie de confinamento. Mas você pode se surpreender. Talvez você venha a gostar. Tem um imediatismo que o e-mail não tem. Logo, logo o e-mail pode acabar, desaparecer como as cartas.

Torço sinceramente para que não desapareça. O e-mail parece civilizado comparado a torpedo e Facebook e Twitter. O que vem por aí? Comunicação em três palavras ou menos?

Ótima ideia. Podemos chamar de Twi. Frases de três palavras podem ser muito fortes.

Não podem não.

Então vamos descobrir.

Não vamos não.

Você não é muito bom nisso.

Como vai seu marido? Existe alguma coisa que eu possa fazer para ajudar?

Conseguir o antigo cargo dele de volta.

Alguma outra coisa?

Posso lhe perguntar uma coisa?

Claro.

Você é casado?

A rigor, não sou autorizado a dar informações pessoais.

Isso explica o seu perfil, ou a falta dele.

Pois é, me desculpe. Mas aprendemos com a experiência que quanto menos a pessoa sabe sobre seu pesquisador, mais aberta ela se mostra.

Então eu deveria simplesmente tratar você como a voz do GPS?

Já fizeram isso antes.

Quem, Pesquisador 101?

Outros entrevistados, claro.

Familiares?

Não posso confirmar nem negar isso.

Você é um programa de computador? Diga. Estou teclando com um computador?

Não posso responder. Bateria muito fraca.

Olha só. Você está entrando no ritmo do Twi. Eu sabia que você tinha isso aí dentro de você.

Será que eu devo lhe dizer quando tenho que sair ou só escrever tenho que ir? Não quero ser grosseiro. Qual é o protocolo?

É "vou nessa", não "tenho que ir". E o bom de conversar on-line é que não há necessidade de despedidas longas e demoradas.

Que pena, pois sou fã de despedidas longas e demoradas.

Esposa 22?

Esposa 22?

Você desconectou?

Estou prolongando nossa despedida.

40

Alice Buckle
Estudou na instituição de ensino Universidade de Massachusetts **Nasceu em** 4 de setembro **Trabalha na empresa** Escola Fundamental Kentwood **Família** William, Peter, Zoe **Trabalho** Tentando não virar pedra **Sobre você** Os minutos passam como anos

Henry Archer > Alice Buckle
Cala a boca, pq... a gente sabe q não chove há meses na Califórnia!
há 4 minutos

Nedra Rao > Kate O'Halloran
Você me cativou
há 13 minutos

Julie Staggs
É considerado abuso de menor amarrar os pés e as mãos da sua filha nas colunas da cama com fitinhas da Hello Kitty? Brincadeira!!!
há 23 minutos

William Buckle
Livre
há 1 hora

Parte 2

41

William foi dispensado. Não repreendido, não advertido, não rebaixado, mas dispensado. Em meio a uma recessão. Em meio a nossa vida.

— O que você fez? — grito.

— Como assim, o que eu *fiz*?

— Para que eles o despedissem.

Ele fica horrorizado.

— Obrigado pela compaixão, Alice. Eu não fiz nada. Foi tudo uma questão de redundâncias.

Sim, as redundâncias de você sair do seu emprego. De você se pronunciar desempregado, penso.

— Ligue para Frank Potter. Diga a ele que pode receber menos. Diga a eles que está disposto a qualquer coisa.

— Não posso fazer isso, Alice.

— Não podemos nos dar ao luxo de ter orgulho, William.

— Não se trata de orgulho. Meu lugar não é a KKM. Não estava mais dando certo. Talvez seja melhor assim. Talvez seja o toque de despertar de que eu andava precisando.

— Está de gozação comigo? A gente também não pode se dar ao luxo de despertar.

— Não concordo. Não podemos nos dar ao luxo de não fazer isso.

— Andou lendo Eckhart Tolle? — pergunto.

— Claro que não — diz ele. — Especificamente fizemos um pacto de não viver no agora.

— Já fizemos um monte de pactos. Abra a janela. Está um forno aqui.

Estamos no carro, na entrada da garagem. É o único lugar onde podemos conversar em particular. Ele liga a ignição e abaixa as janelas. Meu CD da Susan Boyle surge num volume bem alto — *I dreamed a dream in time gone by.*

— Cruzes! — exclama William, desligando o som.

— O carro é meu. Você não está autorizado a censurar a minha música.

Torno a ligar o CD. *I dreamed that love would never die.* Minha nossa! Desligo.

— Você está me matando com essa merda — geme William.

Quero correr para o meu computador e fazer mais projeções de orçamento, projeções até 2040, mas sei o que vou concluir disso tudo: com todas as nossas despesas, incluindo o envio mensal de cheques a nossos pais para suplementar suas miseráveis aposentadorias, temos uns seis meses até começarmos a afundar.

— Você está com quarenta e sete anos — digo.

— E você está com quarenta e quatro. O que quer dizer com isso?

— O que eu quero dizer? Quero dizer que você tem que pintar o cabelo — falo, olhando para as têmporas dele.

— Por que cargas-d'água eu pintaria o cabelo?

— Porque vai ser muito difícil arranjar emprego. Você está muito velho. Custa muito caro. Ninguém vai querer contratar você. Vão contratar um cara de vinte e oito anos sem filhos e sem prestação do apartamento por metade do seu salário, que sabe usar o Facebook, o Tumblr e o Twitter.

— Eu tenho um perfil no Facebook — diz ele. — Só não vivo nele.

— Não, você simplesmente o usou para anunciar ao mundo que foi dispensado.

— *Livre* pode ser interpretado de várias maneiras. Olha, Alice, sinto muito por você estar assustada. Mas há momentos na vida que você tem que saltar. E quando você não tem coragem de saltar, bom, alguém acaba aparecendo e empurra você janela abaixo.

— Você *está* lendo Eckhart Tolle! O que mais anda fazendo pelas minhas costas?

— Nada — responde ele, com apatia.

— Então você andava infeliz no trabalho, é isso que está me dizendo? O que quer fazer agora? Abandonar completamente a publicidade?

— Não. Só preciso de uma mudança.

— Que tipo de mudança?

— Quero trabalhar em campanhas que tenham sentido para mim. Quero vender produtos nos quais eu acredite.

— Parece ótimo. Quem não iria querer isso? Mas nessa economia, acho que é uma fantasia.

— Talvez seja. Mas quem disse que não devemos mais ir atrás de fantasias?

Começo a chorar.

— Por favor, não faça isso. Por favor, não chore.

— Por que você está chorando? — pergunta Peter, aparecendo de repente na

minha janela.

— Vá para dentro de casa, Peter. Esta é uma conversa particular — diz William.

— Fique — digo. — Ele logo vai descobrir. Seu pai foi dispensado.

— Dispensado tipo demitido?

— Não, dispensado tipo dispensado. É diferente — responde William.

— Isso quer dizer que você vai ficar mais tempo em casa? — pergunta Peter.

— Sim.

— Podemos contar para os outros? — pergunta Peter.

— Que outros? — pergunto.

— Zoe.

— Zoe não é os outros. É família — digo.

— Não, ela é os outros. Faz algum tempo que a perdemos para os outros — diz William. — Olha, vai dar tudo certo. Vou arranjar outro emprego. Pode confiar em mim. Chame a sua irmã — pede ele a Peter. — Vamos jantar fora.

— Estamos comemorando a sua demissão? — pergunta Peter.

— Dispensa. E eu gostaria que a gente pensasse nisso como um começo, não como um fim — diz William.

Abro a porta do carro.

— Não vamos a lugar nenhum. Tem sobras de comida na geladeira. Vão estragar se não comermos.

* * *

Essa noite, não consigo dormir. Acordo às três horas e só de curtição resolvo me pesar. Por que não? O que mais eu tenho para fazer? Cinquenta e nove quilos — não sei como, mas perdi três quilos! Estou chocada. Mulheres da minha idade não perdem três quilos assim do nada. Não ando fazendo dieta, embora eu continue pagando as mensalidades pelo meu programa on-line dos Vigilantes do Peso, que agora vou precisar cancelar. E fora a minha patética tentativa de correr com Caroline, não faço exercício nenhum há semanas. No entanto, outras pessoas na minha casa estão se exercitando como loucas. Entre o regime de setecentos e cinquenta abdominais diários de Zoe e os oito quilômetros de corrida de William com Caroline, talvez eu esteja queimando calorias por osmose. Ou talvez eu esteja com câncer no estômago. Ou talvez seja culpa. É isso. Estou fazendo a Dieta da Culpa e nem sabia.

Que ideia brilhante para um livro! Livros de dieta vendem milhões de exemplares. Será que ninguém pensou nisso?

PESQUISA NO GOOLE: "Dieta... Culpa"
Aproximadamente 9.850.000 de resultados (0,17 segundo)

Clube da Culpa
Estilistas de luxo e marcas de moda com descontos de até 70%...

Mães que trabalham fora... Culpa
Às vezes sinto uma pontinha de culpa quando a empregada está lavando os meus lençóis e eu almoçando no Flora...

Sushi sem culpa
Comer sushi sem culpa pode ser complicado...

Não tenho intenção de comprar roupas de estilistas com desconto e embora seja uma mãe que trabalha fora, nunca me senti culpada por isso, e Zoe não permite que eu coma sushi; bem, certos tipos de sushis pescados em excesso, como o polvo comum, o que não é um sacrifício para mim — mas eba! —, não o Google não achou nenhuma Dieta da Culpa.

— Ideia promissora! — transmito a Jampo, que está sentado aos meus pés.

Faço uma anotação mental de pesquisar mais profundamente a Dieta da Culpa pela manhã, quando, tenho quase certeza, isso vai se revelar a ideia mais ridícula de todos os tempos, mas nunca se sabe.

Entro no Facebook e clico no mural de William. Ele não tem nenhuma atualização nova, o que, estranhamente, me desaponta. O que eu esperava que ele postasse?

William Buckle
Esposa me forçou a ouvir Susan Boyle, mas, como fiz com que me demitissem, mereço isso.

William Buckle
Esposa parece misteriosamente mais magra — desconfio que esteja ingerindo solitárias.

Ou, mais provavelmente, algo na linha de...

William Buckle
"O passado não tem poder sobre o momento presente." Eckhart Tolle

42

43. Depois daquela noite em que comemoramos o Clio de William, passaram-se três semanas tortuosas. Três semanas em que William me ignorou. Nossas corridas no horário de almoço foram bruscamente interrompidas. Se tivesse que falar comigo, ele evitava o contato visual, olhava para a minha testa, o que era profundamente perturbador, e me fazia soltar frases idiotas como *segundo nossos grupos focais, o que as pessoas (mulheres) realmente querem de um papel higiênico é que não rasgue durante o uso, já que os homens lavam as mãos bem menos do que as mulheres e, quando as lavam, em geral não usam sabão.* Ele também voltou a me chamar de Brown, portanto só pude concluir que William (assim como eu) estava bêbado naquela noite e não se lembrava absolutamente do incidente do roçar os nós dos dedos em frente ao banheiro. Ou que, depois de sóbrio, ficou constrangidíssimo por ter passado a noite inteira me olhando e agora estava fazendo de tudo para fingir que isso nunca tinha acontecido.

Enquanto isso, ele e Helen estavam inseparáveis. No mínimo três vezes por dia ela ia à sala dele e fechava a porta, e toda noite ela o buscava e lá iam os dois para o Rob Roys, no Copley Hotel, ou para algum evento de alto nível no Museu Isabella Gardner.

E aí, logo quando eu tinha aceitado um convite de uma amiga para ir a um encontro às escuras, recebi este e-mail.

De: williamb <williamb@peaveypatterson.com>
Assunto: Tom Kah Gai
Data: 4 de agosto 10h01
Para: alicea <alicea@peaveypatterson.com>

Como você deve ter notado, estou há dois dias em casa doente. Estou louco por uma sopa tom kah gai. Você me traz uma? Compre a do King and Me, não a do King of Siam. Uma vez um rato passou correndo pelos meus pés enquanto eu comia no King of Siam. Muito obrigado. Acorn Street, 54, apt. 203.

De: alicea <alicea@peaveypatterson.com>
Assunto: Re: Tom KHA Gai
Data: 4 de agosto 10h05
Para: williamb <williamb@peaveypatterson.com>

O Bangkok Princess tem a melhor tom KHA gai de Beacon Hill. O King and Me vem logo atrás, em segundo lugar. Posso encaminhar o seu desejo a Helen, tenho certeza de que esta solicitação era para ser dirigida a ela.

De: williamb <williamb@peaveypatterson.com>
Assunto: Re: Tom KHA Gai
Data: 4 de agosto 10h06
Para: alicea <alicea@peaveypatterson.com>

A solicitação foi dirigida a você.

De: alicea <alicea@peaveypatterson.com>
Assunto: Re: Tom KHA Gai
Data: 4 de agosto 10h10
Para: williamb <williamb@peaveypatterson.com>

Então deixe-me ver se eu entendi direito. Como você está com desejo de tom kha gai, eu vou ter que sair do trabalho no meio do dia e atravessar a ponte para lhe entregar a sua sopa em mãos?

De: williamb <williamb@peaveypatterson.com>
Assunto: Re: Tom KHA Gai
Data: 4 de agosto 10h11
Para: alicea <alicea@peaveypatterson.com>

Sim.

De: alicea <alicea@peaveypatterson.com>
Assunto: Re: Tom KHA Gai
Data: 4 de agosto 11h23
Para: williamb <williamb@peavypatterson.com>

Por que eu faria isso?

Ele não respondeu, e nem precisava. O *porquê* estava muito claro para nós dois.

Quarenta e cinco minutos depois, bati à porta dele.

— Entre — gritou William.

Empurrei a porta com o pé, segurando uma sacola de papel com duas embalagens plásticas de tom yung goong. Ele estava sentado no sofá, cabelo molhado, descalço, vestido com uma camiseta branca e calça jeans. Eu nunca o vira com algum outro traje que não terno ou shorts de corrida, e, com uma roupa informal, ele parecia mais jovem e de alguma forma mais arrogante. Será que ele tinha tomado um banho só para me receber?

— Estou com febre — disse ele.

— Sim, e eu estou com tom.

— Tom?

— Tom yun goong.

— Não conseguiu a tom kha gai?

— Pare de reclamar. É uma sopa tailandesa que começa com tom e que eu andei quase um quilômetro para trazer para você. Cadê seus talheres? — perguntei.

Passei rente a ele a caminho da cozinha e de repente ele agarrou meu braço e me

puxou para o sofá ao lado dele. Espantada (ele parecia igualmente espantado), ambos ficamos olhando atentamente para a frente, como se estivéssemos assistindo a uma palestra.

— Não quero ficar doente — anunciei.

— Terminei com Helen — disse ele.

Ele mexeu ligeiramente a perna e nossos joelhos se bateram. Foi de propósito? Então ele mexeu a coxa, colando-a na minha. Sim, foi.

— Não parece que vocês terminaram — disse. — Ela está praticamente morando na sua sala do trabalho.

— Andamos negociando os termos do nosso rompimento.

— Que termos?

— Ela não queria terminar. Eu que quis.

— Não podemos fazer isso — falei, na verdade querendo dizer *encoste a sua coxa contra a minha com mais força.*

— Por quê?

— Você é meu chefe.

— E...?

— Existe um diferencial de poder.

Ele riu.

— Claro. Um diferencial de poder; entre *nós*. Você é uma criaturinha tão fraca e submissa... Anda na ponta dos pés pelo escritório.

— Ai, céus.

— É só me mandar parar que eu paro.

— Pare.

Ele pôs a mão na minha coxa e um arrepio me percorreu.

— Alice.

— Não me deixe confusa. Não diga o meu nome a não ser que tenha a intenção. O que aconteceu com Brown?

— Aquilo era para me proteger.

— Proteger?

— Proteger de você. De você, Alice. Droga. Você.

Então ele se virou e se inclinou para me beijar e deu para sentir a febre dele e eu pensei *não não não não não* até pensar *sim, puta que pariu, sim.*

Foi nesse exato momento que a porta se abriu e Helen entrou trazendo uma sacola plástica com uma quentinha do King of Siam; pelo visto ela não recebera a mensagem sobre o problema de roedores do restaurante. Fiquei tão surpresa que dei um gritinho e pulei para o outro lado do sofá.

Helen pareceu tão surpresa quanto eu.

— Puta que pariu — disse ela.

Fiquei confusa. Será que eu tinha dito puta que pariu em voz alta? Será que ela tinha me ouvido?

— Ela está falando comigo? — perguntei.

— Não, está falando comigo — disse William, ficando de pé.

— Sua assistente disse que você estava mal. Eu lhe trouxe um pad thai — disse Helen, o rosto contorcido de raiva.

— Você me disse que tinha terminado — falei para William. — Ele me disse que vocês tinham terminado — disse a Helen.

— Ontem! — berrou Helen. — Não faz nem vinte e quatro horas.

— Olha, Helen — começou William.

— Galinha — disse Helen.

— Ela está falando comigo? — perguntei.

— Sim, agora ela está falando com você. — William suspirou.

Eu nunca tinha sido chamada de galinha antes.

— Isso não é muito legal, Helen — disse ele.

— Desculpe-me, Helen — falei.

— Cala a boca. Você correu atrás dele como uma cadela no cio.

— Eu disse que foi um acidente. Nenhum de nós dois estava procurando isso — explicou William.

— Isso é para que eu me sinta melhor? Nós estávamos praticamente noivos! — gritou Helen. — Existe um código entre as mulheres. Não se rouba o homem de outra mulher, sua puta — sibilou ela para mim.

— Acho que é melhor eu ir embora.

— Você está cometendo um grande erro, William — disse Helen. — Pensa que ela é muito forte, muito segura. Mas isso não vai durar. Ela é uma farsa. Na primeira dificuldade que encontrar, vai fugir. Vai desaparecer.

Eu não tinha ideia do que Helen estava falando. Fugir e desaparecer eram coisas que viciados em droga ou pessoas passando por crise de meia-idade faziam — não mulheres de vinte e três anos. No entanto, mais tarde eu me lembraria desse momento e veria que as palavras de Helen eram sinistramente agourentas.

— Sente-se aqui, por favor — disse William. — Vamos conversar.

Os olhos de Helen se encheram d'água. William foi até Helen, passou o braço em volta de seu ombro e a conduziu para o sofá. *Volte à noite,* falou para mim, sem emitir som.

Fui embora de fininho.

44. Fazer sobrancelha. Passar fio dental. Tirar coisas dos dentes. Pagar contas. Falar de dinheiro. Falar de sexo. Falar de filho fazendo sexo.

45. Dor.

46. Claro que sim. Todo mundo, não? Você quer detalhes, eu sei. Tudo bem, eu digo que troquei os lençóis (quando na verdade troquei só as fronhas). Que não fui eu que pus as facas boas na máquina de lavar em vez de lavá-las à mão, e, a propósito, não preciso que ninguém me diga que as facas boas são as de cabo preto — não sou uma idiota, só estava com pressa. Que não estou com fome para jantar (se não estou com fome é porque comi um pacote inteiro de biscoitos Keebler Fudge Stripes uma hora antes de todo mundo chegar em casa). Que levei cinco dias para acabar com aquela garrafa de vinho (então por que há duas garrafas na lixeira?). Que alguém deve ter batido no meu espelho lateral quando estacionei no Lucky's — aqueles babacas sem consideração —, não foi quando eu estava saindo de ré da garagem. Mas não, não no óbvio. Nunca tivemos problema nisso.

43



John Yossarian *adicionou sua foto do perfil*

Você se parece muito com o Homem das Neves, Pesquisador 101.
Puxa, obrigado, Esposa 22. Eu estava torcendo para você dizer isso.

No entanto, parece que tem uma orelha na sua cabeça bem pouco ao estilo do Homem das Neves.

Não é uma orelha.

Na verdade, parece uma orelha de coelho.

Na verdade, é um chapéu.

Estou revendo minha opinião. Você se parece muito com o Donnie Darko. Alguém já lhe disse isso?

Foi exatamente por isso, acima de tudo, que eu não postei uma foto.

Podemos falar sobre a calça cor de laranja?

Não, não podemos.

Tudo bem, vamos falar da pergunta de número 45. Não consigo parar de pensar nisso. Essa foi difícil.

Fale mais.

Bem, a princípio, achei que seria fácil. A resposta seria dor, claro. Mas, depois de refletir, estou me perguntando se a resposta correta não seria estase.

Talvez lhe interesse saber que os entrevistados muitas vezes respondem mais ou

menos o mesmo que você, primeiro dizendo o óbvio e depois se esforçando para inventar algo com mais nuances. Por que estase?

Porque, em alguns aspectos, a estase é prima da dor, mas, em vez de morrer de uma vez, você morre um pouquinho a cada dia.

Olá?

Estou aqui. Só fiquei pensando. Isso faz sentido para mim, especialmente dada a sua resposta à pergunta de número 3 — uma vez por semana — e à 28 *— uma vez por ano.*

Você decorou as minhas respostas?

Claro que não, estou com o seu arquivo aqui na minha frente. Quer mesmo que eu troque a sua resposta para estase?

Sim, por favor, mude a minha resposta. É mais verdadeira, ao contrário da sua foto do perfil.

Não sei. Na minha experiência, a verdade quase sempre é meio borrada.

Esposa 22?

Desculpe — meu filho está me chamando. Vou nessa.

44

Alice Buckle
Garoto doente.
há 1 minuto

Caroline Kilborn
Minha sola do pé dói. 56 quilômetros por semana!!
há 2 minutos

Phil Archer
Deseja que sua filha DIMINUA UM POUCO O RITMO e lhe envie uma mensagem de vez em quando.
há 4 minutos

Escola John F. Kennedy
Tenha em mente também que as roupas que cabiam no ano passado talvez sejam indecentes este ano, devido ao crescimento físico exponencial.
há 3 horas

Escola John F. Kennedy
Pais: queiram certificar-se de que as partes e as roupas íntimas de seu filho não estejam aparecendo quando ele sair de casa. Isso é responsabilidade **de vocês.**
há 4 horas

William Buckle
"Os perigos na vida são infinitos, e entre eles está a segurança." — Goethe.
Ontem

Algumas de minhas melhores lembranças da infância são de estar doente. Eu ia da cama para o sofá, travesseiro em punho. Minha mãe me cobria com uma manta. Primeiro, eu assistia a episódios seguidos de *Love*, *American Style,* depois ao *Lucy Show,* depois ao *Mary Tyler Moore* e, finalmente, ao *Price is Right*. De almoço, minha mãe me levava torrada com manteiga, ginger ale sem gás e fatias de maçã gelada. Entre um programa e outro, eu vomitava num balde que minha mãe colocava convenientemente ao lado do sofá para o caso de eu não conseguir chegar ao banheiro a tempo.

Graças à medicina moderna, hoje uma gripe normalmente passa em vinte e quatro horas, então, quando Peter acorda com febre, é como se tivessem me

concedido um dia de folga do trabalho. Bem na hora que estamos encolhidinhos no sofá, William entra na sala de moletom.

— Também não estou me sentindo muito bem — diz ele.

Suspiro.

— Você não pode ficar doente, Pedro está doente.

— Talvez por isso eu tenha ficado doente.

— Talvez você tenha me passado — diz Peter.

Ponho a mão na testa do meu filho.

— Você está ardendo em febre.

William agarra minha outra mão e a coloca na própria testa.

— Trinta e sete e dois, no máximo trinta e sete e sete.

— Se o papai está doente, quer dizer que a gente tem que assistir ao canal de culinária? — pergunta Peter.

— O primeiro doente fica com o controle remoto — digo.

— Estou muito mal para ver TV — diz William. — Estou com vertigem. Acho que é uma coisa no ouvido. Vou tirar um cochilo. Por favor, me acorde quando começar o *Barefoot Contessa.*

Já estou até vendo como os dias vão ser a partir de agora. William sentado no sofá. Eu tentando arranjar desculpas para sair de casa sem ele, todas relacionadas com as partes íntimas femininas. Precisando urgentemente de absorventes. Fazer um papanicolau. Ir a uma palestra sobre hormônios bioidênticos.

— Pode me trazer umas torradas daqui a meia hora? — grita William, enquanto sobe as escadas.

— Quer um suco de laranja também? — berro em resposta, sentindo-me culpada.

— Seria muito bom — vem a voz desencarnada.

* * *

O sexto sentido é um dos meus filmes preferidos. Não gosto de filmes de terror, mas adoro thrillers psicológicos. Sou uma grande fã das reviravoltas nas tramas. Infelizmente, até agora não havia ninguém na minha casa disposto a assistir a esses filmes comigo. Então, quando Peter estava no quarto ano e lendo a série do Capitão Cueca pela décima primeira vez, inaugurei um clube mãe-e-filho para a leitura de contos, o que na minha cabeça era, na verdade, um clube mãe-treinando-seu-filho-

para-assistir-a-thrillers-de-terror-com-ela. Primeiro eu o fiz ler "A Loteria", de Shirley Jackson

— "A Loteria" é sobre a política em cidades pequenas — expliquei a William.

— E também sobre uma mãe que é apedrejada até a morte na frente dos próprios filhos — retrucou ele.

— Vamos deixar que Peter decida — falei. — Ler é uma experiência muito subjetiva.

Peter leu a última linha da história em voz alta — "e aí eles estavam em cima dela" —, deu de ombros e voltou para *A grande e desagradável batalha do menino biônico Meleca Seca*. Foi aí que eu soube que ele tinha mesmo potencial. No quinto ano, eu o fiz ler "Os que se afastam de Omelas", de Ursula Le Guin, e, no sexto ano, "Um bom homem é difícil de encontrar", de Flannery O'Connor. A cada conto ele ficava mais calejado, e agora, na primavera dos seus doze anos, meu filho está finalmente pronto para *O sexto sentido!*

Começo a baixar o filme do Netflix.

— Você vai adorar. O garoto é muito perturbado. E tem uma reviravolta incrível no fim — digo.

— Não é um filme de terror, é?

— Não, é o que se chama de thriller psicológico.

Meia hora depois, digo:

— Não é legal? Ele vê gente morta.

— Não sei se eu gosto desse filme.

— Espere só. Vai ficar melhor ainda.

Quarenta e cinco minutos depois, Peter pergunta:

— Por que aquele garoto não tem a parte de trás da cabeça?

Vinte minutos depois disso, ele diz:

— A mãe está envenenando a filha botando cera de chão na sopa dela. Você me disse que não era um filme de terror.

— Não é. Juro. Além do mais, você leu "Um bom homem é difícil de encontrar". O desajustado assassina as pessoas da família uma a uma. É muito pior que isso.

— É diferente. É um conto. Não tem efeitos visuais nem trilha sonora apavorantes. Não quero mais ver — anuncia ele.

— Você conseguiu chegar até aqui. Tem que ver o resto. Além do mais, você ainda não viu a reviravolta. A reviravolta compensa tudo.

Quinze minutos depois, quando a grande reviravolta é revelada (com muitas palmas e exclamações da minha parte, dizendo "Não é incrível? Você entendeu? Você não entendeu, deixa eu explicar. *Eu vejo gente morta?* Bruce Willis na verdade está morto e esteve morto o tempo todo!"), Peter diz:

— Não acredito que você me obrigou a assistir a esse filme. Eu deveria denunciar você.

— Onde?

— *A quem.* Ao papai.

É um péssimo começo para o meu clube mãe-e-filho para a leitura de contos.

* * *

— Vou dormir no sofá — diz William esta noite. — Posso estar com alguma doença contagiosa. Não quero que você pegue.

— É muita consideração da sua parte — digo.

William tosse. Torna a tossir.

— Pode ser só um resfriado, mas também pode ser algo pior.

— Seguro morreu de velho — digo.

— Qual você está lendo? — pergunta ele, apontando para a pilha de livros na minha mesa de cabeceira.

— Todos eles.

— Ao mesmo tempo?

Confirmo com um gesto de cabeça.

— São o meu Ambien. Não posso me dar ao luxo de atacar a geladeira de noite.

Leio uma página de um dos livros e já adormeço. Sou acordada algumas horas depois por Peter sacudindo o meu ombro.

— Posso dormir na sua cama? Estou com medo — funga ele.

Acendo a luz.

— *Eu vejo gente viva* — sussurro.

— Não tem graça. — Ele está quase chorando.

— Ah, querido, me desculpe. — Puxo a coberta do lado de William na cama, me sentindo surpreendentemente triste por ele não estar ali. — Pode vir.

45



John Yossarian *mudou sua foto do perfil*

John Yossarian *adicionou Status de Relacionamento*
Em um relacionamento enrolado

John Yossarian *adicionou Interesses*
Piña Coladas

Você continua pouco nítido na foto, Pesquisador 101.

Pensei que você fosse gostar. Estou preenchendo o meu perfil.

Enrolado é fato em qualquer relação.

O Facebook dá as opções. Tive que escolher uma, Esposa 22.

Se você pudesse escrever o próprio Status de Relacionamento, qual seria? Sugiro que responda a essa pergunta sem pensar muito. Descobri que esse tipo de reação à queima-roupa resulta nas respostas mais honestas.

Casado, questionador, esperançoso.

Eu sabia que você era casado! E acredito que esses adjetivos estejam incluídos na categoria *Em um relacionamento enrolado.*

Se você pudesse escrever o próprio Status de Relacionamento, qual seria?

Casada. Questionadora.

Esperançosa não?

Bem, isso é estranho. Eu sou esperançosa. Mas não sei bem se a esperança abrange o

meu marido. Ao menos não por enquanto.

Abrange o quê, então?

Não sei. É uma espécie de esperança nômade.

Ah... esperança nômade.

Você não vai me fazer um sermão quanto a redirecionar minha esperança para o meu marido?

A esperança não é algo que se possa redirecionar. Onde caiu, caiu.

Verdade. Mas que bom que você se sente esperançoso quanto ao seu casamento.

Eu não disse isso exatamente.

O que você disse?

Não sei bem.

O que quis dizer?

Eu quis dizer que tenho esperanças de um dia ter esperança. Em algum momento no futuro.

Então agora você não tem?

Isso está meio no ar.

Entendi. Meio no ar igual à sua foto do perfil?

Espero que a gente possa ter mais conversas como essa.

Pensei que você não gostasse de "bater papo".

Gosto de bater papo com você. *E estou me habituando. Meus pensamentos vêm com mais rapidez, mas isso tem um preço.*

Qual?

Com a rapidez vem a desinibição; i.e., veja a primeira frase do comentário anterior.

E isso o preocupa.

Bom, sim.

Com a rapidez vem a verdade, também.

Certo tipo *de verdade.*

Você tem uma necessidade de ser muito preciso, não, Pesquisador 101?

Esta é a natureza de um pesquisador.

Não gosto de pensar em você como um fã de bebidas geladas e enjoativas de tão doces.

Uma oportunidade perdida para você, Esposa 22.

46

— Aquele é o Jude? — pergunto.

— Onde?

— Na seção de produtos para cabelo.

— Duvido — diz Zoe. — Ele não liga para o cabelo. Faz parte da onda dele de cantor/compositor.

Zoe e eu estamos na farmácia Rite-Aid. Zoe precisa de pontões e eu estou tentando achar um perfume que eu usava na adolescência. As minhas conversas on-line com o Pesquisador 101 têm um tom de flerte que está fazendo com que eu me sinta vinte anos mais jovem. Ando fantasiando sobre como ele é fisicamente. Até agora, ele é uma mistura do Tommy Lee Jones com Colin Firth; em outras palavras, um Colin Firth mais curtido, meio amarfanhado e vulgar.

— Por favor — digo à funcionária que está reabastecendo a prateleira —, vocês têm um perfume chamado Jasmim Almiscarado do Amor?

— Temos Toque de Bebê do Amor — diz ela. — Corredor sete.

— Não, não estou procurando o Toque de Bebê. Quero o Jasmim Almiscarado.

Ela dá de ombros.

— Temos o Fantasia Circense.

— Que tipo de idiota batizaria um perfume de Fantasia Circense? — pergunta Zoe. — Quem iria querer cheirar a amendoim e cocô de cavalo?

— Britney Spears — diz a atendente.

— De qualquer forma, você não deveria usar essas coisas sintéticas, mãe. É egoísmo. Poluição. E quem tem SQM? Já pensou nessas pessoas? — diz Zoe.

— Eu gosto daquela coisa sintética, me lembra dos meus tempos de colégio, mas parece que não fabricam mais — digo. — O que é SQM?

— Sensibilidade Química Múltipla.

Reviro os olhos para Zoe.

— O que foi? É uma doença séria.

— E quanto ao Seu Cabelo Cheira Muito Bem? — pergunto eu à funcionária. — Vocês têm esse?

* * *

Quando os absorventes internos encareceram tanto? Ainda bem que tenho um cupom de desconto. Olho a letra miúda e aperto os olhos, depois o entrego a Zoe.

— Não consigo ler isso. Quantas caixas temos que comprar?

— Quatro.

— Só havia duas caixas na prateleira — digo ao caixa quando chegamos ao balcão. — Mas o cupom é para quatro.

— Então a senhora precisa levar quatro — responde ele.

— Mas acabei de lhe dizer que só havia duas.

— Mãe, tudo bem. Leve as duas e pronto — sussurra Zoe. — Olhe a fila.

— É um desconto de dois dólares por caixa. Tudo bem nada. Vamos usar o cupom. Agora somos uma família usuária de cupom. — Ao caixa, digo: — Pode prorrogar a validade desse cupom, então? — pergunto.

O balconista estoura a bola do chiclete e vai para o alto-falante.

— Preciso de um vale de prorrogação de cupom de desconto — diz ele. — Tampax. — Ele pega uma caixa e a examina. — Isso tem tamanho? Onde é que diz? Ah, aqui. Tem. Tampax, super plus. Quatro caixas — anuncia ele para a loja inteira.

— Duas — sussurro.

Zoe geme, constrangida. Eu me viro e vejo Jude mais atrás na fila. *Era* ele. Ele levanta a mão encabulado e acena.

Depois que a caixa calcula a nossa compra e me dá um vale de prorrogação da validade do cupom, Zoe praticamente sai correndo da loja.

— Aposto que a sua mãe nunca fez nada parecido com *você* — diz ela, furiosa, andando dois metros na minha frente. — Sacolas plásticas baratas. São praticamente transparentes. Todo mundo sabe exatamente o que a gente comprou.

— Ninguém nem está olhando — digo quando chegamos ao carro, pensando que, na idade de Zoe, eu daria qualquer coisa para ter a minha mãe por perto para me humilhar comprando caixas de absorventes internos na farmácia.

— Oi, Zo — cumprimenta Jude, nos alcançando.

Zoe o ignora. Ele fica sem graça, e tenho pena dele.

— Não é uma boa hora, Jude — explico.

— Abra o carro — pede Zoe.

— Eu soube do emprego do seu pai — diz Jude. — Só queria dizer que sinto muito.

Vou matar Nedra. Eu a fiz jurar que não contaria a ninguém a não ser Kate sobre a dispensa de William.

— Estamos com pressa, Jude. Zoe e eu vamos almoçar — informo, jogando a bolsa no banco traseiro.

— Ah, legal — diz Jude. — Tipo uma coisa de mãe e filha.

— É, coisa de mãe e filha — digo, entrando no carro.

Embora a filha não queira nada com a mãe.

No carro, regulo o retrovisor e vejo Jude voltando para a farmácia. A camiseta ressalta suas omoplatas salientes. Ele sempre foi ossudo. Parece um garoto de um metro e oitenta. Ah, Jude.

— Não estou com fome — diz a filha.

— Vai estar quando chegarmos lá — diz a mãe.

— Não podemos nos dar ao luxo de comer fora — diz a filha. — Somos uma família usuária de cupom.

— Tudo bem, vamos para casa comer cream cracker — diz a mãe. — Ou migalhas de pão.

* * *

Dez minutos depois, estamos a uma mesa do Rockridge Diner.

— Isso não incomoda você? Jude agindo como se nada tivesse acontecido. Seguindo você. Posso dar um gole no seu chá? — pergunto.

Zoe me passa sua caneca.

— Não sopre aí dentro. Odeio quando você sopra o meu chá quando ele já está frio. Você não pode ter uma opinião sobre mim e Jude.

— Gel de cabelo e pinça.

— O quê?

— Era o que havia na sacola dele.

Zoe bufa.

— Um misto-quente e um sanduíche de manteiga de amendoim com geleia — diz a garçonete, pondo os nossos pratos na mesa, sorrindo para Zoe. — Nunca passamos da idade para um bom sanduíche de manteiga de amendoim. Quer um copo de leite também, amor?

Zoe ergue os olhos para a garçonete, que parece estar na faixa dos sessenta e cinco anos. A gente frequenta o Rockridge Diner há séculos, e ela sempre nos serve.

Viu Zoe em todos os estágios da vida: bebê chapado de leite, criancinha esmagando batata frita, criança em idade pré-escolar montando construções de Lego, aluna de quinto ano leitora de Harry Potter, adolescente obstinada e agora garota que veste roupa de brechó.

— Seria muito bom, Evie — diz Zoe.

— Ótimo — exclama a garçonete, tocando em seu ombro.

— Você sabe o nome dela? — pergunto quando Evie já desapareceu atrás do balcão.

— Ela serve a gente há anos.

— Sim, mas nunca nos disse seu nome.

— Você nunca perguntou. — Zoe de repente fica com os olhos marejados.

— Você está chorando, Zoe? Por que está chorando? Por causa do Jude? Que ridículo.

— Cala a boca, mãe.

— Pronto. Você tem direito a um cala a boca por mês e só. Agora esgotou a cota. Não acredito que você esteja chorando por causa daquele garoto. Aliás, estou furiosa por você estar chorando por ele. Ele magoou você — digo.

— Quer saber, mãe? — rebate ela agressivamente. — Você acha que sabe tudo a meu respeito. Sei que acha, mas quer saber? Você não sabe.

Meu telefone toca. Será uma nova mensagem do Pesquisador 101? Tento disfarçar a expressão esperançosa em meu rosto.

Zoe balança a cabeça.

— O que há com você?

— Não há nada comigo — respondo, pegando o telefone dentro da bolsa.

Dou uma olhadinha na tela. É uma notificação do Facebook avisando que fui marcada numa foto. Ai, caramba. Devo estar usando um djellaba.

— Desculpe. — Desligo o telefone.

— Você está tão nervosa… — diz Zoe. — Parece que está escondendo alguma coisa. — Ela olha tristonha para o meu telefone.

— Bom, não estou escondendo nada, mas poderia, não? Estou autorizada a ter minha vida. Garanto que você também tem seus segredos — digo, olhando tristonha para o sanduíche dela.

Duas mordidas, talvez três. É o que ela vai comer, aposto.

— Sim, mas eu tenho quinze anos. Eu *preciso* ter segredos.

— Claro que você está autorizada a ter segredos, Zoe. Mas nem tudo tem que

ser segredo. Você sabe que ainda pode confiar em mim.

— *Você* não deveria ter segredos — diz Zoe. — Está muito velha para isso. É repugnante.

Suspiro. Não vou conseguir arrancar nada dela.

— Aqui está seu leite — diz Evie, voltando para a mesa.

— Obrigada, Evie — sussurra Zoe, os olhos ainda úmidos.

— Está tudo bem? — pergunta Evie.

Zoe me lança um olhar furioso do outro lado da mesa.

— Evie, eu lhe devo um pedido de desculpas. Nunca perguntei o seu nome. Deveria ter perguntado. É muita grosseria eu nunca ter feito isso, e lamento muito, muito mesmo.

— Está dizendo que também queria um copo de leite, amor? — pergunta ela gentilmente.

Olho para o meu prato.

— Sim, por favor.

47

John Yossarian *adicionou Citações favoritas*
Omita palavras desnecessárias. — E. B. White

Só passando para dizer oi, Pesquisador 101.

Oi.

Almoço — misto-quente e copo de leite.

Misto-quente & copo de leite. Nunca use "e" quando couber um "e comercial". Segunda citação favorita: Omita adjuntos adverbiais de diálogo *— Pesquisador 101.*

Aqui está fazendo calor, disse ela, acaloradamente.

Aqui, não muito.

Eu não sou uma boa mãe.

É, sim.

Sou uma mãe cansada.

Compreensível.

Sou uma esposa cansada.

E eu sou um marido cansado.

É?

Às vezes, disse ele, desacanhadamente.

"Omita palavras inventadas" — Esposa 22.

48

47. Idade 19-27: três dias super por semana (sendo o "super" vida sexual ativa, na verdade meio piranha). Idade 28-35: dois dias sub por semana (sendo o "sub" gravidez, bebês, impossibilidade de dormir = nada de libido). Idade 36-40: Sete dias super por semana (sendo o "super" estar desesperada, os assustadores 40 anos se aproximando, fazendo um esforço para ter uma vida sexual ativa para não sentir que a vida sexual acabou). Idade 41-44: Um dia sub por mês ("sub" significando cinco dias por semana quando o médico perguntou, mas o médico não é nada bobo, então ela diz cinco dias por semana fazendo o quê? Striptease?).

48. Essa é uma pergunta extremamente irritante — passo!!!

49. Shah Jahan e Mumtaz Mahal, Abigail e John Adams, Paul Newman e Joanne Woodward.

50. Ben Harper. Ed Harris. (Tenho uma queda por homem careca com formato de cabeça bonito.) Christopher Plummer.

51. Marion Cottilard (mas não no filme da Edith Piaf, em que ela raspou o cabelo perto da linha da raiz). Halle Berry. Cate Blanchett (*principalmente* no filme da rainha Elizabeth). Helen Mirren.

52. Frequentemente.

53. Pus a chave na fechadura e abri a porta. William estava trabalhando. Ele ergueu a mão. "Não se mexa", disse. Ele pegou o bloco de papel e começou a ler em voz alta.

Sessão de Brainstorming na Peavey Patterson
Cliente: Alice A
Criação: William B
Tópico: Coisas com as quais Alice nunca deveria se preocupar

1. Se está com o cabelo muito comprido (só é muito comprido quando vai até os pés e atrapalha o andar)

2. Se esqueceu de passar batom (não precisa de batom — seus lábios são de um tom lindo de framboesa)

3. Se está com um vestido transparente (Sim)

4. Se deveria ter posto uma combinação para vir trabalhar hoje (Não)

— Seu filho da mãe! Andei o dia inteiro com a calcinha aparecendo? Por que ninguém me disse?

— Acabei de dizer.

— Deveria ter dito antes. Estou morrendo de vergonha.

— Não fique. Foi o ponto alto do meu dia. Venha cá.

— Não — falei, fazendo um biquinho.

Ele teatralmente jogou todos os papéis da mesa no chão. Quem ele estava achando que era? Mickey Rourke em *Nove semanas e meia de amor?* Nossa, adorei esse filme. Quando o vi, comprei uma cinta liga e meias. Passei uns dias usando isso, me sentindo muito sexy, até a liga dar um probleminha. Alguma vez sua meia já caiu de repente e ficou toda acumulada no tornozelo enquanto você subia num ônibus? Não tem forma mais rápida para se sentir uma velha.

— Alice.

— O quê?

— Venha cá *agora.*

— Sempre tive a fantasia de fazer sexo em cima de uma mesa de trabalho, mas não sei se eu recomendaria — disse William meia hora depois.

— Concordo, Sr. B.

— O que achou do bordão?

— Não sei se o cliente vai gostar.

— Por quê?

— O cliente achou muito óbvio. Podemos passar para o quarto agora?

Para ficarmos deitados lado a lado na mesa, cada um de nós tinha uma perna e um braço para fora.

— Mudei de ideia. Gosto da mesa.

— Bem — falei —, é dura. Eu admito.

Minha mão foi descendo do peito dele até a cintura.

— Essa é a natureza das mesas — disse ele, cobrindo a minha mão com a dele e guiando-a para baixo.

— Precisa estar sempre no comando, não?

Ele gemeu baixinho quando o toquei.

— Vou criar um bordão novo, Sra. A., prometo.

— Deixa de ser mesquinho. Cinco bordões novos. O cliente vai gostar de ter algumas opções.

Por deferência a Helen — eu não queria esfregar o nosso relacionamento na cara dela (isso foi ideia minha) —, decidimos que era melhor mantê-lo em segredo no trabalho. Sustentar a dissimulação era ao mesmo tempo empolgante e exaustivo. William passava pela minha baia no mínimo dez vezes por dia, e, como eu ficava bem de frente para a sala dele (e sempre que eu olhava lá para dentro ele estava justamente me olhando), eu vivia com tesão. Chegando em casa à noite, eu desabava por causa do esforço de ter que passar o dia inteiro sublimando o meu desejo. Aí eu me sentava e pensava na Levi's dele. E em como ele ficava com aquela Levi's. E quando a gente se aventurava a sair, para dar um passeio no Jardim Público ou assistir a um jogo dos Red Sox, ou ir a Allston, no interior, para ouvir alguma banda alternativa, era como se a

gente nunca tivesse feito nada disso antes. Ao lado dele, Boston era uma cidade nova para mim.

Tenho certeza de que éramos irritantes ao extremo. Especialmente para os casais mais velhos que não andavam na calçada de mãos dadas, que muitas vezes pareciam nem se falar, separados por uma distância de um metro. Eu não conseguia entender que o silêncio deles poderia ser confortável, um silêncio conquistado a duras penas, um benefício decorrente de anos de vida em comum; só pensava como era triste eles não terem nada para dizer um ao outro.

Mas eles não importavam. William me dava beijos intensos na rua, me dava o pedaço de pizza dele para eu morder, e, às vezes, quando não tinha ninguém olhando, me dava um amasso rapidinho. Fora do trabalho, estávamos ou de braços dados ou com as mãos no bolso de trás um do outro. Vejo esses casais agora, tão petulantes, parecendo não precisar de mais ninguém a não ser um do outro, e me dói olhá-los. É difícil acreditar que já fomos um daqueles casais que olham para pessoas como nós e pensam, *Se estão tão infelizes, por que simplesmente não se divorciam, caramba?*

49

Lúcia Pevensie
Não é fã de delícia turca.
há 38 minutos

John Yossarian
Está com dor no fígado.
há 39 minutos

Fico triste de saber que você não está bem, Pesquisador 101.

Obrigado. Tenho passado muito tempo no hospital.

Ainda vai estar no hospital amanhã, imagino.

Sim, e no dia seguinte e no seguinte e no seguinte, até essa maldita guerra acabar.

Mas não tão doente que...

Não possa ler suas respostas. Não, não a esse ponto.

Está dizendo que gosta de ler as minhas respostas, Pesquisador 101?

Suas descrições são muito coloridas.

É mais forte que eu. Já fui autora teatral.

Você ainda é.

Não, sou fraca, chata e absurda.

É divertida também.

Tenho quase certeza de que a minha família não concordaria.

Quanto à pergunta 49. Estou curioso. Já esteve no Taj Mahal?

Estive lá na semana passada mesmo. Cortesia do Google Earth. Você já?

Não, mas está na minha lista.

O que mais está na sua lista? Por favor não diga ver a Mona Lisa no Louvre.

Morder meu cotovelo.

Sugiro que você pense grande.

Ficar em pé no topo de um iceberg.

Maior.

Salvar o casamento de alguém.

Pensou grande demais. Boa sorte nessa.

Olhe, tenho que pressioná-la um pouco em relação à sua recusa a responder à pergunta 48. Esse tipo de resistência normalmente indica que tocamos num tópico sensível.

Você parece os Borg.

Será que a sua aversão tem a ver com a forma como a pergunta foi colocada?

Sinceramente, não lembro como foi colocada.

De uma forma totalmente clichê.

Agora lembrei.

Você se ofendeu com uma pergunta que é visivelmente concebida para as massas. Ser incluída num grupo é uma afronta para você.

Agora você está parecendo um astrólogo. Ou um gerente de recursos humanos.

Talvez eu possa reformular a pergunta, tornando-a mais palatável para você.

Manda brasa, Pesquisador 101.

Quando foi a última vez que sentiu que seu marido se importava com você?

Pensando bem, prefiro a pergunta original.

50

Alice Buckle
Inchada
há 24 minutos

Daniel Barbedian > Linda Barbedian
Você sabe que postar no Facebook não é a mesma coisa que mandar torpedo, não sabe, mãe?
há 34 minutos

Bobby Barbedian > Daniel Barbedian
Não olhe mais a caixa de correio. Conte à mamãe.
há 42 minutos

Linda Barbedian > Daniel Barbedian
Olhe a caixa de correio. Não conte ao papai.
há 48 minutos

Bobby Barbedian > Daniel Barbedian
Cansei de financiar a sua vida social. Arranje um emprego.
há 1 hora

William Buckle
Ina Garten — é sério isso? Passas brancas no clássico pão de mel?
Ontem

* * *

— Eu vi um rato ontem — diz Caroline, tirando vegetais de uma sacola de lona. — Ele correu para debaixo da geladeira. Não quero assustar vocês, mas esse já é o segundo essa semana, Alice. Talvez vocês devessem arranjar um gato.

— A gente não precisa de gato. Temos Zoe. Ela é especialista em pegar ratos — digo.

— Que pena que ela ainda passe o dia inteiro na escola — diz William.

— Bem, talvez você possa substituí-la — digo. — Tenho certeza de que ela não vai se importar.

— Essa acelga colorida está linda! — exclama Caroline.

— Tirando esses bichinhos — digo. — São ácaros?

William apalpa a acelga.

— É terra, Alice, não ácaro.

William e Caroline acabam de voltar de uma ida matinal ao mercado de hortifrutigranjeiros.

— A banda de bluegrass estava lá? — pergunto a ele.

— Não, mas tinha alguém tocando "It Had to Be You" em cima de uma mala.

— É bonita — digo, tocando nos talos amarelos e roxos —, mas parece que a cor vai sair quando a gente cozinhar.

— Talvez seja melhor botarmos numa salada — sugere Caroline.

William estala os dedos.

— Já sei. Vamos fazer o *strangozzi* da Lidia com acelga e molho de amêndoas. O bolo de gengibre da Ina vai ser uma sobremesa perfeita.

— Voto por salada — digo, porque se eu for obrigada a comer mais uma refeição pesada, vou *strangozzi* William.

Ele descobriu um hobby novo, ou talvez eu deva dizer reacendeu uma paixão antiga — culinária. Todas as noites desta última semana, elaboramos as refeições sonhadas por William e sua *sous-chef*, a ainda desempregada Caroline. Não sei bem o que acho disso. Uma parte minha está aliviada por não ter que fazer compras, planejar refeições e cozinhar, mas outra parte se sente deslocada diante da brusca troca de papéis entre mim e William.

— Tomara que tenha sêmola de grão duro aqui em casa — diz William.

— Lidia usa metade grão duro, metade farinha branca — informou Caroline.

Nenhum deles repara quando saio da cozinha a fim de me aprontar para o trabalho.

* * *

Faltam só três semanas para o encerramento das aulas, mas essas são as semanas mais estressantes do ano para mim. Estou montando seis peças diferentes — uma para cada classe. Sim, cada peça dura apenas vinte minutos, mas, pode acreditar, essa apresentação de vinte minutos consome semanas de escolha de elenco, construção de cenários, concepção de figurinos e ensaios.

Quando entro na sala de aula esta manhã, Carisa Norman está à minha espera.

Ela começa a chorar tão logo me vê. Sei por que está chorando — porque eu lhe dei o papel de ganso. A peça do terceiro ano este semestre é *A teia de Charlotte*. Olho para o rosto molhado de lágrimas da menina e me pergunto por que não a coloquei como Charlotte. Ela seria perfeita. Em vez disso, tornei-a um dos três gansos, e, infelizmente, os gansos não têm falas. Para compensar, disse que eles poderiam grasnar quando quisessem. Que confiassem em si mesmos: eles saberiam o momento certo. Isso foi um erro, porque acabou que, para eles, o momento certo de grasnar era o tempo todo da peça.

— Carisa, o que foi, querida? Por que não está no recreio?

Ela me entrega um saquinho plástico. Parece cheio de orégano. Abro o saquinho e cheiro — é maconha.

— Carisa, onde você encontrou isso?!

Ela balança a cabeça, consternada.

— Carisa, meu amor, você tem que me contar — digo, tentando não demonstrar que estou horrorizada.

As crianças andam fumando baseado no ensino fundamental? Será que também estão traficando?

— Não vamos fazer nada com você.

— Meus pais — diz ela.

— Isso pertence aos seus pais? — pergunto.

Acho que a mãe dela é da diretoria da Associação de Pais. Ah, isso não é nada bom.

Ela confirma com um aceno de cabeça e diz:

— A senhora vai entregar à polícia? É o que uma criança deve fazer se acha drogas.

— E como você sabe disso?

— *CSI Miami* — responde ela solenemente.

— Carisa, quero que você aproveite o recreio e não pense mais nisso. Vou cuidar do assunto.

Ela joga os braços em volta de mim. Sua presilha está quase caindo. Prendo-a direito, afastando o cabelo dos seus olhos.

— Desligue o botão da preocupação, está bem?

Isso é uma coisa que eu dizia aos meus filhos quando eles iam se deitar. Quando parei de fazer isso? Talvez eu deva reinstituir o ritual. Queria que alguém desligasse o meu botão da preocupação.

* * *

No intervalo entre uma aula e outra, fico debatendo mentalmente qual será a atitude correta a tomar. Devo levar a maconha direto para a diretora e lhe contar exatamente o que aconteceu — que a doce Carisa Norman dedurou os pais? Mas, se eu contar, a diretora talvez chame a polícia. Não quero isso, claro, mas fazer nada também não é uma opção, dado o estado emocionalmente instável de Carisa. Se há uma coisa que eu sei a respeito de alunos de terceiro ano é que a maioria é incapaz de esconder qualquer coisa — eles acabam confessando. Carisa não pode voltar atrás no que sabe.

Na hora do almoço, tranco a porta da sala de aula, pego o meu laptop e procuro no Google "maconha medicinal". Vai ver os Norman têm autorização para usar maconha com fins medicinais. Mas, se tivessem, com certeza o produto estaria num vidro com receita — não num saco Ziploc. Talvez eu possa perguntar a um profissional como ele distribui seus produtos normalmente. Clico em *Encontre um distribuidor perto de você* e estou prestes a escolher entre o Foggy Daze e a Green Cross quando meu celular toca.

— Você pode fazer o favor de pegar Jude na escola hoje? O raio do depoimento vai acabar tarde — diz Nedra.

— Nedra, que bom que você ligou. Lembra que você falou sobre não delatar os filhos aos pais, naquela noite na escola em que assistimos à palestra *Como evitar que seus filhos se tornem viciados em metanfetaminas*? Que eu deveria aprender a ficar de bico calado?

— Depende das circunstâncias. Tem a ver com sexo? — pergunta Nedra.

— Sim, eu pego Jude, e não, não tem a ver com sexo.

— DSTs?

— Não.

— Putaria generalizada?

— Não.

— Plágio?

— Não.

— Drogas?

— Sim.

— Drogas pesadas?

— Maconha é classificada como droga pesada?

— O que aconteceu? — Nedra suspira. — É Zoe ou Peter?

— Nenhum dos dois. É uma menina do terceiro ano. Ela dedurou os pais, e a minha pergunta é: será que eu devo dedurá-la de volta para os pais?

Nedra faz uma pausa.

— Bem, o meu conselho ainda é não, fique fora disso. Mas confie na sua intuição, querida. Você tem bons instintos.

Nedra está enganada quanto a isso. Meus instintos estão iguais à minha memória — ambos começaram a fraquejar depois dos quarenta.

* * *

Por favor, caia na caixa postal, por favor, caia na caixa postal, por favor, caia na caixa postal.

— Alô.

— Ah, oi. Oooi. É a Sra. Norman?

— Sim.

Começo a divagar:

— Como vai? Espero não ter ligado numa hora inconveniente. Parece que a senhora está no carro. Espero que o trânsito não esteja ruim. Mas, nossa, é sempre ruim. Afinal, isso aqui é São Francisco. Mas um preço pequeno a pagar por essa abundância toda, não é mesmo?

— Quem está falando?

— Ah, desculpe! Aqui é Alice Buckle, professora de teatro da Carisa.

— Sim.

Já ensino teatro há bastante tempo para saber quando estou falando com uma mãe ressentida por eu ter dado o papel de ganso ao filho dela na peça do terceiro ano.

— Ah, é que, bem, parece que temos um problema.

— Carisa está tendo dificuldade em decorar as falas?

Viu só?

— Olha só. Carisa chegou à escola bastante nervosa hoje.

— Aham.

A rudeza na voz dela me desconcerta.

— A senhora a deixa assistir a *CSI Miami* ? — pergunto.

Ai meu Deus, Alice.

— É por isso que está me ligando? Ela tem um irmão mais velho. Vocês não podem querer que eu controle tudo que a Carisa vê.

— Não é por isso que estou ligando. Carisa trouxe para a escola um saco cheio de maconha. *Sua* maconha.

Silêncio. Mais silêncio. Será que ela ouviu o que eu disse? Será que botou o telefone no mudo? Está chorando?

— Sra. Norman?

— Isso simplesmente está fora de questão. Minha filha não levou um saco de maconha para a escola.

— Sim, bem, sei que é uma situação delicada, mas ela trouxe, sim, um saco de maconha, porque estou com ele nas mãos neste exato momento.

— Impossível — diz ela.

Esta é a versão adulta daquele recurso de tapar os ouvidos e cantarolar para não ouvir o que você está dizendo.

— Está dizendo que eu estou mentindo?

— Estou dizendo que deve estar enganada.

— Estou lhe fazendo um favor. Posso perder o meu emprego. Eu poderia ter levado isso à diretora. Mas não levei por causa da Carisa. E porque talvez a senhora tenha algum problema clínico que lhe permita o uso medicinal de maconha.

— Um problema clínico?

Será que ela não entende que estou tentando lhe oferecer uma saída?

— Sim. Muita gente usa maconha por problemas de saúde, não é nenhuma vergonha. Probleminhas, nada importante, como ansiedade ou depressão.

— Não sou ansiosa nem deprimida, Sra. Buckle, e agradeço o seu interesse… mas, se continuar a me incomodar, vou ter que tomar uma providência.

A Sra. Norman desliga.

Depois do trabalho, vou de carro até o McDonald's e jogo o saco de maconha na caçamba de lixo atrás do restaurante. Depois vou embora dirigindo como uma fugitiva, o que significa olhar obsessivamente pelo retrovisor a trinta por hora numa área cujo limite é sessenta, rezando para não haver uma câmera no estacionamento do McDonald's. Por que todo mundo é tão grosseiro? Por que as pessoas não se ajudam? E qual foi a última vez que senti que meu marido se importava comigo?

51

EKT3 (Fórum dos Pais para Discussão sobre o Ensino de Teatro do Terceiro Ano Fundamental da Escola Kentwood)
Boletim nº 129
Forum PaisEKT3@yahoogroups.com

Mensagens neste boletim (5)

1. Alice Buckle foi justa ao não dar falas aos gansos? Participe, gente! **Postado por: Abelharainha-nha**

2. RE: Alice Buckle foi justa ao não dar falas aos gansos? Olha, sei que provavelmente minha posição será impopular, mas vou manifestá-la assim mesmo. É irreal achar que cada criança na peça terá uma fala. Isso simplesmente não é possível. Não com uma turma de trinta crianças. Em alguns anos, os seus filhos terão sorte e receberão um bom papel. Em outros, não. No fim, tudo se equilibra. **Postado por: Mamãefazendeira**

3. RE: Alice Buckle foi justa ao não dar falas aos gansos? Não! Não foi justa. E isso não se equilibra. Alice Buckle é uma hipócrita! Acham que ela alguma vez já escolheu os próprios filhos para o papel de ganso? Acho que não e posso provar isso. Tenho todos os programas das peças da escola dos últimos dez anos. A filha dela, Zoe, foi a Sra. Abóbora, o Primeiro Narrador, a Domadora de Leão de Braço Engessado e a Abelha Preguiçosa. O filho dela, Peter, foi o Elfo Rabugento, o Troll Ligeiramente Acima do Peso, o Bufão Bovino (todo mundo queria esse papel) e a Noz. Alice Buckle simplesmente ficou preguiçosa. Será que é tão difícil garantir que cada criança tenha pelo menos uma fala? Talvez a Sra. Buckle já esteja lecionando teatro há tempo demais. Talvez ela deva pensar em se aposentar. **Postado por: Mamãehelicop**

4. RE: Alice Buckle foi justa ao não dar falas aos gansos? Tenho que concordar com a Mamãehelicop. Tem alguma coisa muito errada com a Sra. Buckle. Será que ela não deveria manter um histórico de todas as turmas? Das peças que foram encenadas e dos papéis de cada criança ao longo dos anos? Assim ela poderia garantir que foi tudo equânime. Se o seu filho teve um papel de uma só fala no ano passado, bem, então este ano ele deveria ter um dos papéis principais. E se não teve nenhuma fala — bem, não me venha com essa. Isso é simplesmente inaceitável. Minha filha está desolada. *Desolada.* **Postado por Tempestadenanormandia**

5. RE: Alice Buckle foi justa ao não dar falas aos gansos? Posso fazer uma observação? Tenho quase certeza de que a quantidade de falas que o seu filho tem na peça do terceiro ano não vai afetá-lo em nada no futuro. Absolutamente nada. E se por acaso eu estiver errado, e se de fato afetá-lo, eu lhes pediria isso: considerem a possibilidade de um papel pequeno ser uma coisa boa. Talvez essas crianças que só

tiveram papéis de uma única fala (ou talvez sem fala) acabem desenvolvendo uma autoestima maior. Por quê? Porque aprenderão desde cedo a lidar com o desapontamento e a tirar o melhor partido de uma situação e a não desistir nem fazer um escândalo quando algo não sai como elas querem. Há muitas coisas acontecendo no mundo neste momento que são dignas de nos deixar desolados. A peça do terceiro ano não é uma delas. **Postado por: DavidMametFã182**

52

54. — Oi, mãe — gritou ela alegremente quando paramos no meio-fio.

Era quase meia-noite, e William e eu fomos buscá-la no último baile do ano letivo.

Ela meteu a cabeça na minha janela e riu.

— A gente pode levar o Jew em casa?

— Quem?

— O Jew!

— Jude — interpretou William. — Caramba, ela está de porre.

William rapidamente fechou as janelas, apenas segundos antes de ela vomitar na porta do carro.

— Está com o seu telefone? — perguntou ele.

Sabíamos que essa hora chegaria, tínhamos discutido o nosso plano, e agora entramos em ação. Saltei do carro, iPhone em punho, e comecei a tirar fotos. Bati algumas clássicas. Zoe encostada na porta do carro, sua crinolina com estampa de flor-de-lis toda vomitada. Zoe entrando descalça no banco traseiro, o cabelo suado colado na nuca. Zoe no percurso até em casa, a cabeça balançando no banco, a boca aberta. E a mais triste: sendo carregada pelo pai para dentro de casa.

Foram alguns amigos que nos deram esse conselho. Quando ela tomasse um porre, e ela com certeza *tomaria*, não era uma questão de *se*, mas de *quando*, deveríamos documentar tudo, porque ela estaria muito bêbada para se lembrar dos detalhes.

Pode parecer cruel, mas funcionou. Na manhã seguinte, quando lhe mostramos as fotos, ela ficou tão horrorizada que, até onde sei, nunca mais ficou bêbada.

55. Eu tinha julgado William totalmente errado. Ele não era um aristocrata de sangue azul cheio de títulos, um elitista da Ivy League. Tudo que ele possuía, ele tinha se esforçado como um condenado para conquistar, inclusive uma bolsa integral para estudar em Yale.

— Cerveja? — perguntou-me o pai dele, Hal, com a porta da geladeira aberta.

— Quer Bud Light, Bud Light ou Bud Light? — perguntou William.

— Vou querer a Bud Light — falei.

— Gostei dela — disse Hal. — A última bebia água. Sem gelo. — Hal abriu um sorriso de escárnio para mim. — Helen. Ela não teve a menor chance depois que você apareceu, não foi, magrinha? Não se importa se eu chamar você de magrinha, não é?

— Só se você chamasse a Helen assim também.

— Helen não era magrinha. Rechonchuda, talvez.

Eu já estava apaixonada por Hal.

— Estou vendo de quem William puxou tanto charme.

— William é um monte de coisas — disse Hal. — Arrojado, ambicioso, inteligente, arrogante, mas charmoso não é.

— Estou tentando melhorar isso — disse.

— O que você vai fazer para o jantar? — perguntou Hal.

— Estrogonofe de carne — respondeu William, tirando da sacola os ingredientes

que tínhamos comprado.

— Meu prato preferido — disse Hal. — Lamento a Fiona não poder vir.

— Não se desculpe pela mamãe. Não é sua culpa — disse William.

— Ela queria vir — disse Hal.

— Sei — disse William.

Os pais de William se divorciaram quando ele tinha dez anos, e a mãe dele, Fiona, logo se casou de novo com um homem que tinha dois filhos. No início, Hal e Fiona tinham guarda conjunta, mas aos doze anos William já morava com o pai. William e Fiona não eram chegados, e ele raramente a via, a não ser em festas e ocasiões especiais. Mais uma surpresa. Nós dois órfãos de mãe.

56. Guardei um ovo para você.

57. Não se preocupe. Eu cuido disso.

53



John Yossarian *mudou sua foto do perfil*

Muito fofa, Pesquisador 101! Como ela se chama?

Desculpe, não posso divulgar essa informação.

Tudo bem. Pode divulgar do que mais gosta nela?

Nele. O jeito que ele encosta o focinho frio na minha mão às seis da manhã. Uma vez só. Depois fica sentado muito atento ao lado da cama, esperando pacientemente que eu acorde.

Que gracinha... O que mais?

Bem, no momento ele está metendo o focinho embaixo do meu braço enquanto tento bater papo com vocêdsfsfd. Desculpe. Ele fica com ciúmes quando estou no computador.

Você tem muita sorte. Pelo que você falou, ele deve ser o cão perfeito.

Ah, ele é.

Eu não tenho um cão perfeito. Na verdade, nosso cachorro é tão mal-educado que meu marido quer dá-lo.

Não é possível que seja tão ruim assim.

Ele fez xixi no travesseiro do meu marido. Tenho medo de convidar as pessoas para virem aqui em casa.

Você deveria adestrá-lo.

Adestramento não é a questão.

O seu marido.

Rá!

É sério. Não é todo mundo que nasce gostando de bicho. Tem gente que precisa ser ensinada.

Não concordo. O amor não deveria ter que ser ensinado.

Diz isso porque o amor vem com facilidade para você.

O que o faz dizer isso, Pesquisador 101?

Sei ler nas entrelinhas.

Nas entrelinhas das minhas respostas?

Sim.

Bem, não sei bem se o amor vem com facilidade, mas é a minha configuração padrão.

Tenho que ir. Mando o próximo questionário dentro de alguns dias.

Espere... antes de você desligar, eu queria lhe perguntar. Está tudo bem? Fazia dias que você não aparecia no Facebook.

Nada de errado, só ando ocupado.

Fiquei com medo de que você pudesse estar zangado.

É isso que eu odeio na comunicação on-line. Não há como julgar o tom.

Então você não está zangado.

Por que eu estaria zangado?

Achei que talvez eu pudesse tê-lo ofendido de alguma maneira.

Fazendo o quê?

Por não ter respondido à sua pergunta 48 revisada.

Você está autorizada a deixar de responder a qualquer pergunta.

Então eu não o ofendi?

Você não fez nada para me ofender. Muito pelo contrário, na verdade. Esse é o problema.

54

Shonda Perkins
PX90 30 dias completos!!
há 12 minutos

William Buckle
Cachorro. Pode ser seu de graça. Necessário gostar de ser mordido.
há 1 dia

William Buckle
Atividade recente
William começou uma amizade com Helen Davies
Há 2 dias

— Correio — anuncia Peter, largando uma revista da AARP, a Associação Americana de Aposentados, na minha mesa. Ele olha por cima do meu ombro. — Quantos posts do papai. E quem é Helen Davies?

— Uma pessoa com quem a gente trabalhava.

— Ela adicionou você também?

Não, Helen Davies, *Helena de Troia*, não me adicionou. Só adicionou meu marido. Ou ele adicionou ela. Faz diferença quem adicionou quem? Sim, provavelmente faz.

Lanço um olhar fulminante para o casal grisalho na capa da *AARP*. Droga! Não quero aproveitar uma oferta especial de colírio para catarata nem quero considerar a minha linha de visão acima do volante porque eu NÃO tenho cinquenta anos e ainda faltam seis anos para eu chegar lá. Por que ficam me mandando exemplares desta revista? Pensei que eu tivesse resolvido isso. Mês passado liguei para a *AARP* para explicar que a Alice Buckle que acabou de fazer cinquenta anos morava em Charleston, Carolina do Sul, numa linda casa antiga com uma enorme varanda que contornava toda a construção. "E como eu sei disso?", perguntaram. "Porque eu a procurei no Google Earth", respondi. "Procurem no Google Earth a Alice Buckle de Oakland, Califórnia, e vocês vão encontrar uma mulher parada na entrada de casa atirando uma *AARP* de volta para o carteiro."

Antigas namoradas voltando à tona. Recebendo revistas de aposentadoria antes

da hora. Não é um bom começo para o meu sábado. Pesquiso no Google a próxima aula de ioga. Tem uma daqui a vinte minutos. Se eu correr, chego.

* * *

— E… shavásana, pessoal.

Finalmente a posição do cadáver! Minha parte preferida da ioga. Rolo e fico de costas. Normalmente, no fim da aula, estou quase dormindo. Hoje não. Até as pontas dos meus dedos pulsam de energia. Eu deveria estar correndo com a Caroline — não fazendo saudações ao sol.

— Olhos fechados — diz a professora, andando pela sala.

Fico olhando para o teto.

— Esvaziem a mente.

Que diabo está acontecendo comigo?

— Quem quiser um mantra tente *Ong So Hung.*

Como ela consegue dizer isso sem rir?

— Que significa "Criador, eu sou tu".

Não preciso de mantra. Tenho um mantra que ando repetindo obsessivamente há vinte e quatro horas. *Você não fez nada para me ofender. Muito pelo contrário, na verdade. Esse é o problema.*

— Alice, tente parar de se mexer — murmura a professora, parando na minha esteira.

Fecho os olhos. Ela se agacha e põe a palma da mão no meu plexo solar.

*Esse é o problema? V*amos esmiuçar essa frase pela quinquagésima vez. O problema é que eu não o ofendo. O problema é que ele deseja que eu o ofenda. O problema é que ele deseja que eu o ofenda porque estou fazendo o oposto. Qual é o contrário de ofender? Agradar. Dar prazer. O problema é que eu estou lhe dando prazer. Prazer demais. Ai, meu Deus.

— Respire, Alice, respire.

Meus olhos se abrem de súbito.

* * *

Estou no vestiário, trocando de roupa, quando passa uma mulher nua a caminho do

chuveiro. A nudez não é algo com que eu me sinta confortável. É óbvio que eu talvez não me sentisse assim se tivesse um corpaço como o dessa mulher, muito bem-cuidado, pé e mão feitos, o púbis totalmente depilado.

Fico olhando um instante — não consigo evitar. Eu nunca tinha visto uma mulher de carne e osso com uma depilação à brasileira. É disso que os homens gostam? É isso que lhes dá *prazer?*

* * *

Depois da minha aula de ioga, Nedra e eu nos encontramos para almoçar. Quando ela vai começar a comer o burrito, pergunto:

— Você se depila lá embaixo?

Nedra pousa o burrito e suspira.

— É claro que não tem problema se você não se depila. Talvez as regras de pelos púbicos sejam diferentes para lésbicas.

— Depilo, querida — diz Nedra.

— Quanto?

— Tudo.

— Você anda fazendo a depilação à brasileira? — exclamo. — E não me disse que eu também deveria fazer?

— Tecnicamente, se chama depilação à Hollywood, se você tira tudo. Quer o telefone do salão onde eu faço? Procure a Hilary. Ela é a melhor e é rápida. Não dói quase nada. Agora podemos falar de outra coisa? Talvez um assunto mais adequado para tratar à luz do dia?

— Tudo bem. Qual é o antônimo de ofender?

Nedra me olha desconfiada.

— Você emagreceu?

— Por quê? Parece?

— Seu rosto afinou. Está malhando?

— Estou trabalhando demais, não dá para malhar. As aulas se encerram daqui a duas semanas. Estou fazendo malabarismo com seis peças.

— Bem, você está com uma cara ótima — diz Nedra. — E para variar não está de moletom. Dá para ver o seu corpo. Gosto do visual regata e cardigã. Fica bem em você. Você tem um pescoço muito sensual, Alice.

— Um pescoço sensual?

Penso no Pesquisador 101. Acho que devia mostrar a Nedra o perfil de Lúcia Pevensie no Facebook.

Nedra pega o celular.

— Vou ligar para a Hilary e marcar uma hora para você porque sei que você nunca vai fazer isso. — Ela disca o número, tem uma conversa rápida, diz um *Obrigada, querida* e fecha o celular. — Ela teve uma desistência. Pode atender você em uma hora. Por minha conta.

* * *

— Nedra disse que você é rápida. E que não dói.

— Faço o melhor que posso. Já pensou em *vajazzling*? Ou *vatooing*? — pergunta Hilary.

Será que essa mulher realmente espera que eu tenha uma conversa sobre *vajazzes*, quando ela está prestes a aplicar cera quente na minha *vatoo*?

Hilary mexe a panela de cera com um abaixador de língua.

— Vamos dar uma olhadinha, vamos? — Ela levanta a tanga de papel e solta um *tsc*. — Tem alguém que não anda com a depilação em dia.

— Já faz um tempinho — digo.

— Quanto tempo?

— Quarenta e quatro anos.

Hilary arregala os olhos.

— Nossa, uma virgem da depilação. Não aparecem muitas por aqui. Nunca depilou nem a virilha?

— Bom, mantenho as coisas em ordem. Eu raspo.

— Não conta. Por que a gente não começa com uma à brasileira fazendo uma faixa de uns cinco centímetros? Mais para o tipo à americana, na verdade. Vamos começar devagar.

— Não, quero uma à Hollywood. É o que todo mundo faz hoje em dia, não é?

— Muita gente mais nova faz. Mas a maioria das mulheres da sua idade tende a só dar uma ajeitada.

— Quero tirar tudo — digo.

— Está bem.

Ela afasta um lado da tanga de papel e eu fecho os olhos. A cera quente pinga na minha pele. Fico tensa, esperando que queime, mas, surpreendentemente, é gostoso.

Isso não é tão ruim. Hilary coloca uma tira de pano ali em cima e a alisa.

— Vou contar até três — diz ela.

Agarro o pulso dela, de repente apavorada.

— Não estou pronta.

Ela me olha com calma.

— Não, por favor. Tudo bem, espere, espere, me dá só um segundinho. Estou quase pronta.

— Um — ela começa a contar, e puxa a tira.

Grito.

— O que aconteceu com o dois?

— É melhor ser surpreendida — diz ela, e examina a área, franzindo o cenho. — Você não usa produtos à base de retinol, usa?

Na minha *vatoo*, não.

— A primeira vez é a pior. Depois vai ficando mais fácil.

Ela me dá um espelho.

— Não preciso ver — digo, as lágrimas brotando nos olhos. — Termine isso e pronto.

— Tem certeza? — pergunta ela. — Quer fazer uma pausa?

— Não — respondo, quase gritando.

Ela ergue as sobrancelhas para mim.

— Desculpe-me. O que eu quis dizer é por favor vá fazendo antes que eu perca a coragem e vou dar meu melhor para não chorar.

— Se chorar, não tem importância. Você não seria a primeira — diz ela.

* * *

Saio de lá com um vale de cinquenta por cento de desconto para a próxima depilação, uma advertência pós-procedimento (NÃO tome banhos de imersão com sal do Mar Morto pelo menos nas próximas vinte e quatro horas — isso não é problema, Hilary) e um segredinho sensual que só eu sei. Sorrio para as outras mulheres por quem eu passo na rua, com a sensação de ter entrado para a tribo das mulheres impecavelmente cuidadas, mulheres que estão cuidando das coisas *lá embaixo.* Estou tão alegre (e aliviada por só precisar aguentar essa dor de novo daqui a um mês) que paro na Green Light Books e olho as revistas, algo que raramente faço pois estou sempre muito apressada.

Michelle Williams está na capa da *Vogue*. Aparentemente, segundo a revista, MiWi é a nova *it-girl*. Há uma matéria de duas páginas sobre a Noite de MiWi no Centro de Austin. Lá está a encantadora MiWi dando um mergulho em Barton Springs. Ali, sentada no bar em Fado, tomando um Green Flash Le Freak. E uma hora depois ela está experimentando o jeans mais skinny e mais sensual do mundo na Lux Apothetique. Michelle não foi a *it-girl* de dois anos atrás? Será que eles reciclam *it-girls*? Isso não parece justo. Será que não deveriam dar uma chance a outras garotas, como eu?

Noitada da *It-Girl* Alice Buckle Atendendo o telefone e estacionando, ou mesmo cantando desafinadíssima no carro. Quatro horas com AlBu numa noite de sexta-feira

18h01: Atendendo o celular (coisa da qual vai se arrepender mais tarde)

— Sim, claro que eu quero ver um filme sobre uma bela francesa que é dona de uma fazenda de bananas no Congo e acaba morta a golpes de machete pelos homens que ela antes empregava — diz Alice Buckle, mãe de família e esposa de quarenta e quatro anos, que infelizmente *ainda* não tem corpo para usar biquíni embora tenha perdido três quilos recentemente (a verdade é que cinquenta e nove quilos aos quarenta e quatro anos é muito diferente de cinquenta e nove quilos aos vinte e quatro). — Estou ansiosa para ter um homem de pernas compridíssimas dando com os joelhos na minha cadeira durante toda a sessão — diz Alice.

18h45: AlBu é vista hiperventilando

A *it-girl* Alice Buckle dá várias voltas no estacionamento do shopping à procura de uma vaga, resmungando "Sai da minha frente, vaca" para todas as pessoas que também estão dando voltas no estacionamento do shopping à procura de uma vaga. "Que se dane, vou simplesmente parar num lugar proibido", exclama Alice. "Podia ser pior." Ela ri alegremente, correndo para o cinema. "Podia ser a noite de estreia de *Toy Story 8*."

18h55: AlBu em fila enorme na bilheteria

"É a noite de estreia de *Toy Story 8* ", conta Alice Buckle.

19h20: A *it-girl* Alice Buckle passando por cima de um bando de velhos com seu corpo impróprio para biquíni a fim de chegar ao lugar que sua melhor amiga Nedra guardou para ela

"Você acabou de perder a melhor parte", diz Nedra, "quando o filho é recrutado para o exército hutu", diz Nedra.

19h25: AlBu ferrada no sono

21h32: AlBu é vista entrando na garagem do vizinho ao confundi-la com a sua.

A visão noturna de AlBu está debilitada. Ela fica abatida, pensando que pode ser o início precoce da degeneração macular. Seu ânimo melhora ao ouvir "Dance with me", de Orleans, no carro. "Isso lembra tanto a época do colégio", exclama ela e depois começa a chorar. "É muito injusto. Como as francesas ficam tão bem sem maquiagem? Talvez se todas as mulheres nos Estados Unidos parassem de usar maquiagem, todas nós ficaríamos bem também. Quer dizer, depois de alguns meses."

22h51: AlBu vai deitar sem tirar a maquiagem

— Foi uma noite mágica, mas não vou mentir. Ser uma *it-girl* é exaustivo — confessa Alice, deitando-se na cama.

— Vire para o outro lado, querido, você está roncando — diz ela, dando um tapinha no ombro do marido, que prontamente lhe dá uma lambida no rosto.

— Jambo! — grita Alice, pegando seu cachorrinho minúsculo nos braços. — Pensei que você fosse o William!

É difícil ficar zangada com o cachorro por expulsar seu marido da cama quando ele é tão fofo e animado. Os dois se aconchegam e, em algumas horas, Alice acorda e encontra o belo presente que Jampo deixou no travesseiro do seu marido.

— A senhora me desculpe, mas pretende comprar essa revista? — interrompe uma jovem vendedora.

— Ah, desculpe. — Fecho a *Vogue,* alisando a capa. — Quer dar uma olhada?

Ela aponta para um aviso manuscrito. "Não é permitido ler as revistas.

Tentamos mantê-las em condições perfeitas para as pessoas que realmente vão comprá-las."

— É mesmo? Então como a pessoa vai saber se quer comprar?

— Veja a capa. A capa diz tudo que tem dentro. — Ela me olha de cara feia.

Ponho a revista de volta na prateleira.

— É exatamente por isso que ninguém compra mais revistas — digo.

À noite, enquanto as crianças estão lavando a louça do jantar, anuncio a William que há algo estranho quanto aos cookies no meu computador e pergunto se ele pode fazer o favor de vir me ajudar. Isso é mentira. Sou perfeitamente capaz de me livrar dos meus próprios cookies.

— Peter pode ajudar você — diz ele.

— É fácil, mãe. É só ir em preferências e… — diz Peter.

— Já tentei isso — interrompo-o. — É mais complicado, William. Preciso que você dê uma olhadinha.

Vou com ele até meu escritório e fecho a porta.

— Não é nenhum bicho de sete cabeças — diz ele, encaminhando-se para a minha mesa. — Você clica na maçã e depois vai…

Desabotoo minha calça jeans e a abaixo até o chão.

— …para preferências — termina ele.

— William — digo, pisando para fora da calcinha caída no chão.

Ele se vira, olha para mim e não diz nada.

— Tchã-ran!

Ele está com uma expressão estranha. Não sei se está assustado ou excitado.

— Fiz para você — digo.

— Não fez, não — retruca ele.

— Para quem mais eu faria?

O que eu estava pensando? Isso está saindo completamente pela culatra. Cuidar de repente da virilha não é um dos indícios certos de que sua esposa o está traindo? Não o estou traindo, mas estou flertando com um homem que não é meu marido e que acaba de admitir que lhe dou prazer, o que me deu prazer, o que por sua vez resultou num aumento súbito da minha libido, que finalmente me levou a depilar a virilha pela primeira vez na vida. Será que isso conta? Será possível que ele saiba?

William faz um som gutural estranho.

— Você fez para você. Confesse.

Começo a tremer. Um tiquinho de nada.
— Venha cá, Alice.
Hesito.
— *Agora* — sussurra ele.
E damos início ao sexo mais quente que fizemos em meses.

55

58. *O Planeta dos Macacos*

59. Não muito. Bem, na verdade raramente. Não vejo muito sentido nisso. Nós dois temos que conviver, então, para quê? E, honestamente, quem tem energia para isso? No início, sim. Nossa maior discussão aconteceu antes mesmo de nos casarmos e foi porque eu quis convidar Helen para o casamento. Eu disse que seria um gesto de conciliação simpático — ela provavelmente não iria, mas convidá-la era o certo a ser feito, ainda mais porque estávamos convidando quase todos os nossos colegas de trabalho da Peavey Patterson. Quando ele me disse que não tinha intenção de convidar para seu casamento uma mulher que me chamara de galinha (e que parecia odiá-lo com todas as forças), lembrei-lhe que, tecnicamente, eu *era* a outra quando ela me chamou disso, e será que podíamos culpá-la por nos odiar? Não era hora de perdoar e esquecer? Depois que falei isso, ele me disse que eu podia me dar ao luxo de ser generosa por que tinha vencido. Olha, isso me deixou tão furiosa que tirei o anel de noivado e o joguei pela janela.

Só que aquele não era um anel da Zales, era o anel de noivado da minha mãe, que estava na família dela havia anos, trazido da Irlanda pela sua avó. Não tinha muito valor — era um brilhante pequeno com duas esmeraldas miudinhas, uma de cada lado. O que não tinha preço em relação ao anel era a história dele e o fato de meu pai tê-lo dado a William para que ele me desse. Por dentro, tinha uma inscrição. Uma coisa muito linda e doce, quase açucarada, de qual não consigo me lembrar. Só me lembro da palavra "coração".

O problema é que estávamos no carro quando atirei o anel pela janela. Tínhamos acabado de sair da casa do meu pai e passávamos pelo parque no centro de Brockton quando William fez o comentário sobre eu ter *vencido*. Eu só queria assustá-lo. Atirei o anel pela janela e continuamos a toda, ambos em estado de choque. Voltamos e tentamos localizar o ponto onde eu havia jogado o anel, mas, embora tenhamos procurado metodicamente pelo gramado todo, não o encontramos. Fiquei arrasada. Cada um de nós, no íntimo, culpava o outro. Ele me culpava, claro, por ter jogado o anel. Eu o culpava por ser tão insensível. A perda do anel nos perturbou profundamente. Perder — ou, no meu caso, jogar fora — algo de valor tão inestimável antes mesmo de termos começado nossa vida em comum... seria um mau presságio?

Eu não aguentaria contar a verdade a meu pai, então mentimos: dissemos a ele que nosso apartamento tinha sido assaltado e o anel, roubado. Até planejamos o que dizer se ele perguntasse por que eu não o estava usando na hora. Eu o tirei porque estava aplicando uma máscara facial e não queria que o grude verde ficasse preso na delicada filigrana da joia, que depois eu teria que limpar com um palito ou uma sonda dental. Foi nessa ocasião que aprendi que é melhor evitar muitos detalhes ao se contar uma mentira. São os detalhes que matam a gente.

60. — Lo-li-ta: a ponta da língua descendo em três saltos pelo céu da boca para

tropeçar de leve, no terceiro, contra os dentes. Lo. Li. Ta.

61. Dedos compridos, afinando nas pontas. Palmas grandes. Cutículas que nunca precisavam ser aparadas. Chet Baker no toca-fitas. Ele estava cortando pimentão para a salada. Olhei para aquelas mãos e pensei: Vou ter os filhos desse homem.

62. O que aconteceria se vocês deixassem de se comunicar? Eu escrevi: "Isso JAMAIS aconteceria. William e eu falamos sobre tudo. Não teremos esse problema." E não, hoje isso não se aplica.

63. No quintal da casa do meu primo Henry, no North End, que dava para o Porto de Boston. Era noite. O ar recendia a maresia e alho. Nossas alianças eram simples, o que parecia merecido após o fracasso do anel de noivado. Se estava chateado por causa do anel, meu pai não disse nada. Aliás, ele falou muito pouco aquela noite, de tão emocionado que estava. Antes do início da cerimônia, ele apertava de cinco em cinco minutos meus ombros com força e acenava com a cabeça. Quando chegou a hora de dar a minha mão, ele me conduziu para a pérgola, levantou o meu véu e me deu um beijo no rosto. "Você está indo embora, querida", disse ele, e foi então que comecei a chorar. Chorei a cerimônia inteira, o que, compreensivelmente, desconcertou William. "Está tudo bem", ele me dizia sem emitir som, enquanto o padre fazia a parte dele. "Eu sei", respondia eu, também só com o movimento da boca. Eu não estava chorando por estar me casando, estava chorando porque a minha história com meu pai se resumira àquelas cinco palavras escolhidas com perfeição. Ele só podia dizer algo aparentemente tão banal porque nossa vida juntos tinha sido o oposto.

56

Vc leu aquele artigo q aconselha todo mundo a comer mais queijo, Alice?

Pq vc ignora os meus torpedos, Alice?

Qerida?

Desculpe, pai. Fim de ano letivo. Ocupada d+ pra mandar SMS. Ocupada d+ pra ler. Ocupada d+ pra comer.

Preocupado q vc não come queijo suficiente. Mulheres da sua idade precisam d proteína e cálcio. Espero q vc não vire vegana aí na Califórnia.

Pode acreditar. Não precisa se preocupar com a minha ingestão de queijo.

Novidade. Acho q tô me apaixonando.

O q??? Por quem???

Conchita.

Conchita Martinez, nossa vizinha Conchita? Aquela do filho Jeff que eu namorei e depois chutei no último ano do colégio?

É! Essa mesma. Ela lembra c/ carinho vc. Jeff, nem tanto. Guarda rancor.

Por que vc está falando como um índio? Estão passando muito tempo juntos?

Toda noite. Casa dela ou minha. Geralmente minha pq o Jeff ainda em casa. Fracassado.

Ah, pai... estou mto feliz por vc.

Feliz por vc também. Bem casada esse tempo tido. Muito orgulhoso. Deu tudo certo pra gente, mas me faz um favor — come um brie inteiro hj. Medo q vc desabe. Sua florzinha delicada vc.

57

John Yossarian
Em termos claros: é subestimado
há 23 minutos

Pois então, acho que estou virando um problema para você, Pesquisador 101.

Como, Esposa 22?

Não o estou ofendendo o suficiente.

Não posso discordar disso.

Ótimo. Vou fazer o possível para ofendê-lo mais no futuro, porque, segundo o antonimo.com, o oposto de ofensa é prazer e eu não iria querer inadvertidamente lhe dar prazer.

Não se pode ser responsabilizado pela forma que se é recebido.

Dar prazer a você nunca foi minha intenção.

Essa é a sua ideia de falar claramente, Esposa 22?

Você sabe que é estranho. O modo como nossas conversas correm sem fim. É como um rio. Nos jogamos na água e mergulhamos. Quando emergimos, descobrimos que nos deixamos arrastar para quilômetros de distância de onde estávamos na última vez que nos falamos, mas não tem importância. Ainda é o mesmo rio. Toco no seu ombro. Você se vira. Você chama. Eu respondo.

Sinto muito por você ter perdido o seu anel de noivado. Parece um acontecimento muito traumático. Algum dia contou a verdade ao seu pai?

Não, e sempre me arrependi disso.

Por que não lhe contar agora?

Já se passaram muitos anos. Para quê? Só iria perturbá-lo.

Sabia que, segundo o sinonimo.net, a definição de "problema" é "um estado de dificuldade que precisa ser resolvido"?

Essa é a sua ideia de falar claramente, Pesquisador 101?

Depois de me comunicar com você durante essas semanas todas, posso dizer categoricamente: você, Esposa 22, está precisando de uma resolução.

Não posso discordar disso.

Posso dizer também (de modo um pouco menos categórico, por medo de desconcertá-la) que eu gostaria de ser o responsável por fazê-la se decidir.

58

64. No meu terceiro mês de gravidez da Zoe, eu me sentia enjoadíssima, mas conseguia esconder muito bem. Cheguei a perder dois quilos e meio por causa dos meus enjoos matinais, de modo que ninguém no teatro notava que eu estava grávida — exceto, claro, a Bunny olhos de laser, que adivinhou o meu segredo assim que me viu. Só tínhamos nos encontrado uma vez antes, em Boston, depois que ela me contactou com a notícia incrível de que a minha peça *A atendente* ganhara o concurso. Ela imediatamente me advertiu que, embora tivesse vencido, meu texto precisava ser trabalhado. Perguntou se eu estava disposta a reescrever alguns trechos. Eu disse que sim, claro, mas achei que as modificações seriam insignificantes.

Cheguei ao Blue Hill numa tarde de setembro. As semanas anteriores não tinham sido fáceis. William não queria que eu fosse — naturalmente não quando eu estava me sentindo tão mal. Tivemos uma briga no café da manhã, e eu saíra de casa furiosa acusando-o de tentar sabotar a minha carreira. Passei a viagem toda me sentindo mal, mas, naquele momento em que eu estava na porta do teatro olhando para o palco, fiquei toda empolgada. Lá estava ele, enorme, bem na minha frente. Minha vida como dramaturga estava realmente prestes a começar. O teatro Blue Hill tinha exatamente o cheiro que um teatro deve ter, predominando notas de poeira e papel, e ao fundo notas de pipoca e vinho barato. Abracei meu texto junto ao peito e desci o corredor para cumprimentar Bunny.

— Alice! Você está grávida — disse ela. — Parabéns! Está com fome?

E estendeu uma caixa de bolinhos Little Debbie.

— Como soube? Só estou de doze semanas. Nem aparece.

— O seu nariz. Está inchado.

— Está? — falei, tocando nele.

— Não muito. Só um tiquinho à toa. Acontece com quase todas as mulheres, mas elas não notam porque as membranas não incham de repente, mas ao longo da gravidez.

— Olha, eu agradeceria se você não contasse a ninguém...

O cheiro doce e melado da caixa de bolinhos de Bunny chegou ao meu nariz, e tive que cobrir a boca com a mão.

— Saguão, à direita — instruiu-me Bunny, e corri pelo corredor a caminho do banheiro para vomitar.

Aquelas semanas de ensaio foram intensas. Dia após dia, eu ficava sentada ao lado de Bunny no escurinho do teatro, onde ela tentava me aconselhar. A princípio, a maioria das sugestões dela era na linha de me encorajar a ir além do clichê. "Simplesmente não convence, Alice", dizia ela muitas vezes sobre uma cena. "As pessoas não falam assim na vida real." À medida que os ensaios prosseguiam, ela foi ficando cada vez mais insistente, porque tinha certeza de que alguma coisa ainda não estava funcionando. Bunny me pressionava para achar a nuance e a sutileza que julgava faltarem nas personagens. Mas eu não concordava. Achava que a profundidade estava ali. Ela só não estava enxergando ainda.

Uma semana antes da noite de estreia, o protagonista abandonou a peça. O primeiro ensaio com os figurinos foi um desastre, o segundo foi só um pouco melhor, e, finalmente, na undécima hora, finalmente enxerguei *A atendente* com os olhos de Bunny — e fiquei horrorizada. Bunny tinha razão. A peça era uma caricatura. Uma superfície ousada e vistosa, porém sem substância por baixo. Só cortina e nada de palco.

A essa altura, já não dava mais para mudar nada. Tive que deixar a peça rolar. Ela pegaria um vento forte ou iria a pique sozinha.

A noite de estreia correu bem. O teatro estava lotado. Rezei para que tudo milagrosamente acabasse dando certo naquela noite, e, a julgar pelo público empolgado, parecia que seria assim. William ficou do meu lado o tempo todo. Eu já estava com uma barriguinha, o que fez aflorarem seus instintos protetores. Sua mão era uma presença constante na altura dos meus rins. Na manhã seguinte saiu uma crítica entusiástica do *Portland Press Herald.* O elenco inteiro comemorou com um passeio num barco lagosteiro. Alguns de nós ficamos bêbados. Outros (eu) vomitaram. Nenhum de nós sabia que esse seria o único momento ao sol que *A atendente* conseguiria, mas será que alguma vez a gente desconfia que a magia está prestes a acabar justo quando a mágica está surgindo?

Eu não diria que William tenha ficado feliz com o fracasso da peça, no entanto ele ficou feliz por eu estar em casa, me preparando para a chegada do bebê. Ele não foi tão longe a ponto de dizer "eu bem que falei", mas toda vez que Bunny me mandava um e-mail com mais uma crítica negativa (ela não era daqueles diretores que acreditam em ignorar as críticas ruins, muito pelo contrário; ela acreditava que quanto mais críticas negativas recebêssemos mais vacinados ficaríamos), ele adotava uma expressão sombria que eu só podia interpretar como constrangimento. De alguma forma, o meu fracasso público se tornara também o dele. Ele não precisou me aconselhar a não escrever outra peça. Tomei essa decisão sozinha. Eu me convenci de que havia uma estrutura em três atos na gravidez, um começo, um meio e um fim. Eu era essencialmente uma peça viva, e por hora isso teria que me bastar.

65. Sei que colega de quarto é uma expressão tabu, mas eis um raciocínio: e se ser colega de quarto é o estágio natural da parte intermediária do casamento? E se for assim que deve ser? A *única* forma *possível* de mantermos nossa relação enquanto atravessamos o difícil estirão da criação dos filhos e da tentativa de fazer uma poupança para a aposentadoria e da aceitação do fato de que a aposentadoria já não existe e que vamos ter que trabalhar até morrer.

66. Quinze minutos atrás.

59

— Hum — faz Caroline.

— Perfeito — diz William.

— Era para ter gosto de terra mesmo? — pergunto, olhando para o meu smoothie.

— Ah, Alice — exclama Caroline. — Você só sabe dizer a verdade.

— Ela não tem filtro nenhum, você quer dizer — rebate William.

— Você realmente deveria correr com a gente — sugere Caroline.

— É. Por que não vem? — acrescenta William, soando nem um pouco sincero.

— Porque alguém tem que trabalhar — respondo.

— Está vendo? Totalmente sem filtro — diz William.

— Bom, preciso tomar banho e me arrumar. Tenho uma segunda entrevista na Tipi hoje à tarde. É para a vaga de estágio, mas desde que eu entre está bom — diz Caroline.

— Espera aí, o que é Tipi? — pergunto.

— Microfinanças. É uma empresa incrível, Alice. Só tem um ano de existência, mas já distribuíram mais de duzentos milhões de dólares em empréstimos para mulheres em países do Terceiro Mundo.

— Já contou à sua mãe que passou para a segunda etapa? Ela deve estar empolgada.

— Não contei. E, pode acreditar, a empolgação vai passar longe dela. Ela acha que estou desperdiçando o meu diploma de informática. Mas, se fosse o PayPal ou o Facebook ou o Google, estaria dando cambalhotas.

— Não é muito a cara dela.

Caroline dá de ombros.

— Essa *é* a minha mãe. Só que uma parte da minha mãe que a maioria das pessoas não vê. Bom, estou de saída.

Ela mete um morango na boca e deixa a cozinha.

— Bem, bom para ela. Está correndo atrás — digo.

— Está querendo dizer que eu *não* estou correndo atrás? — diz William. — Já

fui a dez entrevistas. Só não fico falando.

— Você já foi a *dez* entrevistas?

— Sim, e não tive um único retorno.

— Ah, William, puxa, *dez* entrevistas? Por que não me contou? Eu poderia ter ajudado você. Isso é avassalador. A situação está ruim. Não é só você. Deixa eu ajudá-lo. Eu posso ajudar. *Por favor.*

— Não há nada com que você possa ajudar.

— Bem, posso apoiar você. Nos bastidores. Sou boa para consolar. De primeira, na verdade…

Ele me corta:

— Não preciso que você me console, Alice. Preciso de um plano. E preciso que você me deixe em paz enquanto eu elaboro esse plano. Vou resolver isso. Sempre resolvo.

Levo meu copo à pia e passo uma água.

— Ótimo — digo, devagar. — Bem, meu plano é o seguinte. Mandei aquela carta para a Associação de Pais perguntando se eles cogitariam transformar meu cargo em uma função de tempo integral em agosto. São seis peças por semestre. Deveria ser um trabalho de tempo integral.

— Você *quer* ser professora de teatro em tempo integral? — pergunta William.

— Quero poder mandar os nossos filhos para a faculdade.

William cruza os braços no peito.

— Caroline tem razão. Você deveria voltar a correr. Isso lhe faria bem.

— Você parece estar se dando bem com Caroline.

— Eu preferia correr com você.

É mentira. Será que o Pesquisador 101 costuma correr?

— O que foi? — pergunta ele.

— Como assim, o que foi?

— Você estava com uma cara estranha.

Enfio o copo no lava-louça e bato a porta da máquina.

— É só a cara que eu tenho quando deixo você em paz para você poder resolver as coisas.

* * *

— Gansos da Califórnia, somos inesquecíveis. Gansinhos, bandos de gansos, os

machos por cima. Penas brancas tão macias que dá vontade de fazer carinho na gente. Quá, quá, quá, quá. Quá, quá, quá, quá.

*Os machos por cima. Quer fazer carinho na gente? Onde eu estava com a cabeça? Estou parada nos bastidores do palco da Kentwood reconsiderando a minha decisão de colocar os gans*os para fazerem uma paródia de "California Gurls", da Katy Perry, ao final de *A teia de Charlotte*. As perucas lilás que consegui na loja de fantasias deixam os gansos parecendo vagabundas (assim como o seu andar saltitante e o rebolado), e, a julgar pelas expressões ciumentas de Wilbur e Charlotte e do restante do elenco, tenho quase certeza de que fui longe demais na tentativa de compensar o fato de os gansos não terem fala. Isso pareceu uma ideia muito brilhante às três da manhã, quando eu estava de bobeira no YouTube e me convenci de que a cena de Katy Perry pelada, tendo somente uma nuvem cobrindo-lhe a bunda, era uma declaração pós-pós-feminista.

Começo a pensar em desculpas para explicar por que tenho que ir embora antes do fim da peça. Por alguma razão, todas têm a ver com dente. Eu estava comendo caramelos e a minha coroa caiu. Eu estava comendo um bagel e um pedaço da casca furou a minha gengiva.

Ouço risadinhas e sussurros vindo dos pais quando os gansos concluem seu número, que inclui se alinharem abraçados como as Rockettes, jogando beijos para a plateia. Os gansos terminam sua canção, acrescentando um pequeno rebolado. Aplausos fracos e os gansos saem saltitando do palco. Ai, meu Deus. A Mamãehelicop tem razão. Faço isso há muito tempo. Aí vejo o garoto que fez o Wilbur segurando um ramo de cravos. Em seguida sou empurrada para o palco, onde o ramo é jogado nos meus braços. Viro-me e encaro uma plateia de expressões reprovadoras em sua maioria, salvo por três, as mães dos gansos, uma das quais é uma Sra. Norman extremamente sorridente, que parece ter me perdoado pela acusação de que ela era uma maconheira.

— Bem — começo —, *A teia de Charlotte*. Nunca é demais. E não tivemos uma Charlotte maravilhosa este ano? Talvez vocês achem *A teia de Charlotte* um pouquinho inadequada, já que Charlotte morre no final e tal, mas, na minha experiência, o teatro é um lugar seguro para fazer experiências com questões difíceis como a morte. E essa sensação. A sensação da morte.

A sensação é isso que eu sinto agora.

— Quero agradecer a vocês por confiarem a mim seus filhos. Nem sempre é fácil ser professora de teatro. A vida não é justa. Não somos todos iguais. Alguém tem que ficar com o papel de coadjuvante com uma fala só. E alguém tem que ser a estrela. Sei que vivemos numa época em que tentamos fingir que isso não é verdade.

Os pais estão guardando suas filmadoras e se retirando.

— Tentamos poupar os nossos filhos de frustrações. Evitar que eles vejam coisas antes da hora. Mas precisamos ser realistas. Há coisas ruins por aí. Especialmente na internet. Ora, outro dia mesmo, meu filho… Bom, a questão é que não se pode simplesmente deixá-los assistir a um filme e depois acelerar as partes assustadoras. Não é mesmo?

O auditório agora está quase vazio. A Sra. Norman acena para mim da primeira fileira.

— Tudo bem, então eu agradeço a presença de todos. Hã… um bom verão para vocês e até o ano que vem!

* * *

— Quando o DVD fica pronto? — pergunta a Sra. Norman. — Estamos muito orgulhosos da Carisa. Quem diria que ela dançava tão bem? Quero encomendar três cópias.

— O DVD? — pergunto.

— Da peça. Você contratou alguém para filmar, não?

Ela não pode estar falando sério.

— Vi um monte de pais gravando a apresentação. Tenho certeza de que alguém ficará feliz de lhe mandar uma cópia.

Ela balança a cabeça solenemente.

— Carisa, vá pegar a sua mochila. Encontro você lá fora.

Ambas observamos Carisa se retirar toda pimpona.

— Aquela peruca foi um erro, desculpe-me.

— Do que está falando? Os gansos roubaram a cena — diz a Sra. Norman. — As perucas foram brilhantes. Assim como a escolha da música.

— Não achou que foi um pouquinho… madura?

A Sra. Norman dá de ombros.

— É um mundo novo. Oito é o novo treze. As meninas estão desenvolvendo busto no quarto ano. Ela já está me implorando por um sutiã. Agora fazem em tamanhos muito pequenos, sabe? Pequenininhos. Com enchimento. Muito fofos. Então, olhe, quero pedir desculpas pelo que aconteceu semana passada. Você me pegou de surpresa. Eu queria lhe agradecer. Sou muito grata pelo que fez.

Finalmente, um pouco de gratidão!

— Não há de quê. Tenho certeza de que qualquer mãe teria feito o mesmo se estivesse no meu lugar.

— Então onde e quando posso encontrá-la? Sei que não devemos fazer isso na escola.

— Acho que estamos bem aqui — digo. O auditório está vazio. — Ninguém pode nos ouvir.

— Quer me dar agora? Andou carregando isso por aí? Na bolsa? — Ela aponta para a minha bolsa a tiracolo. — Beleza! — Ela estende a mão, mas a recolhe, rapidamente. — Talvez devêssemos ir para os bastidores.

Essa mulher acha que ainda tenho o baseado dela?

— Ahn… Sra. Norman? Não está mais comigo o seu… a sua *coisa.* Eu me livrei dela. No dia em que lhe telefonei para falar a respeito, na verdade.

— Você jogou fora? Valia quase mil dólares!

Olho para sua respeitável cara de lua indignada e penso no Pesquisador 101, o que me dá confiança para *falar claramente.*

— Sra. Norman, eu tive um dia muito difícil. Foi um erro meu botar as meninas para cantar "Gansos da Califórnia". Peço desculpas por isso e torço muito, muito mesmo, para a senhora não comprar um sutiã para a Carisa. Ela é muito menina e, até onde eu posso ver, não tem peito nenhum. Talvez a senhora deva ter uma conversa com a sua filha sobre o trauma que ela teve ao encontrar o seu estoque de drogas ilícitas em vez de falar comigo sobre como pode conseguir a maconha de volta. Ela é uma garota muito boazinha, e está confusa.

— O que lhe dá o direito? — sibila a Sra. Norman.

— Diga alguma coisa a ela. Qualquer coisa. Simplesmente toque no assunto. Ela não vai esquecer. Pode acreditar.

Quá, quá, quá, quá, quá, diz a Sra. Norman, ou seja, sua professora de merda.

Quá, quá, quá, quá, quá, respondo eu, ou seja, sua mãe maconheira, tchau.

* * *

No carro, boto a minha música a todo volume para me acalmar, mas *I dreamed a dream in time gone by* não funciona hoje. Quando chego em casa, ainda estou nervosa por causa dos acontecimentos da tarde, e faço uma coisa que eu sei que provavelmente só vai aumentar a minha ansiedade: entro escondida no quarto de Zoe para verificar o inventário de produtos Hostess, algo que faço toda semana na esperança de entender um pouco como a minha filha pode consumir milhares de

calorias de bolinhos Ding Dongs por semana e nunca engordar nem um mísero grama.

— Não acho que ela seja bulímica — diz Caroline, enfiando a cabeça no quarto. — Você saberia se ela estivesse tomando purgante.

— Sim, bem, mas estão faltando dois Yodels — digo.

— Você anda contando os bolinhos?

— E sempre escuto a água correndo no banheiro quando ela está lá dentro.

— Isso não quer dizer que ela esteja vomitando. Só não deve gostar que as pessoas a ouçam fazendo xixi. Ando observando Zoe. Ela não é bulímica. Não acho que ela esteja se empanturrando de Yodels, não acho mesmo, Alice. Ela simplesmente não se encaixa no perfil.

Dou um abraço em Caroline. Adoro tê-la aqui em casa. Ela é inteligente, divertida, corajosa, criativa e gentil: exatamente o tipo de jovem que torço para que Zoe se torne quando crescer.

— Já comeu um Yodel? — pergunto.

Caroline nega com um gesto de cabeça. Claro que ela nunca provou o minirrocambole.

Jogo-lhe um.

— Vou guardar para depois — diz Caroline, franzindo o cenho para a embalagem.

— Pode devolver. Sei que você não vai comer.

Caroline torce o nariz.

— Tem razão, não vou, mas minha mãe vai… você sabe como ela gosta de porcarias. Meus pais vêm passar uns dias aqui. Yodel não tem prazo de validade, tem?

— Bunny vai vir a Oakland?

— Nós nos falamos hoje de manhã. Eles acabaram de decidir.

— Onde eles vão ficar?

— Acho que estão planejando alugar uma casa.

— De jeito nenhum. Muito caro. Eles podem ficar aqui. Você dorme no quarto da Zoe e eles podem ficar no quarto de hóspedes.

— Ah, não, ela não quer incomodar. Você já está me recebendo.

— Não é incômodo nenhum. Na verdade é um egoísmo da minha parte… quero estar com ela.

— Mas não precisa primeiro perguntar a William?

— William vai concordar, prometo.

— Tudo bem. Se você tem certeza, vou dizer a ela. Ela vai adorar. Ah, Alice. Tive uma ideia. E se você e eu começássemos a correr? Podíamos fazer isso em segredo. Ir devagar. No seu ritmo. E com o tempo você chegaria ao ponto em que poderia voltar a correr com William.

— Acho que William não está interessado em correr comigo.

— Você se engana. Ele sente a sua falta.

— Ele disse isso?

— Não, mas dá para perceber. Ele não para de falar em você quando está correndo.

— Você quer dizer que ele fica reclamando.

— Não! Simplesmente fica falando sobre você. Coisas que você disse.

— *É mesmo?*

Caroline confirma com um aceno de cabeça.

— Bom… que legal, eu acho.

Na verdade, isso me irrita. Por que William não pode demonstrar que sente a minha falta na minha frente? Pego o Yodel das mãos de Caroline.

— O preferido da sua mãe é o Sno Balls.

Posso ver Bunny sentada no fundo do teatro Blue Hill, tirando a pele cor-de-rosa de marshmallow do bolinho de chocolate enquanto instrui um ator a ir mais *fuuundo.* Há alguma coisa em relação a teatro e carboidratos simples.

— Quando eu era pequena, isso vinha embrulhado em papel prateado — digo. — Embrulhado como se fosse uma surpresa. Um presente que você não sabia que ia chegar.

Tal qual o Yodel, a visita de Bunny me dá a sensação de ser coisa do destino.

* * *

Três dias depois, chega oficialmente o verão. As crianças estão de férias, e eu também. Por causa das nossas finanças, não vamos fazer muita coisa neste verão (a não ser acampar nas Sierras daqui a algumas semanas). Todo mundo vai ficar o tempo todo em casa, menos Caroline, que descolou um estágio na Tipi.

Aceitei a oferta de Caroline para treinar comigo, e agora estou parada no meio da rua, arfando, curvada como uma velha, as mãos nos joelhos, profundamente arrependida da minha decisão.

— Foram mil e seiscentos metros em doze minutos — diz Caroline, olhando o relógio. — Ótimo, Alice.

— Doze minutos? Que patético. Até andando eu faço mais rápido. — Arfo de novo. — Caroline, me diga de novo por que estamos fazendo isso.

— Porque depois você vai se sentir ótima.

— E durante vou me sentir morrendo e amaldiçoar o dia em que deixei você se hospedar lá em casa?

— É por aí — diz ela, quicando na ponta dos pés. — Vamos, não pare. Você não vai querer que o ácido lático se acumule nas suas panturrilhas.

— Não, naaada de ácido lático. Só me dê um segundinho para eu recuperar o fôlego.

Caroline olha distraidamente ao longe com os olhos apertados.

— O que foi? — pergunto.

— Nada.

— Está ansiosa para os seus pais chegarem?

Caroline dá de ombros.

— Você contou a Bunny sobre a Tipi?

— Aham. — Caroline se alonga rapidamente e sai trotando. Dou um gemido e vou cambaleando atrás dela. Ela gira nos calcanhares e corre de costas. — William me disse que vocês faziam mil e seiscentos metros em nove minutos. Vamos fazer você voltar a esse tempo. Mexa os braços. Não, não como um pato, Alice. Encolhidos abaixo dos ombros.

Alcanço-a e, minutos depois, ela olha o relógio e franze o cenho.

— Você se incomoda se nos quatrocentos metros finais eu fizer um sprint?

— Vai, vai — bufo, acenando para ela ir.

Tão logo ela some de vista, diminuo o passo para um ritmo de caminhada e pego o celular. Clico no aplicativo do Facebook.

Kelly Cho
Obrigada por me adicionar, Alice!
há 5 minutos

Nedra Rao
Contrato pré-nupcial, gente! Contrato!!
há 10 minutos

Bobby Barbedian
Robert Bly diz que tudo bem se você criar asas na descida.

há 2 horas

Pat Guardia
Está sonhando com as lumpia da Tita. Fica a dica.
há 4 horas

Phil Archer
Li o meu biscoito da sorte diário!!
A sensibilidade que você demonstra ter em relação aos outros voltará para você.
há 5 horas

Chato. Nada empolgante.
Então entro como Lúcia Pevensie.

John Yossarian
Curtiu atendentes de bar.
há 5 horas

Solto um gritinho.

60

John Yossarian
Por que não?
há 1 hora

Tudo bem, só vou perguntar. Você está flertando comigo, Pesquisador 101?

Não sei. Você está flertando comigo?

Deixe que eu seja a pesquisadora uma vez. Responda à minha pergunta.

Sim.

Você tem que parar.

Mesmo?

Não.

61

Jantar Sueco na Casa da Nedra

19h30: Na cozinha de Nedra

Eu: Aqui estão as almôndegas!
Nedra (*puxando o papel alumínio e fazendo uma careta*): São caseiras?
Eu: E aqui está a geleia de amora alpina para acompanhar.
Nedra: *Agora* eu entendo por que você escolheu cozinha sueca. Porque ficou sem velas baratas. Alice, o objetivo desses jantares temáticos internacionais é sair da nossa zona de conforto e fazer comidas novas, não comprá-las na Ikea.
William (*entregando-lhe uma caçarola*): *Blåbärspålt.*
Nedra (*puxando o papel-alumínio com uma expressão radiante*): Você também trouxe um prato?
William: Eu fiz. É uma iguaria tradicional sueca.
Nedra: William, querido, estou impressionadíssima. Alice, coloque na mesa a geleia de amora alpina, sim? O copinho de isopor foi um toque simpático, por sinal.

19h48: Ainda na cozinha

Linda: Espere até ter que mandar seu filho para a faculdade. É como o parto, ou o casamento. Ninguém lhe diz quão difícil é.
Kate: Ah, que isso, não pode ser tão ruim.
Bobby: Já contamos que as suítes ficaram prontas?
Linda: Primeiro, tive que acordar às cinco da manhã para ver no site o horário da

mudança do Daniel. É por ordem de chegada, e todo mundo quer o turno das sete às nove. Se não pegar esse, você está ferrado.

Nedra: Por que não foi o próprio Daniel que acordou às cinco da manhã?

Linda (*com um gesto descartando a ideia de que se possa contar com um garoto de dezoito anos para botar o despertador na hora certa*): Eu consegui o turno. Chegamos ao campus às seis e quarenta e cinco e já havia filas enormes de pais e filhos esperando os quatro elevadores que serviam ao dormitório todo. Nitidamente, havia um turno das cinco às sete do qual não me informaram, do tipo as-regras-não-se-aplicam-a-mim-porque-estou-pagando-cinquenta-mil-dólares-por-ano.

Bobby: Tenho dormido como um bebê. Linda também. E a nossa vida sexual… não vou entrar em detalhes, mas vamos dizer apenas que dá um tesão danado a gente ter a sensação de ser um estranho na própria casa.

Linda: Então cada um de nós arrastou uma mala de vinte quilos escada acima por cinco andares até o quarto do Daniel. Uma façanha de Sísifo, dado que a toda hora éramos empurrados pelos pais felizardos que chegaram lá cedo o suficiente para usar o elevador e carregar a bagagem dos filhos até o quarto deles, e que diziam coisas idiotas como "Isso parece pesado, hein" ou "Não estão felizes de se ver livres deles?". E quando chegamos ao quarto do Daniel, que horror! O outro garoto já tinha chegado e já estava com quase tudo no lugar. Quando nos viu, a mãe dele nem nos cumprimentou, estava desembalando as coisas freneticamente e reservando o máximo de espaço possível para o filho. Parece que o tal colega de quarto tem aquela síndrome em que uma perna é mais curta que a outra e recebeu permissão especial para se instalar super, hipercedo — no turno das três às cinco.

Eu: William, pense só no dinheiro todo que vamos economizar agora que as crianças não vão para a faculdade e nós poderemos evitar o dia da mudança.

Bobby: Minha única pergunta: por que a gente esperou tanto? Podíamos estar felizes assim há anos. Nosso arquiteto comentou que todos dizem isso depois que constroem as suítes separadas.

Linda: Ao menos o colega de quarto teve a decência de parecer constrangido com a quantidade de tralhas que tinha levado: micro-ondas, fogareiro, geladeira, bicicleta. Deixamos as malas do Daniel no corredor e dissemos a eles que voltaríamos depois.

Bobby: É só vocês darem um pulinho lá que eu mostro como ficou.

Linda: Então estávamos saindo quando o colega de quarto disse: "Adivinha só? Eu tenho uma máquina de fazer raspadinha de gelo." Meu ânimo foi lá embaixo. Eu também tinha comprado uma máquina de fazer raspadinha para o Daniel. Li em algum blog que era uma das principais coisas que se deveria levar para a faculdade

para ficar popular. Agora eles teriam duas máquinas de raspadinha num quarto de três por três metros, ou seja, eram raspadinhas demais para que eles conseguissem ser populares. Em vez disso, as pessoas iriam se perguntar qual era problema daqueles garotos do quarto quinhentos e sete para terem duas máquinas de raspadinha. Aqueles anos todos de sutil manipulação social, fazendo de tudo para que ele fosse convidado para as festas dos adolescentes populares, dando sugestões úteis tais como, se você não se sentir bem fazendo uma "sarração" no baile, diga apenas que isso é contra a sua religião ou que seus pais o proíbem. Foi aí que eu comecei a chorar.

Eu: O que é sarração?

Kate: Sexo com roupa. Basicamente simular fazer sexo na pista de dança.

Bobby: Eu disse a Linda que ela deveria guardar as lágrimas para depois, quando todos os outros pais estivessem se despedindo dos filhos nos corredores, o único local oficialmente sancionado para despedidas, mas ela me ouviu?

Linda: Eu chorei naquela hora. Chorei quando voltamos lá naquela noite e a maldita mãe do colega de quarto continuava ali organizando e rearrumando as tralhas do filho, e eu não podia, em sã consciência, dizer *Que porra é essa, minha senhora?* para uma mulher cujo filho tem a perna esquerda sete centímetros e meio mais curta que a direita, e chorei uma terceira vez no corredor, dessa vez na hora certa de chorar.

Eu: Que bom que nenhuma das crianças veio, não?

Linda (*soluçando*): E agora vou ter que fazer isso tudo de novo em agosto, com Nick. E aí meus filhos terão ido embora. Nosso ninho vai estar oficialmente vazio. Não tenho certeza se consigo suportar isso.

Bobby: Aposto que existem empresas especializadas em fazer a mudança do seu filho para a faculdade.

William: Grande ideia. Terceirizar o serviço.

Nedra: Mãe nenhuma quer que um estranho faça a mudança do filho para a faculdade, seus idiotas.

Eu: Eu adoraria saber mais sobre as duas suítes. Vocês têm fotos? Essa coisa cor-de-rosa é *gravlox?*

Nedra: *Lax. Lox* é judaico.

Eu: Como você sabe?

Nedra: Hebfaq.com.

20h30: No jardim, jantando

Nedra: Acreditem ou não, *existe* divórcio bom.
Eu: O que torna um divórcio bom?
Nedra: Você fica com a casa, eu fico com o chalé em Lake Tahoe. Dividimos o apartamento em Maui.
William: Em outras palavras, dinheiro.
Nedra: Ajuda.
Kate: E respeito mútuo. E a disposição de fazer tudo certinho, pelos filhos. Não esconder bens.
William: Em outras palavras, confiança.
Eu (*sem olhar para William*): Então conte para a gente, Linda, como é ter quartos separados? Como funciona?
Linda: Vemos TV no quarto dele ou no meu, temos a nossa hora de ficarmos juntinhos e só quando estamos prontos para dormir vamos para os nossos quartos.
Bobby: Então os quartos são exclusivamente para dormir.
Linda: Dormir é muito importante.
Bobby: Falta de sono causa excesso de apetite.
Linda: E diminuição da memória.
Eu: E raiva reprimida.
William: E o sexo?
Linda: O que tem o sexo?
Nedra: Quando vocês fazem?
Linda: Quando a gente normalmente faz.
Nedra: Que é quando?
Bobby: Está perguntando com que frequência?
Nedra: Sempre me perguntei quantas vezes por semana os casais hétero casados fazem sexo.
William: Imagino que o tempo de casados influencie.
Nedra: Isso não me parece muito enaltecedor do casamento, William.
Eu: De que cor você pintou as paredes, Linda?
Nedra: Um casal com mais de dez anos de casado... Eu diria que quinzenalmente.
Eu: E os carpetes? Você acredita que os de lã grossa voltaram à moda?

Linda: Muito mais.
Eu: Bom, *eu* não vou mentir.
Linda: Está dizendo que eu estou mentindo?
Eu: Estou dizendo que você talvez esteja esticando a verdade.
William: Pode me passar o *Blåbärspålt?*
Eu: Uma vez por mês.
William: (*tosse)*

21h38: Na cozinha, guardando as sobras nos Tupperwares

Nedra: Minha testa está brilhando. Estou empanturrada. Estou bêbada. Guarde o seu telefone, Alice. Não quero que tire foto de mim.
Eu: Você vai me agradecer um dia.
Nedra: Você não tem a minha permissão para postar isso no Facebook. Tenho muitos inimigos. Prefiro que eles não saibam onde eu moro.
Eu: Calma. Não vou postar o seu endereço.
Nedra (*arrancando o telefone da minha mão, os polegares frenéticos pela tela*): Você *está* postando o meu endereço. Se o seu telefone tem GPS, as suas fotos têm marcadores geográficos embutidos. Esses marcadores dão a latitude e a longitude exatas em que as fotos foram tiradas. A maioria das pessoas não sabe nem que existe isso, o que, se quer saber, tem sido uma vantagem para os meus clientes. Pronto. Desliguei o serviço de localização na sua câmera. Agora pode tirar a minha foto.
Eu: Deixa pra lá. Você tirou toda a graça da coisa.
Nedra: Mas você estava exagerando, não estava? Vocês fazem sexo mais de uma vez por mês.
Eu (*suspirando*): Não. Eu estava dizendo a verdade. Pelo menos ultimamente tem sido assim.
Nedra: Você pode ter a sensação de que é só uma vez por mês, mas garanto que é mais. Por que você não anota? Deve ter algum aplicativo para telefone criado exatamente para isso.
Eu: Já viu o aplicativo *Por Que Eu Sou Tão Chata*? É grátis. Diz em que dia do seu ciclo você está. Tem uma versão para homens, também, só que custa três dólares e

noventa e nove centavos. É o *Por Que a Minha Mulher É Tão Chata.* E por quatro e noventa e nove você pode fazer um upgrade para o aplicativo *Nunca Pergunte À Sua Mulher Se Ela Está Para Ficar Menstruada.*

Nedra: O que isso faz?

Eu: Cobra quatro e noventa e nove cada vez que a pessoa comete a idiotice de perguntar à esposa se ela está prestes a ficar menstruada.

Nedra (*com uma expressão horrorizada*): O que você está fazendo? Não jogue fora o *Blåbärspålt!*

22h46: Pela porta do banheiro

Eu: Tem alguém aí?

William (*abrindo a porta*): Não.

Eu (*indo de um lado para outro, tentando passar por William e entrar no banheiro*): Escolha um lado, William. Esquerda ou direita?

William: Alice?

Eu: O quê? (*Tentando passar por ele.*) Preciso ir ao banheiro.

William: Olhe para mim.

Eu: Depois que eu fizer xixi.

William: Não, olhe para mim agora. Por favor.

Eu (*olhando para o chão*): Tudo bem, me desculpe. Eu não deveria ter contado para TODO MUNDO que a gente só faz sexo uma vez por mês.

William: Não estou ligando para isso.

Eu: *Deveria*. É informação particular.

William: Isso não quer dizer nada.

Eu: Não concordo. Além do mais, deve ser mais do que uma vez por mês. A gente deveria anotar.

William: Ultimamente tem sido uma vez por mês.

Eu: Está vendo? Você liga, sim. (*Pausa.*) Por que está me olhando desse jeito? Fale alguma coisa. (Pausa.) William, se você não sair da minha frente, vai acontecer um acidente. Agora, escolha: esquerda ou direita?

William (*longa pausa*): Adorei aquela noite no seu escritório.

Eu: (*pausa ainda mais longa*) Eu também.

22h52: Vagueando pelo jardim

Bobby: Sinto que você está interessada na ideia dos quartos separados.
Eu: As lanternas são mágicas. Aqui parece Nárnia.
Bobby: Posso mandar por e-mail o contato do meu arquiteto.
Eu: Se a gente transformasse o nosso quarto em dois, teríamos, um quarto do tamanho de uma cela de prisão para cada um.
Bobby: Isso mudou a nossa vida. Não estou exagerando.
Eu (*tocando o rosto dele com a palma da mão*): Fico feliz por você, Bobby, fico mesmo. Mas não acho que quartos separados vão resolver a nossa vida.
Bobby: Eu sabia! Vocês *estão* tendo problemas.
Eu: Acha que o Aslam pode estar à nossa espera do outro lado daquela cerca?
Bobby: Desculpe. Eu não tinha intenção de parecer tão empolgado com as dificuldades de vocês.
Eu: Não estou em dificuldades, Bobby, estou acordando. Esta sou eu acordando (*deitando na grama*).
Bobby (*olhando para mim*): É incrível como você acordando é igualzinha a você depois de cinco taças de vinho.
Eu (*arfante*): Bobby B! Há tantas estrelas! Quando o céu passou a ter tantas estrelas? É isso que acontece quando a gente se esquece de olhar para cima.
Bobby: Faz muito tempo que ninguém me chama de Bobby B.
Eu: Bobby B, você está chorando?

23h48: Subindo a escada para o nosso quarto

Eu: Parece até que eu estou ligeiramente bêbada.
William: Segure-se no meu braço.
Eu: Acho que agora seria uma boa hora para fazer sexo.
William: Você está mais do que ligeiramente bêbada, Alice.
Eu (*falando enrolado*): Será que estou uma bêbada decente ou indecente?
William (*me acompanhando até o quarto*): Tire a roupa.

Eu: Acho que não consigo fazer isso no momento. Tire você as minhas roupas. Vou só fechar os olhos e descansar um pouquinho enquanto você se aproveita de mim. Isso ainda vai contar, não vai? No nosso total mensal? Se eu pegar no sono enquanto a gente estiver fazendo? Tomara que eu não vomite.

William (*desabotoando e tirando a minha blusa*): Sente-se, Alice.

Eu: Espere, não estou preparada. Preciso de um segundo para encolher a barriga.

William (*vestindo a blusa do meu pijama pela minha cabeça, me deitando nos travesseiros e me cobrindo*): Já vi a sua barriga antes. Além do mais, está totalmente escuro.

Eu: Bem, já que está totalmente escuro, pode fingir que eu sou a Angelina Jolie. Pax! Zahara! Comam seu macarrão integral todo senão vão ver só. Vocês todos podem se mandar da cama de casal JÁ! Ei, por que você não se faz de Brad?

William: Não sou homem de representar um papel.

Eu (*me levantando bruscamente*): Esqueci de comprar velas na Ikea. Agora tenho que voltar lá. Odeio a Ikea.

William: Caramba, Alice. Vá dormir.

62

Acordo tarde com uma dor de cabeça terrível. O lado de William da cama está vazio. Vejo o seu status no Facebook.

William Buckle
16 mil metros
há 1 hora

Ou ele está indo a Paris ou saiu para uma corrida de dezesseis quilômetros. Levanto a cabeça do travesseiro e o quarto gira. Ainda estou bêbada. Péssima esposa. Péssima mãe. Penso nas coisas constrangedoras que fiz ontem à noite no jantar e me encolho. Será que tentei mesmo fingir que fui eu que fiz as almôndegas da Ikea? Será que realmente atravessei rastejando uma cerca no jardim da Nedra procurando um portal para Nárnia? Será que admiti mesmo para os nossos amigos que só fazemos sexo uma vez por mês?

Volto a dormir. Duas horas depois, acordo e chamo debilmente: "Peter", depois "Caroline", depois "Zoe". Não consigo me obrigar a chamar por William. Estou muito humilhada e não quero admitir a ele que estou de ressaca. Finalmente, em desespero, grito "Jampo", e sou recompensada com o tamborilar imediato de patinhas se aproximando. Ele entra no quarto e se mete na cama, arfando para mim como se para dizer "você é a única coisa no mundo que eu amo, a única coisa com que me importo, a única coisa pela qual eu vivo". Então se põe a fazer xixi no lençol todo, de tanta empolgação.

— Feio, feio! — grito, mas é inútil, ele não consegue parar no meio do fluxo, então me limito a vê-lo babar. Seu lábio inferior, não sei como, ficou preso nos dentes, formando involuntariamente uma espécie de sorriso patético à la Elvis que poderia ser interpretado como hostil, mas sei que é de vergonha. — Tudo bem — digo-lhe.

Quando ele termina, me arrasto para fora da cama, me livro da roupa, do edredom, dos lençóis e do protetor de colchão e listo mentalmente as coisas que farei hoje para me ajustar.

1. Beber água com limão em temperatura ambiente.
2. Tricotar um cachecol. Um cachecol bem comprido. Não, um cachecol curto e fino. Não, uma gola, i. e., um cachecol muito, muito curto.
3. Levar Jampo para um passeio acelerado na rua: trinta a quarenta e cinco minutos sem óculos escuros, talvez com um decote em V acentuado, para poder absorver plenamente a dose ideal de vitamina D pelas minhas retinas e pela delicada pele do meu colo.
4. Plantar verbena no quintal para poder começar a tomar infusões e me sentir orgânica e limpa e elegante (contanto que 1. a verbena que eu comprei há um mês na Home Depot e que eu esqueci de regar ou mudar de vaso ainda esteja viva, e 2. eu consiga abaixar a cabeça abaixo da altura da cintura sem vomitar).
5. Lavar roupa.
6. Fazer molho à bolonhesa e deixá-lo em fogo brando o dia inteiro, para a família sentir cheiro caseiro de comida quando chegar.
7. Cantar, ou, se eu estiver muito enjoada para cantar, assistir à *Noviça rebelde* e fingir que sou a Liesl.
8. Lembrar a sensação de ter dezessete para dezoito anos.

É uma lista boa — pena que não faço nada que está nela. Em vez disso, elaboro mentalmente outra lista, dessa vez de coisas que eu NÃO devo fazer de jeito nenhum, e me ponho a derrubar todos os itens.

1. Pôr a roupa na máquina, mas esquecer de ligar.
2. Comer oito unidades de minichocolates Reese's com manteiga de amendoim enquanto digo para mim mesma que eles só têm a metade do tamanho normal.
3. Comer mais oito.
4. Botar uma folha de louro (porque é perfeitamente óbvio que a verbena morreu) em água fervente e me obrigar a beber a caneca toda.
5. Sentir-me maravilhosa por ter catado essa folha de louro durante uma caminhada no parque Tilden e depois tê-la secado ao sol (tudo bem, no secador de alimentos), mas eu a teria secado ao sol se não a tivesse metido no bolso do casaco e a colocado para lavar junto com as roupas.
6. Sentir-me realmente maravilhosa porque agora sou oficialmente uma pessoa que obtém o próprio alimento.
7. Contemplar uma nova carreira como fornecedora/catadora de folhas de louro para os melhores restaurantes da área. Fantasiar com aparições na edição anual da

New Yorker sobre gastronomia usando uma bandana na cabeça e segurando uma cesta de vime cheia de folhas de louro frescas.

8. Procurar no Google "folha de louro da Califórnia" e descobrir que a folha de louro usada na cozinha é na verdade a do Mediterrâneo, e que, embora a da Califórnia não seja tóxica, sua ingestão não é recomendada.

9. Ficar on-line e reler todas as minhas conversas com o Pesquisador 101 até ter extraído toda a excitação de suas palavras.

10. Exausta, adormecer na espreguiçadeira ao sol, Jampo encolhidinho ao meu lado.

* * *

— Você está cheirando a álcool. Está saindo pelos seus poros.

Abro os olhos devagar e vejo William me observando.

— Normalmente a gente avisa nossa presença à pessoa quando ela está ferrada no sono — digo.

— A pessoa não deve estar ferrada no sono às quatro da tarde — rebate William.

— Agora seria uma boa hora para dizer a vocês que eu queria mudar de escola e também entrar para o coral da Pacific Boychoir Academy no outono? — pergunta Peter, ele e Zoe passeando no deque.

Ergo as sobrancelhas para William, lançando-lhe o meu olhar está-vendo-eu-falei-que-o-nosso-filho-era-gay.

— Desde quando você gosta de cantar? — pergunta William.

— Você está sofrendo bullying? — pergunto, sentindo uma descarga de cortisol no corpo só de imaginá-lo sendo provocado.

— Nossa, mãe, você está fedendo — diz Zoe. Ela agita a mão na minha frente.

— É, seu pai já me informou. Onde vocês andaram o dia inteiro?

— Zoe e eu estávamos na Telegraph Avenue — diz Peter.

— Na Telegraph Avenue? Vocês dois? *Juntos?*

Zoe e Peter trocam um olhar furtivo. Zoe dá de ombros.

— E daí?

— Daí que lá não é seguro — digo.

— Por causa daqueles sem-teto todos? — pergunta Zoe. — Pois saiba que a nossa geração é pós-sem-teto.

— O que isso quer dizer? — pergunto.

— Quer dizer que a gente não tem medo deles. Fomos educados para olhar os sem-teto nos olhos.

— E ajudá-los a pedir esmola — acrescenta Peter.

— E onde você estava quando os nossos filhos estavam mendigando na Telegraph Avenue? — pergunto a William.

— Não é minha culpa. Deixei os dois na altura do Market Hall, em Rockridge. Eles pegaram o ônibus para Berkeley — responde William.

— Pedro cantou a "Ode à Alegria" em alemão. Descolamos vinte dólares para um cara! — diz Zoe.

— *Você* sabe cantar a "Ode à Alegria"? — pergunto.

— Tem um canal no YouTube chamado "Cante Você Também Ludwig von Beethoven em Alemão" — diz Peter.

— William, eu começo pelas batatas? — grita Caroline da cozinha.

— Eu ajudo — digo, me arrastando da cadeira.

— Não precisa. Fique aí. Está tudo sob controle — diz William, entrando em casa.

Ao observar a atividade de todos na cozinha, me ocorre que a tarde de domingo é a hora mais solitária da semana. Com um suspiro, abro o laptop.

John Yossarian *curtiu Suécia*
há 3 horas

Lúcia Pevensie
Precisa do seu tônico mágico, mas parece que não o deixou no lugar.
há 3 horas

Aí está você. Já procurou debaixo do banco traseiro do carro, Esposa 22?

Não, mas procurei embaixo do banco traseiro do trenó da Feiticeira Branca.

O que esse tônico faz?

Cura qualquer mal.

Ah... claro. Está se sentindo mal?

De ressaca.

Sinto muito.

Você tem ascendência sueca?

Não posso divulgar esta informação.

Bem, pode me dizer o que você *curte* **na Suécia?**

A neutralidade. É um lugar seguro para aguardar uma guerra, se você estiver em guerra, claro.

Você está em guerra?

Possivelmente.

Como alguém pode estar em guerra "possivelmente"? Não seria óbvio?

A guerra nem sempre é óbvia, ainda mais quando a pessoa está em guerra consigo mesma.

Que tipo de guerra a pessoa normalmente trava consigo mesma?

Uma guerra em que um lado da pessoa acha que ela está cruzando uma linha e o outro acha que essa linha está pedindo para ser cruzada.

Pesquisador 101? Está me chamando de pedinte?

De jeito nenhum, Esposa 22.

Bem, então está me chamando de linha?

Talvez.

Uma linha em que você está pisando?

Basta me mandar parar.

Esposa 22?

Você é sueco.

O que a faz pensar isso?

O fato de você às vezes usar a palavra "ah".

Não sou sueco.

Tudo bem, é canadense.

Melhor.

Você cresceu numa fazenda de gado no sul de Alberta. Aprendeu a montar a cavalo aos três anos; de manhã estudava em casa com seus quatro irmãos, de tarde roubava vacas com as crianças huteritas que moravam na colônia ao lado.

Como sinto saudade dos meus amigos, os huteritas.

Sendo o mais velho, esperavam muito de você, inclusive tocar o rancho quando crescesse. Mas, em vez disso, você foi estudar em Nova York e só aparecia em casa

uma vez por ano, para ajudar a marcar o gado. Um evento para o qual você gostava de levar as suas namoradas, para deixá-las impressionadíssimas e ultrachocadas. E para que elas pudessem ver como você fica bem de perneiras.

Ainda tenho essas perneiras.

Sua mulher se apaixonou por você quando o viu montar um cavalo.

Você é vidente?

Estão casados há muito tempo. Pode ser que ela não esteja mais interessada em vê-lo montar, embora eu imagine que isso nunca envelheça.

Não vou discordar de você quanto a isso.

Você não é: um cara sem graça, um viciado em video games, um jogador de golfe, um chato, uma pessoa que corrige os deslizes orais dos outros, um cara que odeia cachorros.

Também não vou discordar quanto a isso.

Não pare.

Não pare o quê, Esposa 22?

De cruzar minha linha.

63

67. Querer que as pessoas que você ama sejam felizes. Olhar os sem-teto nos olhos. Não querer o que não se tem. O que não se *pode* ter. O que não se *deve ter.* Não escrever torpedos enquanto estiver dirigindo. Controlar o apetite. Querer estar no lugar onde se está.

68. Quando parei de ter os enjoos matinais na gravidez de Zoe, adorei estar grávida. Alterou a dinâmica entre mim e William. Eu me permiti ser vulnerável e ele se permitiu ser protetor, e todos os dias essa voz pasma e primal, tipo para-choque de carro, dentro de mim sussurrava *é assim que deve ser. É assim que você foi feita para viver. É para isso que você existe. Sua vida inteira serviu para fazê-la chegar aqui.* William era galante. Abria portas e vidros de molho de tomate. Ligava o aquecedor do carro antes de eu entrar e segurava meu braço enquanto andávamos por ruas molhadas de chuva. Éramos completos, nós três, como uma trindade, já bem antes do nascimento de Zoe — eu poderia ter passado anos grávida que ficaria feliz da vida.

Aí Zoe chegou, um bebê que tinha cólicas, babava e era agressivamente infeliz. William fugia para a sanidade do seu trabalho todos os dias. Eu ficava em casa de licença-maternidade e dividia as horas em porções de quinze minutos: amamentar, arrotar, deitar no sofá com o bebê aos gritos, tentar cantar para ninar o bebê aos gritos. Foi aí que senti com mais intensidade a perda da minha mãe. Ela nunca teria me deixado passar aqueles meses desnorteantes sozinha. Teria entrado em cena e me ensinado as coisas que as mães ensinam às filhas: como dar banho num bebê, como se livrar da dermatite seborreica, por quanto tempo você deve ficar zangada com o seu marido quando ele prende o bebê na cadeirinha de qualquer jeito e ela escorrega.

E o mais importante, minha mãe teria me informado sobre o tempo. Teria dito: "Querida, é um paradoxo. Na primeira metade da vida, cada minuto leva um ano para passar, mas, na segunda metade, cada ano leva um minuto." Teria me garantido que era normal e que não adiantava ir contra. É o preço que se paga pelo privilégio de envelhecer.

Minha mãe nunca teve esse privilégio.

Onze meses depois, acordei um dia de manhã e o desnorteamento tinha passado. Tirei a minha bebê do berço, ela deu um guinchozinho de golfinho que foi a coisa mais meiga e eu me apaixonei instantaneamente.

69. Querida Zoe,

Eis a história do início da sua vida. Pode ser resumida em uma frase. Eu a amei e aí fiquei com muito medo e aí passei a amá-la mais do que jamais tinha imaginado possível uma pessoa amar outra. Acho que não somos muito diferentes, embora eu tenha certeza de que no momento a gente sinta que sim.

Coisas que talvez você não saiba ou das quais pode não se lembrar:

1. Você sempre lançou moda. Quando tinha dois anos, ficou em pé no colo do Papai

Noel e cantou a plenos pulmões "Do, a Deer" para as cem pessoas irritadas que estavam de pé na fila fazia uma hora. Todo mundo começou a cantar com você. Você fez um flash-mob antes mesmo que alguém soubesse o que era flash-mob.

2. As primeiras férias que seu pai e eu tiramos sem vocês foi na Costa Rica. Você sabe, algumas meninas têm a fase do cavalo. Pois bem, você estava na fase do primata e se convenceu de que eu tinha concordado em lhe trazer um capuchinho de cara branca. Na volta, quando eu lhe dei o seu presente, um chimpanzé de pelúcia chamado Milo, você agradeceu muito, depois foi para o seu quarto, abriu a janela e jogou o bicho nos ramos do pau-rosa do quintal, onde ele vive até hoje. Às vezes, quando chove forte, fazendo a árvore balançar de um lado para o outro, vejo de relance a cara do Milo, sua boca vermelha desbotada sorrindo tristemente para mim.

3. Muitas vezes eu desejo ser mais parecida com você.

Zoe, minha bebezinha — estou naquele estágio ainda-sou-do-seu-time-embora-ultimamente-você-não-aguente-nem-olhar-para-mim-a-maior-parte-do-tempo. É difícil, mas vou indo. Venti lattes de soja da Starbucks ajudam a passar o tempo, assim como assistir a *E o vento levou.*

Sua mãe que te ama.

64



John Yossarian *mudou sua foto do perfil*

Gosta de andar em círculos, Pesquisador 101?

Às vezes andar em círculos pode ajudar muito.

Talvez; mas desde que seja intencional.

Ando imaginando como você é fisicamente, Esposa 22.

Não posso divulgar esta informação; no entanto, posso lhe dizer que não sou uma huterita.

Você tem cabelos castanhos.

Tenho?

Sim, mas você provavelmente o descreveria como cor de burro quando foge, porque tende a se subestimar. No entanto, você tem o tipo de cabelo que toda mulher inveja.

É por isso que me olham tanto de cara feia.

Olhos: castanhos também. Talvez mel.

Ou azuis. Ou verdes.

Você é bonita, e digo isso como um elogio. Bonito é o que fica entre o lindo e o feio, e, na minha experiência, bonito é o melhor lugar para se estar.

Acho que prefiro ser linda.

Quem é lindo tem muita dificuldade em evoluir para qualquer tipo de pessoa com moral e personalidade.

Acho que prefiro ser feia.

Feia... o que posso dizer sobre isso? Muita coisa na vida é uma loteria.

Então você pensa em mim quando não estamos batendo papo on-line?

Sim.

Na sua vida normal? Na sua vida civil?

Frequentemente eu me vejo fazendo alguma tarefa banal, esvaziando o lava-louça ou ouvindo rádio ou sei lá o quê, e alguma coisa que você disse me vem à cabeça e eu fico com um ar de quem está se divertindo, e a minha esposa me pergunta qual é a graça.

O que você diz a ela?

Que conheci uma mulher on-line.

Duvido.

Não, não digo, mas é provável que logo precise dizer.

65

Kelly Cho
Adora estar no comando.
há 5 minutos

Caroline Kilborn
Está cheia.
há 32 minutos

Phil Archer
Limpando a casa.
há 52 minutos

William Buckle
Gimme Shelter
há 3 horas

— Você poderia fazer o favor de parar de olhar o Facebook, Alice? Por um minutinho? — pede Nedra.

Ponho o telefone para vibrar e o meto na bolsa.

— Então, como acabei de dizer, mas vou repetir para você, tenho uma grande novidade. Vou pedir a Kate em casamento.

Nedra e eu estamos olhando uma joalheria na College Avenue.

— O que acha da pedra da lua? — acrescenta ela.

— Puxa vida — exclamo.

— Você ouviu o que eu disse?

— Ouvi.

— E tudo que tem a dizer é "puxa vida"? Posso ver aquela ali, por favor? — Nedra aponta para um anel de ouro de dezoito quilates com uma pedra da lua oval.

A vendedora lhe entrega o anel e ela o põe no dedo.

— Deixa eu ver — digo, agarrando o braço dela. — Eu não entendo. Será que tem alguma coisa envolvendo pedras da lua e lésbicas? Um detalhe sáfico que eu não esteja alcançando?

— Minha nossa — exclama Nedra. — Por que estou lhe perguntando isso?

Você não tem gosto para joia. Na verdade, você nunca usa joia e deveria usar, querida. Ia dar uma levantada no seu visual. — Ela analisa meu rosto com ar de preocupação. — Continua tendo insônia?

— Adotei o estilo francês, nada de maquiagem.

— Sinto muito lhe dizer, mas o estilo francês só funciona na França. A luz lá é diferente. Mais suave. A luz americana é muito incisiva.

— Por que quer se casar agora? Vocês já estão juntas há treze anos. Nunca quiseram se casar antes. O que mudou?

Nedra dá de ombros.

— Não sei bem. A gente simplesmente acordou um dia e parecia certo concretizar a nossa relação. É muito estranho. Não sei se é a minha idade ou… talvez os cinco ponto zero chegando. Mas de repente eu quero tradição.

— Os cinco ponto zero não estão chegando para você. Ainda faltam nove anos. Além do mais, as coisas estão ótimas entre você e Kate. Se vocês se casarem, vão ficar na merda, assim como o restante de nós.

— Isso significa que você não quer ser minha dama de honra?

— Você vai fazer o serviço completo? Damas de honra também?

— Você e William estão na merda? Desde quando?

— Não estamos na merda. Só estamos… distantes. Tem sido muito estressante. Essa história de ele perder o emprego.

— Humm. Posso experimentar aquele? — pergunta Nedra à vendedora, apontando para um anel de diamante de lapidação navete.

Ela o põe no dedo, estica o braço e admira a própria mão.

— É meio estilo Cinderela, mas eu gosto. A pergunta é: Kate vai gostar? Alice, você está de péssimo humor hoje. Vamos esquecer que a gente algum dia teve essa conversa. Façamos o seguinte. Eu ligo para você amanhã. Você diz: "Oi, Nedra, o que conta de novo?" Eu digo: "Tenho uma novidade. Pedi a Kate em casamento!" Você diz: "Caramba, já não era sem tempo! Quando vamos sair para comprar os vestidos? Posso acompanhar você na prova do bolo?" — Nedra devolve o anel à vendedora. — Muito chamativo. Preciso de uma coisa mais sutil. Sou advogada especializada em divórcios.

— Sim, e seria esquisito a sua esposa ostentar um anel de noivado de diamante de dois quilates. Comprado com o dinheiro obtido graças ao fracasso dos casamentos dos outros — digo.

Nedra me olha de cara feia.

— Desculpe — digo.

— Olha, Alice, é simples assim. Encontrei a pessoa com quem quero passar o resto da vida. E ela já passou no teste do espetacular.

— Teste do espetacular?

— Quando conheci Kate, ela era espetacular. E dez anos depois, ela continua sendo a mulher mais espetacular que já conheci. Além de você, claro. Você não se sente assim em relação a William?

Quero me sentir assim em relação a William.

— Bom, por que eu não deveria ter o que você tem? — pergunta Nedra.

— Você deve. Claro que deve. É só que tudo na sua vida está mudando tão depressa… Não consigo acompanhar. E agora você vai se casar.

— Alice — Nedra passa o braço em volta de mim —, isso não vai mudar nada entre nós. Sempre vamos ser melhores amigas. Odeio gente casada que diz coisas ridículas como "Casei com o meu melhor amigo". Será que existe um caminho mais rápido para um casamento sem sexo? Isso não vai acontecer comigo. Vou casar com a minha amante.

— Estou muito feliz por você — guincho. — E pela sua amante. Essa é uma notícia superincrível.

Nedra franze o cenho.

— A situação com William vai melhorar. Vocês só estão passando por uma fase complicada. Aguente firme, querida. Vêm coisas boas por aí. Eu prometo. Deixa eu perguntar uma coisa. Por que você não quer ser minha dama de honra? O problema é a palavra *dama?*

Não. Não tenho problema nenhum com *dama.* É a palavra *honra.* Honra é algo a que eu disse adeus em meus dois últimos bate-papos com o Pesquisador 101.

— Posso ver o anel de esmeralda? — pergunta Nedra.

— Ótima escolha. A esmeralda simboliza esperança e fé — diz a vendedora, entregando-lhe o anel.

— Ah — diz Nedra. — É deslumbrante. — Aqui, Alice, experimente.

Ela põe o anel no meu dedo.

— Ficou incrível em você — diz a vendedora.

— O que acha? — pergunta Nedra.

Acho que a reluzente pedra verde parece que foi enviada por balão diretamente de Oz para Oakland e é o símbolo perfeito da vida efervescente de Nedra.

— A sua espetacular Kate vai adorar. — Fungo.

— Mas *você* adorou? — pergunta Nedra.

— Que importância tem se eu gosto ou não?

Nedra tira o anel do meu dedo e o devolve à vendedora com um suspiro.

* * *

Observar a minha melhor amiga ler os meus e-mails particulares e bate-papos no Facebook não costuma ser uma atividade à qual eu me entregue. Mas, nessa última meia hora, foi exatamente o que andei fazendo. Finalmente confidenciei a Nedra sobre o Pesquisador 101, e, a julgar pela expressão de desprezo dela, começo a achar que foi uma péssima ideia.

Nedra desliza para mim meu celular por sobre a mesa da cozinha.

— Não dá para acreditar.

— O quê?

— Que diabo você está fazendo, Alice?

— Não posso evitar. Você leu. Nossas conversas são como uma droga. Estou viciada.

— Ele é espirituoso, eu admito, mas você é casada! Casada na base do "na alegria e na tristeza, na saúde e na doença".

— Eu sei. Sou uma péssima esposa. Foi por isso que contei a você. Você tem que me dizer o que fazer.

— Bom, é fácil. Você precisa cortar todos os laços com ele. Nada aconteceu ainda. Você não atravessou linha nenhuma a não ser na sua cabeça. Simplesmente pare de falar com ele.

— Não posso simplesmente parar — digo, horrorizada. — Ele vai ficar preocupado. Vai achar que aconteceu alguma coisa comigo.

— E aconteceu *mesmo*. Você botou a cabeça no lugar, Alice. Agora mesmo. Hoje.

— Acho que não posso fazer isso. Simplesmente abandonar a pesquisa sem dizer nada.

— Você tem que largar — diz Nedra. — Ora, não sou pudica, você sabe. Acho que um pouquinho de flerte faz bem ao casamento, desde que se redirecione essa energia de volta para a relação, mas você já passou muito do estágio do flerte.

Ela pega o meu celular novamente e passa o olhar rapidamente pelas minhas conversas.

— Uma guerra em que um lado da pessoa acha que ela está cruzando uma linha

e o outro acha que essa linha está pedindo para ser cruzada. Alice, isso não é mais inocente.

Ouvi-la ler em voz alta as palavras do Pesquisador 101 me faz estremecer — no bom sentido. E embora eu saiba que Nedra está cem por cento certa, também sei que não vou conseguir largá-lo. Ao menos por enquanto. Sem uma despedida adequada. Ou sem descobrir as intenções dele — se é que ele tem intenções, claro.

— Você tem razão — minto. — Toda razão.

— Ótimo — diz Nedra, amenizando o tom. — Então você vai parar de falar com ele? Vai parar a pesquisa?

— Vou — respondo, e meus olhos se enchem d'água.

— Ah, Alice, qual é, não pode ser tão difícil.

— É só que eu estava me sentindo sozinha. Não tinha percebido quanto até começarmos a trocar e-mails. Ele me ouve. E me pergunta coisas. Coisas importantes, e o que eu digo tem importância — falo, de repente soluçando.

Do outro lado da mesa, Nedra pega a minha mão.

— Querida, eis os fatos. Sim, William às vezes é um idiota. Sim, ele tem defeitos. Sim, vocês dois talvez estejam passando por uma fase de carência. Mas isso… — Ela pega o telefone e o sacode. — Isso não é real. Você sabe disso, não sabe?

Confirmo com um gesto de cabeça.

— Então quer que eu lhe recomende uma ótima terapeuta de casais? Ela é maravilhosa. Na verdade, já ajudou muitos dos meus clientes a reatar.

— Você manda os seus clientes para uma terapeuta de casal?

— Quando acho que há alguma coisa digna de ser salva, sim.

* * *

Mais tarde nesse mesmo dia, quando estou sentada nas arquibancadas da escola fingindo assistir a Zoe jogar vôlei (de cinco em cinco minutos grito "Vamos nessa, Troianas!" e ela olha para mim lá de baixo e me lança um olhar fulminante), penso em William e em mim. Ele tem que ter uma parte da culpa pelo meu afastamento emocional; por ser tão pouco comunicativo. Quero estar com alguém que me ouça. Que diga: *Comece pelo começo, me conte tudo e não me esconda nada.*

— Oi, Alice. — Jude senta-se ao meu lado. — Zo está jogando bem.

Observo-o observando Zoe e não posso deixar de sentir um pouco de ciúmes. Já

faz muito tempo que não me olham assim. Eu me lembro da sensação, de quando eu era adolescente. A certeza absoluta de que o garoto não conseguia controlar o próprio olhar — quem controlava era eu, e pelo simples fato de existir. Não era preciso dizer uma palavra. Um olhar assim dispensava tradução. O significado era óbvio. *Não consigo parar de olhar para você, queria conseguir mas não dá, não dá, não dá.*

— Você tem que parar de segui-la, Jude.

— Quer Tic Tac? — Ele deixa caírem três balinhas de menta na palma da minha mão. — Não consigo evitar.

Eu não disse a mesma coisa para a mãe dele há não mais que uma hora?

— Jude, meu amor, eu conheço você desde que era bebê, então pode acreditar que isso é dito com amor: passe para outra.

— Quem dera eu conseguisse — diz ele.

Zoe olha para as arquibancadas e seu queixo cai ao nos ver juntos.

Eu me ponho de pé num pulo.

— Vamos nessa, Troianas! Vai, Zoe! Boa cortada! — grito.

— Ela é levantadora, não atacante — Jude me corrige.

— Bela levantada, Zoe! — grito, me sentando.

Jude bufa.

— Ela vai me matar — digo.

— É — concorda ele, enquanto Zoe fica vermelha de vergonha lá na quadra.

* * *

— Tenho uma novidade — digo a William à noite.

— Espere um segundo, estou acabando de cortar as cebolas. Preparou as cenouras, Caroline? — pergunta ele.

— Esqueci — diz ela, correndo para a geladeira. — Quer elas à juliana ou em cubinhos?

— Cubinhos. Alice, saia da frente, por favor. Você está bem na frente da pia.

— Tenho uma novidade — repito. — Sobre Nedra e Kate.

— Nada como o cheiro de cebola caramelizada — diz William, metendo a panela embaixo do nariz de Caroline.

— Humm — faz ela.

Penso na maneira como Jude olhava para Zoe. Com tanto desejo. Com tanto

apetite. Exatamente como meu marido está olhando para um monte de cebolas murchas.

— Quanto de estragão? — pergunta William.

— Duas colheres de chá, ou uma de sopa? Esqueci — diz Caroline. — Mas pode não ser estragão. Talvez seja manjerona. Olhe no Epicurious.

Suspiro e agarro o meu laptop. William olha de relance para mim.

— Não vá embora. Quero ouvir a sua novidade. Só tenho que verificar a receita.

Faço-lhe um exagerado gesto de positivo e vou para a sala de estar.

Entro no Facebook como Lúcia. O Pesquisador 101 está on-line. Olho para William. Ele está ocupado, franzindo o cenho para seu iPhone.

— É estragão ou manjerona? — pergunta Caroline.

— Espere — diz William. — Não consigo achar a receita no Epicurious. Será que foi no Food.com?

Clico no nome dele na lista de bate-papo e rapidamente digito:

O que está acontecendo?

O Pesquisador 101 leva só alguns segundos para responder:

Além de nossos cérebros estarem sendo inundados de feniletilamina?

Dou de ombros. A voz do Pesquisador 101 se parece muito com a de George Clooney — pelo menos na minha cabeça. Escrevo:

Será que devemos pôr um fim nisso?

Não.

Será que devo pedir que eu seja transferida para outro pesquisador?

Não mesmo.

Já flertou assim com outra de suas entrevistadas?

Eu nunca flertei com nenhuma outra mulher além da minha esposa.

Caramba, sinto um súbito calor latejante na virilha e cruzo as pernas para esconder, como se alguém pudesse ver.

— Achou? — pergunta Caroline.

— Food.com. Duas colheres de chá de estragão — responde William, acenando com o telefone para ela. — Você tinha razão.

Fico ali sentada no sofá tentando persuadir minha pulsação a voltar ao estado normal. Respiro pela boca. Será que um ataque de pânico é assim? William me olha lá de longe.

— Então, qual é a sua novidade, Alice? — pergunta ele.

— Nedra e Kate vão se casar.

— Vão?

— Você não parece surpreso.

Ele faz uma pausa e ri.

— Só estou surpreso que elas tenham demorado tanto.

66

70. Que às vezes, quando estou sozinha e num lugar onde ninguém me conhece, falo imitando o sotaque britânico.

71. Preocupação. Perguntar a Peter quando foi a última vez que ele passou o fio dental. Resistir ao impulso de afastar o cabelo dos olhos de Zoe para poder ver seu rosto bonito.

72. Como seria espantoso ver as feições dele nos rostos dos meus filhos.

67



John Yossarian *mudou sua foto do perfil.*

Amanhã faço vinte anos de casada.

Como se sente em relação a isso, Esposa 22?

Ambivalente.

Desculpe. Eu não tinha intenção de que isso acontecesse.

"Isso" sou eu?

Eu me lembro de quando entrei para a faculdade. Eu estava numa cidade grande. Não vou dizer onde. Mas lembro que depois que me despedi dos meus pais, andei pelas ruas exultante, porque ninguém me conhecia. Pela primeira vez na vida eu estava completamente desligado de todas as pessoas que eu amava.

Também me lembro dessa sensação. Achei o desligamento apavorante.

Você se dá conta de que as gerações futuras jamais vão experimentar essa sensação? Estamos acessíveis todos os minutos do dia.

E o seu argumento é?

A sua acessibilidade é altamente viciante, Esposa 22.

Essa é a sua mão na nova foto do seu perfil?

É.

Por que você postou uma foto da sua mão?

Por que eu queria que você a imaginasse na sua nuca.

68

— Temos que pedir guioza — diz Peter.

— A gente sempre pede guioza. Vamos pedir rolinhos de alface — diz Zoe. — Vegetarianos.

— Vocês têm certeza de que não se importam de a gente entrar de penetra no jantar de aniversário de casamento de vocês? — pergunta Caroline. — Não é muito romântico.

— Alice e eu já tivemos vinte anos para ser românticos — diz William. — Além do mais, é bom sair para comemorar. Sabiam que o presente tradicional para o vigésimo aniversário de casamento é porcelana chinesa? Por isso fiz reserva no chinês P. F. Chants. — Ele toca com o dedo no cardápio. — Carneiro picante *cheng-du*. China.

Porcelana chinesa, sim. Hoje de manhã, dei a William um prato comemorativo, com foto, que encomendei em dezembro. A foto é de vinte anos atrás: estamos nós dois em frente ao Fenway Park. Ele está atrás de mim, os braços ao redor dos meus ombros. Estamos assustadoramente jovens. Não sei bem se ele gostou do presente. O prato vinha com um suporte para colocá-lo de pé sobre algum móvel, mas ele simplesmente o guardou de volta na caixa.

William corre os olhos com rigidez pelo restaurante.

— Cadê o garçom? Preciso de uma bebida.

— Então, vinte anos — reflete Zoe. — Como é?

— Ah, Zoe, que tipo de pergunta é essa? — digo.

— O tipo de pergunta que se faz num aniversário de casamento. Uma pergunta séria. Para fazer um balanço — responde ela.

O que estávamos pensando ao convidá-los para o nosso jantar de aniversário de casamento? Se fôssemos só William e eu, falaríamos de assuntos seguros, como o mercado de ações ou a porta problemática da garagem. Em vez disso, vamos ser interrogados sobre como nos sentimos em relação ao nosso casamento.

— O que seria *como?* — pergunta William. — Você precisa ser mais específica, Zoe. Odeio essa mania que a sua geração tem de fazer perguntas tão vagas. Vocês

esperam que os outros façam o trabalho todo, inclusive esclarecer o que vocês tinham intenção de perguntar.

— Que merda, pai — diz Peter. — Ela só está tentando ser simpática.

— Peter Buckle, este é nosso jantar de aniversário de casamento. Eu agradeceria se você não falasse *merda* — digo.

— E o que estou autorizado a dizer?

— "Droga". "Pombas". Ou que tal "puxa vida"? — sugiro.

— Tipo, *Puxa vida, pai, ela só está tentando ser simpática* ? — diz Peter. — Puxa vida.

William me faz um sinal de cabeça do outro lado da mesa e, por um momento, sinto uma união. O que me intimida mais ainda quando penso no Pesquisador 101 me pedindo para imaginar a mão dele na minha nuca.

— Que tal eu levar Peter e Zoe ao California Pizza Kitchen? — pergunta Caroline. — Podemos encontrar vocês depois. Que tipo de comida você quer, Zoe?

Caroline ergue uma sobrancelha para mim. Ela e eu continuamos discutindo se Zoe tem um transtorno alimentar.

— Rolinhos de alface vegetarianos — diz Zoe, lançando a William um olhar interrogativo.

— Não tem problema. Quero que vocês fiquem — digo. — E o seu pai também quer. Certo, William?

— Alice, você prefere ganhar o seu presente agora ou depois? — pergunta William.

— Achei que o jantar fosse o meu presente.

— É só uma parte do presente. Zoe?

Zoe cata dentro da bolsa e saca uma caixinha retangular embrulhadinha em papel verde-escuro.

— Sabia que esmeralda é a cor oficial do vigésimo aniversário de casamento? — pergunta William.

Esmeralda? Relembro aquele dia na joalheria com Nedra. Ela me fazendo experimentar aquele anel de esmeralda. Ai, meu Deus. Será que William pediu a ela para ajudá-lo a escolher um anel para o nosso aniversário de casamento? Um anel de esmeralda como aquele que era da minha mãe e que eu joguei pela janela do carro uma semana antes do nosso casamento?

Zoe me entrega o embrulho.

— Abra — diz ela.

Olho para William, pasma. Os presentes dele em geral são de última hora, como geleias diferentes ou um vale para ir a uma pedicure. Ano passado ele me deu um caderno de selos comemorativos.

— Agora? — pergunto. — Não seria melhor esperar até chegarmos em casa? Presente de aniversário é meio íntimo, não é?

— Abre logo, mãe — insiste Peter. — Todo mundo aqui sabe o que é.

— Todo mundo? Você contou a eles?

— Tive uma ajuda com este — confessa ele.

Sacudo o embrulho.

— Nosso orçamento está apertado. Espero que você não tenha feito nenhuma loucura. — Mas eu torço muito, muito, para que ele tenha, sim, feito uma loucura.

Rasgo o papel toda empolgada e aparece uma caixa branca de papelão escrito Kindle.

— Uau — exclamo.

— Não é muito legal? — diz Peter, tirando a caixa das minhas mãos. — Olha, a caixa abre feito um livro. E o papai já baixou alguns livros para você.

— Encomendei há um mês — anuncia William, ou seja, *Quero que você saiba que gastei certo tempo pensando nisso.*

— Ele comprou *A dança da morte.* Disse que era o seu livro preferido quando você estava no colégio. E todos da série *Crepúsculo;* parece que muitas mães gostam — diz Zoe. — Eu acho nojento, mas vá lá.

Ela me olha com desconfiança, como uma filha de quinze anos tende a olhar para a mãe. Aceno com a cabeça o mais inocentemente possível, tentando ao mesmo tempo parecer encantada.

— O último da Miranda July, *You Are She Who Knows Something I Used to But Forgot* — diz Zoe —, ou coisa parecida. Você vai adorar. Ela é incrível.

— E *Orgulho e preconceito* — completa Peter.

— Nossa — digo. — Minha nossa. Nunca li *Orgulho e preconceito.* Que surpresa.

Ponho o Kindle na caixa com cuidado.

— Você está decepcionada — diz William.

— Não, claro que não! Só não quero arranhá-lo. Você teve muito trabalho com esse presente.

Olho em volta da mesa. Tudo parece feito de chumbo. Quem é esse homem? Eu mal o conheço. Tem o rosto magro de tanto correr. A mandíbula firme. Não se

barbeia há dias e já tem uma barba incipiente. Se não o conhecesse, eu o acharia um gato. Estico o braço por cima da mesa e toco sem jeito no seu braço.

— Isso quer dizer que ela adorou — traduz Peter.

Olho para o cardápio.

— Eu adorei — digo. — De verdade.

— Ótimo — diz William.

* * *

— Comecei a trabalhar com doze anos — diz Caroline. — Depois da escola, eu varria o teatro enquanto a mamãe estava nos ensaios.

— Ouviram isso, crianças? — digo, servindo-me de um pouco mais do frango kung pao. — Ela tinha *doze anos.* É assim que se faz no Maine. Vocês, crianças, têm que ajudar em casa. Precisam arranjar um emprego. Varrer quintal. Entregar jornal. Tomar conta de criança.

— A gente está bem — diz William.

— Bom, para falar a verdade, meio que não estamos bem — digo. — Alguém me passa o chow mein, por favor.

— Devo ficar assustado? Isso é algo com que deva me assustar? Tenho cinquenta e três dólares na poupança. Dinheiro que me deram em aniversários. Podem ficar — diz Peter.

— Ninguém precisa abrir mão do dinheiro que ganhou no aniversário — diz William. — Só precisamos ser mais frugais.

Olho culpada para o meu Kindle.

— A partir de amanhã — diz William. E levanta o copo. — Aos vinte anos — brinda ele.

Todo mundo ergue o copo menos eu. Já acabei com o meu mojito de pera asiática.

— Só tenho água — informo.

— Então brinde com a sua água — diz William.

— Não dá azar brindar com água?

— Só se você for da Guarda Costeira — explica ele.

Levanto o meu copo d'água e digo o que se espera:

— A mais vinte.

Zoe analisa minha expressão ambivalente.

— Você respondeu à minha pergunta sobre como são vinte anos de casamento. — Ela olha para William. — E sem que eu precisasse especificar.

* * *

Uma hora depois, já em casa, William afunda em sua cadeira com um suspiro, controle remoto em punho, e logo depois se levanta de um pulo.

— Alice! — grita ele, a mão no traseiro.

Olho para onde ele estava sentado. Tem uma enorme mancha molhada na almofada. Ah, Jampo!

— Entornei um copo d'água hoje à tarde — digo.

William cheira os dedos.

— É mijo.

Jampo entra correndo na sala e pula no meu colo. Esconde a cabeça na minha axila.

— Ele não consegue segurar. É só um filhote — digo.

— Ele já tem dois anos! — grita William.

— Vinte e quatro meses. Criança nenhuma controla as necessidades com vinte e quatro meses. Ele não fez de propósito.

— Tenho certeza de que fez — exaspera-se William. — Primeiro o meu travesseiro e agora a minha cadeira. Ele conhece todos os meus lugares.

— Você está sendo ridículo — digo.

Jampo tira a cabeça da minha axila e rosna para William.

— Feio — sussurro.

Ele rosna mais um pouco. Tenho a sensação de que estamos num desenho animado. É mais forte que eu: caio na gargalhada. William me olha em estado de choque.

— Não acredito que você esteja rindo.

— Desculpe, sinto muito, muito mesmo — digo, ainda rindo.

Ele me olha furioso.

— Acho que vou me deitar — anuncio, com Jampo metido embaixo do braço.

— Vai levá-lo com você?

— Só até você chegar na cama, depois o expulso. Prometo.

Aceno com meu Kindle para ele.

— O que vai ler primeiro? — pergunta William.

— *A dança da morte*. Não acredito que você se lembre do quanto eu gostei desse livro. Quero ver se é tão bom quanto da primeira vez que eu li.

— Isso é garantia de decepção — diz William. — Sugiro que não tenha o mesmo padrão de exigência.

— O quê? Devo estabelecer outro padrão?

— Você não tem mais dezessete anos. As coisas que eram relevantes naquela época não são mais.

— Discordo. Se o livro me cativou naquela época, vai me cativar agora. É assim que se identifica um clássico. Uma obra duradoura.

William dá de ombros.

— O cachorro estragou a minha cadeira.

— É só xixi.

— O estofado está todo encharcado até a armação.

Suspiro.

— Feliz aniversário de casamento, William.

— Vinte anos. Não é pouca coisa, Alice.

William afasta o cabelo dos olhos, um gesto que conheço tão bem, e, por um momento, vejo o jovem que ele era, no dia em que o conheci, quando estava sendo entrevistada para o emprego. Tudo está colidindo, passado, presente e futuro. Agarro Jampo com tanta força que ele guincha. Quero dizer alguma coisa a William. Alguma coisa para fazê-lo saber, fazê-lo esticar o braço e me tirar da beira do precipício.

— Não demore muito.

— Pode deixar — diz ele, o controle remoto novamente em punho.

Essa noite, ele dorme no sofá.

69

John Yossarian *adicionou a Jogos Favoritos*

Detetive

Lúcia Pevensie *adicionou Cidade atual*

Sala Vazia

Como foi o seu aniversário de casamento, Esposa 22?

Confuso.

A culpa foi minha?

Foi.

O que eu posso fazer?

Pode me dizer o seu nome.

Não posso.

Imagino que você tenha um tipo de nome antiquado. Como Charles ou James. Ou talvez algo mais moderno, como Walker.

Você percebe que tudo muda quando sabemos os nomes uns dos outros. É fácil revelar o nosso eu verdadeiro a estranhos. Muito mais difícil é revelar essas verdades para quem a gente conhece.

Diga o seu nome.

Ainda não.

Quando?

Em breve... prometo.

70

73. Sim, foi muito diferente com Peter. Depois do parto, depois de eu ter dormido por algumas horas, eles trouxeram Peter. Foi no meio da noite. William tinha ido para casa, ficar com Zoe.

Puxei a manta que o envolvia. Ele era um desses bebês que parecem um velhinho de cabeça branca, e com isso quero dizer que era o bebê mais lindo que eu já tinha visto (embora o tamanho da sua testa tenha me preocupado).

— Já odeio a mulher dele — disse eu à enfermeira.

74. Felicidade. Exaustão. Festa ao chegar em casa. Cansada demais para cuidar da casa. Cansada demais para fazer sexo. Cansada demais para cumprimentar William quando ele chegava em casa do trabalho. Zoe tentou sufocar Peter. Peter adorava Zoe embora todo dia ela bolasse novas e elaboradas maneiras de tentar dar cabo dele. Mais de quarenta fraldas por semana. Será que com três anos uma menina já podia trocar a fralda do irmão? Tardes no sofá, Peter dormindo na minha barriga. Zoe assistindo a coisas impróprias na TV durante quatro horas. Discussão com o marido sobre se o programa da Oprah era impróprio ou não. Blusas todas regurgitadas. Família de três das seis horas da manhã às sete da noite. Família de quatro das sete às dez horas da noite. Família de dois (eu e Peter) das dez horas da noite às seis da manhã. Não se preocupe, dizem todos os livros. O distanciamento entre você e seu marido é algo temporário. Quando o bebê estiver com quatro meses, dormindo a noite inteira, comendo alimentos sólidos, quando completar um ano, quando passar dos terríveis dois anos, já no jardim de infância, lendo, conseguindo fazer xixi mais no vaso que no chão, quando tiver se recuperado da alergia a carvalho de veneno que se espalhou por todo o seu corpo, inclusive por baixo do prepúcio, aprendido a nadar de costas, tomado a antitetânica, parado de morder as meninas, quando já conseguir vestir as meias sozinho, não mentir mais sobre a escovação dos dentes, não precisar mais de canções de ninar, quando entrar na puberdade, virar um adolescente gay com orgulho — então você e William vão voltar ao normal. Então o afastamento milagrosamente desaparecerá.

75. Querido Peter,

A verdade — fiquei chateada quando descobri que você seria menino. Principalmente porque eu não tinha ideia de como cuidar de um menino. Pensei que seria muito mais difícil do que cuidar de uma menina, porque, tendo sido menina um dia, eu obviamente sabia tudo a respeito de meninas. Aliás, ainda sou. A menina dentro de mim continua viva. Acho que você a vê de vez em quando. Ela é quem entende o prazer de meter o dedo no nariz — mas não faça isso na frente dos outros e lave as mãos depois.

Algumas coisas que talvez você não saiba ou das quais talvez não se lembre:

1. Quando você tinha dois anos e não parava de chorar por causa de uma terrível infecção de ouvido, fiquei tão desconsolada vendo você sofrer que entrei no seu berço e o abracei até você adormecer. Passaram-se dez horas e você não acordou, nem quando o berço quebrou.

2. Aos três anos, você só tinha dois itens na sua lista de presentes de Natal: uma batata e uma cenoura.

3. Coisa engraçada que você disse quando lhe dei ravióli na manteiga para jantar (o molho de tomate tinha acabado): Não posso comer isso. Esse ravióli não tem coração.

4. Pergunta irrespondível que uma vez você me fez quando estava me ajudando a dobrar a roupa limpa: Onde eu estava quando você era pequena?

5. Coisa que você disse que me partiu o coração: Mesmo quando eu morrer vou continuar sendo o seu menino.

Ser sua mãe sempre me deu um prazer incrível. Você é o meu astro mais engraçado, mais querido, mais brilhante.

Sua mãe que te ama.

76. Primeira parte da pergunta: não sei; segunda parte: até certo ponto.

71

— Ah, querida, isso é bem legal. Não é legal? Por que não fazemos mais vezes? — pergunta Nedra.

Nedra me trouxe à loja da MAC da Rua 4, em Berkeley, para comprar maquiagem para mim. Diz que tentou se adaptar ao meu visual francês de cara lavada, mas que depois de algumas semanas e eu não ter ficado nem um pouco mais parecida com Marion Cotillard (com Marie Curie, talvez), algo precisava ser feito. Não me dou o trabalho de dizer a Nedra que vou usar a maquiagem durante dois dias, talvez três, e depois esquecer. Ela sabe que vai ser assim, mas isso não lhe importa. A verdadeira razão pela qual ela está fazendo isso é levar a me sentir culpada para que assim eu aceite ser sua dama de honra. Garanto que vamos acabar chegando na Anthropologie, onde serei obrigada a experimentar vestidos.

É logo depois da hora do rush, portanto as ruas ainda estão movimentadas. Quando chegamos na altura do cruzamento da University com a San Pablo, vejo dois garotos parados no canteiro central segurando um cartaz de papelão com uns dizeres rabiscados.

— Isso é muito triste — digo, tentando ler o cartaz, mas estamos muito longe. — Você consegue ler, Nedra?

Ela aperta os olhos.

— Eu queria muito que você arranjasse uns óculos de leitura. Estou cansada de ser sua intérprete. *Pai sem emprego. Ajude por favor. Músicas grátis. Aceitamos pedidos.* Ai, meu Deus, Alice, não tenha um ataque — diz ela quando chegamos mais perto e os garotos se transformam em Peter e Zoe.

Inspiro abruptamente e abaixo o vidro. Peter está cantando "Goldrush", de Neil Young. O motorista de um Toyota três carros à minha frente estende uma nota de cinco dólares.

— Bela voz, garoto — ouço-o dizer. — Lamento pelo seu pai.

Apesar da minha confusão, o som da voz angelical de Peter me dá vontade de chorar. Ele tem mesmo uma voz bonita. Não herdou isso de William nem de mim.

Ponho a cabeça para fora da janela.

— Mas que droga vocês estão fazendo?

Eles me olham completamente pasmos.

— Deixe os garotos em paz, dona. Ou melhor, dê a eles uns vinte paus — grita a mulher no carro atrás de mim. — Você tem cara de que tem grana para isso.

Estou de carona no Lexus de Nedra.

— Esse carro não é meu — grito para ela. — Para sua informação, meu carro é um Ford!

— Você mandou a gente arranjar trabalho! — grita Zoe.

— De baby-sitter!

— Estamos numa recessão, caso você não tenha ouvido falar. A taxa de desemprego é de doze por cento. Não existe mais nenhum posto de trabalho. A gente tem que inventar — grita Zoe.

— Ela tem razão — diz Nedra.

— Esse ponto é incrível — acrescenta Peter. — Já conseguimos mais de cem dólares.

Chegamos ao lado deles e paramos. O sinal abre e buzinas zangadas começam a zumbir no ar. Ponho a mão para fora da janela e faço sinal para os carros passarem.

— E esses cem dólares são para quem? Vocês estão doando esse dinheiro para um abrigo. Estou morta de vergonha — sibilo.

E apavorada — algum doido poderia tê-los induzido a entrar no seu carro. Apesar de toda essa pose de adultos, Peter e Zoe são protegidos e ingênuos. Um curso de reciclagem sobre o perigo que estranhos representam se faz necessário.

— Suas coisinhas empreendedoras — diz Nedra. — Eu não sabia que vocês tinham esse talento.

— Entrem no carro — digo. — JÁ.

Zoe olha o relógio. Está usando um vestido Pucci vintage e sapatilhas de balé.

— O nosso expediente só termina ao meio-dia.

— O quê? Vocês marcam ponto para mendigar? — digo.

— É importante ter estrutura e seguir um horário regular — explica Peter. — Li isso no livro do papai, *100 maneiras de motivar a si mesmo.*

— Entrem, crianças — pede Nedra. — Obedeçam à sua mãe, senão vou ter que ficar olhando para a cara branca dela eternamente, e vai ser culpa de vocês.

Peter e Zoe entram.

— Vocês não têm cheiro de sem-teto.

— Os sem-teto não podem evitar o cheiro que têm — diz Peter. — Não é como

se eles pudessem bater à porta das pessoas e pedir para tomar um banho.

— É muita sensibilidade da sua parte — reflete Nedra.

— Foi divertido, Pedro — diz Zoe, e os dois batem punho com punho.

Eu sabia que chegaria o dia em que eu perderia Peter para Zoe, em que eles começariam a confiar um no outro e guardar segredos entre eles, mas não tinha ideia de que isso aconteceria tão cedo, nem dessa maneira.

— Podemos ir para casa, por favor? — pergunto.

Nedra continua subindo a San Pablo.

— Alguém está me ouvindo? — grito.

Nedra vira à esquerda na Hearst e minutos depois estaciona na Rua 4. Vira-se para trás e diz:

— Se mandem, queridos. Encontrem a gente daqui a uma hora.

— Você parece cansada, mãe — diz Peter, enfiando a cabeça por entre os bancos da frente.

— É… Que círculos pretos são esses? — pergunta Zoe.

— Vou cuidar disso — diz Nedra. — Agora vazem, os dois.

* * *

— Não é como se você tivesse pegado os dois fumando crack — diz Nedra enquanto entramos na MAC.

— Você ficou do lado deles. Por que você sempre tem que ser a legal?

— Alice, qual é o problema?

Faço um gesto negativo com a cabeça.

— O quê? — repete ela.

— Tudo — digo. — Você não entenderia. Está noiva. Está feliz. Tem tudo de bom pela frente.

— E você tem muita coisa boa pela frente, também.

— E se você estiver errada? E se os meus melhores dias tiverem ficado para trás?

— Não me diga que isso tem a ver com estudo ridículo sobre casamento. Você parou de falar com aquele pesquisador, certo?

Pego um brilho labial cor de berinjela.

— Então, o que há? — pergunta ela, colocando o brilho labial no lugar de onde o tirei. — Não é a sua cor.

— Acho que Zoe está com transtorno alimentar.

Nedra revira os olhos.

— Alice, isso acontece todo verão quando terminam as aulas. Você fica paranoica. Tristonha. Você é uma pessoa que precisa estar sempre ocupada.

Confirmo com um gesto de cabeça e me deixo ser conduzida ao balcão de bases.

— Uma base tipo hidratante, não muito pesada. Um pouco de rímel e um toque de blush. E depois vamos dar um pulinho rapidíssimo na Anthropologie, ok? — completa Nedra.

* * *

À noite, Peter se enfia na cama comigo.

— Coitada da mamãe — diz ele, me agarrando. — Você teve um dia difícil. Vendo os seus filhos mendigarem na rua.

— Você não está muito grande para se enroscar em mim? — digo, afastando-o, na tentativa de puni-lo um pouco.

— Nunca — diz ele, enroscando-se mais ainda.

— Quanto você pesa?

— Quarenta e cinco quilos.

— E sua altura?

— Um e cinquenta e cinco.

— Você pode se enroscar até ter mais dois quilos ou mais dois centímetros e meio, o que vier primeiro.

— Por que só dois quilos ou dois centímetros e meio?

— Porque depois disso vai ser impróprio.

Peter fica calado um instante.

— Ah — diz ele, baixinho, dando tapinhas no meu braço igualzinho a como fazia quando ainda usava fraldas.

Ele era tão sintonizado comigo quando era menor; era exaustivo. Se meu rosto mostrasse qualquer sinal de preocupação, ele vinha correndo. *Tudo bem, mãe. Tudo bem,* dizia solenemente. *Quer uma música?*

— Vou sentir falta também, meu amor — digo. — Mas será a hora.

— Ainda vamos poder assistir a filmes juntos no sofá?

— Claro. Já estou com o nosso próximo na cabeça. *A profecia.* Você vai adorar a parte do zoológico, quando todos os bichos ficam loucos.

Ficamos um tempo deitados em silêncio.

Algo está perto do fim. Ponho a mão no coração como se eu pudesse impedir seu conteúdo de se derramar.

72



Lúcia Pevensie *adicionou sua foto do perfil*

Bonito vestido, Esposa 22.

Você acha? Estou usando para a minha coroação. Por aqui corre o boato de que em breve serei coroada Rainha Lúcia, a Valente.

Serei convidado para a sua coroação?

Depende.

De quê?

Você tem o traje adequado? Uma capa de veludo, de preferência azul-royal?

Eu tenho uma capa, mas é marrom-escura. Serve?

Acho que serve. Minha melhor amiga quer que eu seja dama de honra dela.

Ah... Então isso é um vestido de dama de honra.

Bem, é o que ela gostaria que eu usasse. Quer dizer, não exatamente esse vestido, mas algo parecido.

É possível que você esteja exagerando um pouco?

Já lhe ocorreu que casamento é uma espécie de Ardil 22? Aquelas coisas que no início você achava tão atraentes no outro — sua melancolia, sua ruminação, sua inabilidade para se comunicar, seu silêncio —, essas coisas que você achava tão encantadoras no começo são justamente as mesmas que levam você à loucura vinte anos depois?

Já ouvi relatos de sentimentos semelhantes de outros entrevistados.

Já se sentiu assim?

Não posso divulgar essa informação.

Por favor. Divulgue alguma coisa, Pesquisador 101. Qualquer coisa.

Não consigo parar de pensar em você, Esposa 22.

73

77. Uma ditadura em que o ditador muda todo dia. Não sei se a democracia é possível.

78. Bem, muita gente aqui na Terra no século XXI acredita no conceito do *único e verdadeiro amor*, e essa crença no *único e verdadeiro amor* quase sempre conduz ao casamento. Que talvez lhe pareça uma instituição tola. A sua espécie possivelmente é tão evoluída que vocês devem ter parceiros diferentes para os diferentes estágios da vida: primeiro paquera, casamento, reprodução, criação dos filhos, ninho vazio e a lenta mas, espera-se, não dolorosa morte. Se for esse o caso, talvez o *único e verdadeiro amor* não se encaixe nisso tudo — mas eu duvido. É provável que vocês simplesmente deem outro nome.

79. Sinto que todo mundo reveza nos papéis: primeiro nos bastidores, ajudando com os figurinos, sendo um pouco ator, depois como parte do coro, depois no centro do palco, e então, por fim, todos nós acabamos na plateia, assistindo, tornamo-nos um dos apreciadores sem rosto no escuro.

80. Dias e semanas e meses de olhares, de desejo não correspondido.

81. Morar no alto de uma montanha numa casa com uma colcha de patchwork na cama e, na mesa, flores recém-colhidas todos os dias. Eu usaria vestidos longos de renda branca e botas estilo Stevie Nick. Ele tocaria violão. Teríamos um jardim, um cachorro e quatro filhos encantadores que montariam torres com blocos de madeira no chão enquanto eu faria caçarola de galinha.

82. Precisamos disso, assim como de ar.

83. Filhos. Companheirismo. Não posso imaginar a vida sem eles.

84. Posso imaginar a vida sem eles.

85. Você sabe a resposta para isso.

86. Sim.

87. Claro!

88. Em alguns aspectos, sim. Em outros, não.

89. Trair. Mentir. Me esquecer.

90. Querido William,

Se lembra daquela vez em que fomos acampar nas Montanhas Brancas? Fizemos quase todo o percurso da caminhada no primeiro dia. Nosso plano era passar a noite e

no dia seguinte levantar cedo para subir a ravina Tuckerman. Mas você bebeu demais e na manhã seguinte estava com uma ressaca mortal. O tipo de ressaca que só se cura dormindo. Então você se enfiou de novo no seu saco de dormir e eu subi a Tuckerman sem você.

Você só acordou no fim da tarde. Olhou o relógio e viu logo que havia acontecido alguma coisa; era uma caminhada que me tomaria duas horas, mas eu já estava fora havia quase seis e você já imaginava por quê — eu tinha saído da trilha e começado a vaguear. Eu sempre saía da trilha. *Você*, em compensação, sempre se mantinha no percurso, mas sem você ali ao meu lado eu me deixei levar e me perdi completamente.

Bom, isso foi há muito tempo. Antes da AOL. Antes dos celulares. Ainda estávamos a anos de distância do buscar e clicar e navegar e adicionar como amigo. Então você foi atrás de mim à moda antiga. Tocando o seu sino de espantar urso, chamando o meu nome e correndo. À noitinha, quando finalmente me achou, soluçando no pé de um pinheiro, você me fez uma promessa que eu nunca hei de esquecer. *Aonde quer que eu fosse, por mais longe que eu tivesse me deixado levar e por mais que eu já tivesse me perdido muito tempo antes, você iria atrás de mim e me levaria de volta para casa.* Era a coisa mais romântica que um homem já tinha me dito. O que faz com que seja ainda mais difícil aceitar o fato de que vinte anos depois nós tenhamos nos deixado levar para longe um do outro de novo. Um afastamento liberal. Um afastamento sem sentido. Como se a claridade fosse durar todo o tempo do mundo para chegarmos ao topo da Tuckerman.

Se esta parece uma carta de despedida, desculpe-me. Não sei bem se é uma despedida. É mais um aviso. Você talvez devesse olhar o relógio. Deveria dizer a si mesmo: Alice já está fora há muito tempo. Deveria vir me procurar. AB

74

Acordo com o estrépito de estacas de alumínio de barraca batendo no assoalho de madeira.

— Cadê a sua mãe, droga? — ouço William gritar lá de baixo.

Só quero ficar na cama. No entanto, graças a mim, o sono terá que ser posto de lado porque vamos acampar nas Sierras. Fiz uma reserva alguns meses atrás. Parecia muito idílico na época: dormir sob as estrelas cercados de pinheiros e abetos — uma pequena família estreitando os laços. Caroline e Jampo terão a casa só para eles por alguns dias.

— Que saco! — grita William. — Alguém aqui sabe embalar uma barraca direito?

Saio da cama. Aquela visão agora não é nem de longe tão idílica.

* * *

Uma hora depois estamos na estrada, e nossa família estreitando os laços é assim: William ouvindo o último romance de John le Carré no iPhone (que, por sinal, é exatamente o que estou ouvindo no som do carro, mas William diz que não consegue se concentrar a não ser que leiam só para ele); Peter jogando Angry Birds no celular, de vez em quando gritando *caraca* e *porcaria*; e Zoe mandando torpedos furiosamente — sabe Deus para quem. É assim durante duas horas e meia, até começarmos a atravessar o desfiladeiro e o celular ficar sem sinal. Aí é como se eles tivessem despertado de um sonho.

— Nossa, árvores — diz Peter.

— Foi aí que aquelas pessoas comeram aquelas pessoas? — pergunta Zoe, olhando para o lago lá embaixo.

— Você quer dizer a Expedição Donner — corrige William.

— Peito ou coxa? — pergunta Peter.

— Hi-lá-rio, Pedro. Por quanto tempo a gente vai acampar afinal? — pergunta Zoe.

— Nossa reserva é para três noites — informo. — E isso não é nenhuma obrigação. Vamos acampar. Ninguém *tem* que fazer nada. Viemos nos divertir e relaxar.

— É, hoje de manhã foi extremamente relaxante, Alice — ironiza William, olhando pela janela.

Ele está tão pouco empolgado quanto as crianças.

— Isso quer dizer que o sinal do celular não vai pegar? — pergunta Zoe.

— Não, é só essa zona aqui que não pega. O papai falou que ia ter wi-fi no camping — diz Peter.

— Ih, ele se enganou, que pena. Lá não tem wi-fi — explico.

Eu mesma só descobri este fato ontem, quando confirmei nossa reserva. Aí fui para o meu quarto e tive um bom ataque de pânico em particular só de pensar em passar setenta e duas horas sem comunicação com o Pesquisador 101. Agora já me resignei.

Exclamações sufocadas são emitidas no banco traseiro.

— Alice, você não me contou isso — diz William.

— Não, não contei a nenhum de vocês porque se contasse vocês não viriam.

— Não acredito que *você* vai aguentar ficar off-line — diz Zoe para mim.

— Pois acredite — digo. Estico o braço por cima de William e jogo o meu celular no porta-luvas. — Entreguem seus telefones, meninos. Você também, William.

— E se tiver uma emergência? — resiste ele.

— Eu trouxe um kit de primeiros socorros.

— Uma emergência de outro tipo.

— Tipo o quê?

— Tipo precisar entrar em contato com alguém — diz ele.

— O objetivo todo é esse. Entrar em contato uns com os outros — digo. — NVR.

— NVR? — pergunta William.

— Na vida real — digo.

— O fato de você conhecer esse acrônimo realmente me dá nojo — diz Zoe.

Quinze minutos depois, aparentemente incapazes de fazer qualquer coisa — sonhar acordadas, conversar ou ter uma única ideia original que seja sem o auxílio de seus dispositivos —, as crianças dormem no banco traseiro. Continuam dormindo até entrarmos no camping.

* * *

— E agora? — pergunta Peter depois que terminamos de nos instalar.

— E agora? Agora *isso* — digo, abrindo os braços. — Ficar longe de tudo. Ter por perto os bosques, as árvores, o rio.

— Os ursos — diz Zoe. — Estou menstruada. Vou ficar na minha barraca. Sangue é igual a erva-dos-gatos para eles.

— Que nojo — exclama Peter.

— Isso é crendice — explica William.

— Não é não. Eles sentem o cheiro a quilômetros de distância — diz Zoe.

— Vou vomitar — anuncia Peter.

— Vamos jogar cartas — sugiro.

Zoe levanta um dedo no ar.

— Está ventando muito.

— Mímica — sugiro novamente.

— O quê? Não! Ainda não escureceu. As pessoas vão nos ver — diz ela.

— Certo. Bom, que tal a gente procurar lenha para fazer uma fogueira? — pergunto.

— Você parece que está com raiva, mãe — diz Peter.

— Não estou com raiva, estou pensando.

— Que engraçado, a sua cara de quem está pensando é muito parecida com a sua cara de quem está com raiva — diz ele.

— Vou tirar um cochilo — diz Zoe.

— Eu também — acrescenta Peter. — Essa natureza toda me dá sono.

— Eu também estou um pouquinho cansado — informa William.

— Façam o que quiserem. Vou até o rio — digo.

— Leve uma bússola — aconselha William.

— É aqui pertinho.

— Onde? — pergunta Peter.

— Seguindo pelas árvores. Lá. Está vendo? Onde aquele pessoal todo está nadando.

— Aquilo é um rio? Parece um riacho — diz Zoe.

— Tucker, pare de boiar para se fingir de morto! — Ouvimos uma mulher gritar.

— Por quê? — grita o garoto de volta.

— Porque vão achar que você está morto!

— A gente veio até aqui para você poder nadar num mísero riacho com centenas de outras pessoas? Podia simplesmente ter ido à piscina lá perto de casa — diz Peter.

— Vocês são patéticos — bufo e saio batendo os pés.

— Quando você volta, Alice? — grita William às minhas costas.

— Nunca!

* * *

Duas horas depois, queimada de sol e feliz, pego meus sapatos e volto. Estou exausta, mas é uma exaustão boa, como se eu tivesse afundado num rio glacial numa tarde de verão. Caminho devagar, sem querer quebrar o encanto. De vez em quando tenho esse tipo de experiência extracorpórea, em que sinto simultaneamente todas as minhas encarnações prévias: a de dez anos, a de vinte anos, a de trinta anos e a de quarenta e tantos anos — todas elas estão respirando e olhando pelos meus olhos ao mesmo tempo. A trilha de agulhas de pinheiro estala sob meus pés descalços. O cheiro de hambúrgueres na grelha faz a minha barriga roncar. Ouço o som fraco de um rádio — será "Hello It's Me", de Todd Rundgren?

É uma sensação estranha não estar com o meu telefone. Ainda mais estranho é não estar em alerta constante — na expectativa do meu próximo acesso: um e-mail ou uma mensagem do Pesquisador 101. O que sinto, em vez disso, é um vazio. Não um vazio carente, mas um vazio gostoso e glorioso que eu sei que será obliterado no momento em que eu puser os pés no nosso acampamento.

Mas não é o que acontece. Em vez disso, vejo minha família sentada em volta de uma mesa de piquenique, conversando. CONVERSANDO. Sem nenhum dispositivo ou jogo ou mesmo um livro à vista.

— Mãezinha — grita Peter —, você está bem?

Ele não me chama de mãezinha há pelo menos um ano, talvez dois.

— Você foi nadar — diz William, vendo o meu cabelo molhado. — De short?

— Sem mim? — diz Zoe.

— Não pensei que você quisesse ir. Você passou meia hora secando o cabelo com o secador hoje de manhã.

— Se você tivesse me chamado eu teria ido — resmunga Zoe. — Vamos dar uma caminhada — diz Peter.

— Agora? — pergunto. — Eu estava pensando em tirar uma sonequinha.

— A gente estava só esperando você voltar — diz William.

— Ah é?

Os três se entreolham.

— Ótimo. Beleza. Vou só mudar de roupa.

* * *

— Não estamos fazendo barulho suficiente — diz Zoe. — Os ursos só atacam quando são surpreendidos. Ou sentem cheiro de gente. *Uhh-uhh. Uhh Uhh, urso!*

Já estamos caminhando há mais de quarenta e cinco minutos. Quarenta e cinco minutos matando mosquitos, quarenta e cinco minutos de mutuca zumbindo, de crianças gemendo, sem nem um vestígio de uma brisa sequer.

— Pensei que esse caminho fosse em círculo. Já não deveríamos ter voltado ao início? — pergunta Peter. — E por que ninguém trouxe uma garrafa d'água? Quem sai para caminhar sem uma garrafa d'água?

— Suba a trilha, Pedro — digo. — Reconheça o terreno. Isso tudo está me parecendo muito familiar. Garanto que estamos quase no fim. Na verdade, acho que estou ouvindo o rio.

É mentira. Só estou ouvindo os insetos zumbindo.

Peter acelera e William grita às suas costas:

— Não se afaste muito! Quero que mantenha uma distância em que a gente possa ouvir você cantar. Essa é a regra.

— Ah não, eu imploro, não faça isso comigo, pai — diz Zoe.

— *Right, right, turn off the lights, we're gonna lose our minds tonight* — ouvimos Peter cantarolando.

Zoe revira os olhos.

— Isso é melhor que *uhh-uhh, urso* — digo a ela.

— Acha mesmo que estamos quase chegando? — pergunta William.

— *Party crasher, penny snatcher.*

— Ai meu Deus. *Penny snatcher* é um *você sabe o quê?* — pergunto.

— O quê? — diz William.

— Você sabe. Uma coisa onde a pessoa bota *pennies*? Um banco. Um caça-níqueis. Um eufemismo para…

Ele me olha perplexo.

— Uma bolsinha? — sussurro.

— Ah, meu Deus, mãe, uma *vagina*, pode dizer — diz Zoe.

— *Call me up if you a gangsta*. — A voz de Peter de repente some.

Caminhamos mais cinco minutos.

— Tem alguma coisa mais ridícula que um garoto branco de doze anos usando a palavra *gangsta*? — pergunta Zoe.

— Zoe, shhh!

— O quê?

Todos paramos e ouvimos.

— Não estou ouvindo nada — informa Zoe.

— Exatamente — digo.

William leva as mãos em concha à boca e grita:

— Pedimos para você cantar!

Silêncio.

— Peter!

Nada.

William sai correndo pela trilha, Zoe e eu nos seus calcanhares. Fazemos a curva e encontramos Peter paralisado a menos de dois metros de um cervo. Só que este não é um cervo comum. É um enorme macho daqueles de se fazer troféu, de bem mais de quarenta e cinco quilos, chifres compridos como baguetes, e ele e Peter parecem entretidos numa disputa para ver quem desvia o olhar primeiro.

— Recue devagar — sussurra William a Peter.

— Cervos atacam gente? — sussurro para William.

— Devagar — repete William.

O cervo bufa e dá alguns passos na direção de Peter e eu deixo escapar um grito sufocado. Peter parece enfeitiçado: tem um esboço de sorriso em seu rosto. De repente entendo o que estou testemunhando. É um rito de passagem. Daqueles pelos quais Peter já passou centenas de vezes em seus jogos de video game, lutando com todo tipo de criaturas do outro mundo, ogros e bruxos e mamutes lanosos, mas raramente um garoto do século XXI tem uma oportunidade dessas na vida real — ter contato físico com a vida selvagem, encará-la. Peter estende as mãos como se para tocar a galhada do cervo, e seu movimento repentino parece despertar o animal, que foge para dentro da mata.

— Isso foi incrível — diz Peter, virando-se para nós, os olhos brilhando. — Viram que ele estava olhando para mim?

— Você não ficou com medo? — Zoe tenta recuperar o fôlego.

— Ele tinha cheiro de capim — diz Peter. — De pedra.

William olha para mim e balança a cabeça, estupefato.

Na volta, caminhamos em fila indiana pelo bosque. Peter vai na frente, depois Zoe, depois eu, e depois William, na retaguarda. De vez em quando o sol poente atravessa as árvores — magenta, depois um tom vivo de cor de laranja. Inclino a cabeça para receber o calor. Sinto a luz como uma bênção.

William me dá a mão.

75

Acordo no meio da noite com um grito de Zoe. William e eu nos levantamos de um pulo e nos entreolhamos.

— Aquilo do urso *é* crendice — diz ele —, não é?

Nos poucos segundos que levamos para sair de dentro dos nossos sacos de dormir e abrir a barraca, ouvimos mais três ruídos desconcertantes: Peter rugindo, o ruído de pisadas fortes na terra e então Peter gritando também.

— Ai meu Deus, ai meu Deus, ai meu Deus — grito. — Anda, sai!

— Pegue aquela lanterna — grita William.

— O que você vai fazer com ela?

— Vou dar com ela na cabeça do urso, o que acha que vou fazer com ela?

— Faça muito barulho. Grite. Agite os braços — digo, mas William já foi.

Respiro fundo algumas vezes. Depois saio engatinhando atrás dele, e eis o que vejo: Zoe de camisola, descalça, brandindo um violão como se fosse um bastão de beisebol. Jude ajoelhado, a cabeça inclinada, como se estivesse no cepo. Peter esparramado no chão e William ao seu lado.

— Ele está bem — grita William para mim.

Algumas pessoas que estão acampando perto de nós acorreram e estão paradas na nossa área. Todas estão usando lanternas de cabeça. Parecem mineiros, a não ser pelos pijamas.

— Está tudo bem — grita William para elas. — Voltem para suas barracas. Está tudo sob controle.

— O que aconteceu?!!

— Desculpe-me, Alice — diz Jude.

— Você está chorando, Jude? — pergunta Zoe, baixando o violão, sua expressão abrandando.

— Cadê o urso? — grito. — Fugiu?

— Não tem urso nenhum — geme Peter.

— Era Jude — diz Zoe.

— Jude atacou o Peter?

— Eu só queria fazer uma surpresa para a Zoe — diz Jude. — Fiz uma música para ela.

Corro para o lado de Peter. A camisa dele está erguida, e vejo um lanho em sua barriga. Tapo a boca com a mão.

— Pedro me ouviu gritar e estava tentando me salvar — diz Zoe. — Com esse espeto de assar marshmallow.

— Ele estava correndo com isso — diz Jude. — O troço espetou no chão.

— Aí ele se empalou — diz Zoe.

— Vai se ferrar — geme Peter. — Caí sobre a minha espada por você.

— Não tem quase sangue nenhum. Isso não é nada bom — diz William, iluminando o ferimento com a lanterna.

— O que é essa coisa saindo? — pergunto. — Pus?

— Acho que é gordura — diz William.

Peter guincha.

— Tudo bem, tudo bem, não precisa se preocupar — digo, tentando dar a impressão de que gordura saindo de uma ferida é comum. — Todo mudo tem gordura.

— Isso significa que é bem profundo, Alice — sussurra William. — Ele vai precisar levar alguns pontos. Precisamos levá-lo ao hospital.

— Acabei de ver aquele filme *Digam o que quiserem,* com o John Cusack, e fiquei inspirado — explica Jude.

— "In Your Eyes". Adoro o Peter Gabriel — grunhe Peter. — Acho bom a sua música valer a pena.

— Você compôs uma música para mim? — pergunta Zoe.

— Aquele carro é seu, Jude? — pergunta William, referindo-se ao Toyota estacionado em frente ao local do nosso acampamento.

Jude confirma com um aceno de cabeça.

William ajuda Peter a se pôr de pé.

— Vamos, você dirige. Peter pode deitar no banco traseiro. Alice, você e Zoe vão atrás, no nosso carro.

* * *

— Você está dirigindo como uma louca. Não precisa colar na traseira deles — diz Zoe, ríspida.

— Você sabia que Jude vinha?

— Não! Claro que não.

— Para quem você estava mandando torpedos no caminho para cá?

Zoe cruza os braços e olha pela janela.

— O que está havendo entre vocês dois?

— Nada.

— E é por nada que ele dirigiu cento e sessenta quilômetros no meio da noite para lhe fazer uma serenata?

Embora eu esteja furiosa com Jude — por que ele não apareceu à luz do dia? —, acho o que ele fez incrivelmente romântico. Adorei *Digam o que quiserem.* Principalmente a cena icônica em que John Cusack está de pé no carro segurando o aparelho de som portátil e vestido com aquela capa de chuva de ombreiras enormes — *I see the doorway to a thousand churches in your eyes,* vejo o portal de mil igrejas nos seus olhos. Palavras que resumem bem como era ser adolescente nos anos 1980.

— Eu não tenho culpa se ele fica me seguindo.

— Ele compôs uma música para você, Zoe.

— Também não tenho culpa.

— Vi como você olhava para ele. Está na cara que ainda sente alguma coisa por esse menino. Finalmente! — digo quando passamos da estrada de terra para uma asfaltada e Jude acelera.

— Não quero falar dele — diz Zoe, escondendo o rosto com o braço.

Seguimos por uma estrada deserta, passando por prados e campos. A lua parece sentada num poste de cerca.

— Cadê essa droga de hospital? — grito depois de dez minutos.

Finalmente, à minha direita, vejo um conjunto de prédios feericamente iluminados.

O estacionamento está quase deserto. Faço uma oração silenciosa de agradecimento por estarmos no meio do nada. Se este fosse o Hospital Infantil de Oakland, esperaríamos cinco horas para notarem nossa presença.

Eu tinha esquecido como era levar ponto. Na verdade, tinha esquecido as injeções de lidocaína que vêm antes dos pontos propriamente ditos.

— Pode olhar para o outro lado se quiser — sugere o médico de plantão, agulha em punho.

Sempre que assistimos juntos a um filme ou a um programa de TV que tenha

um pouquinho de sexo, Peter me pergunta: "Quer que eu olhe para o outro lado?" Dependendo do contexto, se for apenas rolar na cama de roupa ou beijar ou um pouquinho de esfregação, digo que não precisa. Se há algum sinal de que vão aparecer peitos ou partes íntimas, digo que sim. Sei que ele já viu peitos na internet, mas não com a mãe sentada ao lado dele no sofá. Não sei quem ficaria mais constrangido nessa situação — ele ou eu. Ele não está preparado. Também não está preparado para ver a si próprio levando uma injeção de lidocaína.

— Isso, olhe para o outro lado — digo a Peter.

— Eu estava falando com a senhora, na verdade — diz o médico.

— Eu não tenho problemas com agulhas.

Peter está agarrando minha mão com todas as forças.

— Agora vou me distrair. Tendo uma conversa banal com você.

Seus olhos me fitam com atenção, mas os meus saltitam sem querer na direção da agulha.

— Mãe, tenho uma coisa para lhe contar que pode surpreender você.

— Aham — digo, vendo o médico aplicar injeções em volta do ferimento.

— Eu sou heterossexual.

— Está bem, querido.

O médico agora começa a injetar a lidocaína *dentro* do ferimento.

— Você está indo bem, Peter — diz o médico. — Já está acabando. Sra. Buckle, está se sentindo bem?

Estou tonta. Eu me agarro à lateral da cama.

— Isso sempre acontece — diz o médico a William. — A gente diz para os pais não olharem, mas não adianta: eles olham. Outro dia um pai de repente desmaiou quando eu estava suturando o lábio da filha. Caiu duro. Um cara grande. Noventa quilos. Quebrou três dentes.

— Vamos, Alice — diz William, pegando o meu braço.

— Mãe, você ouviu o que eu disse?

— Ouvi, querido, você é hétero.

William me obriga a ficar de pé.

— O seu filho é hétero. E quer fazer o favor de parar de tremer? — digo a William. — Está me deixando enjoada.

— Eu não estou tremendo — diz William, me levantando. — Você é que está.

— Tem uma maca no corredor — diz o médico.

São as últimas palavras que escuto antes de desmaiar.

76

No dia seguinte, depois de seis horas de viagem de volta (duas das quais ficamos presos num tráfego daqueles de anda um pouquinho e para, anda mais um pouquinho e para de novo), subo para me deitar. Estou exausta.

Zoe e Peter entram no quarto atrás de mim. Peter se põe na cama ao meu lado, afofa o travesseiro e pega o controle remoto.

— Netflix? — pergunta ele.

Zoe me olha preocupada.

— O que foi? — pergunto.

Não lembro quando foi a última vez que ela me olhou com carinho.

— Talvez você tenha desmaiado porque estava ficando doente — diz ela.

— É muito gentil da sua parte dizer isso, mas eu desmaiei porque vi o médico enfiar uma agulha numa ferida aberta na barriga do Pedro.

— Seis pontos — informa Peter, com orgulho, levantando a camisa para mostrar o curativo.

— Não acha que está exagerando um pouco? O médico disse que hoje você já estaria bem — insiste Zoe.

— Seis pontos — repete Peter.

— Eu sei, Pedro, você foi muito corajoso.

— Então a gente vai ver o quê? *Barry e Wally*? — pergunta ele.

Depois que Peter me confessou não ter vontade de ver *A profecia,* acabei com o clube mãe-e-filho de filmes de terror. Peter e eu somos agora os únicos membros do clube mãe-e-filho de comédia romântica, e prometi que quando chegássemos em casa começaríamos a série Nora Ephron. Primeiro vamos assistir ao clássico *Harry e Sally*, depois *Sintonia de amor* e finalmente *Mensagem para você.* Acho que esses filmes não vão causar nenhum pesadelo em Peter, além do horror ao perceber como são comuns e compreensíveis os mal-entendidos entre homens e mulheres.

— Odeio comédias românticas — diz Zoe. — São muito previsíveis.

— Esse é o seu jeito de dizer que quer entrar para o clube? — pergunta Peter.

— Vai sonhando, *gangsta* — diz ela, saindo do quarto.

— Quer que eu olhe para o outro lado? — pergunta Peter depois de um minuto de filme, quando Billy Cristal está beijando a namorada na frente do carro de Meg Ryan.

— Quer que eu olhe para o outro lado? — pergunta ele de novo durante a famosa cena do orgasmo fingido na delicatéssen Katz's. — Ou quem sabe só tapar os ouvidos?

— Quer que eu olhe para o outro lado? — pergunta ele quando…

— Ai, pelo amor de Deus, Pedro. As pessoas fazem sexo, pronto. Elas adoram sexo. Adoram falar sobre sexo. Simulam sexo. As mulheres têm vaginas. Os homens têm pênis. — Aceno com a mão em sinal de desdém. — Blá-blá-blá.

— Decidi que não quero mais ser Pedro — diz ele.

Tiro o som do filme.

— É mesmo? Todo mundo já se acostumou.

— Mas eu não.

— Tudo bem. Mas então, como quer ser chamado agora?

Tomara que ele não diga Pedro 3000 ou Dr. P-Dro ou Arquibaldo.

— Eu estava pensando em… Peter.

— Peter?

— Aham.

— Bom, é um nome lindo. Eu gosto de Peter. Combina com você. Quem deve dar a notícia a seu pai? Eu ou você?

Pedro põe o som de volta.

Billy Crystal: Existem dois tipos de mulher. Alta manutenção e baixa manutenção.
Meg Ryan: Eu sou qual?
Billy Crystal: Você é o pior tipo. É alta manutenção mas se acha baixa manutenção.

Peter torna a tirar o som do filme.

— Por que você achou que eu fosse gay?

— Eu não pensei que você fosse gay.

Ele me lança um olhar cético.

— Tudo bem, achei que havia uma possibilidade.

— Por quê, mãe?

— Você simplesmente… dava pinta.

— Exemplos?

— Bom. Você mudou seu nome para Pedro.

— Claro… tem tantos Pedros gays no mundo… Continue.

— Você odiava o Eric Haber. Demais.

— Porque ele gostava da Briana também. Ele era o meu rival. Mas como ele e Pippa Klein estão namorando, agora não tenho problema com ele.

— Hum… os seus pelinhos formam uma espiral no sentido anti-horário.

Peter balança a cabeça para mim.

— Você é biruta.

— E porque você usa palavras como "biruta".

— Porque v*ocê usa* palavras como "biruta"! Eu sou hétero, mãe.

— Eu sei, Peter.

— Nossa, fazia tempo que eu não ouvia alguém me chamar de Peter.

— Soa bem, não?

— Não pense que eu esqueci que é uma gíria para pênis.

— Claro que não. Mas será que isso não mais é uma vantagem para você? — Cutuco-o.

— Ai!

Suspiro.

— Vou sentir falta do meu filho gay que nunca me deixaria por outra mulher. Sei que *isso* é homofóbico, pensar que você vai continuar colado em mim de uma forma não natural só porque você é gay. De uma maneira ou de outra, você acaba me deixando.

— Se isso faz você se sentir melhor, você pode continuar pensando em mim, no seu íntimo, como seu filho gay. Além do mais, que tipo de garoto de doze anos heterossexual concordaria em assistir a *Harry e Sally* com a mãe?

Ele põe som no filme e ri.

— Era exatamente disso que eu estava falando quando disse que você dava pinta — digo.

— O quê? Precoce? Inteligente? Engraçado? Uma pessoa heterossexual também pode ser essas coisas. Você é muito heterofóbica.

Depois do filme (nós dois choramos no final), Peter vai buscar alguma coisa para comer e eu entro no Facebook. Não há nada do Pesquisador 101, o que não me surpreende muito. Eu mesma disse a ele que passaria uns dias off-line. Não faltam,

contudo, publicações no meu mural.

Pat Guardia > Alice Buckle
Braxton Hicks — JÁ.
há 30 minutos

Shonda Perkins > Alice Buckle
Novas amostras: Rímel Waterproof Défenicils. Brilho Juicy Tubes.
há 32 minutos

Tita De La Reyes > Alice Buckle
Cinco dúzias de lumpia procurando um bom lar.
há 34 minutos

Vigilantes do Peso
Dia da Anistia!! Volte para o programa. Primeiros dois meses grátis!
há 4 horas

Alice Buckle
Foi marcada na foto por Helen Davies
há 4 horas

Minutos depois de ter entrado no Facebook, me sinto mal, por duas razões. Primeira: as Abelhas Abelhudas (Pat, Tita e Shonda) estão me seguindo por todo canto. Se eu não concordar em tomar café na Egg Shop em breve, elas vão tocar a campainha da minha casa, me jogar dentro do carro e me levar lá. E segunda: porque cair numa toca de coelho e entrar no passado costuma ter esse efeito em mim. Helen postou um monte de fotos da nossa época na Peavey Patterson. A que não consigo parar de olhar foi tirada na noite em que William ganhou o Clio: ele e Helen estão sentados à mesa, suas cabeças inclinadas na direção uma da outra, como se envolvidos numa conversa. E ali, no fundo, sentada à outra mesa, estou eu, olhando com avidez para eles, como uma louca. Ela postou essa foto constrangedora de propósito.

Helen me adicionou como amiga logo depois de ter adicionado William, com a única intenção, até onde eu vejo, de me informar que ter perdido William não estragou sua vida. Ela se casou com um homem chamado Parminder, e com ele abriu a própria agência de publicidade, que, segundo o perfil dela no LinkedIn, tem escritórios em Boston, Nova York e São Francisco e faturou mais de dez milhões de dólares no ano passado. Ela está o tempo todo no Facebook; faz com que eu mesma fique parecendo uma partidária do luddismo. Não é mais cheinha — joga golfe, dança tango e faz spinning, e a partir de hoje pesa esbeltos cinquenta e cinco quilos. Está sempre postando novas fotos. Aqui, seus três filhos sentados à mesa fazendo

cartões de Dia dos Namorados. Ali, seu jardim. E cá está ela com o penteado novo. *Curtiu*? E embora eu saiba que a página dela tenha uma curadoria meticulosa, não consigo não me deixar seduzir. Ela tem uma vida invejável. Talvez até tenha vencido, se as marcas da vitória são um corpo tonificado, reflexos no cabelo e uma propriedade em Brookline.

Pelo menos os Vigilantes do Peso não me deixam com inveja. Entro no site e abro meu plano alimentar. Acesso o dia dez de fevereiro, que foi a última vez que usei.

Vigilantesdopeso.com
Plano alimentar para Buckle

Cota de Pontos Extras: 29 >**Cota Diária** 32 **Restante do Dia** 0 >**Pontos por Atividad**
0

Favoritos (acrescentados recentemente)

Ovo	Pontos	
Iogurte Yoplait	Pontos	
Jujubas (30)	Pontos	1
Donut coberto de glacê da Krispy Kreme	Pontos	2

Não Sabe a Quantidade de Pontos?

Introduzir Alimento	Marshmallow	
Introduzir Quantidade de Fibras		
Introduzir Quantidade de Gordura		
Introduzir Quantidade de Carboidratos		3
Introduzir Quantidade de Proteínas		
Calcular Valores de Pontos Extras JÁ!		3

Agora lembrei por que parei os Vigilantes do Peso. Contar cada bocadinho de alimento me deixava toda esperançosa na primeira metade do dia, mas depois, quando uma colher de marshmallow cremoso se transformava em cinco, justo uma hora antes do jantar, eu me sentia extremamente culpada. Ei, o que foi feito da minha ideia para a Dieta da Culpa? O mesmo modelo funcionaria perfeitamente, com apenas alguns pequenos ajustes.

Dietadaculpa.com
Plano alimentar para Alice Buckle

Cota de Culpa Extra: 29 **Cota Diária:** 102 **Restante do Dia** 0 **Penitência Ganha** 0

Favoritos (acrescentados recentemente)

Usei o último pedaço de papel higiênico e não substituí o rolo	Pontos
Disse ter lido *Anna Karenina*	Pontos
Neguei ter lido *A biografia não autorizada de Katy Perry*	Pontos

Não sou bilingue	Pontos
Sou americana	Pontos
Não sei a diferença entre xiitas e sunitas	Pontos
No fundo, acredito na Lei da Atração	Pontos
Não retornei as ligações da minha melhor amiga depois de ela ter ligado quatro vezes e deixado recados em sua voz de advogada especializada em divórcios dizendo "Alice Buckle, me ligue imediatamente, temos que conversar sobre um assunto".	Pontos

Não Sabe o Valor da Culpa?

Introduzir Culpa: Flerte excessivo e fantasia quase constante com um homem que n
é meu marido.

Quantas pessoas foram magoadas?	Até agc nenhum
Quantas pessoas poderiam ser magoadas?	3 a 1C
Preço necessário para compensação?	?
Tempo necessário para compensação?	??
É incompensável?	Recei que sir

CALCULE Valor da Culpa Extra JÁ: 8.942

ALERTA: Este total excede (em 44,04 semanas) a cota semanal de pontos da Culpa Extra.

ALTERNATIVA RECOMENDADA: Fazer xixi sentada em banheiro público (Pontos 5).

Sou uma pessoa muito má. E Helena de Troia gosta de dourar a pílula. Embora eu tenha roubado o seu namorado, ela depois teve uma vida boa. Talvez até melhor do que a minha.

Saio da cama e vou até o alto da escada.

— William! — grito.

Sinto uma necessidade urgente de falar com ele. Não sei sobre o quê. Só quero ouvir a voz dele.

Nenhuma resposta.

— William?

Jampo sobe a escada correndo.

— Seu nome não é William — digo, e ele inclina a cabeça para o lado, desolado.

Penso em como William estendeu o braço para pegar a minha mão quando estávamos na mata, logo depois de Peter ter visto o cervo. Penso no acidente de Peter e em como esse acontecimento improvável — o espeto de assar marshmallow, o pus e as confissões de identidade sexual no hospital — uniu a nós todos. Penso em

Zoe me olhando com bondade, preocupada com a possibilidade de eu estar ficando doente, e sei o que devo fazer. As últimas vinte e quatro horas apenas consolidaram essa minha decisão. Entro no Facebook como Lúcia antes que eu perca a coragem e envio uma mensagem para o Pesquisador 101.

Isso já foi longe demais. Desculpe, mas tenho que abandonar o estudo.

Tão logo clico em Enviar, sinto uma onda de doce alívio, não diferente da que eu sentia numa segunda-feira quando introduzia "ovos" no meu plano alimentar dos Vigilantes do Peso.

No dia seguinte, decido não me conectar. Estou com medo de ver a resposta do Pesquisador 101 (ou pior, seu silêncio), e não quero passar o dia checando obsessivamente as minhas mensagens no Facebook, então desligo o celular e o computador e os deixo no meu escritório. Não é fácil. Meus dedos passam o tempo todo tocando e rodando como se navegando numa página invisível. E, apesar de não estar com o telefone, reajo como se estivesse. Estou num estado de hipervigilância — aguardando ser chamada por uma campainha que não vai tocar.

Tento me encaixar no dia. Corro com Caroline; Peter e eu assamos muffins de mirtilo; levo Zoe na Goodwill; mas, embora meu corpo esteja lá, meu cérebro não está. Não sou melhor que Helen. Também trato a minha vida como algo a ser explorado e depois embalado para consumo público. Cada publicação no Facebook, cada foto nova, cada *Curtir,* cada *Atualização de interesses,* cada *Comentário* é uma atuação. Mas o que acontece com a atriz quando ela está representando para um palco vazio? E quando o mundo real ficou tão vazio? Quando as pessoas todas o trocaram pela internet?

Minha dieta digital dura até depois do jantar, quando não consigo mais suportá-la e quebro o jejum. Quando entro como Lúcia Pevensie no Facebook, fico sem fôlego.

John Yossarian *convidou você para o evento "Café"*
Tea & Circumstances, 28 de julho, 19h
Você não pode sair ainda. Preciso lhe contar algumas coisas agora que só podem ser ditas pessoalmente.
Participar Não sei Recusar

Uma onda de alívio percorre meu corpo, mas desta vez não tem nada de doce. É o alívio dos desesperados, um alívio viciante, do tipo talvez-eu-nunca-tenha-uma-

oportunidade-assim, e o efeito é como se eu tivesse injetado uma droga. Antes que eu possa me impedir, valha-me Deus, clico em *Participar.*

77

Do Livro *Creative Playmaking*

Exercício: Escreva uma cena de rompimento em que as personagens falem quase exclusivamente por meio de clichês.

— Vou aí agora mesmo — diz Nedra.

— Estou pintando o cabelo, não dá para você vir agora — digo, me olhando no espelho do banheiro desolada. — Espere aí. Vou botar no viva-voz.

Coloco o telefone na bancada e começo a esfregar a testa com uma toalhinha seca.

— Estou com tinta pela cara toda e não quer sair! — grito.

— Passou água e sabão?

— Claro que passei — respondo, bombeando três esguichos de sabonete líquido na toalhinha e botando-a embaixo da torneira.

— Alice. Isso é loucura. Estou implorando: não vá encontrá-lo.

— Você não entende.

— Ah, é mesmo? Tudo bem. Vamos ver… Suas necessidades não estavam sendo satisfeitas. Será que você poderia ser um pouco menos original, Alice?

— O Pesquisador 101 me vê como eu sou realmente — digo. Uma mulher só de sutiã e calcinha com tinta de cabelo escorrendo pelas têmporas. — E ele é um mistério. E eu sinto que se eu não fizer isso agora nunca vai haver outra chance. — Jogo a toalhinha na pia e olho a hora. — Não era minha intenção que isso acontecesse.

Nedra faz uma pausa.

— É o que todos dizem. O Pesquisador 101 é uma invenção, você sabe disso, não sabe? Você o inventou. Pensa que o conhece, mas não conhece. É uma relação unilateral. Você revelou tudo a ele, todos os seus segredos, suas confissões, suas esperanças e seus sonhos, e ele não lhe contou nada sobre si — diz Nedra.

— Não é verdade — digo, penteando o cabelo. — Ele me contou coisas.

— O quê? Que ele gosta de piña colada? Que tipo de homem gosta de piña colada?

— Ele me disse que não consegue parar de pensar em mim — falo baixinho.

— Ah, Alice. E você acreditou nele? William é real. *William.* Tudo bem, vocês se afastaram. Tudo bem, vocês estão passando por um período de abstinência, mas têm um casamento que vale a pena salvar. Já ouvi todas as versões dessa mesma história mil vezes, de todos os ângulos, de todas as perspectivas. Um caso nunca vale a pena. Vá fazer uma terapia. Faça tudo que puder para reverter isso.

— Nossa, Nedra, eu só vou tomar um café com ele.

Dou uma olhada no espelho. Será que o meu couro cabeludo era para ficar laranja *mesmo?*

— Se aceitar tomar um café com ele, você está cruzando uma porta, e sabe disso.

Abro o armário embaixo da pia e cato o secador de cabelo.

— Pensei que você fosse me apoiar. De todas as pessoas no mundo, pensei que você ao menos tentaria entender pelo que estou passando. Eu não fui procurar isso. Eu fui procurada. Literalmente. O convite apareceu na minha pasta de spam. Simplesmente aconteceu.

— Mas que droga, Alice, isso não simplesmente aconteceu. Você foi cúmplice em fazer que acontecesse.

Acho o secador, mas o fio está todo enrolado. Será que nada pode ser fácil? De repente me sinto muito cansada.

— Estou me sentindo sozinha. E há muito tempo. Não vale a pena fazer alguma coisa quanto a isso? Eu não mereço ser feliz? — murmuro.

— Claro que merece. Mas isso não é motivo para abandonar a sua vida.

— Não estou abandonando nada. Só estou indo tomar um café com ele.

— Sim, mas o que você quer com isso? *Por que* vai tomar um café com ele?

Horrorosa como estou, realmente não tem por quê. Há uns círculos cor de, sim, burro quando foge embaixo dos meus olhos. Com corretivo, talvez dê para clarear e ficar lilás.

— Não sei exatamente — confesso.

Ouço a respiração de Nedra.

— Já não sei mais quem você é — diz ela.

— Como você pode dizer isso? Sou a mesma pessoa que sempre fui. Talvez *você* tenha mudado.

— Bem, pelo visto vocês são bem parecidas mesmo.

— Como assim? — pergunto.

— Tal mãe, tal filha.

— Não tenho ideia do que você está falando, Nedra.

— Se tivesse retornado alguma das minhas quatro ligações, você saberia.

— Eu já disse que estava acampando. O celular não pegava.

— Bem, talvez você esteja interessada em saber que Jude e eu tivemos uma conversa de coração para coração sobre Zoe.

— Ótimo. Você disse a ele para esquecê-la? Ela não quer voltar com ele.

— Ela teria sorte se voltasse com ele. Ele afinal me contou o que realmente aconteceu. Eu senti que tinha alguma coisa errada nessa história. Foi Zoe que traiu Jude.

— Não, Jude traiu Zoe — falo devagar.

— Não, Jude *deixou* Zoe contar para todo mundo que ele a tinha traído, para proteger a reputação dela, mas foi ela que o traiu, e, apesar de ela ser tão traiçoeira, sabe-se lá por quê, ele continua loucamente apaixonado por ela, o bocó.

Será verdade?

— É mentira dele. Zoe teria me contado — digo, mas, no fundo, eu sei que *é* verdade. Explica muita coisa. Ah, Zoe.

— A sua filha tem problemas, e mentir é o menor deles.

— Eu sei dos problemas da minha filha. Não se atreva a me jogar na cara informações que confidenciei a você.

— Alice, você anda tão ocupada levando adiante seu caso com o Pesquisador 101 que não tem ideia do que está acontecendo com a própria filha. Ela não tem transtorno alimentar, tem uma conta no Twitter. Com quinhentos seguidores. Quer saber o nome de usuário dela? É Docinho.

— *Docinho?*

— Ela faz resenhas de produtos de confeitaria, mas as descrições dela podem ser interpretadas de formas diferentes, se é que você me entende. A questão é que a sua filha está com problemas, mas você não notou, pois anda muito ocupada vivendo a sua vida dupla. Ela obviamente está planejando alguma coisa.

— Sim, se prefere balas ou tortas. Por que você precisa sempre exagerar? E por que está me tratando assim? Sou sua melhor amiga, não sua cliente. Esperava que você ficasse do meu lado, e não do lado do William.

— Eu *estou* do seu lado, Alice. Isso tudo é porque eu estou do seu lado. *Não vá encontrá-lo.*

— Eu não tenho escolha.

— Ótimo. Não espere que eu esteja aqui quando você voltar. Não posso continuar sendo sua confidente. Não para esse tipo de coisa. Não vou mentir por você. Que fique bem claro: acho que você está cometendo um erro enorme.

— Sim, você deixou isso muito claro. Imagino que vai achar outra dama de honra, não? Uma que não seja tão puta?

Nedra inspira com força.

Minha vontade era jogar o telefone na parede em vez de desligar, mas não tenho dinheiro para comprar um novo e *não* estou num filme da Nora Ephron (por mais que eu quisesse, porque assim eu saberia que, por pior que ficasse a situação, haveria um final feliz na noite de ano-novo), então dou uma estocada com o dedo no Desligar, deixando na tela um borrão indelével de Castanho Dourado Médio da tintura Clairol Nice 'n Easy.

78

Do Livro *Creative Playmaking*

Exercício: Agora escreva essa mesma cena de rompimento em duas frases.

— Não faça isso — diz a melhor amiga.
— Eu preciso fazer — diz a protagonista.

79

Vinte e oito de julho é um dia perfeito de verão. Nada de umidade e uma temperatura de vinte e quatro graus. Passo uma hora no quarto sofrendo para decidir o que vestir no meu encontro com o Pesquisador 101. Saia e sandália? Muito colegial. Um vestido de alcinha? Um pouco demais. No fim, me decido por calça jeans e uma blusa estilo camponesa, mas aplico um pouco da maquiagem nova que Nedra comprou para mim: rímel e uma rápida batidinha de blush. Esta é quem eu sou de verdade, e vai ter que servir. Se ele não gostar, azar. A conversa que tive com Nedra me deixou totalmente abalada. Quase quero desapontar o 101. Fazê-lo desistir de mim, para que eu não precise tomar nenhuma decisão, ele que faça isso por mim.

Lá embaixo, Caroline e William estão fazendo uma salada. Quando entro na cozinha, William ergue os olhos, espantado.

— Você está bonita — elogia ele. — Vai a algum lugar?

— Vou tomar um chá com a Nedra depois do jantar, por isso tenho que comer depressa.

— Desde quando Nedra toma chá de noite?

— Ela disse que precisa falar sobre uma coisa comigo.

— Isso parece sinistro.

— Você conhece Nedra.

Estou pasma com a minha habilidade de mentir com tanta naturalidade.

A campainha toca e olho para o relógio: seis horas.

— As crianças estão esperando alguém?

William dá de ombros.

Vou até a porta nas minhas *espadrilles*, aproveitando para praticar um andar mais sexy. Ponho um pouco de ginga no movimento, inclino a cabeça para o lado bem coquete. Giro e olho para trás, para ter certeza de que William não me viu. Ele está parado na frente de um armário, analisando seu conteúdo. Abro a porta.

— Alice! — exclama Bunny. — Há quanto tempo!

As horas seguintes se passam assim.

18h01: Tento apagar do rosto a expressão de espanto. Confundimos as datas. Achamos que Bunny e Jack chegariam amanhã à noite, mas cá estão eles, um dia antes, na minha porta.
18h03: Jampo vem correndo para a porta, latindo furiosamente.
18h04: Jampo morde a perna de Bunny, tirando sangue. Bunny grita de dor.
18h05: Ao ouvirem o grito, William, Caroline, Zoe e Peter vêm correndo para o hall.
18h07: Triagem médica na cozinha, e eu falando um monte de bobagens confusas sem parar. Foi só um beliscão, não uma mordida. Cadê o band-aid? Tem Nebacetin aqui em casa? Isso não é Nebacetin, é Super Bonder.
18h09: William range os dentes de raiva enquanto limpa o ferimento de Bunny.
18h10: Olho a hora.
18h15: William pergunta quem gostaria de uma bebida.
18h17: Abro uma garrafa de pinot noir e sirvo os adultos.
18h19: Viro minha taça de uma só vez e ponho mais um pouco.
18h20: William sugere que eu vá mais devagar.
18h30: O timer dispara e William tira o macarrão com queijo do forno.
18h31: Todos exclamam como o prato está cheiroso e como não podem esperar para comer.
18h35: Os prós e os contras de se usar gruyère em detrimento do mais tradicional cheddar quando se faz macarrão com queijo em casa são discutidos e analisados.
18h40: Digo a Bunny e Jack que estou muito empolgada de tê-los em nossa casa.
18h45: Bunny indaga se estou me sentindo bem. Digo que estou ótima, por que a pergunta? Ela diz alguma coisa sobre as gotas de suor que estão brotando na minha testa.
18h48: Bunny pergunta a Caroline como vai indo a procura por um emprego.
18h49: Caroline responde "ótima!"; foi nomeada a nova CEO do Google.
18h51: Digo a todo mundo que lamento muitíssimo, mas que tenho um compromisso anterior que não posso perder nem posso cancelar porque Nedra deixou o celular cair no vaso sanitário ontem e portanto não tenho como falar com ela.
18h51: William me puxa de lado e diz que não acredita que eu vá mesmo assim. Bunny e Jack acabaram de chegar.
18h52: Digo a ele que lamento, mas que preciso ir.

18h52: William lembra que convidar Bunny e Jack para ficar lá em casa foi ideia minha. Não é justo fazer com que ele banque o anfitrião sozinho. Ele pede por favor que eu não vá.
18h53: Eu vou.
19h05: Transbordando adrenalina, chego à Tea & Circumstances e pego uma mesa. O Pesquisador 101 está atrasado também.
19h12: Olho a hora.
19h20: Abro o aplicativo do Facebook no meu telefone. Nenhuma publicação nova e ele não está on-line.
19h25: Peço um chá de limão. Preferiria tomar um café, mas não quero arriscar ficar com mau hálito.
19h26: Olho o Facebook.
19h27: Torno a olhar o Facebook.
19h28: Desligo e ligo o telefone.
19h42: Sinto-me na meia-idade.
19h48: Envio-lhe uma mensagem pelo Facebook. *Combinamos às sete ou oito? Talvez tenha sido oito. Enfim, estou aqui!*
20h15: Sua burra.

Olho para as minhas *espadrilles*, para o brilho labial emplastrado na borda da minha caneca. Meu corpo estremece, desde os dedos dos pés até os ombros.

— A senhora está bem? — pergunta delicadamente a garçonete, um minuto depois.

— Estou bem, estou bem — resmungo.

— Tem certeza?

— É que recebi uma notícia ruim, só isso.

— Puxa vida. Sinto muito. Posso ajudar?

— Não, obrigada.

— Tudo bem. Olha, por favor, não hesite em me dizer se precisar de alguma coisa. Qualquer coisa. — Ela sai depressa.

Fico sentada à mesa, a cabeça enterrada nos braços. De repente meu telefone soa. É uma mensagem do Facebook de John Yossarian.

Mil desculpas. Aconteceu um imprevisto.

Olho para as palavras em estado de choque. Tudo bem, tudo bem, tudo bem. Há uma razão para ele não ter vindo. Mas quem ele pensa que é, me dando o bolo? Oscilo entre querer desesperadamente acreditar nele e querer dizer a ele que vá se foder, mas antes que eu possa evitar, digito *Fiquei preocupada que alguma coisa tivesse acontecido com você.* Meu telefone torna a soar quase imediatamente.

Muito obrigado por entender. Não estou fazendo jogo. Queria estar aí mais que tudo. Você tem que acreditar em mim.

Tiro os olhos do meu telefone. A Tea & Circumstances está deserta. Aparentemente ninguém deseja Chá & Circunstâncias depois das oito. Leio e releio as duas mensagens. Embora ele esteja dizendo todas as coisas certas, acho que nunca me senti tão sozinha. Será que *realmente* aconteceu alguma coisa? Será que ele estava mesmo planejando me encontrar? Ou mudou de ideia na última hora? Será que decidiu que gostava mais de mim a distância? Que conhecer a Alice de verdade estragaria a fantasia dele? E quanto à *minha* fantasia? De que havia um homem de verdade lá fora que me enxergou. Um homem que não conseguia parar de pensar em mim. Um homem que fez com que eu me sentisse uma mulher digna da obsessão de alguém. E se na verdade o Pesquisador 101 for apenas um idiota que goza iludindo mulheres de meia-idade patéticas e solitárias?

Estou muito desconsolada para mentir. Digito *Também queria que você estivesse aqui mais que tudo.*

20h28: Entro no meu carro.
20h29: Vou para casa.
20h40: Paro na nossa garagem.
20h41: Abro a porta de casa.
20h42: — Alice? — grita William. — Estávamos esperando você. Venha se juntar a nós.
20h44: Inundada de culpa ao ouvir a voz de William, dou um sorriso forçado e me encaminho para a sala.

Parte 3

80

— Bem na hora. Alice vai decidir a discussão — diz Bunny, sorrindo para mim quando entro na sala.

Bunny está sentada na espreguiçadeira, como se estivesse ali há cem anos. Sua perna enfaixada está apoiada numa almofada, ela está descalça e tem as unhas dos pés pintadas de um tom alegre de tangerina. Mesmo machucada, ela é uma verdadeira modelo de como envelhecer bem. Já deve ter uns sessenta e tantos anos e está mais linda que nunca.

— Bunny, me desculpe pela sua perna.

— Ora — exclama ela. — Já somos praticamente amigos agora, não é mesmo, Jampo?

Jampo está enroscado em sua caminha no canto da sala. Quando ouve seu nome, levanta a cabeça.

— Cachorro feio, fedorento — admoesto-o

Ele rosna baixinho e torna a deitar a cabeça sobre as patas cruzadas.

Jack se levanta, só pernas e braços e sardas e uma farta cabeleira ruiva. Ele tem o colorido de um gato tigrado, pêssego e creme, igualzinho a Caroline. Nunca cheguei a conhecê-lo tão bem quanto conheci Bunny, embora ele praticamente morasse no Blue Hill na época em que eu estava montando a minha peça (ele gostava de se referir a si mesmo como o faz-tudo de Bunny), mas sempre foi simpático comigo.

— Sente-se aqui, Alice — oferece ele.

— Tem muito lugar aqui também — diz William, batendo no sofá.

Não consigo me obrigar a olhar para ele.

— Não tem problema. Eu sento no chão.

Jack ergue as sobrancelhas

— É verdade, o chão é o meu lugar preferido.

— Ela prefere o chão — confirma William. — Várias vezes ela se senta no chão mesmo quando tem cadeiras disponíveis.

— Eu também gostava do chão. Até os meus quadris pararem de gostar — diz Jack.

— Você trouxe a sua aspirina infantil? — pergunta Bunny.

— Aspirina infantil não tem nada a ver com quadris — responde Jack.

— Sim, mas tem a ver com coração, meu amor — explica Bunny.

Eu tinha esquecido que Bunny chamava Jack de "meu amor". Sempre achei esse termo carinhoso muito romântico. Depois que a temporada de *A atendente* terminou e voltei para Boston, tentei chamar William de "meu amor", mas pareceu muito forçado. "Meu amor" era algo que precisava ser conquistado ou que a pessoa já nascia sendo. Olho para William, que me dá um sorriso simpático, e sinto náuseas.

— Jack teve um probleminha de coração alguns meses atrás — diz Bunny.

— Ah, não! Foi sério? — pergunto.

— Não — responde Jack. — Bunny se preocupa à toa.

— Isso se chama cuidar de você — diz Bunny.

— "Cuidar de mim" significa que ela tirou todas as músicas da Rihanna do meu iPod e substituiu por Verdi.

— *Você* ouve Rihanna? — pergunto.

— Ele estava ouvindo música muito alta — explica Bunny. — Surdez e coração fraco é muita coisa para eu aguentar.

— Uma pena — diz Jack. — Um pouco de surdez não é a pior coisa para um casamento. — Ele dá uma piscadela para mim.

— Alice — exclama Bunny —, olhe só para você. Está radiante! Os quarenta são uma década maravilhosa. Antes que você se acomode muito aí no chão, venha cá me cumprimentar direito.

Atravesso a sala, sento na beira da espreguiçadeira e me jogo nos braços dela. Bunny tem exatamente o mesmo cheiro de que eu me lembrava — de frésia e magnólia.

— Está tudo bem? — murmura ela.

— Coisas da vida — murmuro também.

— Ah, a vida. A gente conversa depois, hã? — diz ela baixinho no meu ouvido.

Faço um aceno positivo de cabeça, dou-lhe outro abraço e deslizo para o chão ao lado dela.

— Então qual é a discussão? — pergunto.

— Christiane Amanpour ou Katie Couric? — diz Bunny.

— Bem, gosto das duas, mas, se tivesse que escolher… Christiane.

— Estamos discutindo sobre quem é mais bonita — diz William —, não quem

é melhor repórter.

— O que importa a beleza delas? — pergunto. — Essas mulheres conversam com presidentes, primeiros-ministros e dignitários.

— Foi exatamente a minha resposta — diz Bunny.

— Nedra está bem? — pergunta William.

— Eu… hã.

— Você… hã — diz ele.

— Desculpe. Só estou cansada. Ela vai muito bem. Tínhamos muita coisa para botar em dia.

— É mesmo? — diz ele. — Você não falou com ela ontem mesmo?

Fique calma, Alice. Quanto mais simples, melhor. O que quer que você faça, não olhe para cima nem para a direita quando falar com ele. Esse é um sinal definitivo de que a pessoa está mentindo. E não pisque. Piscar de jeito nenhum.

— Bem, sim, no telefone, mas a gente quase não tem uma chance de se falar pessoalmente. Sem outra pessoa presente. Sabe como é — digo, meus olhos penetrando nos dele.

William me lança um olhar esbugalhado de volta. Tento suavizar meu olhar.

— Nedra é a melhor amiga da Alice. Ela vai se casar.

— Que maravilha! Quem é o felizardo? — pergunta Bunny.

— Felizarda. O nome dela é Kate O'Halloran — digo.

— Ah, sim. Claro. Nedra e Kate. Mal posso esperar para conhecê-las — diz Bunny.

— Alice é a dama de honra — informa William.

— Na verdade, ainda não concordei plenamente com isso.

— Posso entender por quê. *Dama* é muito medieval. Por que não mulher? Mulher de honra — pergunta Bunny.

Balanço a cabeça em concordância. É mesmo, por que não? Eu sou uma mulher de honra, ou pelo menos era, antes de hoje à noite.

— Bem — diz Jack, olhando para o relógio —, estou caindo de sono. Vamos dormir, Bunny. É quase uma da manhã no nosso horário.

— Desculpe — digo, me levantando de um pulo. — Estou sendo muito grosseira. Alguém já lhes mostrou o quarto de vocês?

Ouço a TV aos berros na sala íntima e a voz das crianças falando ainda mais alto.

— Sim, sim. William já levou a nossa bagagem lá para cima — diz Bunny. — E,

Alice, você tem que prometer que vai nos dizer quando se cansar da gente. Nossa passagem de volta é para daqui a três semanas, mas, como diz Mark Twain, visitas e peixes começam a feder depois de…

— Nunca vou me cansar de vocês — digo. — Podem ficar o tempo que quiserem. Então você está entre uma apresentação e outra?

Bunny assente, subindo atrás de Jack.

— Tenho uma pilha de textos. Estou tentando decidir qual a próxima peça a fazer. Estou contando com a sua ajuda. Para ler alguns deles.

— Seria uma honra. Acho que vou me deitar também. O dia foi longo — explico, dando um bocejo forçado.

Planejo fingir estar dormindo quando William subir.

— Vou ver como estão as crianças — diz William depois que Bunny e Jack somem de vista no quarto de hóspedes.

— Não se esqueça de mandar aqueles dois apagarem todas as luzes quando acabarem de ver o programa.

Começo a subir.

— Alice?

— O quê?

— Quer que eu leve um chá para você?

Giro nos calcanhares, paranoica. Será que ele sabe de alguma coisa?

— Por que eu haveria de querer chá? Acabei de passar a noite inteira tomando chá com a Nedra.

— Ah… certo. Desculpe, só pensei que você poderia querer alguma coisa quente.

— Eu quero uma coisa quente, sim — digo.

— Quer? — pergunta ele.

Será que é ansiedade na voz dele? Será que ele acha que a *coisa quente* de que estou falando é ele?

— Meu laptop — respondo.

Ele fica com cara de tacho.

* * *

Acordo às quatro horas e vou lá para baixo, um lixo. Entro na cozinha e encontro Bunny ali. A chaleira elétrica está ligada e há duas canecas alinhadas na bancada.

Bunny sorri para mim.

— Tive o pressentimento de que você viria se juntar a mim.

— O que está fazendo de pé?

— São sete horas para mim. A questão é: o que *você* está fazendo de pé?

— Não sei. Não consegui dormir. — Abraço meu corpo.

— Alice, o que foi?

Dou um gemido.

— Fiz uma coisa muito ruim, Bunny.

— Ruim em que sentido?

— Ruim.

— *Ruim* do tipo se viciar em analgésicos?

— Bunny! Não, claro que não.

— Então não é tão ruim.

Faço uma pausa.

— Acho que me apaixonei por outro homem.

Ela senta lentamente numa cadeira da cozinha.

— Ah.

— Eu falei que era ruim.

— Tem certeza, Alice?

— Tenho certeza. E espere… a coisa só piora. Eu nem o conheço pessoalmente.

Então conto a Bunny a história toda. Ela não diz uma palavra enquanto estou falando, mas seu rosto me diz tudo de que preciso saber. Ela é uma ouvinte incrível, reage ao que escuta. Arregala e aperta os olhos enquanto lhe mostro os e-mails e os bate-papos no Facebook. Murmura e dá muxoxos e sussurra enquanto lhe leio as minhas respostas ao estudo. Mas o que ela faz sobretudo é me acolher — com todo o seu corpo.

— Você deve estar desolada — diz afinal quando termino.

Suspiro.

— Sim, mas sinto muito mais que isso. É complicado.

— Para mim parece bastante simples. Esse homem é um pesquisador. Ele escutou você. Ele lhe falou exatamente o que você queria ouvir. Sinto dizer que provavelmente você não é a primeira mulher com quem ele faz isso.

— Eu sei, eu sei. Espere. Acha mesmo isso? Nossa, eu não acho. Não mesmo.

Parecia que a gente tinha uma coisa meio especial, uma coisa só entre mim e…

Bunny balança a cabeça.

— Você acha que eu sou boba.

— Boba não, só vulnerável — diz Bunny.

— Estou tão humilhada.

Bunny faz um gesto descartando as minhas palavras.

— A humilhação é uma opção. Não opte por isso.

— Estou com raiva — acrescento.

— Melhor. A raiva é útil.

— Do William.

— Está com raiva do *William?* E quanto a esse pesquisador?

— Não, do William. *Ele* me levou a isso.

— Ora, isso é uma injustiça, Alice. De verdade. Olha. Eu não sou santa e não estou aqui fazendo nenhum julgamento. Houve uma época em que Jack e eu passamos por momentos difíceis. Chegamos a nos separar por um tempo, quando Caroline saiu de casa para ir para a faculdade. Bom, olha, eu não preciso entrar em detalhes, mas o meu argumento é que nenhum casamento é perfeito, e, se parecer perfeito, a única coisa de que você pode ter certeza é que não é. Mas não culpe William por isso. Não seja tão passiva. Você precisa assumir a responsabilidade pelo que fez. O que *quase* fez. Se vai continuar ou não com William não é a questão. A questão é: não *deixe* isso acontecer com você.

— *Isso?*

— A vida. Não quero ser mórbida, mas sinceramente, Alice, você não tem muitos anos sobrando para desperdiçar. Ninguém tem. Deus sabe que eu também não tenho. — Bunny se levanta e liga a chaleira. O sol acabou de nascer, e a cozinha fica momentaneamente inundada de uma luz cor de damasco. — Aliás, será que você tem alguma noção de que é uma contadora de histórias nata? Estou há duas horas me divertindo com você.

— Contadora de histórias?

William entra na cozinha. Examina as canecas na mesa. Os saquinhos de chá usados e já ressecados.

— Há quanto tempo vocês duas estão de pé *contando histórias?*

— Desde as quatro — diz Bunny. — Tínhamos muito assunto para pôr em dia.

— Quinze anos de assunto — digo.

— Foi um nascer do sol lindo — diz Bunny. — O quintal ficou todo cor de

pêssego. Por um instante, pelo menos.

William olha pela janela.

— Ah, sim. Bem, agora está cor de cotonete.

— Deve ser a lendária névoa da Bay Area de São Francisco de que todo mundo fala — diz Bunny.

— Num minuto está tudo claro, e no seguinte não dá para ver nada — diz William.

— Igualzinho ao casamento — digo baixinho.

81

John Yossarian *adicionou a Jogos*
Sorry!

Lúcia Pevensie *adicionou a Atividades*
Procurando o lampião

Por favor me diga que teve um motivo muito bom para não aparecer ontem à noite, Pesquisador 101.

Desculpe-me, por favor. Sei que soa clichê, mas aconteceu um imprevisto. Uma coisa inevitável.

Deixa eu adivinhar. Sua mulher?

Pode-se dizer que sim.

Ela descobriu sobre a gente?

Não.

Você achou que ela descobriria?

Achei, sim.

Por quê?

Por que eu ia contar a ela sobre nós depois que encontrasse você ontem à noite.

Ia? Então o que aconteceu?

Não posso dizer. Queria poder, mas não posso. Você está procurando o lampião?

Foi o que eu disse.

Está dizendo que quer ir para casa, então? Quer deixar esse mundo. O nosso *mundo?*

A gente tem um mundo?

Fiquei pensando que talvez tenha sido melhor assim. Talvez tenha sido coisa do destino o fato de que não pudéssemos nos encontrar.

Não é que a gente não *pôde* **se encontrar. Eu estava lá. Você me deu o bolo.**

Se eu pudesse, eu também estaria, juro. Mas deixe que eu lhe faça uma pergunta, Esposa 22. Você não ficou nem um pouquinho aliviada por eu não ter aparecido?

Não. Senti que você brincou comigo. E me senti ridícula. Triste. *Você* **ficou aliviado?**

Ajuda saber que desde então pensei em você quase todo minuto?

E a sua mulher? Também pensa nela quase todo minuto desde então?

Por favor, me perdoe. O homem que não compareceu não é o homem que eu quero ser.

Quem é o homem que você quer ser?

Outra pessoa diferente de quem eu sou.

NVR?

O quê?

Na vida real?

Ah. Sim.

Está tentando?

Estou.

Está conseguindo?

Não.

E a sua mulher concordaria com essa avaliação?

Estou me esforçando muito para não magoar nenhuma de vocês.

Preciso lhe fazer uma pergunta agora e preciso que você me diga a verdade. Pode fazer isso?

Farei o possível.

Já fez isso com outras mulheres? Ficar assim? Desse jeito que você é comigo?

Não, nunca. Você é a primeira. Fique aqui. Só mais um pouquinho. Até a gente entender isso.

Está me dizendo que devo parar de procurar o lampião?

Por enquanto, sim.

82

— E isso, minha cara, é material — diz Bunny, me cutucando. — Eu definitivamente poderia transformar isso numa cena.

Embaixo do cartaz Saborosos Pedaços de Carne de Porco Salgada na Boccalone há uma fila, de pelo menos vinte homens. Mais adiante no corredor, embaixo do cartaz azul em tom pastel da Miette, há outra fila, de pelo menos vinte mulheres. Os homens estão comprando salame; as mulheres, petit fours.

— Na verdade, isso por si só já é uma peça — corrige ela.

— Acha que as mulheres têm medo de embutidos? — pergunta Jack.

— Elas se sentem intimidadas, talvez — digo.

— Repugnadas, melhor dizendo — emenda Zoe.

São nove horas de um sábado e o Ferry Building já está lotado. Sempre que temos visitas de fora, este é o primeiro lugar aonde as levamos. É uma das atrações turísticas mais impressionantes de São Francisco — um mercado de hortifrutigranjeiros tratados com esteroides.

— Isso aqui faz a gente almejar um tipo de vida diferente, não? — diz William, enquanto nos encaminhamos para o cais, passando por reluzentes maços de rabanetes e pirâmides perfeitas de alhos-porós.

Ele fotografa os vegetais com seu iPhone. Não consegue resistir. É viciado em pornografia alimentar.

— E que tipo de vida é essa? — pergunto.

— Uma vida em que a pessoa usa trança no cabelo — diz Peter, referindo-se à garota de bochechas rosadas na banca da Two Girls and a Plow. — Gostei do seu avental — diz ele a ela.

— Musselina — diz a garota. — Amassa menos que algodão. Vinte e cinco pratas.

— Quando se tem menos de trinta anos, avental é sexy — diz Bunny. — Com mais de trinta, tende a ficar parecida com uma das Alegres Comadres de Windsor. Caroline, quer um? Presente meu.

— Tentador, vendo que só me sobram quatro anos para usar avental da forma

boa. Mas vou declinar.

— Isso aí, garota! — exclama William. — Cozinheiro que se preze não tem medo de manchas.

Bunny e Jack caminham logo à nossa frente, de mãos dadas. Ver os dois juntos é difícil: eles são muito explicitamente carinhosos. Meu marido e eu andamos em lados opostos do corredor. Então me ocorre que nos tornamos um daqueles casais sobre os quais escrevi no estudo. Os que nada têm a dizer um ao outro. William está com uma cara fechada. Viro de costas para ele e abro o aplicativo do Facebook no meu celular. John Yossarian está on-line.

Já aconteceu de você ver outros casais e ficar com inveja, Pesquisador 101?

Em que sentido?

Por eles serem tão próximos.

Às vezes.

E o que você faz?

Quando?

Quando isso acontece?

Olho para o outro lado. Sou especialista em compartimentagem.

William me chama do outro lado do corredor.

— Será que a gente deve comprar uns milhos para hoje à noite?

— Tudo bem.

— Quer escolher?

— Não, pode comprar.

William vai até a barraca da Fazenda Full Belly. Está com um ar desamparado. Sua busca por um novo emprego não vai bem. Cada semana que passa o deixa um pouco mais desgastado. Odeio vê-lo assim. Embora suas brincadeiras tenham sido um fator que contribuiu para a demissão, não foram o único motivo. O que aconteceu com William está acontecendo com muitos dos nossos amigos, nas mais diferentes áreas: eles estão sendo substituídos por modelos mais jovens e mais baratos. Sinto por ele. Sinto mesmo. Eu me escondo atrás de uma pilha alta de cremes feitos de cera de abelha.

Seria tão fácil quanto segurar na mão dele, Pesquisador 101?

O quê?

Me ligar ao meu marido.

Acho que não.

Não faço isso há muito tempo.

Talvez você devesse.

Você *quer* que eu dê a mão ao meu marido?

— Uma dúzia está bom? — pergunta William.

— Está ótimo, querido — respondo.

Nunca o chamo de querido. "Querido" é porque Bunny e Jack estão aqui. Bunny se vira, sorri e balança a cabeça para mim, manifestando aprovação.

Hã... na verdade não.

Por quê?

Ele não merece.

Ai, meu Deus.

— O que foi? — faz Bunny, sem emitir som, quando vê meu ar de espantada.

De repente tenho um sentimento protetor em relação a William. O que o Pesquisador 101 sabe sobre o que William merece?

Isso foi maldade. Acho que não posso fazer mais isso, Pesquisador 101.

Eu entendo.

Entende?

Eu estava pensando a mesma coisa.

Espere. Será que ele vai desistir assim tão facilmente? Ele está me mandando mensagens muito contraditórias. Ou talvez eu esteja lhe mandando mensagens contraditórias.

— Você tem uma nota de cinco, Alice? — pergunta William.

Olho para o outro lado do corredor. De repente seu rosto fica branco como leite. Penso em Jack e no problema de coração dele. Acho que devo começar a comprar aspirina infantil e obrigar William a tomar.

— Você está bem? — pergunto, me dirigindo à barraca.

— Claro. Estou ótimo — diz William, parecendo totalmente não-ótimo.

Olho para a pilha de milhos que ele juntou.

— São espigas raquíticas. Melhor levar mais meia dúzia.

— Quer me ajudar? — diz ele.

— O que houve?

Ele balança a cabeça.

— Estou tonto.

Ele realmente parece mal. Pego sua mão. Seus dedos automaticamente se entrelaçam nos meus. Vamos até um banco e ficamos ali sentados em silêncio por alguns minutos. Peter e Caroline estão experimentando amêndoas. Zoe cheira um vidro de óleo de lavanda. Bunny e Jack estão na fila da Rose Pistola para comprar um dos seus famosos sanduíches de ovo.

— Quer um sanduíche de ovo? — pergunto. — Vou buscar um para você. Talvez você esteja com hipoglicemia.

— Minha glicemia está boa. Eu sinto falta disso — diz ele.

Ele olha direto para a frente. Sua coxa encosta muito de leve na minha. Ficamos sentados rigidamente um ao lado do outro como dois estranhos, o que me lembra daquela vez que levei sopa ao apartamento dele em Beacon Hill. A primeira vez que ele me beijou.

— Sente falta de quê?

— De nós dois.

Sério? Hoje, logo *hoje,* um dia depois de eu ter escapulido de casa para encontrar outro homem, ele vem me dizer que sente falta de nós dois? Em termos emocionais, William sempre chega à mesa na hora em que os pratos estão sendo retirados. É irritante.

— Tenho que encontrar um banheiro — informo.

— Espere. Você ouviu o que eu disse?

— Ouvi.

— E tudo que tem a dizer é que precisa ir ao banheiro?

— Desculpe, é uma emergência.

Entro correndo no Ferry Building, acho uma cadeira no Peet's e saco o celular.

Qual é, Pesquisador 101?

Eu sei. Você está zangada.

Por que você sugeriu me encontrar?

Eu não deveria ter sugerido.

Você pelo menos pretendia ir?

Claro que pretendia.

Não mudou de ideia no último minuto? Decidiu que a fantasia era melhor que a realidade?

Não. O que é tão interessante é você de verdade. Não estou interessado em fantasias.

O maldito estudo. Mudou completamente a minha vida.

Por quê?

Porque agora vejo como tenho sido infeliz.

É comum os entrevistados...

Não venha me falar de entrevistados. Não me insulte. Eu sou mais que uma entrevistada para você.

Tem razão.

Estou pensando em largar o meu marido.

Está?

O choque do Pesquisador 101 zumbe pelo telefone. Eu o sinto como uma arma de eletrochoque. Não é o que ele queria ouvir, nem é verdade. Eu não tinha cogitado largar William. Só disse isso para ter uma resposta. Olho e vejo Bunny vindo energicamente na minha direção. Afundo na cadeira. Ela agarra o telefone da minha mão, rapidamente lendo as últimas linhas do nosso bate-papo. Balança a cabeça, ajoelha ao lado da minha cadeira e começa a digitar.

Deixa eu lhe fazer uma pergunta, Pesquisador 101.

Tudo bem.

Diga uma coisa que você adora na sua mulher.

Não sei bem se é uma boa ideia.

Já lhe contei tudo sobre o meu marido. Com certeza você pode me contar alguma coisa sobre a sua mulher.

Tudo bem, ela é a pessoa mais teimosa, orgulhosa, dogmática, firme e estritamente fiel que conheço. O esquisito é que acho que você gostaria dela. Acho que vocês seriam amigas.

Ah. Não sei o que devo fazer com essa informação.

Desculpe-me, mas você perguntou.

Tudo bem. Na verdade, isso faz com que eu me sinta melhor.

Faz? Por quê?

Porque me mostra que você não é um calhorda. Que tem coisas boas a dizer sobre a sua mulher.

— Calhorda? Quem é que usa palavras como "calhorda"?

— Fale baixo! — diz Bunny, me empurrando.

Obrigado, acho eu.

Então o que devemos fazer agora, Pesquisador 101?

Não sei. Acho que as coisas vão se esclarecer. Nunca pensei que nada disso fosse acontecer. Você tem que acreditar em mim.

O que pensou que fosse acontecer?

Que você se limitaria a responder às perguntas e cada um de nós iria para o seu lado e isso estaria acabado.

O que pensou que não fosse acontecer?

Eu me apaixonar por você.

Agarro o telefone da mão de Bunny, digito Vou nessa e saio do Facebook.

— Não quer responder a ele, hein? — pergunta ela.

— Não, Cyrano, não quero.

Bunny inspira.

— Ele parece bastante verdadeiro. No que sente por você.

— Eu disse.

— Quer beber alguma coisa?

— Não.

Ficamos ali sentadas um instante, escutando dissimuladamente as pessoas pedirem seus cafés.

— Alice?

— O quê?

— Escute aqui. Todo bom diretor sabe que até com o mais soturno dos temas tem que haver momentos de felicidade. Tem que haver pontos onde a luz possa

entrar. E, se não há esses pontos, o seu trabalho é colocá-los ali. Inseri-los no texto. Entendeu, Alice?

Nego com um gesto de cabeça.

Bunny estica o braço e aperta a minha mão do outro lado da mesa.

— Esse é um equívoco que muitos autores teatrais cometem. Confundem soturnidade com significado. Acham que a luz é fácil. Acham que a luz vai encontrar sozinha um jeito de passar por uma frestinha da porta. Mas não, Alice. Você tem que abrir a porta e deixar a luz entrar.

83

— Nedra.

— Alice.

— Como vai?

— Vou bem, e você?

— Anda pedalando, é?

— É, Alice. Isso explica o short. E as sapatilhas de pedalar. E o capacete.

— E a bicicleta.

— Então.

— Então.

— Então, o que houve?

— Com quê?

— Com o Pesquisador 101.

— Não houve nada.

— Não minta para mim.

— Acabou.

— Acabou? Assim sem mais nem menos?

— Sim. Está feliz agora?

— Ah, isso é ridículo, Alice. Vai me convidar para entrar ou não?

Escancaro a porta e Nedra entra com a bicicleta.

— Eu não sabia que os britânicos transpiravam. Quer uma toalha?

Nedra encosta a bicicleta na parede e esfrega a cara suada na manga da minha camiseta.

— Não precisa, querida. William está em casa?

— O que você quer com William?

— É um assunto de trabalho — responde ela. — Tenho uma proposta para ele.

— Ele está na cozinha.

— Continuamos sem nos falar?

— Sim.

— Ótimo. Você me informa quando estivermos nos falando?

— Sim.

— Por telefone ou mensagem de texto?

— Sinais de fumaça.

— Falou com Zoe sobre a Docinho?

Não, não falei com Zoe e me sinto péssima por isso. Mas a verdade é que a Docinho e o fato de ela ter traído Jude foram colocados de lado enquanto tento entender o que está acontecendo entre mim e o Pesquisador 101.

— Você está fazendo tempestade em copo d'água. São só cupcakes, Nedra.

— Não deixe isso para depois, Alice. Eu realmente acho que há alguma coisa ali que você deveria olhar.

— Nedra? — chama William da cozinha. — É você?

— Obrigada, querido. Pelo menos tem alguém nessa casa feliz em me ver — diz Nedra, se afastando, me deixando sozinha no hall.

Shonda Perkins
DVDs do PX90 à venda. Barato.
há 5 minutos

Julie Staggs
Marcy... muito pequena para a cama de menina grande de Marcy.
há 33 minutos

Linda Barbedian
Insônia
há 4 horas

Bobby Barbedian
Ando dormindo como um bebê
há 5 horas

Estou lendo as atualizações no Facebook para tentar me distrair das risadas que vêm da cozinha quando o meu computador faz um barulho submarino. Uma mensagem do Skype pisca na minha tela.

Belas Damas Russas
As europeias e as americanas são muito arrogantes para você? Está procurando uma dama meiga que seja carinhosa e compreensiva? Então veio ao lugar certo. Aqui você encontra uma dama russa que amará você de todo o coração.

www.russiansexywoman.com
Queira desculpar se não estiver interessado.

Por alguma razão, acho essa solicitação comovente e triste. Será que existe alguma pessoa no mundo que não esteja procurando alguém que a ame de todo o coração?

De repente ouço uma batidinha na porta. William entra no meu escritório.

— Pois isso foi interessante. Nedra me pediu para cozinhar no casamento dela.

— Cozinhar o quê?

— O jantar. Os aperitivos. A sobremesa. A refeição toda.

— Está brincando!

— É pouca gente. Só umas vinte e cinco pessoas. Já pedi à Caroline para me ajudar.

— Você quer fazer isso?

— Acho que vai ser divertido. E ela vai me pagar. Bastante bem, devo acrescentar.

— Você sabe que Nedra e eu não estamos nos falando.

— Eu percebi. Não estão se falando por quê?

— Por causa do vestido de dama de honra que ela quer que eu use. É horrível. Cintura alta. Mangas bufantes. Vou ficar igual à rainha Vitória.

— É a sua melhor amiga, Alice. Você vai perder o casamento dela por causa de um vestido?

Franzo o cenho. Ele está totalmente certo, claro.

— Alice? Você está bem?

— Estou ótima. Por quê?

É muito difícil manter isso. Viver escondendo meu estado alterado.

— É só que você parece… esquisita — explica ele.

— Bem, você também parece esquisito.

— É. Embora eu esteja tentando não parecer.

Ele me olha um pouco mais demoradamente, e eu viro as costas.

— Já pensou sobre o cardápio? — grasno.

— Tudo, menos ostras. É a única exigência. Nedra acha que é óbvio demais. Como rosas vermelhas ou champanhe no Dia dos Namorados.

— Adoro ostra.

— Eu sei.

— Faz tempo que não como.

William balança a cabeça.

— Não sei por que você insiste em não se permitir as coisas de que gosta.

84

Depois que William sai, subo para o meu quarto e fecho a porta. Ponho o celular para despertar dali a quinze minutos. Então me permito sentir toda a expectativa e a desilusão dos últimos dias. O comentário de William sobre "sentir falta de nós dois" fica se repetindo na minha cabeça. Dez minutos depois, estou sentada no meio da cama com um monte de lencinhos de papel usados na minha frente, quando ouço passos no corredor. Pelas pisadas leves, sei que é Bunny. Tento me recompor, mas é inútil.

— Está tudo bem? — pergunta ela, abrindo a porta.

— Sim. Tudo ótimo. Estou muito bem mesmo — digo, as lágrimas rolando pelo rosto.

— Posso fazer alguma coisa?

— Não, não se preocupe. É só… — Caio em prantos. — Desculpe. Estou muito constrangida.

Bunny entra no quarto, saca um lenço engomado do bolso da calça e o oferece a mim.

Olho para ela sem expressão.

— Ah, não. Não posso. Está limpo. Vou sujar tudo.

— É um lenço. É para isso que serve, Alice.

— É mesmo? Que amor — digo, e aí torno a cair no choro, aquele choro feio e convulsivo, com todos os soluços entrecortados e eu tentando parar mas não conseguindo.

Bunny se senta ao meu lado na cama.

— Você está segurando isso há muito tempo, não?

— Você nem imagina!

— Bem, agora coloque para fora. Fico aqui com você até acabar.

— É que eu simplesmente não sei se sou uma pessoa boa ou má. Estou me achando má. Fria. Posso ser muito fria, você sabe.

— Todo mundo — diz ela.

— Principalmente com o meu marido.

— Ah… é tão fácil ser frio com quem a gente ama.

— Eu sei. Mas por quê? — Soluço.

Bunny fica comigo até eu chegar àquele ponto esgotado, extenuado e limpo do outro lado da vergonha, onde o ar recende a fim de verão, a cloro com uma nota ascendente de material escolar, e sinto, pela primeira vez em muito tempo, esperança.

— Melhor? — pergunta Bunny.

Confirmo com um gesto de cabeça.

— Estou ridícula.

— Não — diz ela. — Só um pouquinho perdida, como todos nós.

— Ando escrevendo, sabe.

— Ah, é?

— Sim. Pequenas cenas. Sobre a minha vida. Eu e William. Quando a gente se conheceu. Jantares. Conversas. Nada de interessante. Mas é um começo.

— Que maravilha! Eu adoraria dar uma olhada no que você tem.

— Sério?

— Claro. Estava esperando você pedir.

— É mesmo?

— Ah, Alice. Por que está tão espantada?

Olho para o paninho embolado na minha mão.

— Estraguei o seu lenço.

— Ora. Pode me dar.

— Não! Está nojento.

— Entregue isso! — ordena ela.

Largo o lenço em sua mão estendida.

— Você não entende, Alice? Nada do que você faz pode me dar nojo.

— É o que eu digo aos meus filhos.

— É o que eu digo aos meus filhos também — diz ela baixinho, afagando o meu cabelo.

Volto a soluçar. Ela põe de novo o lenço na minha mão.

— Parece que peguei antes da hora.

85

Lúcia Pevensie *adicionou sua Citação Preferida*
"E ele é um homem?", perguntou Lúcia.

E então, ele é, Pesquisador 101?

Não sei bem o que você está perguntando, Esposa 22.

Um homem de verdade abandona a esposa?

Um homem de verdade procura *a esposa.*

E depois?

Não sei. Por que está perguntando?

Não tenho sido a melhor das esposas.

Não tenho sido o melhor dos maridos.

Então talvez você deva procurar a sua esposa.

Talvez você deva procurar o seu marido também.

Por que eu devo procurá-lo?

Talvez ele esteja perdido.

Ele não está perdido. Está na garagem montando estantes.

De calça Carhartt?

Você não esquece nada, hein?

Esqueço um monte de coisas, mas a internet não.

Ele fica com um bumbum fofo nessa calça.

Como é um bumbum fofo?

Um bumbum maior que o meu.

Vou ao cinema hoje com a minha esposa.

Sabe, Pesquisador 101, estou recebendo mensagens muito contraditórias da sua parte.

Eu sei. Desculpe. Mas é exatamente por isso que vou ao cinema com a minha esposa. Ando pensando muito sobre isso. Reli todas as suas respostas ao estudo e estou convencido de que ainda resta uma centelha no seu casamento. Se não restasse mais nada, você não conseguiria escrever sobre o seu namoro do jeito que escreveu. Não está tudo acabado entre você e ele. Também não está tudo acabado entre mim e minha esposa. Estou fazendo um esforço. Acho que você deveria fazer o mesmo com o seu marido.

E se não der certo com os nossos cônjuges?

Então daqui a seis meses a gente se encontra na Tea & Circumstances.

Quero lhe perguntar uma coisa.

Pode falar.

Se a gente tivesse se encontrado. Se você tivesse aparecido naquela noite. O que acha que teria acontecido?

Acho que você teria ficado desapontada.

Por quê? O que está me escondendo? Você tem escamas? Pesa duzentos e setenta quilos? Esconde a careca com o que sobrou do cabelo?

Digamos apenas que eu não seria o que você esperava.

Tem certeza disso?

A ideia do encontro foi prematura. Teria sido um desastre. Estou convencido disso.

Como?

Cada um de nós teria perdido tudo.

E agora?

Perdemos só uma coisa.

O quê?

A fantasia.

O que você vai ver?

O novo filme do Daniel Craig. Minha mulher gosta do Daniel Craig.

Meu marido também gosta do Daniel Craig. Talvez ele e a sua esposa devessem ficar juntos.

86

Encontro William na garagem, em cima de uma escada, usando, sim, sua calça Carhartt.

— Ouvi dizer que está passando um filmo novo do Daniel Craig que é ótimo. Quer ver? — pergunto.

— Espere aí — murmura ele, e rapidamente termina de montar um suporte na parede. — Achei que você odiasse o Daniel Craig.

— Estou começando a gostar.

— Pode me dar aquela prateleira? — pede William. Eu dou, e ele a coloca no lugar. — Droga. Está torta. Eu deveria ter usado o nível.

— Por que não usou?

— Desleixo — diz ele. — Achei que acertava no olhômetro.

— Não está tão ruim. Ninguém vai notar.

— Isso não vem ao caso, Alice. E você, não diga nada — ordena William a Jampo, que está sentado ao lado da escada obedientemente.

Jampo dá um *errrr* triste, sem tirar os olhos de William.

— Você tem andando com o Jampo? *Por livre e espontânea vontade?*

— Ele veio atrás de mim — explica ele, descendo da escada.

Jampo cheira as botas dele, todo empolgado. William o observa com um vestígio de um sorriso.

— Ele acha que eu vou levá-lo para correr.

— Você anda correndo com ele?

— De vez em quando. Ei, sabe o que quer dizer sexilado?

— Sexilado? Não. Por quê?

— Ouvi Zoe discutindo isso com uma das amigas dela. Estavam falando sobre faculdade. É um termo que significa ser exilado do seu quarto quando o colega de quarto quer fazer sexo.

— Será que eles precisam cunhar uma palavra para tudo? E aquela técnica de pendurar a meia na porta? — pergunto.

— É uma geração diferente.

— Ela daqui a pouco vai embora. Num piscar de olhos já foi. Outro piscar de olhos e lá vai Peter. Duas piscadelas. Nossa prole… puf. Acha que ela está fazendo sexo?

— Se eu acho que ela já *fez* sexo? Com Jude? É provável.

— *É mesmo?*

— Alice, eu sei sobre a Docinho. Nedra me contou.

— Ah, meu Deus. *Docinho.* Não posso acreditar que eu não falei com ela sobre isso. É que tudo tem andado… a maior loucura. Com a vinda de Bunny e Jack e tudo mais — acrescento.

— Aham.

— Nedra contou também que foi ela que traiu Jude, e não o inverso?

— Contou, sim. E você não verificou a conta dela do Twitter?

— Eu estava meio que esperando que isso passasse.

William saca o telefone.

— Vamos acabar logo com isso. Não pode ser tão ruim.

Ele abre o navegador do Google e digita *Twitter Docinho.* O cheiro dele me alcança. Sabão Tide e laranja. Adoro o cheiro dele. Senti falta. Inspiro discretamente.

— Aí está ela — sussurro, encostando nele.

Docinho



Nome Docinho
Local Califórnia
Bio Cremosa, saciável, açucarada, molhadinha
Seguidores 552

Cada mordida é um enorme prazer. 2 h

@ursinhobubu *É mesmo, Docinho. Posso atestar isso.*

@Raposa123 *Vc é tão, tão sexy. Que tal postar uma foto? Do seu prazer?*

@Tortadelimao *Tudo bem, tudo bem. Já entendi que vc adora cupcakes. Mas podemos falar sobre Yodels?*

@Mastrodoporto50 *Tem um restinho de glacê no canto da sua boca. Posso limpar?*

— Nossa! Nedra tinha razão.

— Quando Nedra já esteve errada? Vamos seguir a Docinho agora mesmo para poder receber as mensagens dela de tempos em tempos — grita William.

— O quê? Não! Você não pode fazer isso. Ela vai saber que é a gente.

— Ora, não me subestime. Não vou me inscrever como @mae&paibuckle.

— Vai usar um nome falso?

— Você tem algum problema com isso?

— Bem… sim. Você não tem? Não deveríamos ter? — Tento manter minha expressão neutra.

— Não quando se trata da nossa filha. Vamos criar um nome relacionado à marca de doces Hostess, para ela não desconfiar. Que tal @snoball? — pergunta ele.

— Eca. Aquela pele de marshmallow cor-de-rosa me dá nojo. Que tal @dingdong?

— Odeio Ding Dongs. E @hohos?

— Muito simples. Que tal @hohoscrocantes? Lembra desses? Quando acrescentaram amendoins? — digo.

— Ótimo. Está feito.

Viramos um para o outro e começamos a rir.

— Quieta, Ho Ho Crocante — murmura William.

— Não posso acreditar que a gente esteja fazendo isso.

— Ela acabou de tuítar de novo — diz ele.

Olho a tela dele e lemos o Tweet juntos em voz alta:

Não há melhor maneira de começar o dia do que chupando o creme de um Twinkie. 1 min

— Mas que droga, Zoe! — exclamo, com um grito abafado. — Será que ela tem alguma ideia de como isso é perigoso?

Os dedos de William voam sobre a tela.

@hohoscrocantes *Mas que droga, Zoe! Tem alguma ideia de como isso é perigoso?*

— Não era para você escrever isso! Agora aqueles tarados vão saber o nome verdadeiro dela — grito com William. — E nosso nome falso já era.

Pare de me seguir, J. Sei que é vc. 1 min

— Ela acha que somos Jude — diz William.

@ursinhobubu *A Docinho é uma rainha. Deve ser tratada como tal. Estou aqui para servi-la, minha rainha. Hj é dia de Ding Dong?*

William rosna.

@hohoscrocantes *A Docinho não é uma rainha. É uma garota de 15 anos, seu predador tarado.*

Estou falando sério, J. Para com isso. 1 min

@Tortadelimao *Ouça a linda dama, ou vou ter que te dar um pé na bunda.*

Parem de brigar vocês todos. Ainda tem creme no meu Twinkie :) 1 min

Pego o telefone da mão de William.

@hohoscrocantes *Caramba, Zoe, por que você não pode ser igual a uma garota normal e ter um transtorno alimentar?*

Tá sugerindo q eu tô gorda? Eu não tô gorda, J. 1 min

@hohoscrocantes *Aqui não é o J. É a sua mãe. Eu sei tudo sobre os cupcakes que vc guarda no seu armário.*

@Raposa123 *Vou nessa.*

William agarra o telefone de volta.

@hohoscrocantes *Aqui é o seu pai. Deleta essa conta agora mesmo, Zoe Buckle!*

— Agora você deu o sobrenome dela! — grito.

@ursinhobubu *???. Vou nessa tb.*

@hohoscrocantes *Deleta essa conta JÁ, Docinho!*

De repente a porta da garagem começa a se abrir. William e eu ficamos ali parados, sem falar nada, juntos, enquanto Zoe surge à nossa frente. Numa das mãos tem seu telefone, e na outra, o controle para abrir a garagem. Está tão furiosa que não consegue falar. Em vez disso, tuíta.

Não estou acreditando. Isso é uma invasão de privacidade total! Nunca vou perdoar vcs. 1 min

— Zoe, por favor… — digo.

Não quero falar com você. 1 min

@hohoscrocantes *Dá para ver.*

Nunca mais vou falar com você. 1 min

@hohoscrocantes *Isso não é legal, querida. A Docinho realmente não é legal. Você poderia ter se metido numa encrenca séria.*

Zoe olha para mim e começa a chorar. Aí recomeça a tuitar.

Como você pode querer que eu tenha um transtorno alimentar? 1 min

— Meu bebê — digo.

— Eu não sou o seu bebê coisa nenhuma. Você não tem a mínima ideia de quem eu sou! — grita ela.

Zoe segura o controle acima da cabeça e o clica agressivamente, como se estivesse disparando uma arma, e a porta começa lentamente a abaixar sobre nós.

— William…

— Deixe ela — diz ele, enquanto a cabeça, depois o tronco e depois as pernas da nossa filha desaparecem.

Dou um gritinho e ele me puxa para debaixo de seu braço, onde o cheiro de sabão em pó predomina. É gostoso ali, um ninho. Fico assim alguns minutos.

— Bem — diz ele afinal —, e agora?

— Trancar ela por mil anos no quarto?

— Forçá-la a comer carne de segunda?

— Será que somos assim tão ruins?

— Em quê?

— Como pais?

— Não, mas somos péssimos no Twitter.

— *Você* é péssimo — corrijo-o.

— Foi porque você me deixou nervoso. Tive fobia de palco.

— Ah, se eu não estivesse presente você teria sido muito mais engenhoso? — pergunto.

— **@hohoscrocantes** Os damascos estão maduros, filha vegana — diz ele.

— **@hohoscrocantes** Guardei todos eles para você, por favor considere comê-los em vez de Ding Dongs.

— **@hohoscrocantes** Não que eu não goste de Ding Dongs. Ding Dongs têm sua hora e seu lugar. Quando você tiver trinta anos e morar sozinha e pagar o próprio aluguel.

— **@hohoscrocantes** Falando sério agora. Se você não comer os damascos hoje, eles vão apodrecer.

— **@hohoscrocantes** PSC, seis dólares por meio quilo. COMA OU VAI VER SÓ.

— **@hohoscrocantes** E tente não engolir os caroços.

— **@hohoscrocantes** Engolir em geral é péssima ideia.

— **@hohoscrocantes** Diz o Ministério da Saúde.

— **@hohoscrocantes** E o seu pai.

— E então? — diz William.

— Nada mal.

— Pois é, todos os meus seguidores acham isso.

— Todos o seu *um* seguidor.

— Basta um, Alice.

— Tenho que falar com ela.

— Não, acho que o que você precisa fazer é dar um tempinho a ela.

— E depois?

William levanta o meu queixo.

— Olhe para mim.

Nossa, que cheiro bom, como pude esquecer esse seu cheiro?

— Deixe que ela vá até você — diz ele.

Então ele me solta bruscamente e se vira para as estantes, franzindo o cenho.

— Vou ter que fazer isso de novo — diz ele. — Cadê o raio do nível?

87

— Mãe! Socorro! Preciso de um Tupperware maior! — grita Zoe da cozinha.

Estas são as primeiras palavras que Zoe dirige a mim em dois dias. Desde o incidente do Twitter, Zoe deu um gelo em mim e em William.

— Será que se poderia interpretar isso como "ela me procurar"? — pergunto a William, que está sentado no sofá.

William suspira.

— Raio de porta para cachorro.

— E então?

Ele pousa o jornal.

— A cavalo dado não se olham os dentes.

Fico de pé num pulo.

— Estou chamando você há séculos! — exclama Zoe, agachada em frente ao fogão com um Tupperware de meio litro na mão, movendo os olhos furiosamente de um lado para outro.

— Esse não é grande o suficiente.

— Jura? Sumiram todos os Tupperwares.

Abro a geladeira.

— Sobras de comida.

— Aí estão eles! — grita Zoe, e eu giro nos calcanhares justo a tempo de ver o rato vindo a toda do outro lado da sala na minha direção.

— Eca! — grito.

— Não dá para pensar em algo mais original para dizer? — resmunga Zoe, indo atrás do rato, que corre como um bêbado, orelhas abanando, um Dumbo minúsculo.

— Eca, eca! — torno a gritar enquanto o rato passa por entre as minhas pernas e desaparece embaixo da geladeira.

Zoe se levanta.

— É culpa sua — diz.

— É minha culpa o quê?

— Ele ter ido para baixo da geladeira.

— Por que é *minha* culpa?

— Você seduziu ele.

— Como?

— Abrindo a porta da geladeira e deixando sair aquele ar fresco tão gostoso.

— É mesmo, Zoe? Bom, então eu vou abrir de novo, e pode ser que assim o rato torne a aparecer.

Pego um pote grande cheio de lasanha. Esvazio a lasanha num prato, lavo o Tupperware e o entrego a ela.

— Pronto.

— Obrigada.

— E agora?

Zoe dá de ombros, sentando-se à mesa.

— Agora é esperar.

Ficamos algum tempo caladas.

— Acho ótimo você não ser o tipo de garota que tem medo de rato — digo.

— Não herdei isso de você.

Ouvimos o rato arrastando-se embaixo da geladeira.

— Devo buscar uma vassoura? — pergunto.

— Não! Isso vai traumatizá-lo. Deixe que ele saia sozinho.

Ficamos sentadas em silêncio mais cinco minutos. Ouvimos mais barulho de patinhas arranhando o chão, agora mais alto.

— O elefante na sala — digo.

De repente Zoe fica com os olhos marejados e inclina a cabeça.

— Eu não queria que você tivesse vergonha de mim — murmura ela.

— Zoe. Por que eu teria vergonha?

— Aconteceu. Não foi minha intenção. Jude estava em Hollywood. Estava recebendo aquela atenção toda. E aí veio aquele garoto. Ele me beijou. Eu não tomei a iniciativa. Mas aí não consegui parar de beijá-lo. Sou uma piranha — exclama ela. — Não mereço Jude.

— Você não é uma piranha. Nunca mais quero ouvir você usar essa palavra referindo-se a si mesma! Zoe, você tem quinze anos. Você cometeu um erro. Uma falha de julgamento. Por que simplesmente não explica isso a Jude? Ele adora você. Acha que ele não teria entendido? Depois de um tempo?

— Eu contei a ele. Logo que aconteceu.

— E aí?

— Ele me perdoou.

— Mas você não se perdoou. E isso explica a Docinho?

Zoe confirma com um gesto de cabeça.

— Tudo bem, tudo bem. Mas, Zoe, tem uma coisa que eu não entendo. O beijo me parece muito menos importante do que o motivo para você ser tão má com Jude. Ele anda atrás de você como um cachorrinho. Faria tudo por você.

— Ele está me sufocando.

— Então a sua solução é simplesmente fugir?

— Aprendi isso com você — resmunga ela.

— *O que* você aprendeu comigo?

— A fugir.

— Acha que *eu* estou fugindo? De quê?

— De *tudo.*

Registro esse golpe na barriga.

— É mesmo? É isso que você pensa?

— Mais ou menos — murmura Zoe.

— Zoe. Ah, meu Deus…

E é então que o rato corre para baixo da mesa.

Levanto os pés e nós duas nos encaramos, os olhos arregalados. Zoe leva o dedo aos lábios.

— Não faça barulho — fala, sem emitir som.

— Eca! — respondo, também em silêncio.

Zoe suprime um sorriso enquanto desliza bem devagarinho da cadeira e se agacha no chão, Tupperware em punho. Aí ouço o barulho do plástico batendo no chão.

— Peguei! — grita ela, saindo de sob a mesa engatinhando e empurrando o Tupperware à sua frente.

O rato não está se mexendo.

— Você matou ele? — pergunto.

— Claro que não — responde ela, correndo os dedos pelo plástico. — Ele está se fazendo de morto. Está morto de medo.

— Onde devemos soltá-lo?

— Você vem comigo? — pergunta Zoe. — Você nunca vem comigo. Tem medo de rato.

— Sim, eu vou com você — respondo, pegando um pedaço de papelão do cesto de reciclagem. — Pronta?

Deslizo o papelão por sob o Tupperware e nós duas saímos pela porta dos fundos, Zoe com a mão em cima do recipiente e eu com a mão embaixo, sustentando o papelão. Vamos subindo o morro desse jeito atrapalhado até um pequeno bosque de eucaliptos. Aí nos abaixamos juntas, colocando o Tupperware no chão. Puxo o papelão.

— Tchau, ratinho — cantarola Zoe ao levantar o plástico.

Um segundo depois, o rato some.

— Não sei por quê, mas sempre fico triste quando os solto — diz Zoe.

— Por que teve que capturá-los?

— Não, porque tenho medo de que eles nunca mais encontrem o caminho de casa — diz Zoe, os olhos se enchendo d'água de novo.

Nesse momento me ocorre que Zoe tem exatamente a mesma idade que eu tinha quando minha mãe morreu. Ela é mais Buckle que Archer. Tem cabelo bom, e com isso quero dizer um cabelo com o qual ela não precisa brigar. Sua pele clara é linda, e, felizarda, tem a altura de William: quase um metro e setenta e cinco. Mas onde eu me vejo, onde vejo o lado Archer, é em volta dos olhos. A semelhança se acentua especialmente quando ela está triste. O jeito que ela afasta as lágrimas com aquelas pestanas pretas retintas. O jeito que suas íris clareiam de um tom de azul-marinho para uma espécie de cinza-azulado, como um céu de tempestade. Isso sou eu. É a minha mãe. Igualzinho.

— Ah, Zoe. Querida. Você tem um coração enorme. Sempre teve. Mesmo quando era pequenininha.

Passo o braço hesitantemente em volta dela.

— Eu não deveria ter te dito aquelas coisas. Não é verdade. Você não está fugindo — diz ela.

— Talvez seja verdade. Um pouquinho.

— Desculpe.

— Tudo bem.

— Sou uma idiota.

— Sei disso também — digo, dando um soco de brincadeira no seu ombro. Ela faz uma careta.

— Zoe, querida, olhe para mim.

Ela se vira e morde o lábio inferior.

— Você ama Jude?

— Acho que sim.
— Então me faz um favor?
— Qual?
Ponho a mão no rosto dela.
— Não espere mais, pelo amor de Deus. Diga a ele como se sente.

88

— Quem é a atriz substituta para o papel principal? — pergunta Jack, franzindo os olhos para o programa de teatro. — Não consigo ler. Alice, dá para você ler isso?

Aperto os olhos para o programa.

— Como eles querem que alguém leia isso? A letra é minúscula.

— Aqui. — Bunny me oferece uns óculos de leitura. São muito estilosos: cinza-chumbo e quadrados.

— Não, obrigada — digo.

— Comprei para você.

— Comprou? Por quê?

— Porque você já não lê as letras miúdas e está na hora de encarar esse fato.

— Eu não consigo mais ler letras *minúsculas.* É muito simpático da sua parte, mas não preciso disso.

Devolvo-lhe os óculos.

— Nossa, eu adoro teatro — digo, observando as pessoas em volta ocupando seus lugares. — O Berkeley Rep fica praticamente no nosso quintal. Por que não fazemos isso mais vezes?

As luzes diminuem e um silêncio baixa no teatro enquanto alguns retardatários encontram seus assentos. Esta é a minha parte favorita. Justo antes de abrir a cortina, quando temos toda a promessa da noite à nossa frente. Olho para William. Ele está com uma calça cáqui sem pregas na frente e de corte justo, o que acentua suas pernas musculosas. Olho para suas coxas e um leve arrepio corre pelo meu corpo. Essas corridas todas estão valendo a pena.

— Lá vamos nós — murmura Bunny enquanto a cortina abre.

— Obrigada por nos trazer — digo, apertando o braço dela.

* * *

— Tuitar com a Docinho teria sido mais divertido — diz William quarenta e cinco

minutos depois.

É o intervalo. Estamos esperando na fila do bar com dezenas de outras pessoas.

— Não consigo acreditar que isso tenha chegado ao palco — diz Jack. — Não estava pronto.

— E foi a estreia da autora — diz Bunny. — Espero que ela não seja muito suscetível.

Todo mundo de repente olha para mim.

— Ah, me desculpe, Alice. Isso foi muita falta de sensibilidade — desculpa-se Bunny.

— Ora! É só isso que você acha, Bunny? A peça foi fraca, chata e absurda, igualzinho à *Atendente de bar*.

Os olhos de Bunny se iluminam de prazer.

— Ora, Alice, bravo! Já estava na hora de você enfrentar aquela droga de crítica. Encare-a em vez de se deixar envolver por ela por anos a fio. É assim que ela perde a força.

Bunny me dá uma piscadela. Hoje de manhã, finalmente tive coragem de lhe dar algumas coisas que tenho escrito. Agora, todo dia reservo um tempo para escrever. Estou começando a pegar o ritmo.

— Quantos anos tem a autora? — pergunto.

— Pela foto, eu diria que uns trinta — responde William, examinando o programa.

— Coitadinha — digo eu.

— Não necessariamente — retruca Bunny. — Só é mais terrível porque, para a maioria de nós, as destruições acontecem em particular, a portas fechadas. Quando se é um autor teatral, tudo acontece à vista de todos. Mas há uma oportunidade real aí, sabe? Em fazer isso em público. Todos a veem cair, mas também a veem se levantar. Não há nada como um retorno triunfal.

— E se a gente só faz cair e cair e cair? — pergunto, me lembrando das publicações de William no Facebook.

— Não é possível; não se você persistir. Um dia você se levanta.

Faltam só três pessoas para sermos atendidos no bar. Estou desesperada por uma bebida. Por que tanta demora? Ouço a mulher na frente da fila brigando com o barman por não ter Grey Goose e fico paralisada. Aquela voz é familiar. Quando a ouço perguntar se eles têm Grüner Veltliner e o barman sugerir que ela considere tomar o chardonnay da casa, dou um gemido. É a Sra. Norman, a mãe drogada.

Tenho um impulso súbito de correr para me esconder atrás de uma coluna, mas

depois me pergunto: por que devo me esconder? Não fiz nada de errado. *Fique ereta, Alice*. Ouço a voz do meu pai na minha cabeça. Quando estou nervosa, minha corcunda fica especialmente acentuada.

— Sutter Creek, dá para acreditar? — diz a Sra. Norman ao marido, e é então que ela se vira e me avista.

Esboço um sorriso e faço um gesto de cabeça, me empertigando toda.

— Ora, ora, olá — diz ela, com meiguice. — Querido, olhe, é a professora de teaaaatro. Da escola da Carisa.

O Sr. Norman é uns trinta centímetros mais baixo que a esposa.

Ele estende a mão.

— Chet Norman — apresenta-se, nervoso.

— Alice Buckle — digo.

Rapidamente apresento Bunny, Jack e William, e aí saio da fila para falar com os dois.

— Sinto muito ter perdido *A teia de Charlotte*. Ouvi dizer que foi uma apresentação e tanto — diz o Sr. Norman.

— Hum… É, acho que foi.

Tento não fazer uma careta ao responder. Ainda tenho a sensação de que essa produção foi uma grande trapalhada da minha parte.

— Então — diz a Sra. Norman —, vem muito ao teatro?

— Ah, sim. Sempre. Faz parte do meu trabalho, não? Assistir a peças.

— Que bom para você — comenta ela.

As luzes piscam.

— Bem… — digo.

— Carisa adora a senhora — diz o Sr. Norman, sua voz se embargando.

— É mesmo? — digo, olhando nos olhos da Sra. Norman.

As luzes tornam a piscar, dessa vez um pouco mais depressa.

— Gostaria de pedir desculpas — diz ele, tornando a estender a mão. — Sinceramente.

— Chet — alerta a Sra. Norman.

— Acabamos prendendo a senhora — diz ele.

— Puxa, querida. Acho que vai ter que tomar logo o seu vinho — diz a Sra. Norman ao ver William se encaminhar até nós com a minha bebida.

Olho para ela, toda maliciosa e faiscante e condescendente, e, juro por Deus, tenho que me segurar para não fingir que tenho um baseado entre o polegar e o

indicador e que estou dando umas tragadinhas.

— Carisa é uma garota maravilhosa — digo ao Sr. Norman. — Gosto muito dela, também.

— Essa peça é uma porcaria, Chet — diz a Sra. Norman, olhando para a taça de vinho. — Assim como essa água suja. Vamos logo embora.

— Mas isso seria grosseria, querida — sussurra o Sr. Norman. — Não se sai do teatro no intervalo, não é mesmo? — ele me pergunta. — Isso é coisa que se faça?

Ah, gostei de Chet Norman. William se aproxima e me entrega uma taça de vinho.

— Acho que não há nenhuma regra rígida — digo.

— Suas férias estão sendo boas, Sra. Buckle? — pergunta a Sra. Norman.

— Ótimas, obrigada.

— Que bom — diz ela.

E vira as costas bruscamente, a fim de se encaminhar para a saída.

— Prazer em conhecê-la — diz o Sr. Norman, trotando atrás dela.

* * *

A segunda metade da peça é ainda pior que a primeira, mas estou feliz por termos aguentado. Para mim, é uma terapia de dessensibilização — em que gradualmente se injeta no paciente um pouco da substância à qual ele é alérgico, no meu caso o fracasso público, para ele aprender a tolerar a substância sem que o corpo tenha uma reação exagerada. Sinto muito pela autora. Tenho certeza de que ela está aqui, sentada nos bastidores ou mesmo nos fundos do teatro. Queria saber quem ela é. Se soubesse, eu iria procurá-la. Diria a ela para deixar o fracasso inundá-la, para senti-lo todo, para não fugir dele. Diria a ela que as pessoas acabam esquecendo. Ela poderá achar que a experiência vai matá-la, mas não matará. E certa manhã, daqui a um ou seis meses, ou um ou cinco anos, ela vai acordar e reparar em como a claridade estará atravessando as cortinas e o cheiro de café estará descendo sobre a casa como um manto. E nessa manhã ela vai se sentar e enfrentar a página em branco. E vai saber que voltou ao começo, e que é um novo dia.

89

John Yossarian *curtiu*
Suécia e condições do máximo de luxo e conforto

Lúcia Pevensie *curtiu*
Cair Paravel

Ah, Suécia... Terra do máximo de luxo e conforto. É aí que você anda se escondendo? Não tenho notícias suas faz tempo, Pesquisador 101.

Talvez porque você insista em morar num castelo. Imagino que o sinal de telefonia celular seja muito instável em Cair Paravel. Levou seu marido para assistir ao filme do Daniel Craig?

Levei.

Levei minha esposa também.

Ela gostou?

Gostou, embora se irrite com o DC por ele contrair os lábios o tempo todo.

Concordo com ela. É irritante.

Talvez seja mais forte que ele. Talvez os lábios dele simplesmente se mexam assim.

Então o esforço está indo bem com a sua esposa?

Estamos progredindo, mas, sim, o progresso é lento.

Ainda pensa em mim?

Sim.

O tempo todo?

Sim, embora eu tente não pensar.

Acho que é uma boa ideia.

O quê?

Você tentar não pensar em mim.

E você?

Está perguntando se eu penso em você?

Sim.

Vou passar essa. O estudo acabou?

Pode acabar se você quiser.

Ainda recebo os meus mil dólares?

Claro.

Não quero.

Tem certeza?

Parece errado, dado o que aconteceu.

Eu não estava mentindo para você.

Sobre o quê?

Eu me apaixonei mesmo por você.

Obrigada por dizer isso.

Se eu não fosse casado...

E eu não fosse casada...

A gente nunca teria se conhecido.

On-line.

Sim, on-line.

90

Bunny e eu estamos à mesa da cozinha dando cabo de uma tigela de pistaches e uma pilha de textos quando Peter entra com um amigo.

— Ainda tem salgadinho? — pergunta ele.

— Não, mas tem Hot Pockets.

— Sério? — diz ele, os olhos brilhando.

— Não — respondo. — Acha que o seu pai admitiria esse tipo de porcaria aqui em casa?

Estendo a mão para o amigo dele.

— Sou a mãe do Peter, Alice Buckle. Se dependesse de mim, a gente teria um freezer cheio de Hot Pockets, mas, como não depende, posso lhe oferecer biscoitos integrais com manteiga de amêndoa. Desculpe. Eu queria ter manteiga de amendoim, mas também está na lista negra. Acho que tem uns ovos cozidos na geladeira se você for alérgico a nozes.

— Devo chamar a senhora de Alice ou Sra. Buckle? — pergunta ele.

— Pode me chamar de Alice, mas agradeço você ter perguntado. É um costume da Costa Oeste — digo a Bunny. — As crianças chamam os adultos pelo primeiro nome.

— Menos os professores — diz Peter.

— Os professores são "cara" ou "colega". O "colega" ainda é usado?

— Para de se exibir — diz Peter.

— Bom, eu sou a Sra. Kilborn e você pode me chamar de Sra. Kilborn — diz Bunny.

— E você é? — pergunto ao garoto.

— Eric Haber.

Eric Haber? Aquele Eric Haber por quem achei que Peter tinha uma paixonite secreta? Ele é uma graça de menino; alto, olhos cor de pé de moleque, pestanas obscenamente compridas.

— Peter vive falando de você — digo.

— Pare com isso, mãe.

Os dois se entreolham e Peter dá de ombros.

— Então, o que estão fazendo? Só passeando por aí?

— É, mãe, passeando por aí.

Empilho os textos.

— Bem, vamos deixar vocês à vontade. Vamos lá para o deque, Bunny. Eric, espero ver você mais vezes.

— Hã, sim, tudo bem.

* * *

— O que foi isso? — pergunta Bunny quando nos instalamos no deque.

— Achei que o Peter fosse secretamente apaixonado pelo Eric.

— Peter é gay?

— Não, ele é heterossexual, mas achei que fosse gay.

Bunny pega um protetor solar da bolsa e passa o creme devagarinho nos braços.

— Você é muito próxima de Zoe e Peter, não é, Alice?

— Ora, claro.

— Humm — faz ela, me oferecendo o protetor. — Não pode esquecer o pescoço.

— Você fala "humm" como se tivesse alguma coisa de errado nisso. Como se não aprovasse. Acha que sou próxima demais deles?

Bunny passa o excesso de protetor nas costas da mão.

— Acho que você está… enredada — diz ela, com cautela. — É muito intensa com eles.

— E isso é ruim?

— Alice, quantos anos você tinha quando sua mãe morreu?

— Quinze.

— Conte alguma coisa sobre ela.

— Tipo o quê?

— Qualquer coisa. O que lhe vier à cabeça.

— Ela usava umas argolonas de ouro nas orelhas. Usava água de banho Jean Naté e bebia gim-tônica o ano inteiro, independentemente da estação. Dizia que assim tinha a sensação de estar sempre de férias.

— O que mais?

— Já sei: você quer que eu vá mais fuuundo. — Suspiro.

Bunny ri.

— Bem, sei que isso parece engraçado, mas, depois que ela morreu, passei uns meses achando que ela poderia voltar. Talvez tenha a ver com o fato de ela ter morrido tão de repente. Não dava para processar que num minuto ela estava ali e no seguinte não mais. Seu filme preferido era *A noviça rebelde.* Ela até parecia um pouco a Julie Andrews. Usava o cabelo curto e tinha o pescoço lindo, tão comprido! Continuei esperando que de repente ela aparecesse de trás de uma árvore e cantasse para mim, como naquela cena em que a Maria canta aquela música para o capitão Von Trapp. Como se chamava a música?

— Qual delas? Quando ela se dá conta de que se apaixonou por ele? — pergunta Bunny.

— *So here you are standing there loving me. Whether or not you should* — canto baixinho.

— Você tem uma voz linda, Alice. Eu não sabia que você cantava bem.

Balanço a cabeça.

— E seu pai? — pergunta Bunny.

— Ficou completamente arrasado.

— Vocês tiveram ajuda? Tios? Avós?

— Sim, mas depois de alguns meses passou a ser só nós dois.

— Vocês deviam ser muito ligados — diz Bunny.

— Éramos mesmo. Somos. Olha, eu sei que estou muito envolvida na vida deles. Sei que posso ser despótica e intensa. Mas Zoe e Peter precisam de mim. E eles são tudo que eu tenho.

— Eles não são tudo que você tem — diz Bunny. — E você precisa começar o processo de deixá-los ir. Já passei por isso com três filhos… pode acreditar, eu sei. O fundamental é você dar um tempo. No fim, eles vão acabar sendo exatamente quem eles são, *não* quem você quer que sejam.

— Está pronta, Alice? — Caroline vem correndo pelo deque em seu traje esportivo.

— Falando neles… — diz Bunny.

Caroline franze o cenho e olha o relógio.

— Você disse às duas, Alice. Vamos.

— Ela é muito mandona, a sua filha — digo, me pondo de pé.

* * *

— Alice… foram mil e seiscentos metros em nove minutos!

— Está brincando!? — digo, espantada.

— Não estou. Olhe. — Caroline me mostra o cronômetro.

— Como isso aconteceu?

Caroline balança a cabeça alegremente.

— Eu sabia que você ia conseguir.

— Não sem você. Você tem sido uma treinadora maravilhosa.

— Tudo bem, vamos dar uma relaxada — diz Caroline, desacelerando e passando para uma caminhada.

Dou um gritinho.

— É uma sensação boa, não é?

— Acha que eu consigo chegar aos oito?

— Não force muito.

Caminhamos em silêncio por alguns minutos.

— Então, como vai indo a Tipi?

— Ai, Alice, eu não poderia estar mais feliz. E adivinha só? Eles me ofereceram um trabalho de tempo integral! Começo em duas semanas.

— Caroline! Que maravilha!

— Está tudo se acertando. E eu tenho que agradecer a você, Alice. Não sei o que eu teria feito sem o seu apoio e o seu incentivo. Você e William me deixando ficar aqui. E Peter e Zoe. Realmente, eles são incríveis. Foi muito bom estar com a sua família.

— Bom, Caroline, realmente o prazer foi nosso, e nós é que saímos ganhando. Você é uma jovem encantadora.

* * *

Ao chegarmos em casa, pego um cesto de roupas limpas que está há quatro dias no chão da sala e o levo para o quarto de Peter, lá em cima. Ponho o cesto no chão ciente de que agora vai ficar ali uma semana. Ele anda pleiteando dormir mais tarde. Eu respondi que o dia em que ele começasse a guardar as próprias roupas e a tomar banho sem que eu precise mandar seria o dia em que eu consideraria esse pedido.

— Você tem muita energia, Alice. Talvez *eu* deva começar a correr — diz Bunny, metendo a cabeça pela porta do quarto.

— Tudo graças à sua filha — digo. — Aliás, parabéns à mãe da mais recente

contratada. É uma notícia incrível, essa da Tipi.

Bunny aperta os olhos.

— Que notícia?

— Que vão contratá-la.

— O quê? Acabei de conseguir para ela uma entrevista no Facebook. Mexi meus pauzinhos para conseguir isso. Ela aceitou o emprego na Tipi?

— Bom, acho que sim. Ela parecia felicíssima.

Bunny fica rubra.

— Qual é o problema? Ela não lhe contou? Ai, meu Deus, era para ser surpresa? Ela não me disse isso. Achei que ela tivesse lhe contado — digo, chocada.

Bunny balança a cabeça vigorosamente.

— A garota tem um diploma em ciência da computação da Tufts. E vai botar tudo a perder trabalhando para uma organização sem fins lucrativos!

— Bunny, a Tipi não é uma organização sem fins lucrativos qualquer. Sabe o que eles fazem? Microfinanças. Acho que ano passado eles emprestaram algo em torno de duzentos milhões de dólares…

Bunny me interrompe:

— Sim, sim, eu sei, mas como ela vai se sustentar? Ela mal vai ganhar um salário mínimo na Tipi. Você não entende, Alice. Seus filhos ainda não começaram a pensar em faculdade. Mas aqui vai um conselho. Os dias da educação em artes liberais acabaram. Ninguém mais pode se dar ao luxo de se formar em inglês. E isso para não falar de história ou teatro. O futuro é matemática, ciência e tecnologia.

— E se os seus filhos forem ruins em matemática, ciência e tecnologia?

— Azar. Obrigue-os a estudar essas matérias mesmo assim.

— Bunny! Você não pode estar falando sério. Logo você, que a vida inteira ganhou a vida no ramo das artes!

— Caramba, vocês duas! — exclama Caroline, entrando na sala. — É, mãe, é verdade. Aceitei o emprego na Tipi. E é verdade também que vou ganhar basicamente um salário mínimo. E daí? Metade do país ganha isso. Aliás, metade do país ficaria feliz de ganhar salário mínimo, de ao menos ter um emprego. Eu tenho sorte.

Bunny recua cambaleando e se senta na cama.

— Bunny? — digo.

Ela tem o olhar perdido.

— Você não parece bem. Quer um copo d'água? — ofereço.

— Você está vivendo num mundo de fantasia. Não pode sobreviver com salário mínimo, Caroline. Não numa cidade como São Francisco — diz Bunny.

— Claro que posso. Vou dividir um apartamento. Vou trabalhar de garçonete à noite. Vou conseguir.

— Você tem um mestrado pela Tufts em ciência da computação.

— Ai, pronto. Vai começar.

— E você é completamente maluca de não fazer alguma coisa com isso. É seu trabalho… não: é sua responsabilidade usar esse conhecimento. Você receberia o dobro, o triplo logo de cara! — grita ela.

— O dinheiro não é importante para mim, mãe — explica Caroline.

— Ah, o dinheiro não é importante para ela, Alice — repete Bunny.

— Sim, o dinheiro não é importante para ela, Bunny. — Sento ao seu lado na cama. — E talvez por ora esteja bem assim — digo delicadamente. Ponho a mão no joelho de Bunny. — Olha. Ela é jovem. Não tem que sustentar ninguém além de si mesma. Tem muito tempo até que o dinheiro passe a ser importante. Caroline vai trabalhar para uma organização que realmente faz a diferença na vida das mulheres.

Bunny nos fuzila com um olhar desafiador.

— Você deveria estar orgulhosa, Bunny, não zangada — digo.

— Eu falei que não estava orgulhosa? Eu não falei isso — rebate ela rispidamente.

— Mas é o que parece, pela sua atitude — diz Caroline.

— Você está me botando numa situação difícil — grita Bunny. — Eu não gosto disso.

— Como eu estou botando você numa situação difícil? — pergunta Caroline

— Está me retratando como alguém que eu não sou. Uma pessoa sem generosidade. Não posso acreditar… quer dizer, logo eu? — diz Bunny, indignada, e de repente cobre o rosto com as mãos e geme.

— O que foi agora? — pergunta Caroline.

Bunny faz um gesto afastando-a.

— O que foi, mãe?

— Não posso falar.

— Por que você não pode falar?

— Porque estou mortificada — sussurra ela.

— Ah, por favor.

— Seja boazinha. Ela está se sentindo mal — falo para Caroline emitir som.

Ela suspira fundo, braços cruzados.

— Mortificada por quê, mãe?

— Por você estar enxergando esse meu lado — diz Bunny, a voz abafada.

— Você quer dizer que a *Alice* está enxergando esse seu lado. Eu vejo isso o tempo todo.

— Sim, sim — confirma Bunny, as mãos caindo ao longo do corpo, uma expressão de extrema infelicidade. — Eu sei disso, Caroline. Mea culpa. Mea culpa! — exclama.

Caroline começa a amolecer quando vê a agonia genuína da mãe.

— Acho que você está sendo muito dura com você mesma, Bunny — digo. — As coisas não são assim preto no branco. Não quando se trata dos seus filhos.

— Não, eu sou uma hipócrita — diz Bunny.

— É — concorda Caroline. — Ela é uma hipócrita. — Abaixa-se e dá um beijo no rosto da mãe. — Mas uma hipócrita adorável.

Bunny olha para mim.

— Como sou patética! Não faz nem meia hora eu estava pomposamente lhe dando um sermão sobre como você deveria deixar os filhos partirem.

— Que eu saiba, só tem um jeito de deixá-los ir — digo. — Resistindo.

Bunny pega a mão de Caroline.

— Eu *estou* orgulhosa de você, Carol. Estou mesmo.

— Eu sei, mãe.

Ela afaga a palma da mão da filha.

— E quem sabe você não concede a si mesma um microempréstimo, se precisar? Uma das vantagens de se trabalhar na Tipi. Isto é, se encontrar dificuldades em viver desse salário.

Caroline balança a cabeça para mim, incrédula.

— Mas Alice, tenho que lhe dizer, se Zoe ou Peter tiverem alguma aptidão para matemática ou tecnologia, você realmente deveria…

Caroline põe o dedo nos lábios da mãe, calando-a.

— A última palavra tem que ser sempre sua, não é?

* * *

Mais tarde, entro como Lúcia Pevensie no Facebook. Não há mensagens nem publicações novas. Yossarian também não está on-line.

Dou uma olhada no meu feed de notícias.

Nedra Rao
Estamos no século XXI. Será que ninguém consegue fazer shorts de ciclismo que favoreçam as mulheres?
há 47 minutos

Linda Barbedian
Lençóis novos para o quarto de Nick no alojamento. Na Target!
há 5 horas

Bobby Barbedian
Target! Nunca mais na vida.
há 5 horas

Kelly Cho
Acha que os feitiços estão se virando contra os feiticeiros.
há 6 horas

Helen Davies
Hotel George V, Paris... Ahhh...
há 8 horas

Ultimamente, quando leio o meu feed de notícias, sinto uma tal mistura de preocupação, irritação e inveja que me pergunto se vale mesmo ter uma conta no Facebook.

Fico nervosa, inquieta. Abro um arquivo do Word. Passa-se um minuto. Cinco minutos. Dez. Meus dedos pairam sobre o teclado. Nervosamente digito "Uma peça em três atos", por Alice Buckle, mas rapidamente apago tudo, depois torno a escrever, dessa vez em maiúsculas, na crença de que as maiúsculas talvez me encorajem.

O som de "What's Going On" de Marvin Gaye entra no meu quarto vindo lá de baixo. Olho o relógio. São seis da tarde. A tábua de corte logo será tirada do armário. Pimentões serão lavados. Espigas de milho serão descascadas. E alguém, provavelmente Jack, pegará sua mulher para girar pela cozinha. Outros de nós — eu e William — se lembrarão de terem ido a bailes na época do ensino médio e de terem bebido latas de cerveja Pabst Blue Ribbon no porão da casa do vizinho. E os mais jovens de nós, Zoe e Peter, e talvez até Caroline, baixarão Marvin Gaye para seus iPods, com a sensação de serem os primeiros na terra a descobrir aquela voz rouca e sexy.

Ponho os dedos no teclado e começo a digitar.

91

William entra na cozinha.

— Está com fome para almoçar? — pergunta ele.

Olho o relógio. São onze e meia.

— Não muita.

Ele remexe o armário, pegando uma caixa de biscoito salgado.

— Tem homus?

— Segunda prateleira. Atrás do iogurte.

— Então. Novidade — diz William, abrindo a geladeira. — Recebi uma oferta de emprego.

— O quê? William! Está brincando comigo? Quando?

— Ligaram ontem. É em Lafayette. Bons benefícios. Plano de saúde. Odontológico.

— *Quem* ligou ontem? Você nem me disse que estava em negociações sérias com algum lugar.

— Achei que não iria para a frente. Não queria alimentar suas esperanças. É uma empresa de material para escritório.

— Material para escritório? Como a Office Max?

— Não, não como a Office Max. King's Stationery. É uma loja pequena, mas está crescendo. Eles têm duas filiais por aqui e planejam abrir mais duas em San Diego este ano. Eu seria coordenador de marketing por mala direta.

— Mala direta? Aqueles flyers, cartões-postais e prospectos?

— Sim, Alice, aquele tipo de publicidade que as pessoas em geral jogam no lixo antes mesmo de olhar. Tive sorte de conseguir o emprego. Havia dezenas de candidatos. O pessoal parece legal. É um trabalho perfeitamente aceitável.

— Claro que é — digo. — Mas é o que você quer, William?

Será que material de escritório era o grande sonho dele?

— O que eu quero já não importa — diz ele baixinho.

— Ah, William…

Ele ergue a mão e me corta.

— Alice, não. Pare. Eu lhe devo desculpas. E se você puder calar a boca por um segundo, posso me desculpar. Você tem razão. Eu deveria ter me esforçado mais para fazer as coisas darem certo na KKM. Foi por minha culpa que fui demitido. Falhei com a nossa família. E sinto muito. Sinto mesmo.

Estou pasma. Será que William acaba de admitir para mim que pode ter feito alguma coisa errada para ter sido demitido? Que não era só uma questão de corte de pessoal? Será que ele acabou de dizer que foi culpa dele? Ele se debruça na pia e olha pela janela para o quintal, mordendo o lábio, e, enquanto o observo, sinto os últimos resquícios da raiva pelo fracasso do grupo focal do Cialis me abandonarem.

— Você não falhou comigo, William. E o fato de você "não ter tentado" não foi o único motivo da sua demissão. Eu sei. Parte disso estava fora do seu controle. Talvez, de alguma forma, eu também tenha culpa. Por tudo isso. Esse ponto em que estamos. Talvez eu também tenha decepcionado você.

Ele se vira para me encarar.

— Você não me decepcionou, Alice.

— Tudo bem. Mas se eu o decepcionei, e é bem provável que sim, sinto muito. Também sinto muito mesmo.

Ele recobra o fôlego.

— Eu deveria aceitar esse emprego. Gosto de papel. E de canetas. E de Post-its. E marca-textos.

— Eu *adoro* marca-textos. Principalmente os verdes.

— E envelopes e coisas do tipo.

— E grampeadores. Não se esqueça dos grampeadores. Sabia que agora existe grampo colorido? E Lafayette tem um centro ótimo. Deve dar para ir a pé do escritório até lá, para almoçar. Pegar um café da Starbucks à tarde.

— Eu não tinha pensado nisso — diz William, mergulhando um biscoito no homus. — Seria legal.

— Você já aceitou formalmente?

— Eu queria falar com você primeiro.

— Quando precisa dar uma resposta a eles?

— Tenho uma semana para pensar.

— Bom, vamos simplesmente assimilar a ideia. Realmente pesar os prós e os contras.

Minha ideia é que isso dê tempo para descobrir o que está acontecendo com o meu emprego. Não tive nenhuma resposta da escola à minha proposta de trabalhar em tempo integral, mas estou esperançosa. É comum a Associação de Pais só tomar

decisões orçamentárias no último minuto.

— Se você pensar que não existem outras ofertas de emprego por aí, são só prós, Alice. Não consigo pensar em nenhum ponto negativo.

Ele tem razão. Não podemos nos dar ao luxo de escolher. Ninguém pode. Não mais.

92

No dia seguinte acordo com febre e dor de cabeça. Passo a manhã na cama, e na hora do almoço William e Zoe me trazem uma bandeja: uma tigela de canja com macarrão oriental, um copo de água gelada e a correspondência: um envelope e a revista *People.*

Cheiro a sopa. Hummm.

— Imperial Tea Court — diz ele.

Ponho um fio de macarrão na boca.

— Você foi até o Imperial Tea Court? Em Berkeley?

Ele dá de ombros.

— Eles fazem o melhor macarrão oriental. Além do mais, os meus dias de lhe trazer comida no meio do dia estão contados.

— Do que vocês estão falando? — pergunta Zoe.

— Nada — respondo.

Ainda não contamos às crianças sobre a oferta de trabalho. Sei que os dois estão preocupados e que ficarão muito aliviados de saber que William está empregado de novo, mas não quero contar nada até termos uma decisão definitiva. Ele e eu nos entreolhamos.

— Está na cara que "nada" não é — diz Zoe.

Jampo entra correndo no quarto e sobe na cama de um pulo.

William agarra-o.

— Você não está autorizado a subir aqui. Que tal uma corrida, seu monstro?

Jampo olha-o agressivamente, como se ele fosse um terrorista, mas de repente lhe lambe o rosto. William anda mesmo se esforçando com Jampo. Será que eles agora são amigos?

— Precisamos ter uma conversa sobre *nada* hoje à noite — digo.

— Pode me dar uma carona até a casa do Jude antes de sair para correr, pai?

Jude e Zoe voltaram a ser oficialmente um casal. No dia seguinte ao da captura do rato, ouvi Zoe no telefone com Jude, chorando e pedindo desculpas. Nessa noite ele veio jantar aqui e os dois deram as mãos embaixo da mesa. Foi tão bonitinho e

pareceu tão certo que meu coração parou.

— Acho que sim. Caroline e eu temos que falar mesmo com Nedra, sobre o bolo. Alice, vocês já estão se falando?

— Estou prestes a mandar um sinal de fumaça para ela — digo.

— O casamento é daqui a duas semanas. Talvez você deva acender o fogo agora.

* * *

Depois do almoço tiro outro cochilo, e quando acordo tomo mais três cápsulas de Advil. Não consigo fazer a dor de cabeça passar. Dói tudo. Até as minhas costelas. Presto atenção para ver se escuto barulhos vindos lá de baixo, mas está tudo em silêncio. Não tem ninguém em casa a não ser eu. Entro na internet, mas não há nada do Pesquisador 101: nenhum e-mail e nenhuma mensagem pelo Facebook. Estou quase aliviada. Termino de comer o macarrão. Folheio a *People.* Aí abro o envelope que chegou hoje.

Prezada Alice Buckle,

A Associação de Pais da Escola Fundamental Kentwood lamenta informá-la que não renovaremos seu contrato como professora de teatro no ano escolar vindouro. Como sabe, o sistema de ensino público de Oakland está experimentando sérios déficits orçamentários, e foi decidido que os recursos que a Associação de Pais dedicava anteriormente ao Programa de Arte Dramática terão que ser desviados para outra finalidade. Agradecemos seus anos de leais serviços e lhe desejamos sorte em seus esforços.

Atenciosamente,

A diretoria da Associação de Pais da Escola de Ensino Fundamental Kentwood

Sra. Alison Skov
Sr. Farhan Zavala
Sra. Kendrick Bamberger
Srta. Rhonda Hightower
Sra. Chet Norman

Ouço uma porta bater lá embaixo e, segundos depois, risos. Fico ali deitada na cama, perplexa. Por que não previ isso? Eu deveria ter percebido que havia alguma coisa errada quando encontrei a Sra. Norman no Berkeley Rep. Nitidamente, isso já estava sendo orquestrado. Ela foi tão petulante e o marido, tão cheio de desculpas. É

bem provável que ela tenha imposto a minha rescisão.

Quando ouço os passos de William subindo de tênis a escada, finjo estar dormindo. Ele se aproxima da cama, e sinto seus olhos no meu rosto. Toca delicadamente a minha testa com as costas da mão para ver se estou quente.

— Você não sabe fingir — diz ele.

— Fui demitida — sussurro.

Ouço o farfalhar do papel enquanto ele lê a carta.

— Eles que se fodam — diz.

— Isso dói — choramingo.

William põe a mão na minha.

— Eu sei, Alice.

* * *

Passo os três dias seguintes doente.

— É uma virose — diz Bunny. — Tem que deixar o vírus seguir o curso.

Toda manhã me levanto achando que passou. Desço, ponho café na xícara, fico enjoada com o cheiro e torno a subir.

— Ela é uma paciente muito ruim — diz Jack.

— A pior — concorda William.

— Não estou suspirando o suficiente? — pergunto.

— Não. Nem gemendo o bastante — ironiza William.

— Precisamos conversar — digo. — Sobre *nada.* — Ou seja, a oferta de emprego dele.

— Quando estiver se sentindo melhor.

* * *

Assisto a programas ruins na TV. Passo muito tempo on-line.

EKT3 (Fórum dos Pais para Discussão sobre o Ensino de Teatro do Terceiro Ano Fundamental da Escola Kentwood)
Boletim nº 134
ForumPaisEKT3@yahoogroups.com

Mensagens neste boletim (6)

1. Estou criando um grupo chamado *Vamos Fazer Alice Buckle Recuperar Seu Emprego***. Juntem-se a mim, por favor! Postado por: Mamãefazendeira**

2. RE: Estou criando um grupo chamado *Vamos Fazer Alice Buckle Recuperar Seu Emprego***. Juntem-se a mim, por favor!** Sim! Pode me incluir. Devo confessar que me sinto péssima em relação à maneira como isso foi tratado. Muito impessoal. Alguém (você sabe de quem estou falando, Tempestadenanormandia) deveria ter tido a coragem de lhe comunicar a decisão pessoalmente. No mínimo, ela merecia um almoço de despedida, no Blackberries ou na pizzaria Red Boy. Sim, *A teia de Charlotte* foi um desastre. Todas concordamos com isso (me desculpem, mães dos gansos), mas será que ela não merece outra chance? E se não uma segunda chance, pelo menos gratidão por tantos anos de serviço? **Postado por: Abelharainha-nha**

3. RE: Estou criando um grupo chamado *Vamos Fazer Alice Buckle Recuperar Seu Emprego***. Juntem-se a mim, por favor!** Está de brincadeira? Vou ter que lembrar a vocês que Alice Buckle praticamente fez nossas filhas executarem um striptease no palco? Só faltou o poste. **Postado por: Mamãehelicop**

4. RE: Estou criando um grupo chamado *Vamos Fazer Alice Buckle Recuperar Seu Emprego***. Juntem-se a mim, por favor!** Por favor, desistam de criar este grupo. Há circunstâncias das quais nenhuma de vocês está ciente que levaram à rescisão do contrato de Alice Buckle. Circunstâncias que, infelizmente, não posso revelar neste momento. O que posso lhes dizer é que a Sra. Buckle tem algumas sérias falhas de caráter. Vamos deixar o caso por isso mesmo e seguir em frente. **Postado por: Tempestadenanormandia**

5. RE: Estou criando um grupo chamado *Vamos Fazer Alice Buckle Recuperar Seu Emprego***. Juntem-se a mim, por favor!** Alice Buckle é muito minha amiga. Ela não quer seu emprego de volta. Bem, não mais. Assim que soube, ela teria feito qualquer coisa para ter seu emprego de volta, porque estava apavorada pensando em como sua família iria sobreviver sem renda NENHUMA (seu marido também está desempregado atualmente). Mas depois de pensar nisso por alguns dias, ela veio a concordar com a **Tempestadenanormandia**. Está na hora de ela seguir em frente. Ela gostaria de pedir desculpas por seus erros. E realmente espera que vocês não suspendam o programa de artes dramáticas. **Postado por: DavidMametFã182**

6. RE: Estou criando um grupo chamado *Vamos Fazer Alice Buckle Recuperar Seu Emprego***. Juntem-se a mim, por favor!** Adorei cada minuto que passei trabalhando com as suas crianças. **Postado por: DavidMametFã182**

Meu celular toca.

— Já estamos nos falando? — pergunta Nedra.

— Não.

— Soube do seu trabalho. Lamento, Alice.

— Obrigada.

— Você está bem?

— Estou gripada.

— Quem pega gripe no verão?

— Pelo visto, eu. Mas então: você escolheu o bolo de limão ou o de framboesa?

— Ostras.

— Bolo de ostras.

— Não, como aperitivo.

— Achei que isso fosse óbvio demais. Ostra sendo afrodisíaco e tudo.

— É um bom pedido de desculpas — explica Nedra. — Desculpas aceitas. Jantar daqui a dois dias.

— Você ainda vai fazer o jantar estando tão perto do seu casamento?

— Italiano. Vamos facilitar as coisas. Traga um vidro de molho de tomate.

— Nedra?

— O quê?

— Jude é um garoto incrível.

— Zoe também. Beijos. A gente se fala.

Encerro a ligação e entro no Facebook.

Nedra Rao
Sente falta da melhor amiga.
há 2 horas

Nedra Rao
"Descurtiu" a Escola Kentwood.
há 3 horas

Linda Barbedian
Não acredito que ela vai ficar com o ninho vazio.
há 4 horas

Kelly Cho
Até tu, Brutus?
há 5 horas

Phil Archer
Loja de penhores — uma cápsula do tempo. Quem diria?
há 6 horas

Helen Davies
Procura-se: VP para Setor de Bebidas e Alimentos em Boston. Surpreenda-me. Me venda. Me conquiste. Ver LinkedIn para mais informações.
há 7 horas

93

John Yossarian *está casado.*

Lúcia Pevensie *está casada.*

Acho que devo lhe dar os parabéns.

E eu a você.

Presumo que as coisas estejam indo bem, então?

Coisas?

Com a sua mulher?

As coisas estão ficando mais claras com a minha mulher. No entanto, estão ficando menos claras em outras áreas.

Como o seu trabalho?

Sim, como o meu trabalho. Ando procurando outro emprego. Está na hora de eu deixar o Netherfield Center.

Por minha causa?

Não, por minha causa. Pisei na bola. Você não fez nada errado.

Sinto muito em ouvir isso.

Não se sinta mal.

Bem, se isso faz você se sentir melhor, parece que eu também pisei na bola no trabalho. Definitivamente terei que procurar outro emprego.

Ah, não, Esposa 22. : (

Tudo bem. Foi minha culpa. Cometi o erro de misturar o meu amor às crianças com o meu amor ao trabalho. Estava cansada. Fiquei desleixada. Deveria ter me demitido há muito tempo.

E agora?

Agora vou ter que dar um jeito.

94

Ainda doente. Mais uma vez a casa está vazia, exceto por mim e Jampo. William levou as crianças à piscina, e Caroline e seus pais foram procurar apartamentos. Talvez ela tenha que dividir um lugar com cinco pessoas para poder arcar com o custo de morar na cidade, mas deve deixar nossa casa no fim do mês. Vou sentir muita falta dela, mas me consolo em pensar que ela estará a apenas uma viagem de trem urbano daqui.

Não consigo parar de pensar na publicação de Helen no Facebook. Vou à página dela no LinkedIn para descobrir mais sobre a vaga. Depois de ler a descrição detalhada para o VP do setor de Bebidas e Alimentos (e tendo passado o último mês sendo a feliz receptora das refeições gourmets de William e suas obsessões alimentares diversas), sei que esse seria o trabalho perfeito para ele — um trabalho que até poderia ser definido como seu sonho impossível. Entretanto, há três grandes obstáculos. Primeiro, William é muito orgulhoso para se candidatar a esse emprego. Segundo, o trabalho é em Boston. E terceiro, eu. Tenho certeza de que Helen ainda me odeia. Mas talvez, depois desses anos todos, eu finalmente tenha a oportunidade de esclarecer as coisas.

Uma hora depois, prendo a respiração, pronuncio um rápido "Por favor, meu Deus" e clico em Enviar.

De: Alice Buckle <alicebuckle@rocketmail.com>
Assunto: Uma voz do passado...
Data: 13 de agosto 10h04
Para: Helen Davies <helendavies@D&DAdvertising.com>

Cara Helen,
Há anos lhe devo um verdadeiro pedido de desculpas. Aliás, devo-lhe vários pedidos de desculpas, mas primeiro o maior: desculpe-me em relação a William. Quero que saiba que eu tinha princípios, sim. Eu acreditava na solidariedade entre mulheres. Até aquele momento, eu nunca tinha sido "a outra" numa relação e nunca tive intenção de vir a sê-lo. Mas algo aconteceu entre mim e William que foi... bem, foi inesperado. Simplesmente foi mais forte que a gente. Nenhum de nós dois estava procurando isso. Sei que é um clichê, mas é a verdade. Sinto muito por ter flertado com ele pelas suas costas. Sinto muito por não tê-la convidado para o nosso casamento (eu queria convidar, sabia que era a coisa certa a fazer, mas deixei me convencerem do

contrário). Mas, principalmente, sinto muito por ter levado vinte anos para pedir desculpas.

E agora, como um estranho castigo merecido, me vejo na posição de lhe pedir um favor. Estou lhe escrevendo por William. Vi a sua publicação sobre a vaga de vice-presidente do setor de Bebidas e Alimentos: William seria perfeito para o cargo. Ele é muito orgulhoso para se candidatar, mas eu não sou muito orgulhosa para lhe pedir uma chance. Não quero nenhum favor especial, só peço que não deixe de considerá-lo por minha causa.

Em anexo, o CV dele.

Tudo de bom,

Alice Buckle

95

Alice?

Oi, pai.

Tenho uma coisa pra te contar.

Tb tenho uma coisa pra te contar.

Ando limpando a casa. Caçambas de entulho. Exército da Salvação. Casa de penhor.

Casa de penhor? Por quê?

Queria comprar umas joias pra Conchita.

No prego?

Não caçoe. O prego tem muitos tesouros. Pedi a Conchita pra vir morar comigo.

Tá brincando!!

Vc não aprova?

Claro q aprovo. Acho maravilhoso!

Pensei que nunca mais haveria esse tipo de coisa para mim.

Que tipo de coisa?

Vc sabe o quê.

Romance?

Sexo.

Amor, pai?

É, amor.

:'(

Pq está triste, querida?

:-#

Sou seu pai. Não precisa ficar constrangida.

Nem sempre eu te contei a verdade, pai.

Eu sei, querida.

As coisas andam meio difíceis por aqui.

Eu senti isso. Vc anda muito distante.

Me desculpe. Estou me sentindo meio perdida.

Não desista. Já vai se achar. Tem boas coisas a caminho pra vc.

Ah, pai. Como vc sabe?

Pq eu mandei pelo correio.

96

Pat Guardia
Não acredita que quase não fez isso. Ama muito o marido.
há 1 hora

Pat Guardia
Alguém me mata agora.
há 3 horas

Pat Guardia
Odeia o marido com todas as forças.
há 4 horas

Pat Guardia
Bolsa acaba de romper. Indo pro hospital! Nunca estive tão cheia de amor.
há 6 horas

— Olá, bebê — murmuro, olhando para Pat e seu recém-nascido na cama de hospital.

— Vá em frente — diz Pat. — Tire o gorro dele. Sei que você quer cheirá-lo.

Puxo o gorrinho de tricô e inspiro o cheirinho doce e leitoso da cabeça do bebezinho.

— Ai, meu Deus, Pat. Como você aguenta? Ele é lindo de morrer. E o formato da cabecinha dele é perfeito. Como conseguiu? — pergunto.

— Só vinte minutos fazendo força — informa Tita com orgulho.

— Só porque Liam é o meu terceiro — diz Pat.

Shonda entrega a Pat uma caixa cor-de-rosa com uma fita purpurinada em volta.

— Sei que eu deveria trazer alguma coisa para o bebê, mas enfim. É você que está precisando de um presente agora. Iluminador Éclat Miracle para pele clara. Não que você esteja precisando, querida.

— Parece coisa de igreja — diz Tita.

— E é — diz Shonda. — Quando você começar a usar, vai rezar para sempre no altar do Iluminador, pode acreditar.

— Você finalmente teve o seu menino — digo.

— O que eu vou fazer com um menino? — pergunta Pat. — Só sei cuidar de meninas.

— Cobrir o pipi dele quando for mudar a fralda — digo a ela.

— E durante quanto tempo ela deve chamar o negócio de pipi? — pergunta Shonda.

— Um mês, dois no máximo — digo. — Depois você pode promovê-lo a pintinho.

— Nada dessa bobagem de pipi e pintinho. Você deve chamar de pênis desde o começo — diz Tita.

— Você é muito categórica quanto a isso, não? — pergunta Shonda.

— Odeio quando as pessoas inventam nomes ridículos para as partes delas — explica Tita.

— Quer segurá-lo? — Pat me pergunta.

— Posso? Já lavei as mãos.

— Claro. Vá sentar na cadeira de balanço com ele.

Ela me entrega o bebê com cuidado. Como ele está dormindo, vou pé ante pé até a cadeira. Quando estou sentada, olho bem para ele: a boquinha em forma de coração, as mãos minúsculas e cerradas, coladas na bochecha. Suspiro alegremente.

— Você poderia passar por isso de novo, Alice — diz Pat. — Só tem quarenta e quatro. Minha amiga acabou de engravidar e tem quarenta e cinco.

— Nossa, não — murmuro. — Já encerrei essa carreira. Meus filhos já estão quase crescidos. Vou me limitar a ter um bebê remotamente, através de você. Posso ficar com ele sempre que você precisar de um descanso. De dia ou de noite, é só ligar — digo. — Estou falando sério, Pat. Não é só da boca para fora.

— Sei que não — diz Pat.

— Você está chorando, Alice — diz Tita.

— Eu sei. Sempre choro com recém-nascidos.

— Por quê? — pergunta Shonda

— Eles são tão vulneráveis… Tão indefesos… Tão puros…

— É… — diz Shonda.

— Você está chorando, Shonda — concorda Tita.

— Você também, Tita — responde Shonda.

— Não estou chorando — diz Pat, fungando.

Estamos todas em pontos diferentes do quarto, mas parece que nos demos as mãos. É isso que acontece com as Abelhas Abelhudas — essa repentina sensação de

solidariedade que toma conta de todas nós.

— Quando eu era jovem, quarenta e cinco anos parecia muita idade — digo. — Minha mãe parecia muito velha.

Liam abre o punho e deslizo meu mindinho para dentro de sua mãozinha. Ele o agarra com força e o leva à boca.

— Mas agora que estou com quase quarenta e cinco, parece quase nada. Minha mãe era um bebê. Tinha muita vida pela frente.

— E você também — diz Tita, baixinho.

— Eu entendi tudo errado. Zoe não tem um transtorno alimentar. Peter não é gay.

— Só porque ela faleceu não quer dizer que você não possa falar com ela, Alice — diz Shonda.

— O estudo sobre o casamento foi uma ideia idiota. Eu estraguei tudo no meu trabalho.

— Os problemas são sempre os mesmos — reflete Tita.

Aninho o rosto nas cobertas de Liam.

— Ele é muito lindo.

— Sua mãe iria gostar que você a passasse, Alice — diz Shonda.

— Por favor, por favor, me deixe cuidar dele de vez em quando — imploro, me levantando.

— Não passá-la seria uma traição — diz Pat.

— Tenho a sensação de estar dizendo adeus — falo.

— Não só adeus, mas também olá — diz Tita. — Pronto. Olá, Alice Buckle.

Vou até a cabeceira de Pat, as lágrimas escorrendo pelo rosto, e devolvo-lhe Liam.

— Todo mundo tem pavor do seu ano crítico — diz Tita. — As pessoas acham que, se não prestarem muita atenção, ele vai embora. Não sei por que vocês fazem esse alvoroço todo. Não quando é *isso* que tem do outro lado.

As Abelhas Abelhudas me rodeiam e logo somos um grupo choroso abraçado, com um minúsculo ser humano no meio — o futuro —, seu dedo apontado para o céu.

97

Jantar Italiano Festivo na casa de Nedra

18h30: Na cozinha de Nedra

Eu: Aqui está o molho do macarrão. Trouxe dois tipos. Champignon e três queijos.
Nedra: Ótimo, mas você chegou uma hora antes.
Zoe: Jude está aí?
Nedra: No quarto dele, querida. Vá lá. A que horas começa o filme?
Zoe: Sete.
Nedra: Divirtam-se!
Eu: Pensei que a gente podia discutir as responsabilidades da dama de honra.
Nedra (*observando Zoe se afastar*): Isso me deixa muito, muito feliz. Eles dois juntos. A você não?
Eu: Você ouviu o que acabei de dizer?
Nedra: Apareça.
Eu: Estou aqui.
Nedra: No dia do meu casamento. Apareça. É a sua responsabilidade.
Eu: Combinado. Vou até usar um vestido medonho à la rainha Vitória.
Nedra: Comprei um vestido lindo para você.
Eu: Foi?
Nedra: Um frente única. Favorece muito. Você tem braços e ombros lindos. Deveria mostrá-los.
Eu: Tenho uma coisa para contar a você. Sobre o Pesquisador 101.
Nedra: Você não tem que me contar nada, Alice. Aliás, prefiro não ouvir. Lá-lá-lá-lá-lá.

Eu: Acho que acabou.
Nedra (*suspirando*): Já não tinha acabado?
Eu: Ele vai tentar fazer as coisas darem certo com a esposa dele.
Nedra: Ele tem *esposa*?
Eu: Pare, Nedra. Por favor. Acabei de dizer que terminou.
Nedra: Então você vai tentar fazer as coisas darem certo com William?
Eu: Bem, isso é que é engraçado. Agora não parece uma obrigação.
Bobby (*entrando na cozinha*): Senhoras! Sei que cheguei cedo. Espero não estar interrompendo. Mas olhem esse pão maravilhoso. Cheirem. Aqui (*tirando a ponta*). La Farine. Acabou de sair do forno. Deem uma mordida.
Nedra: Cadê Linda?
Bobby: Ela não pode vir.
Eu: Bem, parece que vamos todos ficar sem parceiro. William e Kate também não poderão vir.
Nedra: Qual a desculpa da Linda?
Bobby: Ela está se divorciando de mim. Fiquei com o nosso jantar festivo. Ela ficou com todo o resto.

19h30: Na sala de Nedra

Nedra: Odeio dizer isso, mas eu sabia que os quartos separados seriam o começo do fim.
Bobby: Quero chapar. Eu mereço. Você tem um baseado aí, Nedra? Alice, não precisa se sentar tão longe. Divórcio não é contagioso.
Nedra: A bem da verdade, você está enganado. Divórcio é meio que contagioso. Vejo isso o tempo todo. Um homem chega procurando um advogado e aí, algumas semanas depois, vem outro homem, um amigo do primeiro, apenas querendo saber dos seus direitos e tudo mais, mas por via das dúvidas trouxe uma enorme lista de todos os bens conjugais, as declarações de imposto de renda dos últimos três anos e um contracheque recente. Alice, fique exatamente onde está.
Bobby (*começando a chorar*): Ela quer se mudar para Nova York para ficar perto das crianças.
Nedra (*se levantando*): Caramba. Aguenta aí.

Eu (*sentando ao lado dele no sofá*): Não chore, Bobby B.
Bobby: Adoro quando você me chama assim. Você é tão boa. Por que não casei com *você* ?
Eu: Eu não sou perfeita, pode acreditar.
Bobby: Eu sempre tive inveja do William.
Eu: Sério?
Bobby: Mesmo depois de vinte anos juntos, vocês dois continuam muito ligados.
Eu: É?
Bobby: Isso enlouquecia Linda. Ela achava que vocês estavam fingindo. Eu dizia a ela que não dá para fingir paixão assim.
Nedra (v*oltando para a sala com um baseado na mão*): Sucesso!
Eu: Jude fuma?
Nedra (*acendendo o baseado e tragando*): Claro que não. É meu.
Eu: *Você* tem o próprio suprimento?
Nedra (*entregando o baseado a Bobby*): Tome, querido. É do bom. Muito limpo. É que eu tenho um problema de saúde.
Eu: Qual é o seu problema de saúde?
Bobby (*puxando com vontade, depois de novo e de novo*): Ai, nossa, isso é bom.
Nedra: Você não acredita em mim?
Eu: Não, Nedra, não acredito.
Nedra: Está no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. É um transtorno de verdade.
Eu: Como se chama?
Nedra: Meia-idade.
Bobby (*tossindo*): Eu também tenho isso.
Nedra: Só existe uma cura conhecida.
Bobby: Qual é?
Nedra: Velhice.
Bobby (*rindo*): É a erva ou a Nedra de repente está muito engraçada?
Eu: *Erva?* Quantos anos você tem, Bobby B.?
Nedra (*tragando fundo depois olhando para o baseado*): Estou prestes a me casar. Dá para acreditar? Eu? Noiva?
Bobby: Você me representa no divórcio?
Nedra: Eu gostaria, querido. Mas conheço vocês dois. Não seria justo. Posso recomendar alguém muito bom.

Zoe (*entrando na sala com Jude*): Depressa, pegue a câmera para a gente tirar fotos, e aí eles vão ficar tão envergonhados e horrorizados que nunca mais vão tocar de novo no bagulho.

Eu: Ai, meu Deus, Zoe! O que você está fazendo aqui? Não estou fumando, para sua informação. Não dei nem um tapinha.

Nedra: É muita grosseria sua. Entrar aqui e invadir nossa privacidade. Achei que vocês tivessem ido ao cinema.

Jude: Está achando que isso é uma rave?

Zoe: Você sabia que hoje em dia o fumo é muito mais forte do que era quando vocês eram garotos?

Jude: Muitas vezes é mergulhado em líquido embalsamador.

Zoe: Uma tragada pode levar à esquizofrenia.

Nedra: Num cérebro adolescente... Com o lobo frontal não conectado. Nossos lobos frontais já estão conectados há décadas.

Bobby: A culpa é minha.

Nedra: A culpa é da Linda.

Jude (*pegando seu violão*): Bem, já que vocês estão todos chapados, gostariam de ouvir uma música?

Eu: Não estou chapada. E olha que eu bem queria estar. Gostaria muito de ouvir uma música, Jude.

Zoe (*corando*): Se chama "Apesar".

Bobby: Espere aí. Tenho que deitar no tapete para isso.

Eu: Eu também.

Nedra: Chega para lá.

Eu: Estou me sentindo no ensino médio.

Bobby (*começando a chorar de novo, baixinho*): Não sei por que estar chapado tem tanto a ver com deitar no chão.

Eu (*pegando a mão de Bobby)*

Nedra (*pegando a outra mão de Bobby)*

Jude (*dedilhando o violão, olhando para Zoe*): Eu compus essa música para Zoe.

Bobby (*gemendo*): Ohhh!

Jude: Ele está legal? Será que é melhor eu parar?

Bobby (*com a mão no coração*): Ahhhh!

Jude: O quê? O que foi?

Nedra: Ele só quer que você toque, querido. Ele quer dizer que o mundo precisa de

mais canções de amor. Quer dizer *bonne chance* e *glück und den besten wünschen* e *buona fortuna*. Quer dizer que é maravilhoso ser jovem.

Bobby (*soluçando*): É exatamente o que eu quero dizer. Como você soube?

Eu: Nedra é fluente em gemidos.

98

De: Helen Davies <helendavies@D&DAdvertising.com>
Assunto: Re: Uma voz do passado...
Data: 15 de agosto 15h01
Para: Alice Buckle <alicebuckle@rocketmail.com>

Alice,

Eu vi que iria ter problemas no dia em que você foi fazer a entrevista para a vaga na Peavey Patterson. Tenho certeza de que você não sabe disso, pois praticamente saiu correndo da sala de William naquele dia, mas ele ficou observando você sair. Foi involuntário. Foi mais forte que ele. Ele parou na porta para ver você seguir pelo corredor. E então ficou olhando você parada em frente aos elevadores apertando nervosamente o botão várias vezes. E mesmo depois de você ter ido embora ele continuou parado ali à porta. Vocês se conheciam antes mesmo de se conhecerem. Era isso que dizia a expressão que eu vi no rosto dele no dia da sua entrevista. *Identificação*. Eu não tinha a menor chance.

Quanto à vaga, embora certamente William tenha as qualificações, não sei se posso ajudar. Preciso de alguns dias para pensar no assunto. Imagino que você não queira se mudar para Boston. E imagino que ele não saiba que você mandou o currículo dele e que gostaria que ele continuasse sem saber. Ele sempre foi orgulhoso.

Desculpas aceitas.

HD

99

— Aceitei o emprego — diz William.

— Que emprego?

— O da mala direta, Alice. De que outro eu estaria falando?

Faz dois dias que recebi o e-mail de Helen e… nada.

— Mas *a gente* não falou sobre isso.

— O que há para falar? Estamos os dois desempregados. Precisamos do salário, sem falar nos benefícios. Está feito. Para ser sincero, me sinto aliviado.

— Mas eu pensei…

— Não. Não diga mais nada. É a coisa certa a fazer.

Ele se recosta no balcão da cozinha, as mãos enfiadas nos bolsos, e assente para mim.

— Eu sei. Eu sei que é. Muito bom, William. Parabéns. Mas então, quando você começa?

William se vira e abre o armário.

— Segunda-feira. Ah, uma notícia interessante. Kelly Cho foi demitida da KKM.

— Ela foi demitida? O que houve?

— Acho que fizeram uma reestruturação grande — diz William, pegando a farinha. — Fui só o primeiro da lista.

É sexta-feira. Hoje à noite, Nedra está oferecendo um jantar de comemoração (para amigos e colegas que não estarão na cerimônia — ela até convidou Bunny, Jack e Caroline), e amanhã é o casamento.

— O que você está preparando? — pergunto.

— Pães de queijo.

— Desculpem-me, dormi demais — diz Caroline, entrando na cozinha.

Bunny vem atrás dela, bocejando.

— Por favor, me digam que tem café.

Caroline põe café em duas xícaras e se senta à mesa com seu bloco, franzindo o cenho.

— A gente nunca vai conseguir terminar isso tudo.

— Delegue — diz William.

— Eu ajudo — digo.

— Eu também — diz Bunny.

Caroline e William se entreolham.

— Como posso dizer isso de forma agradável? — pergunta Caroline.

— Certo — digo. — Nossos serviços não são desejados. Bunny, será que devemos nos retirar para o deque?

— Eu ficaria muitíssimo feliz em descascar alguma coisa. Sou especialista em descascar — diz Bunny.

— Ótimo, mãe. Chamo vocês quando chegarmos às batatas.

* * *

Bunny dá um gole no café e suspira.

— Eu vou sentir falta disso.

— De quê? Do meu limoeiro quase morto? De conviver com a ameaça constante de terremotos?

— *De você,* Alice. Da sua família. Do William. Do Peter e da Zoe. De tomar café com vocês toda manhã.

— Você tem mesmo que ir embora?

— Caroline encontrou apartamento. Conseguiu emprego. Está na hora de voltarmos para casa. Por favor me prometa que não vamos perder contato de novo.

— Isso não vai acontecer. Estou de volta na sua vida para sempre.

— Ótimo. É exatamente o que eu queria ouvir, porque imagino que a gente vá ficar um bom tempo trocando impressões.

— Sobre o quê?

— Eu li os seus textos. Tem umas coisas muito boas ali, Alice. Mas vou ser sincera. Precisam ser trabalhadas.

Balanço a cabeça, confirmando.

— Deixa eu adivinhar. *As pessoas não falam assim na vida real,* certo?

Bunny ri.

— Eu realmente disse isso para você? Ai, meu Deus, foi há muito tempo, não?

— Ainda é verdade?

— Não. Você agora tem um bom ouvido para diálogos. O desafio será a

revelação. Ultrapassar a sua vulnerabilidade. A sua obra é autobiográfica, no fim das contas.

— Uma parte. — Faço uma careta.

— Estou sendo muito intrometida? Desculpe.

— Ah, não precisa se desculpar. Eu preciso de um balde de água fria.

— Um balde de água fria é o contrário do que você precisa. Você precisa é que lhe passem a mão na cabeça — diz Bunny, virando-se para mim e passando a mão na minha cabeça. — Ouça o que eu digo. Leve-se a sério. Escreva já o raio da sua peça.

* * *

— Você não vai acreditar! — diz William uma hora depois.

Estou no closet do meu quarto, tentando descobrir o que usar hoje à noite. Passo os olhos pelas minhas roupas. Não, não, não. Muito sofisticado, muito fora de moda, muito de matrona. Talvez a saída seja o tailleur da Ann Taylor.

— Acabei de receber um e-mail da Helen Davies.

— Helen Davies? — Tento fazer uma cara de espanto. — O que ela quer?

— Lembra que ela postou no Facebook que a empresa dela estava procurando um VP para o setor de Bebidas e Alimentos?

Dou de ombros.

— Bem, eu não prestei a menor atenção porque o trabalho era em Boston, mas ela acabou de me escrever perguntando se eu estaria interessado. Eles resolveram mudar a divisão para o escritório de São Francisco.

— Sério?

— Sim, sério. Ela acha que eu seria a pessoa perfeita para coordenar o setor.

— Não acredito.

— Nem eu.

— Na hora certa.

— De arrepiar, não é? Parece destino. Como se tudo que aconteceu vinte anos atrás simplesmente esteja voltando em círculos. É uma sensação boa, Alice. Boa!

Ele me faz rodopiar para fora do closet e me conduz para o quarto valsando.

— Você é maluco — digo.

— Sou sortudo — diz ele, me abaixando.

— Você é doido — digo, enquanto ele torna a me levantar, e nossos olhos se

encontram.

Escondo o rosto na camisa dele, de repente me sentindo tímida.

— Não. Você não está autorizada a se esconder — diz ele, me afastando de si. — Olhe para mim, Alice.

Ele me olha e eu penso *faz tanto tempo.* Penso *pronto,* penso *estou em casa.*

— Vamos ficar bem. Tenho que confessar que eu estava preocupado. Não estava confiante — admite William, pondo o meu cabelo atrás das orelhas. — Mas acho que vamos ficar bem.

— Espero que sim.

— Não espere que sim. Acredite. Se houve algum momento em que você precisa acreditar, é agora, Alice.

Ele pega o meu rosto nas mãos e o inclina para cima. Seu beijo é terno e meigo e não dura um segundo a mais do que deveria.

— Uau. Estou tonta. — Afasto-me dele e me sento na cama. — Também, rodopiando daquele jeito. — E beijando. E olhando. E sendo olhada. Estou sem fôlego… nova.

— Vou precisar contratar algumas pessoas. Estava pensando na Kelly Cho.

— Kelly? Nossa. Bom, acho que seria um belo gesto.

William continua a divagar, pensando alto. Há meses não o vejo tão animado. Ele sai dançando pelo quarto. Não repara quando abro o meu laptop.

De: Alice Buckle <alicebuckle@rocketmail.com>
Assunto: VP de Bebidas e Alimentos: William Buckle
Data: 17 de agosto 10h10
Para: Helen Davies <helendavies@D&DAdvertising.com>

Cara Helen,

Você não tem igual.

Obrigada. Do fundo do coração, obrigada.

Alice

100

John Yossarian
À deriva, numa pequena balsa amarela
há 10 minutos

Lúcia Pevensie
Naftalina e casaco de pele
há 15 minutos

Voltou para armário?

Acho que sim.

O tempo em Nárnia passa de forma diferente do que NVR.

Olha só, você usando acrônimos como NVR.

Você só esteve fora por cinco minutos quando voltou.

Uma vida inteira na internet.

Seu marido nem vai notar que você foi embora.

A intenção é essa. Vou sentir saudade, Yossarian.

Do que vai sentir saudades?

Da sua paranoia, suas reclamações, sua sanidade picante.

Também vou sentir saudade, Lúcia Pevensie.

Do que vai sentir saudade?

De seus tônicos mágicos, sua coragem... sua fé absurdamente cega num leão falante.

Você acredita em segundas chances?

Acredito.

Não consigo deixar de achar que foi o destino que nos uniu.

E o destino que nos separou. Perdoe-me por complicar as coisas, por me apaixonar por você, Esposa 22.

Não se desculpe. Você me fez lembrar que eu era uma mulher digna de inspirar uma paixão.

Vou nessa. Terra à vista.

Vou nessa. Vejo luz pela fresta da porta do armário.

101

Estou prestes a apagar definitivamente meu perfil da Lúcia Pevensie, mas antes dou uma última olhada no mural de John Yossarian. Foram meses muito intensos, e o Pesquisador 101 teve um papel importante no meu dia a dia. Mesmo pronta para dizer adeus e sabendo que é a coisa certa a se fazer, ainda me sinto desconsolada. É a mesma sensação do último dia de colônia de férias. Uma sensação agridoce, mas estou pronta para fazer as malas e ir para casa.

Na página de informações de Yossarian, vejo um link para um álbum do Picasa que contém as fotos do perfil dele. Então me pergunto se ele desabilitou a função de marcação geográfica. Abro o álbum e clico na foto do Abominável Homem das Neves. Aparece um mapa dos Estados Unidos com um marcador vermelho espetado no meio da Bay Area de São Francisco. Não, ele não desabilitou a função de marcação geográfica. Dou um zoom no marcador. A foto foi tirada na ponte Golden Gate. Expiro de prazer. Isso é perigoso. É excitante. Uma parte minha continua curiosa, sempre vai ficar curiosa. Embora tivéssemos certo tipo de intimidade, na verdade nada sei a respeito dele. Quem ele é? Como passa seus dias?

Repito o mesmo processo com a foto do cavalo e mais uma vez o marcador está cravado em São Francisco, mas o local é Crissy Field. Ele deve ser atlético. Provavelmente corre e anda de bicicleta. Talvez até faça ioga.

Clico na foto do cachorro, mas dessa vez o marcador aparece na Mountain Road, em Oakland. Espere aí. Será possível que ele more em Oakland? Eu supus que ele morasse em São Francisco, dada a proximidade do Netherfield Center da UCSF.

Clico na foto do labirinto e o marcador de novo aponta para Oakland. Mas esta foto foi tirada a minutos da minha casa. No Manzanita Park.

Clico na foto da mão dele, o coração aos pulos. *Pare com isso, Alice Buckle, pare já com isso. Você se retirou. Acabou de dizer adeus.* Aparece um mapa do meu bairro. Dou zoom. O mapa aponta para a minha rua. Arrasto o ícone do homenzinho amarelo para o marcador, querendo mais detalhes, e aparece uma foto de verdade de uma casa de verdade. Irving Drive número 529.

Minha casa.

O quê? A foto foi tirada na minha casa? Tento processar essa informação. O Pesquisador 101 esteve dentro da minha casa? Andou me seguindo? Será que é um maníaco que persegue as pessoas? Mas isso não faz sentido. Como ele pode ter entrado na minha casa? Tem sempre gente aqui. Entre as férias escolares e Caroline trabalhando só meio expediente, e Jampo teria latido loucamente se alguém invadisse a casa, e William nunca — William… Nossa.

Dou um zoom na foto da mão. E quando os detalhes familiares dessa mão entram em foco — a palma grande, os dedos longos afinando nas pontas, o sinalzinho no alto do mindinho —, meu estômago se revira, porque… *é a mão de William.*

— Alice, me empresta o seu condicionador? — Bunny está parada à porta enrolada numa toalha, seu nécessaire na mão. Ela olha para o meu rosto. — Alice, santo Deus, o que aconteceu?

Eu a ignoro e volto para o computador. *Pense, Alice, pense!* Será que o Pesquisador 101 invadiu de alguma maneira a galeria de fotos da nossa família? Meu cérebro parece dobrado, como uma omelete. O Pesquisador 101 é um maníaco, o Pesquisador 101 anda me perseguindo, anda perseguindo William, William perseguido, William é um maníaco que persegue as pessoas, o Pesquisador 101 é um maníaco é William é o Pesquisador 101. *Ai. Meu. Deus.*

— Alice, você está balbuciando coisas. Está me assustando. Alguém se machucou? Alguém *morreu?*

Olho para Bunny.

— William é o Pesquisador 101.

Bunny arregala os olhos, mas depois, para minha surpresa, joga a cabeça para trás e ri.

— Está rindo de quê?

— Porque *é claro* que é William. Claro! É perfeito. É… uma delícia.

Balanço a cabeça, frustrada.

— Você quer dizer uma perfídia.

Bunny entra no quarto e espia por cima do meu ombro enquanto subo a barra de rolagem freneticamente para nossos e-mails e bate-papos, enxergando-os sob um prisma completamente diferente desta vez.

Eu: Posso ter a previsão do tempo todas as manhãs, enviada diretamente para o meu laptop. Existe coisa melhor?
101: Existe: ser pego de surpresa pela chuva.

— Não acredito. Que cara de pau a dele. A música "Piña Colada"? — grito.

— Nossa, essa foi boa — diz Bunny. — Acho que ele estava cansado da patroa dele; já estavam juntos há muito tempo. — Ela pisca para mim, e eu lhe devolvo uma cara feia.

Eu: Você tem muita sorte. Pelo que você falou, ele deve ser o cão perfeito.
101: Ah, ele é.

— Ah, sim, muito engraçado, engraçadíssimo, William, ha-ha — digo.

— Reconhece esse cachorro? — pergunta Bunny.

Olho a foto mais de perto.

— Caramba. É o cachorro do nosso vizinho. Mr. Big.

— O seu vizinho é o Mr. Big?

— Não, o cachorro é o Mr. Big.

— Como você pode não ter percebido isso? — pergunta Bunny. — É quase como se ele quisesse que você soubesse, Alice. Como se estivesse dando pistas.

Eu: Sim, por favor, mude a minha resposta. É mais verdadeira, ao contrário da sua foto do perfil.
101: Não sei. Na minha experiência, a verdade quase sempre é meio borrada.

— Aquele filho da mãe — digo.

— Humm. Parece que ele anda lendo Eckhart Tolle um pouco além da conta — diz Bunny.

Eu: Se a gente tivesse se encontrado? Se você tivesse aparecido aquela noite? O que acha que teria acontecido?
101: Acho que você teria ficado desapontada.
Eu: Por quê? O que está me escondendo? Você tem escamas? Pesa duzentos e setenta quilos? Esconde a careca com o que sobrou do cabelo?
101: Digamos apenas que eu não seria o que você esperava.

Solto um gemido.

— Ele estava brincando comigo o tempo todo!

— Para você, ele estava brincando; para William, ele estava era deixando pistas e querendo ser descoberto. Talvez você tenha sido muito lenta, Alice. Além do mais, tenho que lhe dizer que até agora não li uma coisa que ele tenha escrito que não fosse verdade.

— O quê? *Tudo* era mentira. O Pesquisador 101 era mentira. Ele não existe!

— Ah, mas existe, *sim. W*illiam não poderia tê-lo inventado se o Pesquisador 101 não fosse de certa forma parte dele. Ou um *ele* que ele desejasse ser.

— Não. Ele estava debochando de mim. Dizendo o que eu queria ouvir.

— Acho que não — diz Bunny, rindo.

— O que há com você, Bunny? Parece muito encantada com tudo isso.

— Por que você *não está* encantada? Ainda não entendeu, Alice? Você pode ter os dois ao mesmo tempo. Pode continuar com o Pesquisador 101 e William. Para sempre! Porque eles são uma pessoa só!

— Ah, me sinto tão humilhada!

— Lá vem você de novo com essa história de humilhação. Não tem por que se sentir humilhada.

— Claro que tem! Eu disse coisas. Coisas que eu nunca teria dito. Coisas que ele não tinha o direito de saber. Respostas que ele arrancou de mim com um golpe baixo.

— Bem, e se ele tivesse lhe perguntado isso diretamente?

— William nunca teria me perguntado.

— Por quê?

— Ele não estava interessado. Parou de se interessar faz tempo.

Bunny aperta a toalha embaixo dos braços.

— Bem, só posso dizer é que ele teve um trabalhão para um marido que não se interessava em saber o que a mulher achava ou queria ou em que acreditava. E agora eu só tenho uma pergunta para você. — Ela aponta para o tailleur Ann Taylor que estendi em cima da cama. — Você não está pretendendo usar isso no jantar, está?

* * *

— Você recebeu alguma coisa do seu pai — diz William, entrando no banheiro. — Tive que assinar o recibo de entrega.

Já estou lá em cima há uma hora, e evitando William, tentando me fazer entrar num estado de espírito positivo para o jantar. Mas vê-lo me deixa furiosa de novo.

— Você está linda — elogia ele, me entregando um envelope.

— Eu não estou linda — digo secamente.

— Eu sempre adorei esse tailleur.

— Bom, pois então você é o único.

— Nossa, Alice. O que está havendo? Está com raiva de mim?

— Por que eu estaria com raiva de você? Deveria estar com raiva de você?

Meu telefone toca. É um torpedo de Nedra. *Espero que você esteja preparando esse discurso! Treine, treine, treine. Empolgadíssima com hoje à noite. Bjs bjs.*

— Droga de discurso — digo. — É a última coisa que eu quero fazer.

— Ah, é por isso que você está tão ríspida. Nervosismo — diz William. — Você vai se sair bem.

— Não, eu não vou me sair bem. Não consigo fazer. Simplesmente não consigo. Não se pode esperar que eu faça tudo. Faça você o discurso! — grito.

— Está falando sério?

— Estou, sim. Você vai ter que fazer. Eu não vou.

William me olha contrariado.

— Mas Nedra vai ficar muito desapontada. Você é a dama de honra.

— Não importa quem faz o brinde. Você. Eu. Só tem que ser alguém dessa família. Mande Peter fazer. Ele é bom nesse tipo de coisa.

— Alice, eu não estou entendendo.

— Não, não está. Você nunca entendeu.

William se afasta como se eu tivesse batido nele.

— Vou pensar em alguma coisa — diz ele, baixinho. — Quando acabar aqui, me avise para eu poder tomar um banho.

* * *

Depois que William vai embora, fico sem saber o que fazer, então abro o envelope. Há dois objetos lá dentro: um cartão do meu pai e um lenço velho dobrado cuidadosamente, formando um quadrado. O lenço era da minha mãe. Tem três violetinhas bordadas no tecido de algodão branco, junto com as iniciais do nome dela. Encosto-o no nariz. Ainda tem cheiro da água de banho Jean Naté que ela usava. Pego o cartão.

Às vezes as coisas que perdemos voltam para nós. Nem sempre, pela experiência deste velho aqui, mas às vezes voltam. Encontrei isso na casa de penhor em Brockton. A dona disse que estava dentro da caixa há mais de vinte anos, mas isso não será surpresa para você. Sei que cometeu alguns erros e fez algumas coisas que desejaria poder voltar atrás. Sei que está se sentindo perdida e não sabe o que fazer. Espero que isso a ajude a se decidir. Amo você, querida.

Desdobro cuidadosamente o lenço e lá, aninhado no tecido branco, está o meu anel de noivado: o que atirei pela janela do carro quando William e eu tivemos a discussão quanto a convidar Helen para o nosso casamento. Alguém deve tê-lo achado e o levado à casa de penhor. As joias escureceram com o tempo, e ele precisa de uma boa limpeza, mas é o inconfundível diamante miudinho flanqueado por duas esmeraldas mais miudinhas ainda — o anel que meu avô deu à minha avó tantos anos atrás, o anel que eu, de modo tão leviano, joguei fora.

Tento ler a gravação no interior, mas a letra é muito pequena. Não posso pensar em que isso tudo significa agora. Se pensar, vou ficar louca. Temos uma hora antes de sair para o jantar. Ponho o anel no bolso e desço.

* * *

O jantar está sendo oferecido num novo restaurante da moda chamado Boca.

— É Donna Summers tocando? — pergunta William quando entramos.

— Jude me disse que Nedra ia contratar um DJ — diz Zoe. — Espero que não passem a noite inteira tocando músicas dos anos 1970.

— Eu adoro essa música — diz Jack a Bunny. — Sinto que o seu cartão de danças vai ficar cheio hoje, *Bad Girl.*

— Tomou sua aspirina infantil? — pergunta Bunny.

— Tomei três — responde Jack. — Por via das dúvidas.

— Que dúvidas? — pergunta Bunny.

— Essa — diz ele, beijando-a na boca.

— Vocês são muito fofos — diz Zoe.

— Você não acharia fofo se fossem sua mãe e eu — diz William.

— É porque entre os trinta e os sessenta anos é grosseiro fazer demonstrações públicas de afeto — diz Zoe. — E depois dos sessenta volta a ser fofo. Você tem mais de sessenta, certo? — murmura ela para Jack.

— Só um tiquinho — diz Jack, juntando o polegar e o indicador.

— Lá está Nedra — diz William. — No bar.

Ele dá um assobio grave.

Nedra está com um vestido envelope de seda verde-floresta que deixa à mostra um bom pedaço dos seios. Ela raramente usa decote. Acha falta de classe. Hoje abriu uma exceção. Está incrível.

— Acho que devemos contar a ela — diz William. — Quer fazer isso ou eu

faço?

— Contar o quê? — pergunta Peter.

Suspiro.

— Que o seu pai vai fazer o discurso, não eu.

— Mas você é a dama de honra. Você que tem que fazer o discurso — diz Zoe.

— Sua mãe não está se sentindo bem — diz William. — Vou substituí-la.

— Certo — diz Zoe, cuja expressão me diz tudo que ela está pensando: sua mãe está fugindo. *De novo.*

Eu deveria me importar, pois estou dando um péssimo exemplo para minha filha, mas não me importo. Não hoje.

* * *

— Querida! Tome um Soiree — exclama Nedra ao me ver entrando.

Ela tem na mão um copo de martíni com um líquido transparente. Pequenas flores roxas se movem na superfície.

— Lavanda, gim, mel e limão — diz ela. — Prove.

Chamo o barman.

— Chardonnay, por favor — digo.

— Você é tão previsível — comenta Nedra. — É uma das coisas de que eu mais gosto em você.

— Bem, prevejo que você está prestes a não gostar da minha previsibilidade.

Nedra pousa o copo de martíni.

— Não estrague a minha noite, Alice. Nem pense nisso.

Suspiro.

— Estou me sentindo péssima.

— Pronto. Como assim, está se sentindo péssima?

— Doente.

— Doente como?

— Dor de cabeça. Dor de estômago. Não consigo me concentrar.

O barman traz meu vinho. Dou um bom gole.

— Isso é só nervosismo — diz Nedra.

— Acho que estou tendo um ataque de pânico.

— Você não está tendo um ataque de pânico. Pare de fazer tanto drama e diga

logo o que precisa dizer.

— Não posso fazer o discurso hoje. Mas não se preocupe, William vai me substituir.

Nedra balança a cabeça negativamente.

— Esse tailleur é medonho.

— Eu não queria ofuscar você. Mas não precisava me preocupar. Isso tudo… — digo, acenando para os seios dela. — Nossa.

— Eu pedi uma única coisa a você, Alice. Uma coisa que deixaria a maioria das mulheres empolgada. Que você fosse a minha dama de honra.

— Tenho meus motivos. Estou confusa. Não consigo pensar direito. Aconteceu uma coisa — exclamo.

— *É mesmo,* Alice? — Ela me olha incrédula.

— Recebi uma notícia ruim hoje à noite. Uma notícia realmente horrorosa.

A expressão de Nedra se suaviza.

— Nossa, por que você não disse logo? O que aconteceu? É o seu pai?

— O Pesquisador 101 é William!

Nedra dá um gole delicado em seu Soiree. Depois outro.

— Você me ouviu?

— Ouvi, Alice.

— E?

— Você está para ficar menstruada?

— Eu tenho provas! Olhe. Essa é uma das fotos do perfil do Pesquisador 101. — Saco o telefone, vou para o Facebook, clico no álbum de fotos dele e depois clico na foto da mão. — Aliás, está marcada geograficamente.

— Hum — diz Nedra, olhando por cima do meu ombro.

Arrasto o ícone do homenzinho amarelo até o marcador vermelho e, quando aparece a foto da nossa casa na tela, ela tapa a boca com a mão.

— Espere, fica maior. — Dou um zoom na foto. — É a mão dele. Ele poderia ter usado qualquer mão. Qualquer mão da internet. Até uma mão de clip-art. Ele usou a própria.

— Porra, que idiota — diz Nedra, rindo.

— Eu sei.

— Não consigo acreditar.

— Eu sei!

Ela balança a cabeça, incrédula.

— Quem diria que ele tinha esse lado! Esta é a coisa mais romântica que já ouvi.

— Ai, cacete, você também não.

— Como assim, eu também não?

— Bunny teve a mesma reação.

— Bom, talvez signifique algo.

Toco em meu anel de noivado no bolso.

— Ah, Nedra, eu não sei o que pensar. Estou muito confusa. Olhe. — Mostro-lhe o anel. — Isso chegou hoje pelo correio.

— O que é?

— Meu anel de noivado.

— O que você jogou pela janela do carro cinquenta milhões de anos atrás?

— Meu pai achou numa casa de penhor. Alguém deve ter posto no prego. — Ergo o anel até o olho e aperto a vista. — Tem uma coisa gravada, mas eu não consigo ler.

— A sua recusa em lidar com a vista cansada característica da idade está virando um verdadeiro problema, Alice — diz Nedra. — Deixa que eu vejo.

Entrego o anel a ela.

— *Seu coração suspirou ao cogitar que o fizera por ela* — lê. — Minha Nossa Senhora.

— Não está escrito isso.

— Está, sim.

— Você está inventando.

— Juro que não. Mas isso me soa familiar. Me dê o seu telefone. — Ela digita a citação no Google. — É Jane Austen. *Orgulho e preconceito* — grita ela.

— Ora, isso é simplesmente ridículo — digo.

— Completamente ridículo. Ridículo até dizer chega. Você tem que perdoá-lo. Isso é um sinal.

— Não acredito em sinais.

— Ah, é verdade, só os românticos acreditam em sinais.

— Os fracos — corrijo. — Os simplórios.

— E você continua acreditando que não é um deles, querida.

— O que vocês duas estão cochichando? — pergunta Kate, aparecendo atrás de Nedra.

Kate está com um vestido amarelo que tenho certeza de que foi escolhido por Nedra. Juntas elas são um girassol: Kate é a flor; Nedra, a haste.

— Nossa, você está linda — elogia Nedra, estendendo a mão e afagando seu rosto. — Não está, Alice? Parece uma Salma Hayek irlandesa.

— Tudo bem. Acho que isso é um elogio. Olha, acho que está chegando a hora de nos sentarmos — diz Kate. — Talvez daqui a uns quinze minutos? Alice, quando quer fazer o discurso? Antes de começarmos a comer? Ou depois?

— Ela não vai fazer o discurso — diz Nedra.

— Não? — exclama Kate.

— William vai fazer no lugar dela.

Kate ergue as sobrancelhas.

— Desculpe-me. Hoje simplesmente não estou em condições de fazer. Mas William vai ser brilhante. Ele é muito bom nesse tipo de coisa. Muito melhor que eu, aliás. Sou péssima diante de uma plateia. Fico toda suada e minhas pernas…

— Chega, Alice — diz Nedra. — Vamos dar uma circulada, querida — diz ela a Kate.

* * *

Pego o meu chardonnay e me sento a uma mesa vazia no fundo do salão. Vejo Zoe e Jude num canto, de mãos dadas, encarando-se com ardor. Peter está na pista fazendo a dança do robô sozinho e, pelo jeito, está se divertindo bastante. Jack, Bunny e Caroline estão se sentando a uma mesa. E William está no bar, de costas para mim. Pego o telefone. John Yossarian continua on-line. William deve ter se esquecido de se desconectar.

Mudei de ideia. Quero conhecer você, Pesquisador 101.

Hã... não posso falar muito agora. Desculpe-me. Estou no meio de um evento.

Quando podemos nos encontrar?

Pensei que você tivesse desistido do armário, voltado para a sua vida real.

A vida real não é tão boa como dizem.

Não entendo. O que aconteceu?

Quando podemos nos encontrar?

Não posso encontrar você, Esposa 22.

Por quê?

Porque estou com a minha mulher.

Ela não é páreo para mim.

Você não a conhece.

Ela é uma fraca.

Não é verdade.

Você é um fraco.

É possível.

Diga a verdade. No mínimo, você me deve isso. É feliz no casamento?

Essa é uma pergunta muito séria.

Eu tive que responder a isso. Agora é a sua vez.

Observo William pousar o telefone, depois tornar a pegá-lo, então tornar a largá-lo e dar um bom gole na bebida. Por fim, ele pega de novo o telefone e começa a digitar.

Muito justo. Tudo bem. Bom, se você tivesse me perguntado isso alguns meses atrás, eu teria respondido não. Ela estava infeliz e eu também. Eu estava incomodado com o afastamento e a distância que tinham crescido entre nós. Eu já não sabia mais quem ela era, o que ela queria nem o que sonhava. E já fazia muito tempo que eu não lhe perguntava. Eu não sabia ao certo se era capaz de ter essa conversa, ao menos não cara a cara. Então fiz uma coisa de que não me orgulho. Pelas costas dela. Achei que não ia acontecer nada se eu não contasse a ela, mas agora acho que vou ter que confessar. Lembra que você disse que o casamento era uma espécie de Ardil 22? As coisas que fizeram você se apaixonar pelo seu marido se tornaram as mesmas coisas que fizeram você desgostar dele? Acho que estou num momento Ardil 22 semelhante. Fiz uma coisa por amor, para salvar meu casamento. Mas o que fiz talvez seja exatamente o que vai acabar com ele. Conheço a minha mulher. Ela vai ficar muito perturbada quando descobrir.

Então por que confessar?

Porque já é hora de aparecer.

— Com licença, pessoal, com licença — diz Nedra. Ela está em pé na frente da sala, segurando um microfone sem fio. — Podem ir para suas mesas.

Observo William descer do banco do bar, telefone em punho. Ele me vê e acena, apontando para a mesa onde Bunny, Caroline e Jack já estão sentados. Incrível. Ele não parece nem um pouquinho abalado.

Quando chego à mesa, ele puxa uma cadeira para mim.

— Como foi com Nedra?

— Bem.

— Ela não se importa que eu faça o discurso?

Dou de ombros.

— *Você* se importa que eu faça o discurso?

— Preciso ir ao banheiro.

* * *

No banheiro, jogo água gelada no rosto e me debruço na pia. Estou horrorosa. Na luz fluorescente, meu tailleur fica cor-de-rosa, quase caricatural. Respiro fundo algumas vezes. Não tenho pressa de voltar para a mesa. Abro o bate-papo do Facebook.

Estou desolada.

Por que está desolada, Esposa 22?

Você fez isso comigo.

Não é totalmente verdade. Nós dois tivemos um papel nisso.

Eu estava vulnerável. Me sentindo só. Carente. Você se aproveitou de mim!

Eu também estava vulnerável, só e carente. Alguma vez já pensou nisso?

Olha, isso não é mais produtivo. Acho que deveríamos parar de nos falar.

Por que você precisa fazer isso? Vai simplesmente me deixar des...

O botãozinho verde ao lado do nome dele vira uma meia-lua. Ele desligou.

Estou furiosa. Como ele se atreve a se desconectar na minha cara! Ao sair do banheiro, quase dou um encontrão num garçom.

— Posso lhe servir de alguma coisa? — pergunta ele.

Olho adiante e vejo Nedra se aproximando da nossa mesa. Ela entrega o microfone para um William visivelmente nervoso, dá-lhe um beijo no rosto, depois volta para sua mesa, onde desliza sua cadeira para o mais perto possível de Kate.

William se levanta e pigarreia.

— Então, fui solicitado a fazer este discurso para o brinde.

— Eu não quero nada, mas está vendo aquele homem com o microfone? É o meu marido. Ele gostaria de uma piña colada — sussurro para o garçom.

— Claro. Levo para ele depois que ele terminar de falar.

— Não, ele está desesperado para tomar agora. Está morto de sede. Morto. Vê como ele fica engolindo em seco? Está precisando da bebida para poder fazer o discurso. Será que dá para fazer rapidinho?

— Claro — diz o garçom, correndo para o bar.

— Conheço Nedra e Kate há, vamos ver, 13 anos — diz William. — Quando conheci Nedra…

Ouço o zumbido do liquidificador. Observo o barman servir a bebida num copo. Observo-o enfeitá-la com uma rodela de abacaxi e uma cereja.

— E eu sabia — diz William. — Nós todos sabíamos.

O garçom atravessa a sala com a bebida de William.

— Vocês sabem como a gente simplesmente sabe? Quando duas pessoas são feitas uma para a outra?

O garçom vai se esgueirando por entre as mesas.

— E a Kate … Kate, nossa, Kate. O que posso dizer sobre a Kate? — balbucia William.

O garçom é detido por um casal pedindo bebidas. Anota o pedido deles e vai em frente.

— Afinal… ah, olhem só elas duas: a noiva e… a noiva.

O garçom chega à mesa de William e pousa a bebida na mesa diante dele. William olha para o copo, confuso.

— O que é isso? Eu não pedi isso — murmura ele, mas todo mundo ouve porque ele está com o microfone na mão.

— É uma piña colada, senhor. O senhor está com a garganta seca — diz o garçom.

— Foi outra pessoa que pediu isso.

— Não, é para o senhor — insiste o garçom.

— Estou lhe dizendo que não pedi isso.

— A sua esposa pediu — sussurra o garçom, apontando para mim.

Ele olha para o outro lado da sala e faço um pequeno aceno para ele. Dezenas de microexpressões passam pelo rosto dele. Tento catalogá-las: espanto, vulnerabilidade, choque, vergonha, raiva, e depois outra coisa; uma para a qual estou completamente despreparada. Alívio.

Ele assente. Repete o gesto, depois toma um gole de piña colada.

— Gostoso. Surpreendentemente gostoso — diz ele ao microfone, e aí derrama

o copo todo no peito da própria camisa branca.

Bunny e Caroline se põem de pé num pulo, guardanapos em punho, e começam a secar a camisa de William.

— Água gasosa, por favor! — grita Bunny. — Depressa, antes que seque.

Corro para o corredor do banheiro. Trinta segundos depois, William chega.

— Você *sabe*? — murmura ele, imprensando-me contra a parede.

Olho furiosa para sua camisa molhada, manchada.

— É óbvio.

Ele move a mandíbula para a frente e para trás.

— "A vida real não é tão boa quanto dizem"?

— Você brincou comigo. Durante meses. Por que eu não deveria brincar com você? Só um pouquinho.

Ele respira fundo.

— William teve um ano muito ruim. William não está tentando se desculpar. William deveria ter falado com sua mulher sobre esse ano ruim.

— Por que está se referindo a você na terceira pessoa?

— Estou tentando falar a sua língua. De Facebook. Na sua cara. Diga alguma coisa.

— Dê o seu telefone.

— Por quê?

— Não quer saber como eu descobri?

William me entrega o telefone.

— Toda vez que você tira uma foto, a sua latitude e longitude exatas ficam marcadas. A última foto do seu perfil, a da sua mão, foi tirada na nossa casa. Você me deixou uma pista que conduzia direto a você.

Desligo os serviços de localização da câmera do celular dele.

— Pronto. Agora ninguém pode encontrar você.

— E se eu quiser ser encontrado?

— Nesse caso, você deveria procurar ajuda profissional.

— Há quanto tempo você sabe?

— Desde hoje à tarde.

William corre a mão pelos cabelos.

— Nossa, Alice. Por que não disse nada? Bunny sabe?

Confirmo com um gesto de cabeça.

— Nedra também?

— Sim.

Ele contrai o rosto.

— Não fique constrangido. Elas adoram você. Acharam isso a coisa mais romântica de que já ouviram falar.

— Foi isso que você achou?

— Por quê, William? Por que você fez isso?

Ele suspira.

— Porque vi a sua busca no Google. Na noite do lançamento da FiG, sabe? Você não limpou o histórico. Vi tudo. De "Alice Buckle" para "Casamento Feliz". Você estava infeliz. *Eu* a fiz infeliz. Fiz aquele comentário idiota sobre você ter uma vida pequena. Eu tinha que fazer alguma coisa.

— E o Netherfield Center? Foi uma invenção? A ligação com a UCSF?

— Eu sabia que você não participaria do estudo a menos que ele fosse bem credenciado. Montar o site não foi difícil. Ficou difícil quando a coisa ganhou vida própria. Eu estava planejando confessar. Na noite em que deveríamos nos encontrar na Tea & Circumstances. Mas aí Bunny e Jack chegaram. Eu nunca tive a intenção de dar o bolo em você. Implorei para que você não fosse, lembra? Não pensei que fosse acabar assim.

— Mas por que você teve que ficar se escondendo? Por que não podia simplesmente ter feito as perguntas na cara? Você nem tentou.

— Como assim? Eu fui atrás de você. Solicitei você. Criei um perfil falso no Facebook. Alertei e notifiquei você. Li o raio das *Crônicas de Nárnia* e do *Ardil 22.*

— Isso está ligado? Está funcionando? — ouvimos dizer Nedra, testando o microfone. — William? Você está aí? É muita falta de educação não terminar um brinde. Deixar um brinde pendente. Ao menos no Reino Unido, é.

— Ai, céus — geme William, atipicamente nervoso. — Por favor, me salve.

— Está bem — digo. — Vou fazer o raio do discurso.

Enquanto atravesso a sala, tento botar a cabeça no lugar. Eu deveria dizer alguma coisa sobre amor, é óbvio. Alguma coisa sobre casamento. Alguma coisa engraçada. Alguma coisa carinhosa. Mas estou afogada em pensamentos sobre William. Até onde ele foi para me alcançar.

Quando chego à mesa, Zoe me entrega o microfone.

— Vai, mãe — sussurra ela.

Levo o microfone à boca devagarinho.

— Sabe como se faz para saber que você realmente sabe? — explodo.

Eu não disse isso. Meus joelhos tremem. Olho para a plateia nervosamente e seguro a garganta.

— Cabeça erguida — diz Bunny, baixinho.

— Quando as coisas estão certas…

— As pessoas não falam assim na vida real — sussurra Bunny.

— Simplesmente não tem nada que possa impedir os apaixonados de ficarem juntos.

— Do coração, Alice. Do coração — insiste ela comigo.

— Desculpem-me. Esperem. — Procuro William, mas não o vejo em lugar nenhum. — Vou tentar de novo. Nedra. Kate. Minhas amigas mais lindas e mais queridas.

Um burburinho desce sobre o restaurante. Olho pelo salão.

— Nossa, olhem esses telefones todos. Já perceberam que há telefones em todas as mesas? Tem alguém aqui sem um aparelho? Levante a mão. Não, eu não achei que tivesse. Sabem, isso é loucura. É muita loucura. Vivemos numa época muito conectada. É muito fácil se viciar em ter acesso a tudo e a todos numa fração de segundo, mas não sei se isso é bom.

Faço uma pausa, tomo um gole d'água e paro, torcendo para que a clareza venha a mim. Onde diabo William se meteu?

— Uma pessoa me disse certa vez que esperar era uma arte em extinção. Achava que tínhamos trocado os prazeres mais profundos de partir e voltar pela velocidade e pelo acesso constante. Eu não sabia se concordava. Quem não vai querer aquilo que quer na hora que quer? Esse é o mundo em que vivemos. Fingir o contrário é ridículo. Mas estou começando a achar que ele tinha razão. Nedra e Kate, vocês são um exemplo perfeito do que a espera nos traz. A parceria de vocês me inspira. Faz com que eu queira ser melhor. Vocês têm um dos relacionamentos mais fortes, firmes, amorosos e carinhosos que já vi, e vai ser um privilégio para mim testemunhar o casamento de vocês amanhã.

Tento discretamente secar as mãos suadas na saia.

— Então. Sei que devo lhes dar um conselho agora. Um conselho sábio de alguém que está casada há vinte anos. Não sei bem que sabedoria posso oferecer, mas posso dizer isto: o casamento não é neutro. Às vezes gostaríamos de achar que é, mas, olhem, se esconder na enfermaria enquanto se espera a guerra terminar não é maneira de viver.

Olho para o mar de rostos confusos. Ops.

— O que estou tentando dizer é que não tenho um casamento sueco. Nem um

casamento costa-riquenho. Não que eu não goste da Suécia ou da Costa Rica. São lugares extremamente encantadores para se morar e visitar, e aprecio essa neutralidade, ao menos a política. Mas meu conselho é: tenham a coragem de deixar o seu casamento ser um país inflamado em plena revolução, onde cada um de vocês fala um dialeto diferente e às vezes mal conseguem se entender, mas não importa, porque, bem, cada um de vocês está lutando. Lutando pelo outro.

As pessoas começam a sussurrar. Duas mulheres se levantam da mesa e vão até o bar. Eu estou perdendo o público. O que eu estava pensando? Sou a pessoa menos capacitada do mundo para dar conselhos sobre casamento. Sou uma impostora, deveria me calar, e justo quando estou me preparando para sair correndo da sala meu telefone soa. Não dou bola. Ele torna a soar.

— Isso é constrangedor, desculpe-me. Pode ser uma emergência. Meu pai, sabem. Vou só dar uma olhadinha.

Pouso o microfone e pego o celular. É uma mensagem de John Yossarian.

18. O que você costumava fazer que agora não faz mais?

Ergo os olhos e, no canto do salão, vejo William sorrindo para mim. *Seu filho da mãe*, penso. *Seu filho da mãe tão meigo e tão querido.*

Pego de novo o microfone.

— Olhem, tudo que eu tenho a dizer… tudo que tenho a dizer é: corram, mergulhem, armem uma tenda. Passem horas no telefone com a sua melhor amiga.

Nedra se levanta e dá um aceno de rainha Elizabeth com a mão em concha. Risadas se propagam na sala.

— Usem biquínis.

Mais do que alguns gemidos por parte das mulheres acima dos quarenta.

— Bebam tequila.

Gritos de gratidão do grupo abaixo dos quarenta.

— Acordem de manhã felizes à toa.

As pessoas estão sorrindo. Os rostos estão descontraídos. Os olhos brilham.

— Você fisgou a plateia, Alice — sussurra Bunny. — Recolha-a devagarinho agora.

Respiro fundo.

— Deitem na grama, sonhem com o seu futuro, com a sua vida única e imperfeita, e com o seu casamento único e imperfeito com o seu amor verdadeiro único e imperfeito. Por que o que mais existe? — William e eu nos encaramos. — Sinceramente, não existe mais nada. Nada mais importa. Ao amor. — Ergo o copo. — A Nedra e Kate.

— A Nedra e Kate — ecoa o salão.

Deixo-me cair na cadeira, aniquilada.

— Mãe, você foi incrível — exclama Peter.

— Eu não sabia que você era capaz de improvisar assim — diz Zoe.

Nedra me sopra um beijo do outro lado da sala, lágrimas nos olhos.

— Cadê o papai? — pergunta Zoe.

— Está ali — diz Peter, apontando.

Ele está encostado na parede nos observando, telefone na mão.

Pego o meu telefone e digito rapidamente.

Lúcia Pevensie *convidou* **John Yossarian** *para o evento "Pedido de casamento"*
Corredor do Banheiro, 17 de agosto, Agora.
Participar Não sei Recusar

Um instante depois, recebo uma mensagem.

John Yossarian *estará presente.*

— Já volto — digo.

Estou parada perto da porta do banheiro e William avança para a penumbra do corredor.

— Espere. Antes que você diga alguma coisa, desculpe-me — digo.

— *Você* está pedindo desculpas? Por quê?

— Eu não facilitei nada para você. Fui difícil de achar.

— Sim, você foi difícil de achar, Alice. Mas eu lhe fiz uma promessa há muito tempo que, por mais que você se afastasse, por mais que você saísse da trilha, eu iria atrás de você, eu a encontraria e a levaria de volta para casa.

— Bom, estou aqui. Para o melhor ou para o pior. E, neste momento, você deve estar pensando que para o pior.

— Não, não é o que estou pensando. Estou pensando que temos que parar de nos encontrar perto do banheiro — diz ele, chegando mais perto.

Tiro o meu anel de noivado do bolso. Aceno-o em frente ao seu rosto, e ele estaca.

— Esse é…

— É.

— O quê? Como?

— Não importa.

— Claro que importa.

— Não, não importa. O que importa é isso — digo, enfiando o anel no dedo.

William respira fundo.

— Você acabou de fazer o que eu acho que fez?

— Não sei. O que você acha que eu fiz?

— Você me tornou obsoleto.

— Ora bolas! Estamos no século XXI, não no XIX. As mulheres podem botar a maldita aliança no próprio dedo. Agora preciso saber de uma coisa e você precisa me dizer a verdade. E posso sugerir que responda sem pensar muito? Se tivesse que fazer tudo de novo, você se casaria comigo?

— Isso é um pedido de casamento?

— Responda à pergunta.

— Bem, depende. Há algum dote envolvido? Alice, me dê essa droga de anel.

— Por quê?

— Porque sim.

— Você ainda me deve mil dólares por eu ter participado do estudo. Não pense que esqueci — digo, tirando o anel e o entregando a ele.

Ele olha a inscrição e um sorriso se insinua em seus lábios.

— Leia em voz alta — digo.

Ele me lança aquele olhar sombrio e ameaçador, sua marca registrada.

— Seu coração suspirou ao cogitar que o fizera por ela.

Eu já não tenho mãe há vinte e nove Natais, Páscoas e aniversários. Não tive mãe na minha formatura da faculdade. Não tive mãe sentada na primeira fila na noite de estreia da minha peça. Não tive mãe no meu casamento nem no nascimento dos meus filhos. Mas tenho mãe hoje. Cá está ela, falando comigo como se o tempo nunca tivesse passado, me dizendo exatamente o que preciso saber.

— Meu pai encontrou o anel numa loja de penhor em Brockton. Estava lá há vinte anos. Nedra disse que é um sinal.

— Isso se você é uma pessoa que acredita em sinais — diz ele.

— Eu sou.

— Desde quando?

— Desde sempre.

William pega a minha mão.

— Não tão depressa. Sou uma mulher casada.

— E eu sou um homem casado.

— Você não respondeu à minha pergunta.
— *Sim*, Alice Buckle — diz ele, enfiando o anel no meu dedo.
— Você veio — sussurro.
— Shhh, sua Ho Ho Crocante — diz ele, me puxando para seus braços.

EPÍLOGO

30 de abril

PESQUISA NO GOOGLE: "Família Feliz"
Aproximadamente 114.000.000 resultados (0,16 segundo)

15 Segredos para Ter Uma Família Feliz
Especialistas revelam alguns dos segredos das famílias felizes. Você também pode experimentar um pouco da alegria doméstica que antes parecia existir somente na TV...

FAMÍLIA FELIZ
Após perceber que as tabelas de tarefas são muito difíceis de cumprir, e que não eram práticas para os tipos de comportamento que eu estava querendo reconhecer...

A Família Feliz... Hans Christian Andersen
"E a chuva batia nas folhas das bardanas para eles terem música, e o Sol brilhava para iluminar a floresta com muitas cores e foram muito felizes; toda a família foi muito feliz; podem mesmo ter a certeza de que nunca houve família mais feliz."

PESQUISA NO GOOGLE: "Peter Buckle"
Aproximadamente 17 resultados (0,23 segundo)

Peter Buckle
...presidente do Clube do Thriller Aterrorizante e da Comédia Romântica na Escola de Oakland para as Artes. Cartaz duplo de hoje ...*Noivo neurótico, noiva nervosa & O exorcista!*

Peter Buckle... YouTube...
Vocalista principal, Peter Buckle, de Os Veganos... cantando "Peito ou coxa: por que parei de comer frango e por que você também não deveria comer frango".

PESQUISA NO GOOGLE: "Zoe Buckle"
Aproximadamente 801 resultados (0,51 segundo)

Zoe Buckle está no Twitter... À Frente, Garotas
O À Frente, Garotas, de Zoe Buckle, é O site para roupas vintage... Liberty de Londres em liquidação hoje!

Zoe Buckle U Mass
Ex-Aluna Alice Buckle visitando a Universidade de Massachusetts, onde a filha Zoe

Buckle começará no outono...

PESQUISA NO GOOGLE: "Nedra Rao"
Aproximadamente 84.500 resultados (0,56 segundo)

Nedra Rao, da RAO LLP, em licença maternidade...
Nedra Rao e sua esposa Kate O'Halloran têm o prazer de esperarem seu segundo filho...

PESQUISA NO GOOGLE: "Bobby B."
Aproximadamente 501 resultados (0,05 segundos)

Bobby B., Mudando e Instalando...
O Serviço Número Um de Mudança de Porta em Porta Para Universidades. Cuidamos de TUDO — desde subir cinco andares com malas de vinte quilos até colocar lençóis limpos na cama. A você, só resta fazer a reserva para o café da manhã.

PESQUISA NO GOOGLE: "Helen Davies"
Aproximadamente 520.004 resultados (0,75 segundo)

Helen Davies... Elle Décor
Helen Davies levou três longos anos para reformar a mansão da Oxford Street, mas finalmente a fundadora da agência de publicidade D&D Advertising tem a casa dos sonhos...

PESQUISA NO GOOGLE: "Caroline Kilborn"
Aproximadamente 292 resultados (0,24 segundo)

Caroline Kilborn... Histórias de Campo Tipi
Estou indo para Honduras, onde passarei o próximo ano vendo em primeira mão como funcionam as microfinanças... Caroline Kilborn.

PESQUISA NO GOOGLE: "Bunny Kilborn"
Aproximadamente 124.000 resultados (0,86 segundo)

Bunny Kilborn... em memória de meu marido
Bunny Kilborn, renomada diretora artística do teatro Blue Hill... por isso criei a Bolsa Jack T. Kilborn Para Autores Teatrais Iniciantes... Jack sempre foi um grande entusiasta das artes. Ele ficaria emocionado de saber...

PESQUISA NO GOOGLE: "Phil Archer"
Aproximadamente 18 resultados (0,15 segundo)

Phil Archer... Conchita Martinez
Phil Archer e Conchita Martinez se casaram na Igreja de Santa Maria, em Brockton, Massachussetts. Alice Buckle, filha do noivo, conduziu Archer ao altar... recepção...

Clube Irlandês-Americano, à Apple Blossom Road, número 58.

PESQUISA NO GOOGLE: "William Buckle"
Aproximadamente 15.210 resultados (0,42 segundo)

William BUCKLE
William Buckle, da agência de publicidade D&D — indicado para ganhar um Clio por seu anúncio "Marcador geográfico", para os vinhos Mondavi.

William BUCKLE
Oakland Magazine: VISTOS — William Buckle e Alice Buckle: Celebrando 22 anos de casados na FiG... dividindo uma compota de ruibarbo e *kumquat.*

PESQUISA NO GOOGLE: "Alice Buckle"
Aproximadamente 25.401 resultados (0,55 segundo)

ALICE BUCKLE
A peça da Sra. Buckle *Estou prolongando nossa despedida* estreia no teatro Blue Hill... *Boston Globe*, "A emergência de um novo talento brilhante. Um verdadeiro, original, pungente, inteligente, sofisticado e doce..." "uma comédia de costumes dos dias de hoje... equívocos e interpretações errôneas, sustentados pela ferroada da verdade".

PESQUISA NO GOOGLE: "Netherfield Center"
Cerca de 0 resultado (0 segundo)
Netherfield Center para o Estudo do Casamento ...
Infelizmente esta página já não pode mais ser encontrada.

Apêndice — As perguntas

1. Quantos anos você tem?

2. Por que concordou em participar deste estudo?

3. Com que frequência você tem uma conversa de mais de cinco minutos com o seu cônjuge?

4. Como o seu cônjuge se sai em termos de participação na administração da casa?

5. Que comida o seu cônjuge diria ser a sua preferida?

6. Qual foi a última vez que você comeu o seu prato preferido?

7. Conte-nos alguma coisa que você faça de que o seu cônjuge não saiba.

8. Que medicamentos você toma?

9. Cite três coisas de que tem medo.

10. Acredita que o amor possa durar?

11. Ainda está apaixonado/a pelo seu cônjuge?

12. Você às vezes pensa em deixar o seu cônjuge?

13. Se sim, o que o/a impede de fazê-lo?

14. Cite cinco características positivas do seu cônjuge.

15. Cite uma característica negativa do seu cônjuge.

16. Qual o seu livro preferido?

17. Quão bem você acha que conhece o seu cônjuge?

18. O que você costumava fazer que hoje não faz mais?

19. O que você faz hoje?

20. Liste os seus trabalhos cronologicamente.

21. Você é religioso/a? Acredita em Deus?

22. Qual a parte do corpo de seu cônjuge que era a sua preferida quando você tinha cerca de vinte anos?

23. Qual a parte do corpo do seu cônjuge que você prefere agora?

24. Quais foram as primeiras impressões que você teve do seu cônjuge?

25. Aonde vocês foram no primeiro encontro?

26. Cite algumas pequenas irritações do casamento.

27. Quantos cartões de crédito você possui?

28. Com que frequência você pesquisa o próprio nome no Google?

29. Como é o seu casamento em comparação com o de seus pais?

30. Qual foi o último presente de aniversário de casamento que você ganhou do seu cônjuge?

31. Descreva o seu cônjuge quando o conheceu.

32. O que teria gostado de saber ou de ser alertada quanto ao casamento?

33. Seu cônjuge é bom ouvinte?

34. Já sentiu vergonha diante do seu cônjuge?

35. Você e o seu cônjuge se exercitam juntos?

36. Há algum problema em os cônjuges terem segredos?

37. O seu cônjuge sabe lhe comunicar suas necessidades?

38. O que você considera flerte?

39. Qual foi a última grosseria que você disse ao seu cônjuge?

40. Qual foi a última grosseria que seu cônjuge lhe disse?

41. Seus amigos diriam que você é bem casado/a?

42. Você diria que é bem casado/a?

43. Descreva o seu primeiro beijo com o seu cônjuge.

44. O que você acha que NÃO deve ser feito em público?

45. Qual é o pior estado emocional possível?

46. Você simula coisas? Caso simule, dê exemplos.

47. Quantas vezes por semana você faz exercícios físicos?

48. Complete a frase. Sinto-me amado/a e cuidado/a quando...

49. Qual casal você mais admira?

50. Se o seu cônjuge uma vez lhe permitisse fazer sexo com outra pessoa, quem você

escolheria?

51. Se você permitisse ao seu cônjuge fazer sexo com outra pessoa, quem ele escolheria?

52. Você e seu cônjuge acham graça nas mesmas coisas?

53. Qual o lugar mais memorável em que você já fez sexo?

54. Você e seu cônjuge concordam no que diz respeito à educação de seus filhos em questões como o uso de álcool e de drogas?

55. Você se dá bem com a família do seu cônjuge?

56. Qual foi a última coisa amorosa que você disse ao seu cônjuge?

57. Qual foi a última coisa amorosa que seu cônjuge lhe disse?

58. Qual é o seu filme preferido?

59. Com que frequência você briga com o seu cônjuge?

60. Qual foi o livro mais sexy que você já leu?

61. Descreva o momento em que você soube que o seu cônjuge era especial.

62. Você participou de algum grupo de aconselhamento pré-conjugal laico? Caso tenha participado, dê um exemplo de uma pergunta que lhe foi feita durante a sessão e a sua resposta. Isso ainda vale atualmente?

63. Onde você se casou?

64. Descreva uma situação em que seu cônjuge o/a decepcionou.

65. O que acha da tendência atual de os casais se divorciarem baseado no fato de os cônjuges se sentirem mais como colegas de quarto do que amantes?

66. Quando foi a última vez que você flertou com uma pessoa que não fosse o seu cônjuge?

67. O que significa ser bom?

68. Conte como o seu casamento mudou durante a sua primeira gravidez.

69. Escreva uma carta para a sua filha dizendo-lhe o que você não consegue lhe dizer pessoalmente.

70. Cite algo que você não confessaria nem a seu/sua melhor amigo/a.

71. Cite algumas coisas que você gostaria de parar de fazer mas não consegue.

72. Descreva um clichê da qualidade de ser pai/mãe que tenha pegado você de surpresa.

73. A sua segunda gravidez foi diferente da primeira?

74. O seu casamento foi afetado negativamente pela chegada de mais um filho?

75. Escreva uma carta para seu segundo filho dizendo-lhe o que você não consegue dizer pessoalmente.

76. Quanto custaria ser feliz, e será que o dinheiro torna mais fácil manter um casamento feliz?

77. O casamento é uma ditadura ou uma democracia?

78. Se tivesse que explicar o casamento para um extraterrestre que tivesse acabado de chegar a terra, o que diria?

79. Se alguém lhe pedisse para compartilhar uma lição de vida que você tenha aprendido quando tinha entre quarenta e cinquenta anos, qual seria?

80. Defina paixão em uma frase.

81. Quando era jovem, como você imaginava que seria se apaixonar?

82. Sabendo o que sabe agora, que conselho daria aos seus filhos sobre aventuras amorosas?

83. Cite três razões pelas quais as pessoas devem continuar casadas.

84. Cite uma razão pela qual as pessoas devem se divorciar.

85. No último ano você teve algum sentimento romântico por outra pessoa que não o seu cônjuge?

86. No último ano você teve fantasias sexuais com outra pessoa que não o seu cônjuge?

87. Você defende o casamento gay?

88. Sua vida tornou-se o que você esperava?

89. Cite três coisas que um cônjuge poderia fazer que, no seu entender, seriam imperdoáveis.

90. Escreva uma carta para seu cônjuge dizendo-lhe o que você não consegue dizer pessoalmente.

Agradecimentos

Minha profunda gratidão vai para minha agente, Elizabeth Sheinkman, que nunca deixou de acreditar neste livro. Um agradecimento especial a Jennifer Hershey, Jennifer Smith, Lynne Drew e Sylvie Rabineau, assim como a Gina Centrello, Susan Corcoran, Kristin Fassler, Kim Hovey, Sarah Murphy, Quinne Rogers, Sophie Baker e Betsy Robbins: um escritor não poderia contar com uma equipe de mais excelência. Sou muito grata pelos perspicazes insights e pelas decisões editoriais de Kerri Arsenault, Joanne Catz Hartman e Anika Streitfeld, que estiveram nas trincheiras comigo desde o início. Estou também em dívida com os leitores que tiveram a gentileza de examinar o primeiro rascunho e me deram um retorno honesto e útil: Elizabeth Bernstein, Karen Coster, Alison Gabel, Sara Gideon, Robin Heller e Wendy Snyder. Um brado aos meus colegas da San Francisco Writers' Grotto. E, como sempre, nada disso seria possível ou teria algum sentido sem os dois Bens.

Sobre a autora



MELANIE GIDEON é autora de *The Slippery Year: A Meditation on Happily Ever After*, que foi considerado pela NPR e pelo *San Francisco Chronicle* o melhor livro do ano. Também é autora de três romances para jovens. Seus trabalhos apareceram no *The New York Times*, no *Daily Mail* e na *Marie Claire*. Melanie nasceu e foi criada em Rhode Island. Atualmente vive em São Francisco com o marido e o filho. Esposa 22 é seu primeiro livro para adultos.

Table of Content

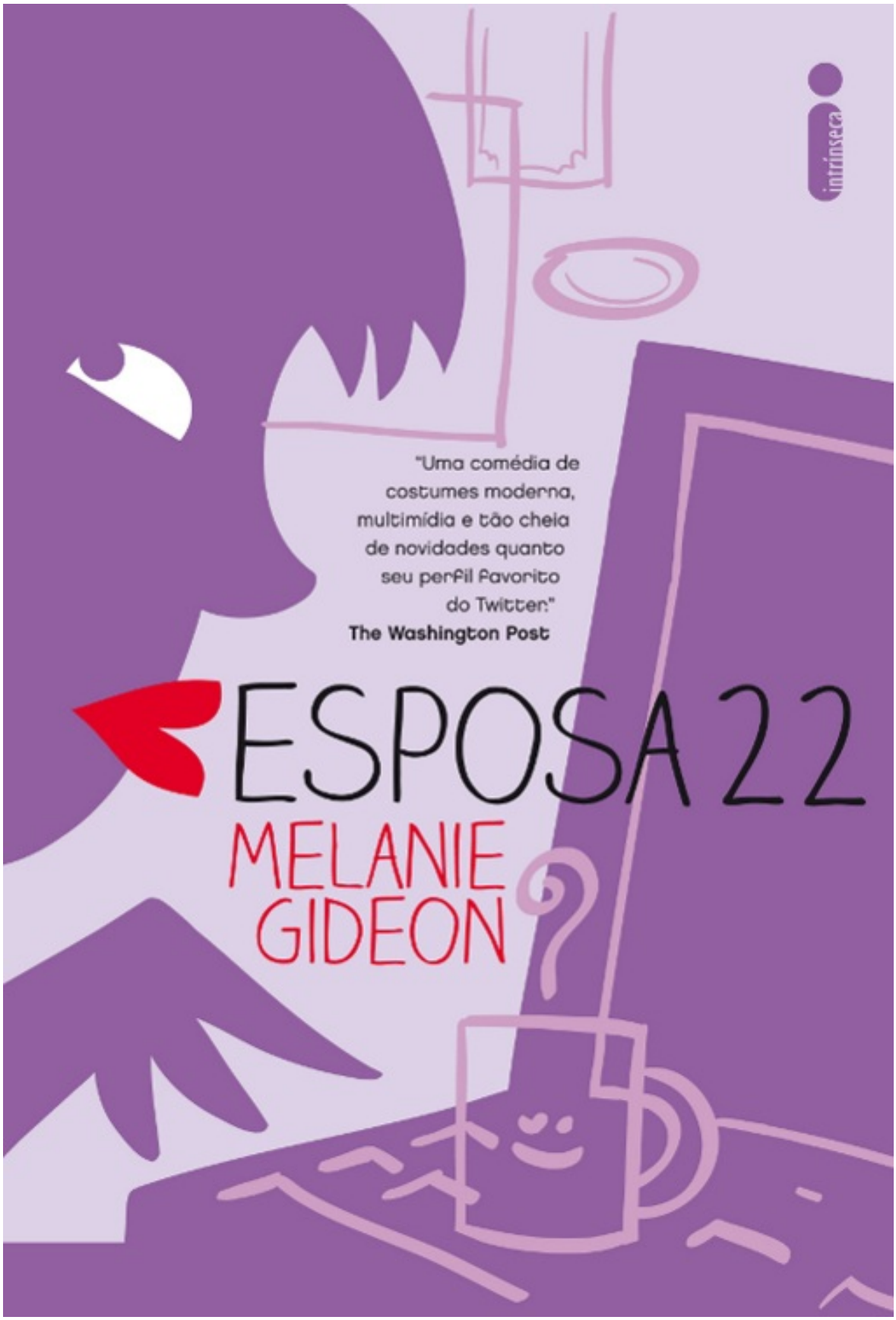
Capa
Folha de Rosto
Créditos
Dedicatória
Epígrafe
Parte 1
- 1
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11
- 12
- 13
- 14
- 15
- 16
- 17
- 18

19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
Parte 2
41
42
43
44

45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71

72
73
74
75
76
77
78
79
Parte 3
80
81
82
83
84
85
86
87
88
89
90
91
92
93
94
95
96
97

98
99
100
101
Epílogo
Apêndice — As perguntas
Agradecimentos


intrínseca
"Uma comédia de costumes moderna, multimídia e tão cheia de novidades quanto seu perfil favorito do Twitter."
The Washington Post
ESPOSA 22
MELANIE GIDEON